

**BOSTON
PUBLIC
LIBRARY**





6122
6123



EMILE RICHEBOURG



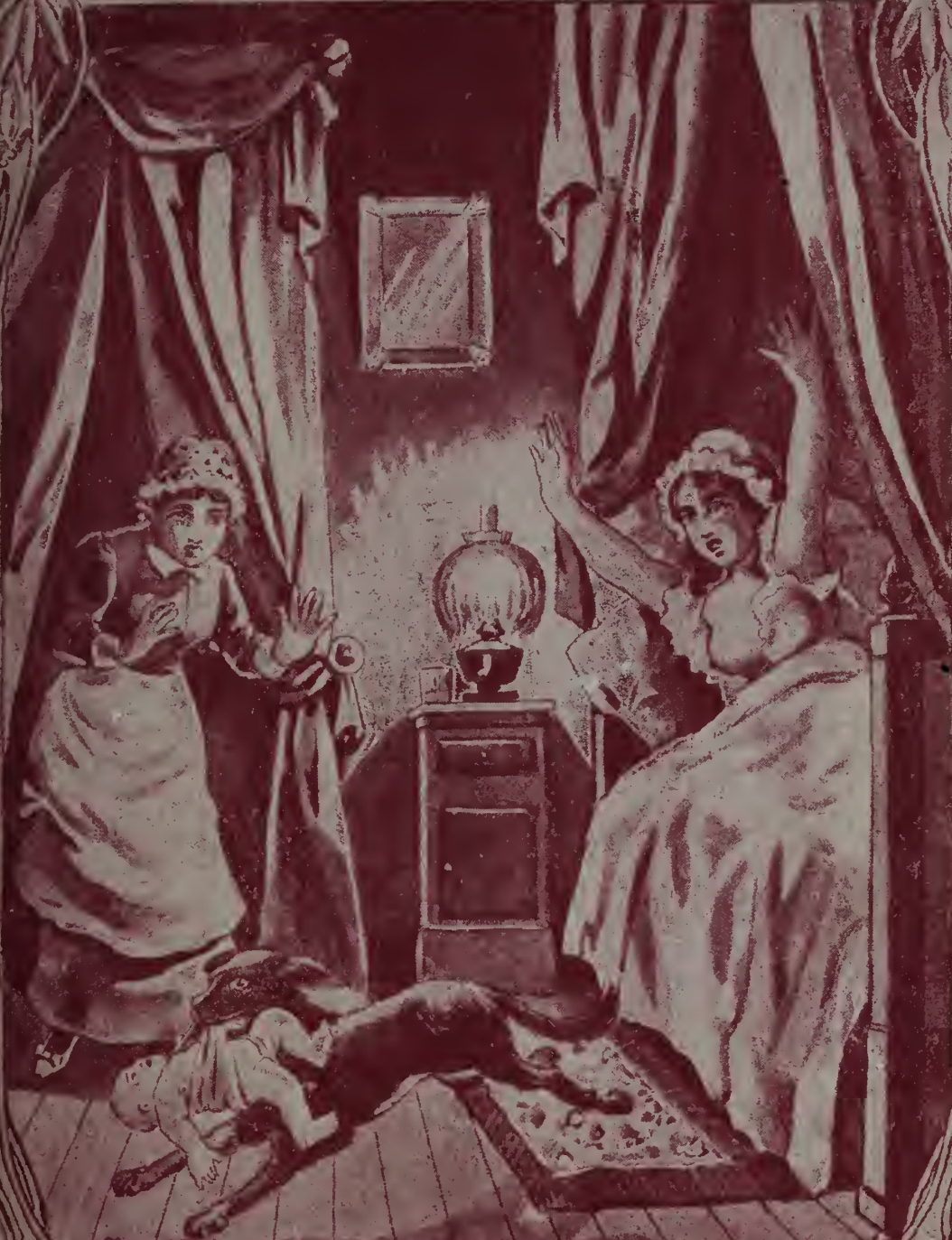
A FILHA MALDITA



ARTICULAM CAPITULI A

A FILHA MALDITA

POR EMILE RICHEBOURG



ACUDAMI... ACUDAMI... ROUBAM O MEU FILHO! GRITOU A CONDESSA.

CASA EDITORA

BELEM, L.^{DA}

Calçada do Combro, 29, 2.º — LISBOA



EMILE RICHEBOURG



A Filha

Maldita

VERSÃO PORTUGUEZA

DE

JULIO DE MAGALHÃES

QUARTA EDIÇÃO

Por. VI



VOLUME I



Casa Editora BELEM & C.^a — Succ.
16 — Rua do Marechal Saldanha — 16
LISBOA

*PQ2387

.R37F5

Storage

IV 75



A Filha Maldita

PRIMEIRA PARTE

O crime de outrem

I

Entrevista e cilada

As dez e meia horas de uma noite do mês de Julho, e a pequena distância de uma pequena ribeira de límpidas águas, que, correndo grande extensão de terreno, fertilizava as terras de uma herdade, que se achava a pequena distância, e que parecia muito importante, ouvia-se uma conversa entre duas pessoas, as quais, embora em voz baixa, falavam com tal animação, que bem mostrava quão interessante era para elas o assunto, de que se ocupavam. Sejamos indiscretos, e ouçamos.

—Minha querida Lucila! dizia uma voz de homem. Quando

penso nos perigos que afrontas para vires dar-me um momento de alegria e de felicidade, dirijo a mim próprio as mais amargas censuras; chego mesmo a julgar-me indigno de ti, e do teu amor, que é a minha vida! A dedicação sem limites que o teu precioso coração encerra, faz-me compreender bem quão grande é o meu egoísmo. Oh! decerto me julgas exigente em demasia, minha adorada Lucila!!

— Não, meu querido Edmundo! Bem sabes que te amo! respondeu uma voz feminina, com uma expressão acentuadamente carinhosa.

Tanto quanto o permitia a luz pálida da lua, distinguia-se que Edmundo era um garboso rapaz de uns vinte e um ou vinte e dois anos, de fisionomia simpática e elegante, e trajando com uma certa elegância, e que Lucila era uma formosa rapariga de dezanove anos, pouco mais ou menos, cujos encantos eram naquele momento realçados pela névem de tristeza, que lhe transparecia no semblante.

De que modo se teriam conhecido? Por que razão se verificavam as suas entrevistas em hora tão avançada da noite, e num sítio tão solitário?

Nos seguintes capítulos terão os nossos leitores a resposta a estas perguntas. Por agora continuemos a escutar o diálogo sustentado por os nossos dois personagens.

— Vida da minha vida! prosseguiu Edmundo com voz comovida. Os teus lábios, em vez de pronunciarem lamentos, soltam palavras, que me transportam ao céu! Conheces as amarguras da minha vida, e sabes bem quão fundo é o tormento em que os meus dias têm corrido! Quando mais profunda era a escuridão da minha noite de desespêro, levantaste-te tu no horizonte da minha vida, formosa e radiante aurora e iluminaste tudo em redor de mim com o clarão má-

gico do teu amor!... Eu maldizia a minha existência miserável e o mundo inteiro; tu... mostraste-me o céu, e ensinaste-me a bendizer a Providência!... Como o vento expulsa a névem, expulsaste tu com um olhar, com uma palavra, os meus pensamentos sombrios!... As únicas alegrias que na vida tenho conhecido têm-me vindo de ti, só de ti, minha doce Lucila! E como tenho eu retribuído tudo isto? Causando te inquietações, receios, tristezas...

— Oh! cala-te, Edmundo! não, não é isso assim! respondeu Lucila, tentando tapar a boca do seu interlocutor com a pequenina mão, que Edmundo cobriu de beijos.

— Oh! a tua bondade, a tua generosidade de carácter não permitem que confirmes o que acabo de dizer; mas — vê tu — agora mesmo estremeceste por ouvires o bater das asas de uma ave nocturna nos ares... Amo-te profundamente, Lucila; amar-te, porém, não basta; o meu dever é garantir o teu repouso, é restituir aos teus lábios os sorrisos, e a altivez ao teu semblante! Tu não és feliz...

— Enganas-te, Edmundo, não sou tão infeliz como julgas. Tão completa e ilimitada é a minha confiança, que me permite suportar tudo, e tão grande é o meu amor, que incute em mim uma coragem quasi sobrenatural... No entanto — não quero ocultar-to — ando há dias cheia de inquietação... Meu pai deixou de falar-me, e é severo o olhar que fita em mim, anda agitado, parece cheio de preocupação... Afigura-se-me que adivinhou alguma coisa...

— Ah! era isso o que eu temia, e que mais tarde ou mais cedo devia acontecer fatalmente... E o piór é que não posso ainda apresentar-me a elle! Primeiro que tudo preciso vencer a fatalidade que me persegue!

— Edmundo: a situação é grave e os momentos são pre-

ciosos, Precisamos proceder desde já e com energia... O meu pensamento há-de acompanhar-te sempre, e o que tu talvez nunca tivesses feito só por ti há-de fazê-lo agora por mim...

— Sim, sim; devo pôr de parte, de uma vez para sempre, tôdas as hesitações. Para ti, Lucila, a situação é insustentável, porque a dissimulação não se casa com a tua natureza cheia de lealdade; impôr a falsidade ao teu coração é um crime; o teu olhar tão puro protesta contra a mentira!

— Não penses nisso, é para proteger o nosso amor que guardo e continuarei a guardar o meu segredo. Não te censures a ti próprio, Edmundo; se afivelei sôbre o rosto a máscara da dissimulação, foi porque eu o quis assim. Aprendi a mentir, porque desgraçadamente assim era necessário. E não me arrependo; sinto que faria mais uma vez, mais cem vezes o que fiz. Mas estás então definitivamente decidido a partir? Partes àmanhã?

— Sim, àmanhã, e foi por isso que quis ver-te, e conversar contigo alguns momentos.

— Edmundo: é mais do que o mistério do teu nascimento que vais esclarecer, é a nossa felicidade que vais conquistar! Que te ampare o pensar em mim, que te dê fôrça o meu amor!

— Vi te; senti pulsar junto do meu o teu coração, e hei-de ter coragem!

— Parte, pois, meu querido Edmundo, meu esposo, parte e volta depressa a trazer a felicidade, à pobre Lucila.

— Depois de amanhã estarei em Paris.

— Em Paris! exclamou Lucila, com surpresa.

— E' em Paris que se encontra agora o mistério.

— Oh! a mulher, que te educou, deixou então a aldeia?

— Não, respondeu Edmundo tristemente: a pobre mulher... morreu!

— Morreu! repetiu Lucila tristemente.

— E' verdade; e não sei ainda se continuará a ser-me dada a pensão, que até hoje tenho recebido regularmente!

— Valha-nos Deus, valha! suspirou Lucila.

— Tranqüiliza-te, querida; a morte inesperada da pobre criatura, que cuidou de mim na infância, é decerto uma grande dôr para o meu coração reconhecido; mas ao mesmo tempo creio poder considerar êsse acontecimento como uma aproximação para o fim que tenho em vista...

— Mas... não compreendo! Ela agora não pode já falar e levou para a sepultura o segrêdo, que tão grande interêsse tínhamos em conhecer.

— E' verdade; mas, antes de morrer, enviou-lhe Deus uma inspiração. A pobre Mariana não levou para a sepultura todo o seu segrêdo.

— Que queres dizer, Edmundo?! exclamou Lucila.

— Escuta: há quinze dias, doente já, e tendo decerto o pressentimento da morte próxima, a velha Mariana escreveu uma carta, sobrescritada para mim, que confiou a uma vizinha com ordem de a fazer chegar às minhas mãos logo depois da sua morte. Recebi ontem essa carta, e juntamente uma outra, escrita por essa vizinha, em que me participava a doença, e ao mesmo tempo a morte da minha pobre Mariana.

«Esta última diz-me na sua carta o nome e a morada de um tabelião de Paris, que lhe enviava de três em três meses a soma de dinheiro necessária para a nossa existência. Saber isto é já alguma coisa; mas êsse tabelião é decerto um simples intermediário. Mariana entendeu que não devia ocultar-me aquela circunstância. Por detrás do tabelião está

decerto um representante mais directo da minha família. Na carta lê-se um nome... um grande nome, precedido de um título de conde... Peço-te me permitas que não o pronuncie ainda, tanto medo tenho eu de me enganar, e de incutir em ti uma esperança demasiadamente brilhante.

«E' a êsse homem que devo dirigir-me, segundo o conselho da pobre morta. Depressa hei-de achar-me na sua presença. Ah! compreendo, sinto que êsse homem rico e poderoso tem nas suas mãos o meu destino! Quem sou eu? Sabe-o êle. No fim de contas, que é o que eu quero? Reclamar um direito. Quero o nome que me pertence, seja êle qual fôr. Se fôr humilde, que importa? que importa que eu seja pobre?... Mas quero, preciso, exijo êsse nome, sem o qual não posso apresentar-me a teu pai... Quero o a todo o transe! Foi lançado um espesso véu sôbre o meu berço infantil, e a minha vida tem corrido no meio das espessas trevas do mistério. Cresci e desenvolvi-me como a árvore do deserto, e, até o dia em que tive a ventura de encontrar-te, caminhei na vida curvado ao pêso dêsse mistério!

«Haveria uma qualquer maldição no meu nascimento? Mas ainda que houvesse nele um crime, o inocente não deve expiar tôda a sua vida o mal que não praticou, e para que não concorreu! E a verdade é que não sou muito exigente: o que eu quero única e simplesmente é voltar para junto de ti com um nome, é ter o direito de confessar em voz alta e com orgulho o nosso amor!!

— Edmundo, disse Lucila com a sua voz suave e comovida: seja qual fôr o interêsse que haja em que te seja ocultado o segrêdo do teu nascimento, êsse interesse deve desaparecer quando se trata, não direi já da felicidade, mas sim da própria existência de muitos sêres. Fico pois, como sem-

pre cheia de esperança e de fé. Contarei as horas e os momentos até o teu regresso. Ah! oxalá possas enviar-me em breve uma boa notícia! Mas, aconteça o que acontecer Edmundo, quer consigas o teu fim, quer não, hás-de escrever-me aberta e francamente de Paris... A minha resolução está tomada; não nos veremos mais em segredo. Direi tudo a meu pai; ajoelhar-me-ei diante dêle, e, curvada ante o seu terrível olhar, far-lhe-ei a minha confissão. A sua dôr — de mais o sei eu — há-de ser maior do que a sua cólera; mas como se tratará do nosso amor, hei de achar palavras que hão de comovê-lo, hei-de saber provocar o seu perdão. E agora, meu querido Edmundo, devemos separar-nos; vou recolher a casa; depois sózinha no meu quarto, e de joelhos junto da minha cama, suplicarei ao Deus da bondade que prepare as coisas, de maneira a obteres bom resultado dos teus esforços!

O mancebo puxou Lucila para si, lançou-lhe os braços em volta do pescoço, e os dois amantes ficaram nos braços um do outro durante alguns momentos.

— Ah! minha dôce Lucila! murmurou Edmundo em uma indizível comoção. És tu o alento que me anima, é a divina luz do teu olhar que ilumina o meu pensamento! És mais do que a minha vida, és a minha alma!... Levo comigo este último beijo que colho nos teus lábios, e que há-de ser para mim um talisman!

Lucila escapou-se dos braços de Edmundo, e deu alguns passos; depois, voltou atrás de salto, e lançou-se-lhe de novo ao pescoço, beijou-lhe os olhos e os cabelos mais uma vez, e em seguida afastou-se rapidamente.

O mancebo deu alguns passos, na mesma direcção, como não podendo resistir à tentação de segui-la, mas parou de

súbito como fazendo um grande esforço de vontade. Naquele momento atravessava Lucila uma pequena ponte que a pouca distância estava lançada sôbre o rio.

Edmundo seguiu a com o olhar até o momento em que a viu desaparecer nas sombras das primeiras árvores, que rodeavam a herdade, a que já nos referimos. Decidiu-se então a deixar aquele lugar. Traçando uma linha oblíqua através dos campos, chegou rapidamente a uma estrada real que seguiu durante apenas dois minutos, e tomou depois por um estreito atalho lateral.

De súbito parou, julgando ver o vulto de um homem erguer-se de repente a uns cinqüenta passos na sua frente, e a um lado da vereda. O coração pulsou lhe violentamente.

— Será possível que eu sinta medo? disse êle de si para si. O que me pareceu um homem não é mais decerto do que um arbusto esguio. Acontece freqüentes vezes a quem anda de noite pelos campos parecerem as arvores outros tantos fantasmas que correm...

Completamente tranqüilizado por aquela reflexão continuou a caminhar alargando o passo;

No momento em que chegava a uns dez ou quinze passos de distância do vulto negro, que julgara seria um arbusto, resoou no silêncio da noite uma detonação...

Ao mesmo tempo o mancebo soltou um grito abafado, e levou as mãos ao peito. Cambaleou, deu três passos laterais, como quem procurava um apoio, que não encontra, e caiu redondamente na beira do caminho, e ali ficou estendido sem movimento...



... o mancebo, soltou um grito abafado, e levou as mãos ao peito (Pag. 12)





II

Alta noite . . .

A poucas leguas de distancia de Vesoul, antiga e pittoresca cidade da provincia de Franche-Comté, encontra-se, no caminho que conduz para Gray, a pequena povoação de Frémicourt, meio escondida entre um grande numero de magnificas arvores, e graciosamente assente na margem de um pequeno rio de aguas limpidas, conhecido com o nome de Sableuse.

Aquelle rio, ou para melhor dizer, aquella ribeira é um dos numerosos cursos de agua confluentes do Saone, e deve sem duvida o seu nome de Sableuse (arenosa) ao seu leito de areia fina, tão alva e macia como é a dos banhos de Trouville.

O solo d'aquella parte do departamento da Haute-Saone é de uma fertilidade verdadeiramente notavel, e constitue uma riqueza real para os seus habitantes. Á direita elevam-se altas montanhas arborisadas, povoadas de carvalhos seculares

que a mão do homem parece querer respeitar sempre, e essas collinas, cortadas de caprichosos accidentes, estendem-se umas após outras, agrupam-se, cortam-se, e perdem-se por fim ao longe, fundidas em um horisonte azulado, para os lados da Alsacia e da Suissa. A' esquerda abre e alarga-se em toda a sua extensão de tres kilometros, um formoso valle coberto de verdura, que é banhado pelos regatos e pequenos canaes dispostos aqui e ali pelos cultivadores, e que depois se aperta bruscamente e vae passar com o pequeno rio, a que já nos referimos, em uma estreita garganta, aberta entre duas collinas, cujas inclinações suaves vão terminar nas duas margens da Sableuse.

À entrada d'aquelle valle, e a uns vinte minutos pouco mais ou menos da povoação de Frémicourt, encontra-se a herdade designada com a denominação de Seuillon.

Em 1850, epocha em que tem começo a nossa historia, aquella rica herdade, de certo a mais importante d'aquella parte da provincia, era explorada pelo seu proprietario, por nome Jacques Mellier.

Os celleiros, os palheiros, as adegas e as cavallariças estavam installadas em duas grandes edificações quadradas, solidamente construídas com boa pedra. Um pouco mais longe elevava-se uma pequena casa, tambem dependencia do Seuillon, que servia então de alojamento ao pastor e á familia d'este.

O edificio principal, no qual o proprietario da herdade tinha os seus aposentos separados dos quartos das creadas, e dos dos creados da lavoura, tinha no primeiro andar nada menos de oito janellas altas e bem rasgadas, e apresentava mais o aspecto de uma grande e boa casa burgueza, do que parecia a habitação de um camponez arroteador de terras.

Jacques Mellier contava os seus cincoenta e cinco annos. Era um homem grave e severo, sombrio, taciturno, e que só muito raramente descerrava os lábios em um sorriso. No entretanto, dotado de um character sério e justo, infligia a censura tão espontanea e naturalmente como pronunciava o elogio. Segundo o caso e as circumstancias, mostrava-se benevollo, e até mesmo bondoso, tanto quanto era inflexivel na sua severidade. Os seus accessos de colera, felizmente muito raros, eram terriveis; os mais resolutos e audazes tremiam ante o seu olhar. E todavia era geralmente querido e muito estimado em razão dos seus sentimentos de justiça; ninguem o temia, e todos o respeitavam.

A sua reputação de probidade não tinha nem a mais leve nodoa, e ninguem era mais meticoloso do que elle em questões de honra.

Para dirigir a exploração da herdade, e vigiar o trabalho dos creados da lavoura, Jacques Mellier tinha junto de si um homem precioso. Era mais do que um creado, do que um administrador; era um confidente, um amigo, quasi um irmão.

Pedro Rouvenat—assim se chamava aquelle homem—tinha alguns annos menos do que Jacques Mellier, seu amigo desde a infancia. Havia nascido no Seuillon, e seus paes dormiam o eterno somno no cemiterio de Frémicourt. Como nunca tivera ambições, considerava sempre o seu querido valle da Sableuse como uma especie de paraizo terreal, e vivera sempre na herdade junto do homem, com quem brincara quando creança, e cujos caprichos e irritações supportara não poucas vezes.

A vida de Rouvenat resumia-se nas tres palavras seguintes: trabalho, honradez, e abnegação. Só elle conhecia as ideias

e pensamentos intimos de Jacques Mellier, e só elle tambem tinha o direito, embora estivesse sempre prompto a obedecer-lhe como o mais infimo dos seus servidores, de apresentar objecções á vontade d'este ultimo, e de contrariar os seus propositos quando assim o julgava necessario, direito que lhe era conferido pela sua qualidade de antigo creado, e de amigo dedicado e fiel.

Jacques Mellier tinha enviuvado havia dôze annos; mas sua mulher deixara-lhe uma filha unica, que era o seu orgulho, a sua alegria, a esperança da sua velhice.

Lucila Mellier entrava então nos seus dezenove annos. De estatura elevada e esbelta, cheia de vida como a haste em que abunda a seiva, graciosa como um sorriso, e alegre como um raio de sol de primavera, era uma creatura verdadeiramente adoravel, e difficilmente poderia ser encontrada uma outra tão encantadora em todo o departamento.

Os seus magnificos cabellos negros, levantados em uma especie de promontorio no alto da cabeça, deixavam-lhe a descoberto uma testa espaçosa, alva como neve, e de forma correctissima, em que brilhavam dois grandes olhos negros cheios de luz, ás vezes sonhadores, mas sempre adoraveis de expressão e de suavidade. A bocca, pequenina, formada de labios côr de rosa pouco aberta, risonha sempre, era ornada por dentes alvos, pequenos, bem alinhados, e cobertos de esmalte purissimo. As suas faces arredondadas, de uma frescura de rosa de primavera, levemente coloridas de carmim, e o seu delicado nariz, muito bem proporcionado, davam-lhe á phisionomia, habitualmente languida e meditativa, um encanto indizivel. Tinha o pescoço de uma correcção admiravel, e as suas formas eram modeladas como as de uma esculptura antiga. O pé era pequeno como o de uma creança, e as mãos, bran-

cas de neve, com compridos dedos terminados por unhas rosadas e transparentes, podiam sem desaire, e até com um to orgulho, ser ostentadas por a mais delicada das duquezas. Os seus braços pareciam talhados pelo mais distincto artista no mais fino marmore.

— Assemelha-se á mãe, como gôtta de agua se assemelha a uma outra gôtta de agua! diziam, fallando d'ella, os que haviam conhecido a companheira de Jacques Mellier.

Mas a donzella, se herdara da mãe a formosura, tinha do pae a nobreza de sentimentos, o bem entendido orgulho, o character independente, e a indomavel energia.

Collocada no convento das Ursulinas, na cidade proxima, tinha regressado para casa de seu pae aos dezesete annos, depois de haver recebido uma educação esmerada, perfeitamente em relação com a fortuna, relativamente consideravel, que um dia devia possuir.

Jacques Mellier era ambicioso por causa da filha; independentemente da distincção e formosura de Lucila tinha o direito de pensar em obter para ella uma alliança com uma das principaes familias do departamento, visto achar-se habilitado a dar-lhe de contado no dia do seu casamento um dote de cem mil francos.

Mas o homem põe e Deus dispõe, diz o antigo proverbio popular, e Jacques Mellier ia ver quão longe estava da realidade aquelle seu sonho dourado.

Uma noite, sentindo-se subitamente incommodado por effeito do calor, Jacques Mellier saltou da cama, e foi abrir uma janelle do quarto, que olhava para sobre os jardins da herdade.

A atmospheria estava pesada mas sem ameaça de tempestade. No céu, brilhantemente semeiado de estrellas scintillantes, não se avistava uma nuvem unica. De espaço a espaço o

clarão amarellado de um relampago de calor illuminava o horizonte. Era verdadeiramente uma bella noite, tepida, perfumada e phosphorescente como uma noite das Indias. Não se movia uma folha unica, não se ouvia entre as arvores o mais leve murmúrio. Apenas os grilos, escondidos entre as altas hervas, lançavam nos ares o seu grido monotono e melancolico.

O proprietario do Seuillon ouviu bater meia noite no relógio de Frémicourt.

Depois de haver respirado durante alguns minutos o ar impregnado dos perfumes da noite, ia metter-se de novo na cama, quando julgou avistar um vulto, que passava por debaixo dos ramos pendentes das arvores do pomar.

Endireitou o corpo no vão da janella, applicou o ouvido e esperou. O vulto aproximou-se a breve trecho, e o ruido de uns passos leves e discretos chegou aos seus ouvidos. Conhecia-se bem, mesmo de longe, que o vulto avançava com umas certas precauções, no intuito de passar despercebido.

Por fim abriu cautellosamente uma pequena porta de serviço, e entrou na casa da herdade.

Jacques Mellier recuou até o fundo do quarto, espantado, e esfregando os olhos, como para se certificar de que não era sonho o que acabava de ver. Reconhecera sua filha!

Ficou durante alguns momentos immovel, com os olhos desmesuradamente abertos, inertes os braços, sem pensamento, sem força, como um ser petrificado. Depois, readquirindo subitamente as suas faculdades, estremeceu violentamente, e exclamou:

—Que quer isto dizer, grande Deus?

Estava pallido como um cadaver, e o suor frio corria-lhe pelas faces em bagas grossas como punhos. Correu de salto

para a porta do quarto, mas no momento de abri-la, parou. Acabava de lhe prepassar no cerebro um pensamento verdadeiramente horroroso.

Iria acaso sua filha de noite encontrar-se com um amante em criminosas entrevistas?!

Que temerosa descoberta para um pae! E todavia não podia deixar de assim o acreditar; pois que outra explicação podia dar-se áquelle passeio nocturno de Lucila?

Deixou-se cabir sobre uma cadeira, e, com a cabeça escondida entre as mãos, ficou durante um longo espaço absorto em sombrias reflexões...

Seria completa a sua desventura? Até que ponto teria sua filha levado o esquecimento dos seus deveres? Sobre que temeroso abysmo caminhava a desgraçada creança?

Mas, se effectivamente Lucila havia atraído indignamente a sua confiança, Jacques Mellier devia encontrar um outro criminoso não muito longe do Seuillon, em Frémicourt talvez. De si para si procurou adivinhar quem seria aquelle miseravel que conspirava audaciosamente contra o seu repouso, contra a sua honra... Mas não pôde encontrar um nome...

Interrogando porém as suas recordações, lembrou-se subitamente de que havia avistado muitas vezes, nas terras do Seuillon, um mancebo desconhecido, de apparencia mysteriosa, e trajando com uma certa elegancia.

Recordou-se tambem de que, tendo acompanhado sua filha á missa em Frémicourt, em um domingo, havia notado a presença d'aquelle individuo, que se achava encostado a um pilar da egreja, a poucos passos de distancia. Depois dos officios divinos, tinha tornado a ver aquelle desconhecido na praça, e até mesmo julgara surprehender um olhar de intelligencia, trocado entre elle e Lucila. A lembrança d'aquelle olhar,

a que então nenhuma importancia dera, constituia agora para elle uma verdadeira revelação.

Não podia pois duvidar: aquelle mancebo, que não conhecia, era o cumplice, o seductor da sua filha!

Esta ideia fazia-lhe referver o sangue nas veias. A colera apoderava-se d'elle; sentia no coração as excitações do odio, o desejo ardente de se vingar!

Recordou-se tambem de que, tendo entrado um dia inopinadamente no quarto de Lucila, a surprehendera com um papel na mão, que ella se apressara a lançar nas chammas do fogão.

Aquelle facto nem a mais leve suspeita fizera nascer no seu espirito n'aquella occasião; a confiança que depositava em Lucila fechava-lhe completamente os olhos.

Todos aquelles factos isolados constituiam agora outras tantas accusações contra a sua filha; collocavam-n'o em presença da triste realidade, e, sem mesmo lhe deixarem um momento de duvida, incutiam n'elle a mais temerosa certeza.

Abusando da sua confiança cega, Lucila recebia cartas, ás quaes decerto respondia. Que meio empregaria ella para essa correspondencia? Decerto se não serviam do correio, por isso que o distribuidor rural, mesmo por simples inadvertencia, podia compromettel-os. Não podia tambem admittir, que o intermediario d'essa correspondencia fôsse um qualquer dos empregados no serviço da herdade, o que poderia ser uma imprudencia, e apresentava tambem um certo perigo.

Não podia pois adivinhar de que modo aquellas cartas chegariam ás mãos de Lucila; mas traçou instantaneamente o plano de uma activa vigilancia a exercer em volta da sua filha, com o auxilio de Rouvenat.

No entretanto perguntou a si proprio se deveria ir immediatamente procurar Lucila, afim de a interrogar severamente

acerca do seu procedimento. Mas dominado como estava já pelo seu ardentissimo desejo de vingança, não podia decerto raciocinar serena e razoavelmente.

—Não, não, murmurou elle surdamente; occultar-me-hia a verdade, e eu quero saber tudo!

Passou o resto da noite em agitação febril, sem que pensasse em repousar. O primeiro raio de sol encontrou-o em pé no meio do quarto, pallido, com as feições contrahidas, e um brilho desusado no olhar.





III

Informações

Havia já mais de uma hora que todos os habitantes da herdade se haviam levantado. Os trabalhos do dia tinham já começado.

Jacques Mellier mandou chamar Rouvenat, que não se demorou muito a apparecer.

—Pedro: sabes o que acontece? lhe perguntou Mellier bruscamente, e sem mesmo lhe dar os bons dias.

Rouvenat abriu grandes olhos surprehendidos.

—Que queres dizer? replicou elle.

E em seguida, notando que Mellier estava pallido e abatido, approximou-se d'elle vivamente, e disse-lhe com anciedade:

—Que tens tu, Jacques? que foi o que te aconteceu? estás doente?

—Não. Comprehando a tua surpresa, porque eu proprio, vendo-me ha pouco em um espelho, cheguei a ter medo de mim. Pedro: fiz esta noite uma horrosa descoberta!

—Por Deus, explica-te, Jacques!

—A minha filha sahe de casa de noite!

Pedro Rouvenat estremeceu.

—Oh! é impossivel! exclamou elle. Foi de certo um pesadello que te agitou.

—Não, não estava dormindo, affirmo-t'ó. Estava appoiado no peitoril d'aquella janella, e á meia noite via-a, caminhando pelo jardim como uma sombra, recolher a casa.

—E não lhe perguntaste de onde vinha a taes horas?

—Não, e até nova ordem não quero de modo algum que ella saiba que a vi. De mais, a verdade é que adivinhei o que ella me teria de certo occultado.

—Suspeitas acaso...?

—Suspeitar?! repetiu Jacques Mellier, contrahindo os labios em um sorriso forçado. Faço mais do que isso; não duvido, tenho a certeza!

—Assustas-me, Jacques!

—De sorte que tu nada sabias?

—Nada absolutamente. Mas vê bem, que podes talvez enganar-te...

—Ah! oxalá... oxalá me enganasse... Mas repito: tenho a certeza!

—Mas... que é então o que julgas?

—Julgo que Lucila esqueceu todos os seus deveres, e deshonrou seu pae.

—Não, não é isso, não pode ser isso! exclamou Pedro Rouvenat indignado. Um tal pensamento é odioso, Jacques: estás calumniando a tua filha!

—Lucila é uma miseravel... uma miseravel, entendes?

—Oh! atreves-te a accusal-a, sendo ella tão boa, tão virtuosa, tão perfeita!... Ella, que em todos estes arredores é co-

nhecida como sendo a Providencia dos pobres e dos desgraçados! Mas isso é horrivel, é monstruoso!!...

—Tu, que tão calorosamente a defendes, Pedro, podes acaso explicar-me a razão por que ella anda de noite correndo pelos campos?

—Estou convencido de que a pobre Lucila quiz, sem que se soubesse, levar recursos a alguém de Frémicourt, provavelmente á desgraçada viuva Matelet, que está doente e sem recursos, com tres filhos pequenos que choram em redor d'ella com fome.

—A tua resposta não tem senso commum, disse friamente o proprietario do Seuillon, abanando a cabeça. Bem sabes que nunca me oppuz a que ella dêsse aos pobres tanto quanto quizesse. De mais, toda a gente sabe aqui que na herdade ha sempre pão para os que teem fome... Em minha casa ninguem precisa occultar-se para auxiliar os desgraçados. Os dias são sufficientemente longos para que Lucila possa consagrar uma hora ou duas ás suas obras de caridade, sem que precise recorrer ás horas da noite. Alem d'isto eu sei que ella enviou hontem á tarde um grande cabaz de provisões para casa da viuva Matelet. É debalde que procuras desculpa-a. Agora tenho os olhos abertos, e vejo... É de certo muito outro o motivo, que a leva a sahir de casa de noite e secretamente. Lucila é uma filha indigna, e caminha pela estrada do opprobrio... Mas será o mal sem remedio? É isso que eu quero saber...

Mellier approximou-se da janella, e lançou para os campos um olhar sombrio.

—É meu tudo o que os meus olhos avistam... murmurou elle amargamente; e esta fortuna desperta a malevolencia de muitos invejosos. E julgam-me feliz os insensatos! Ah! como

elles ficariam contentes, como elles ririam, se soubessem que o nome de Jacques Mellier está coberto de infamia e de opprobrio!...

Pedro Rouvenat permanecia em pé, aterrado, sem movimento, sem voz, e como pregado no chão.

Ao cabo de alguns momentos, Jacques Mellier aproximou-se d'elle e perguntou-lhe:

—Não tens já encontrado nas immediações da herdade um rapaz alto, de cabellos louros, e olhos azues, bigode pequenino, um pouco pallido, e trajando com uma certa elegancia?

—Sim, sim, tenho-o encontrado muitas vezes, respondeu Rouvenat.

—Conheço-l'o por ventura?

—Não, não conheço. Naturalmente é algum rapaz da cidade...

—Sim, que veio passar algum tempo no campo. Sabes se está residindo em Frémicourt?

—Ignoro-o, mas não creio que esteja. Suppões acaso que fôsse esse rapaz...?

—Foi elle, Pedro, digo-te que foi elle. Quero saber o seu nome; é preciso descobrir onde reside e de onde vem. Ficas dispensado do serviço da herdade hoje, amanhã, durante oito dias, durante um mez, se tanto fôr necessario. Bem debes comprehender qual o serviço que espero da tua amisade e dedicação. Creio não precisar recommendar-te que procedas com extrema prudencia. Sobretudo é necessario que Lucila não saiba o que acaba de dizer-se entre nós.

Passada apenas uma hora, Pedro Rouvenat sahia da herdade, levando na mão o seu bastão de jornada, e dirigia-se para Frémicourt.

No dia seguinte, ás cinco horas da tarde, estava de regresso ao Seuillon.

Julgamos desnecessario dizer que Jacques Mellier o esperava com impaciencia.

—E então? interrogou elle, logo que pôde conversar com o seu confidente sem receio de ouvidos indiscretos.

—Nada pude saber em Frémicourt, respondeu Pedro Rouvenat, e o mesmo me aconteceu em Grayon, em Terroise, em Lusset e em Renoncourt, povoações que sucessivamente percorri. Por fim fui mais feliz na capital do cantão, em Saint-Iron.

—Ah! está em Saint-Iron, em casa de parentes?

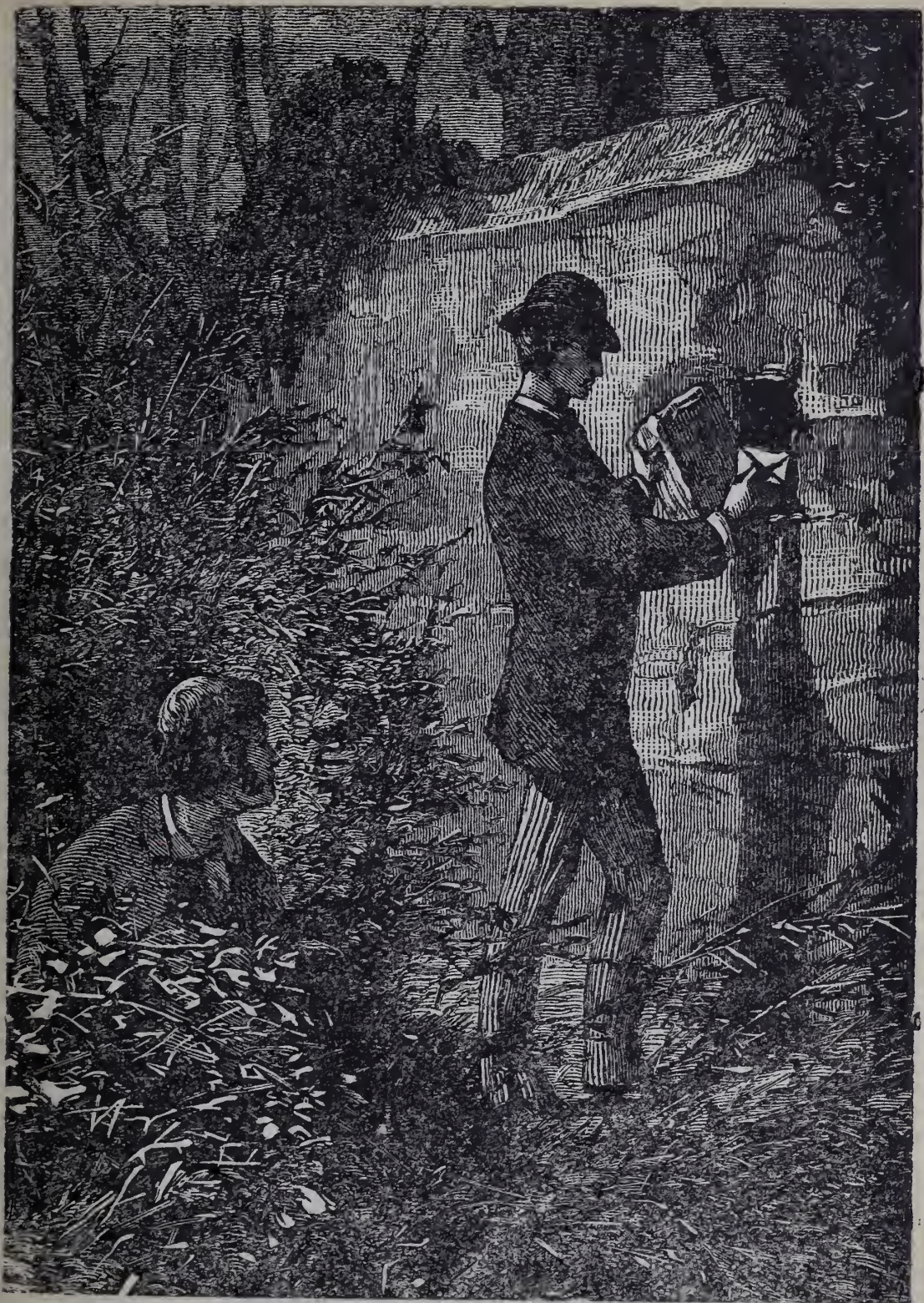
—Não tem parentes nem amigos em Saint-Iron.

—Mas então... Continua.

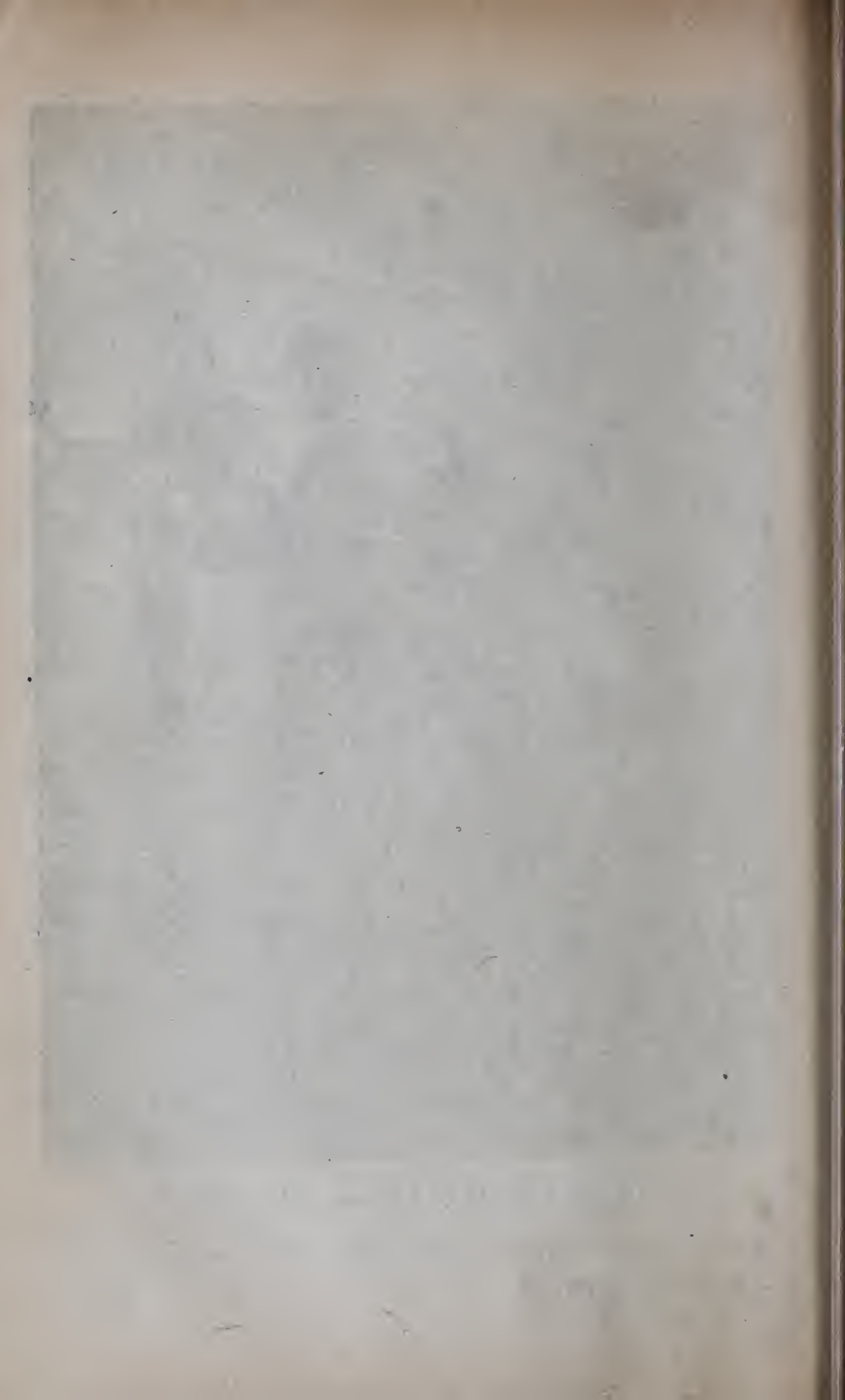
—Está alojado na estalagem de Bertaux, onde arrendou um quarto a mez. Conheço já ha muito tempo o estalajadeiro, e tive meio de conversar com elle offerecendo-lhe uma garrafa de bom vinho, e obtendo assim as informações que trago. Tive porém o maior cuidado em não me mostrar muito curioso, para que elle não tivesse motivo para se surprehender; ainda assim consegui que me dissesse tudo o que sabia. O nome do rapaz é Edmundo, e, quando se inscreveu, não deu o seu appellido de familia. É um pouco selvagem, e não conversa com pessoa alguma. O velho Bertaux não adivinhou ainda qual o interesse que o conduziu para estes sitios. Sae da hospedaria muito raras vezes, e passa os seus dias encerrado no seu quarto, onde lhe são servidas as refeições, e onde passa todo o seu tempo a escrever. Paga muito regularmente as suas despesas, o que parece indicar que dispõe d'alguns meios...

Pedro Rouvenat interrompeu-se por um momento, como hesitando em proseguir.

—E foi só isso o que pudeste saber? perguntou Jacques Mellier. Esse homem occulta o seu nome, e isso comprehende-se bem; tem razões para querer viver incognito. Mas nas-



... e levantou uma pedra que estava mal unida . . . (Pág. 36)



ceu decerto em qualquer parte... Ha quanto tempo está elle em Saint-Irun?

—Ha pouco mais ou menos dois mezes.

—E não pudeste saber de onde elle veio?

—Veiu... de Reims! balbuciou Rouvenat.

—De Reims!... de Reims, dizes tu? exclamou o afflicto pae com violencia. Ah! eis explicada a questão... Lucila foi passar cinco mezes nos arredores de Reims, em Firmany, em casa da familia de uma das suas amigas do collegio... E eu que não queria deixal-a partir! tinha já o presentimento do que havia de acontecer... Não pode duvidar-se, foi em Firmany, ou em Reims, que se encontraram. Ha dois mezes que Lucila recolheu ao Seuillon, e ha tambem dois mezes que o seu seductor se installou em Saint-Irun... Seguiu-a para aqui, decerto em resultado de combinação feita entre elles, quem sabe? talvez mesmo viesse com ella.

«E durante estes dois mezes teem-se escripto, teem-se encontrado, e eu nada vi, de nada desconfeit... Dir-se-hia que andava cego! Que infernal astucia empregaram elles para conseguirem illudir-me de tal modo? Como deve rir-se da minha ingenuidade idiota esse peralvinto, esse aventureiro nocturno, esse infame que se esconde de dia porque não pode apparecer ao sol!

E, depois de uma breve pausa, continuou com voz surda e concentrada:

—Que ideia farão elles de mim? Julgar-me-hão um d'esses paes de comedia, que se deixam escarnecer e ridicularisar?... Julgarão que sou um Geronte, um Sganarello?... Ah! hei de provar-lhes que se enganam. De sorte que se conhecem já ha muitos mezes! Porque não me opporia eu áquella jornada fatal! Fui fraco, e o castigo da minha fraqueza é cruel!

E permaneceu silencioso durante alguns momentos, com o olhar amortecido, e contrahidos os lábios.

—Acreditas agora na minha desgraça, Pedro? perguntou elle por fim.

O bom servidor não respondeu; mas Mellier poderia ter visto que ao longo das faces lhe deslisavam duas lagrimas, grossas como punhos. Não querendo accusar Lucila, que tanto amava, o pobre velho calava-se. Talvez mesmo não a julgasse culpada senão de uma simples leviandade.

—Desempenhaste muito bem a missão, de que te incumbi, Pedro, tornou Jacques; mas não sabemos ainda tudo o que precisamos saber. Posso continuar a contar contigo?

—Não conheces já a minha dedicação, Jacques?

—Conheço, sim, meu velho amigo, e nem por sombras duvido de ti. Sei bem quão leal e generoso é o coração, que pulsa no teu peito. A minha dôr é a tua, e tenho a certeza de que pões de parte todas as hesitações, quando se trata de defender ou vingar a minha honra.

—Jacques: dispõe como quizeres de Pedro Rouvenat.

—Escuta, amigo: entre Lucila e o desconhecido de Saint-Irun ha uma troca de cartas, e os dois teem entrevistas. Desgraçadamente não posso ter duvidas, por que tive a prova diante dos olhos... É necessario, é forçoso que uma d'essas cartas caia nas minhas mãos.

—Ha de ser difficil.

—Não, não admitto difficuldades. Desde este momento estabeleceremos ambos uma vigilancia activa e permanente em redor da herdade. É indispensavel que não possa uma qualquer pessoa, vinda de fóra, approximar-se de Lucila, e fallar-lhe, sem que nós o saibamos. Terás o olhar dirigido para todos os caminhos ao mesmo tempo. O meu posto de obser-

vação é aqui, dentro de casa. Comprehendeste, Pedro Rouvenat.

—Sim.

—Ah! nada haverá que cance a minha paciencia; quero saber, e hei de conseguil-o... Seja qual fôr a astucia por elles empregada, havemos de descobril-a... Não, não hão de continuar a enganar-me. Ando em busca da verdade... de uma verdade horrorosa; mas embora, quero conhecê-la a todo o transe...

E, em quanto estava fallando, fuzilavam-lhe nos olhos successivos relampagos de colera.

—Se a minha filha lançou na lama a honra de seu pae e a sua propria... proseguiu elle em tom guttural, a minha vingança ha de ser terrivel!...

—Jacques Mellier, Jacques Mellier! não julgues a pobre menina tão severamente! exclamou Pedro Rouvenat com voz desolada.

—Oh! hei de vingar-me d'ella e d'elle!

—Por quem és, meu pobre Jacques, não falles assim! Fazes-me soffrer horrivelmente.

—Ah! ainda a defendes?

—Defendo, sim; defendo-a, porque me repugna admittir que a tua filha, responsavel de certo por uma imprudencia, pudesse commetter uma falta mais grave!

—Diz antes um crime odioso! Descança, Pedro; depressa havemos de saber qual de nós dois tem razão. Até então não haverá uma hora de sono para Jacques Mellier. N'estes dois ultimos dias tem-se-me afigurado que os meus pés caminham sobre carvões ardentes. Muitas vezes já, olhando para ella, tenho estado a ponto de me denunciar, dando livre curso á minha colera; mas tenho conseguido conter-me... Hei de ter

a força necessaria para esperar... Ah! Pedro... permitta Deus que sejas tu quem tenhas razão, por ella, por mim, e por elle... Elle, elle... veremost!

E uma horrivel contracção de feições acabou de exprimir o seu sinistro pensamento.





IV

A carta

Acabam de bater as duas horas depois do meio dia. O sol brilha em um formosissimo ceu sem nuvens, e espalha a sua luz e o seu calor por sobre o valle. Vão correndo os dias da ceifa. Os trabalhadores, depois de uma hora de repouso, acabam de recommear o seu trabalho.

Jacques Mellier, com a cabeça curvada sobre o peito, passeia no seu quarto de um lado para o outro com agitação febril. Da sua janella, que estava aberta, poderia ver no prado os bois atrellados aos pesados carros, e as fouces brilharem illuminadas pelos raios do sol; mas não... o que habitualmente tanta alegria causava ao seu coração parece agora ser-lhe indifferente.

A expressão sombria do seu semblante traduz bem a angustia da sua alma, e a tristeza dos seus pensamentos. Apesar da resolução, que tomara, de permanecer tranquillo, sente-se devorado por uma anciedade pungente, e começa a per-

der a paciência. De espaço a espaço brilha-lhe no olhar um subito relampago; apodera-se-lhe de todo o corpo um grande tremor nervoso, que denuncia a violenta colera, que o agita, e que diligenciaia conter, e levanta no ar os punhos contrahidos.

—Oh! miseraveis! miseraveis! murmura elle por entre os cerrados dentes.

De repente ouve-se perto um ruido de passos. Mellier corre para a porta do quarto, e abre-a.

Pedro Rouvenat entra no quarto. Jacques interroga-o com o olhar.

—Por tua ordem desempenhei o odioso papel de espião! respondeu com voz surda o velho servidor. Escondido no vimeiro, vi chegar o rapaz.

—Falla mais baixo, disse Mellier com voz surda.

—O desconhecido approximou-se do muro de vedação, e levantou uma pedra, que estava mal unida, e que collocou de novo no seu logar...

—E depois?...

—Depois afastou-se, e eu esperei que elle estivesse bastante longe para não ter de receiar que me visse. Sahi por fim do vimeiro, e approximei-me do muro. Facilmente descobri a pedra, que estava desligada, levantei-a, e em uma pequena cavidade, praticada entre duas outras pedras no interior da alvenaria, encontrei uma carta.

—Ah! finalmente! exclamou Jacques com voz tremula de furor. É um meio engenhoso de estabelecer uma correspondencia criminosa a occultas de um pae, que uma filha indigna e um infame seductor querem enganar. Dá-me essa carta.

Pedro Rouvenat tirou a carta lentamente da algibeira e entregou-a a Mellier.

O bilhete estava mettido em um envelope, que não mostrava um qualquer sobrescripto.

Jacques Mellier fechou a janella, e certificou-se de que a porta estava bem fechada, e em seguida, abrindo a carta, leu avidamente o que se segue:

«Minha adorada Lucila,

«Quatro dias sem ver-te são para mim quatro seculos... Que horroroso seria o meu viver, se tivesse de passar um anno longe de ti! Estremeço só por pensar na viagem, que sou forçado a emprehender, e que é necessaria para a nossa felicidade!

«Vem encontrar-te comigo hoje ás dez horas quando todos estiverem dormindo na herdade; tenho necessidade absoluta de ver-te, de te apertar de encontro ao coração... Preciso de que um olhar teu dê força á minha coragem, e que de um dos teus beijos tire um novo alento!

«Esperar-te-hei junto da pequena ponte, e como sempre, não teremos como testemunhas senão as estrelas do céu, e os salgueiros inclinados que banham no rio os seus ramos.

«EDMUNDO.»

Emquanto estava lendo, cavara-se verticalmente uma funda ruga sobre a fronte de Jacques Mellier, e nos olhos brilhavam-lhe sinistros relampagos. As suas feições, horrorosamente contrahidas, e os seus labios pallidos e tremulos denunciavam bem a colera indomavel, que dentro d'elle refervia.

— Infames! infames! rugiu elle com a voz estrangulada na garganta. Lê, lê tu, Pedro... Tenho acaso necessidade de

uma outra prova? Essas linhas, traçadas pelo punho de um miseravel, dizem bem quão profunda, quão esmagadora é a minha vergonha! A desgraçada lançou a sua honra e a minha debaixo dos pés, e calcou-a sobre a lama! Mas quem será esse infame, que se esconde, e que vagueia só de noite como um bandido?... Ah! mal d'elle... mal d'elles!...

Pedro Rouvenat estava tão pallido como o seu interlocutor.

—Que tencionas fazer? lhe perguntou elle, depois de um breve silencio.

—Não sei... não sei ainda, respondeu Jacques Mellier em tom sombrio.

—Peço-te, supplico-te que procures reflectir, meu pobre Jacques!

—E' isso que estou fazendo, Pedro!

—Tem cuidado, não te deixes arrastar pela colera! Eu— confesso—mal me atrevo a olhar para ti... tenho medo... Aterrorisa-me a expressão do teu olhar! Ah! conheço-te bem; estás meditando uma qualquer coisa terrivel...

—Sim, a minha vingança!

—Jacques: é possível que o mal não seja tão grande como julgas. Talvez seja tempo ainda...

—Estou deshonrado, Pedro, affirmo-t'o! A minha filha é uma creatura envilecida, e infamada pelo crime de um ladrão da honra alheia, de um miseravel! Lucila Mellier é... uma mulher perdida!!

Rouvenat soltou um suspiro, e curvou a cabeça com acabrunhamento.

—Onde está ella n'este momento? perguntou Jacques Mellier, depois de um momento de silencio.

—No seu quarto, respondeu Pedro.

—Bem.

Jacques pegou de novo na carta, mettu-a dentro de um *enveloppe*, que fechou; em seguida, estendendo-a a Rouvenat, ordenou-lhe bruscamente:

—Vae collocar a carta no logar em que a encontraste.

Pedro Rouvenat deu dois passos á rectaguarda, com os olhos fixos no seu interlocutor.

—Mas... que queres tu fazer, Jacques? exclamou elle com inquietação.

—Isso é comigo.

—De accordo: mas eu adivinho a tua intenção: queres armar-lhes uma cilada. Com que fim? Pensa bem, Jacques: isso não é digno de ti!

—Não quero observações; não estou disposto para ouvil-as! replicou Mellier, batendo violentamente com o pé no chão.

—Jacques: peço-te, em nome de tua mulher, que tanto amaste, que me permittas que insista. Chama tua filha; falla-lhe e interroga-a!

—Não, não. Deixa-me, e faz o que te ordeno! Quero que Lucila vá esta noite á entrevista, que lhe é aprasada.

Pedro Rouvenat comprehendeu que seriam inuteis todos os esforços, que porventura fizesse para acalmar a colera de Jacques Mellier. Mas, resignando-se a calar-se n'aquelle momento, não renunciava ainda assim a intervir mais tarde entre o pae e a filha, para proteger a pobre creança, por quem tinha um affecto respeitoso e cheio de dedicação.

Curvou de novo a cabeça, e sahiu do quarto com passos vagarosos.

Obedecendo á ordem que acabava de receber, foi collocar de novo a carta por debaixo da pedra movel, no muro do cerrado. Feito isto, foi para junto dos creados da lavoura e dos jornaleiros, que trabalhavam no prado.

Uma hora depois, Lucila ia visitar por seu turno o esconderijo da parede e encontrava a carta. Guardou-a vivamente no seio, ao passo que lançava em redor de si um olhar desconfiado.

Tranquillisada por julgar que por ninguem fôra vista, a astou-se depois rapidamente para voltar para casa, e ir encerrar-se no seu quarto, afim de ler e reler o precioso bilheteinho, sem receio de uma qualquer surpresa.

Não era sem razão, que Lucila estava desconfiada e inquieta. A sua consciencia não podia estar tranquilla, e tremia constantemente com a ideia de ver descoberto o seu segredo. Tinha receio de que a denunciasse o rubor, que facilmente lhe cobria as feições: temia que seu pae lesse nos seus olhos a falta, que commettera, e mal se atrevia a olhar para elle.

Nos ultimos dias—tinha-o notado com intimo terror—Jacques Mellier andava preocupado e mais sombrio. Não lhe d rigia a palavra, e evitava encontrar-se a sós com ella.

—Meu Deus, meu Deus! desconfiará de alguma coisa? perguntava ella com terror a si propria.

Aquelle pensamento, cheio de angustias, era só por si uma temerosa tortura... No entretanto supportava corajosamente os seus receios, as suas angustias, e os seus dolorosos sentimentos e inquietações. Era por elle que ella soffria, pelo homem a quem amava com todas as forças da sua alma, com o affecto maravilhoso e sublime que não admite senão a dedicação, e que não quer conhecer senão o sacrificio!

O homem, que amava, era moço e esvelto. Se era rico não sabia ella. Tinha porém um coração nobre, aspirações de uma alma elevada, as ideias e os arrebatamentos entusiastas de um poeta, todas as coisas emfim que fallam á imaginação ardente de uma mulher nova.

Tinham-se encontrado um dia por simples acaso em uma festa de aldeia. O primeiro olhar, trocado entre elles, fizera nascer a *sympathia*, que desde logo os ligara. O relampago não é mais rapido do que certas commoções, que impressionam subitamente um coração.

O mancebo era pallido e triste; conhecia se bem que soffria, que era pouco feliz... Depois da *sympathia*, o interesse. Encontraram-se mais vezes, e elle contara-lhe o que sabia do seu passado... A sua vida era dolorosa; era a vida de um abandonado, privado de todo o affecto, da ternura, dos beijos e carinhos de mãe...

Lucila tentou consolal-o, e inculir-lhe a esperanza de melhores dias no futuro. E fez mais do que isso: deu lhe tudo quanto tinha, o coração. Ignorante talvez, e de certo inconsciente do perigo, nem mesmo chegou a imaginar que pudesse esconder-se um abysmo por debaixo d'aquelle florido plano inclinado.

A embriaguez do amor, e principalmente do primeiro amor, causa um deslumbramento que enthusiasma; que encanta. E eram já passades seis mezes, sem que a embriaguez de Lucila se houvesse dissipado. Dominada pela generosa e ingenua confiança, que n'elle depositava, nem mesmo havia ainda encarado a sua situação sob o seu verdadeiro aspecto.

Amava-o cegamente, sem calculo, e assim como lhe dera o coração, teria dado por elle a propria vida. O seu amor permanecia adornado de flôres, e nem mesmo pensava que ellas pudessem desfolhar-se sob as lagrimas.

O seu desgosto unico consistia no facto de ser forçada a occultar o seu segredo a seu pae.

—Assim é necessario, no proprio interesse do nosso amor, lhe dissera Edmundo.

Defender o seu amor equivalia para Lucila a defender a propria vida. Calou-se pois.

No entretanto, apesar dos seus prēsentimentos, e não obstante dizer de si para si que seu pae podia conceber uma qualquer desconfiança, estava longe de pensar, que elle tivesse descoberto uma parte do seu segredo.

—O meu pobre Edmundo vae partir, está resolvido... disse ella de si para si, depois de haver lido a carta. Sim, é preciso; os dias vão passando... Oh! ha de conseguir o que deseja, diz-m'o o coração! Não soffreu elle já bastante? Deus, que é pae bondoso de todas as creaturas, não ha de querer de certo reduzil-o ao desespero. Tem receio de se afastar. E eu não estou menos inquieta e atormentada do que elle; mas assim é preciso; a nossa felicidade futura vale bem alguns sacrificios. Irei esta noite encontrar-me por ultima vez com elle. Arrisco-me muito, porque, se fósse vista e reconhecida... Oh! esta ideia faz-me tremer! Mas elle, se não me visse, não teria força para partir. Chama-me, irei levar-lhe o que me pede: coragem e esperança!

Lucila em seguida accendeu uma vela, e queimou a carta, precaução que desgraçadamente era inutil n'aquella occasião. Os seus olhos tinham-se humedecido. Limpou-os com cuidado, e depois desceu ao rez-do-chão afim de dar as suas ordens para a refeição da tarde, e para se entregar ás diversas occupações de dona de casa em uma herdade bem regulada.

Pedro Rouvenat passou junto d'ella, e dirigiu uma affectuosa saudação a Lucila. Esta ultima ficou impressionada com a expressão de tristeza, que no semblante lhe transparecia.

—Que é o que tem que o afflija, meu bom Pedro? lhe perguntou ella. Parece estar contrariado...

—Estou, sim, menina, estou contrariadissimo...

—Acaso os trabalhos não correm como é desejo seu? Parece-me porém que o tempo está correndo muito bem, e que os nossos fenos fenos seccam perfeitamente.

—É verdade, menina; pôde mesmo dizer-se, que o sol faz metade da tarefa dos trabalhadores... Mas o que me preocupa, o que me desgosta é uma outra coisa...

—E não pôde dizer-me o que é? perguntou ella com voz affectuosa.

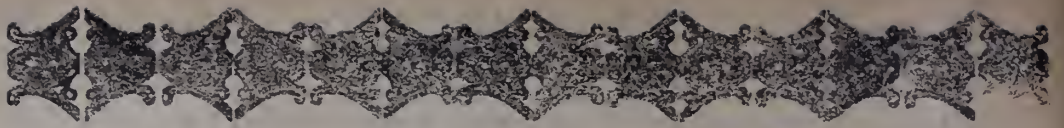
O velho servidor sentiu-se profundamente commovido. Deu dois passos para ella, e tinha já nos labios as seguintes palavras:

—Se tem interção de dar algum passeio hoje, depois de pôr o sol, renuncie a esse projecto, e deixe-se ficar no seu quarto...

Mas não teve tempo para as pronunciar. A apparição subita de Jacques Mellier fechou-lhe a bocca bruscamente. O velho Rouvenat lançou para Lucila um longo olhar, que constituia uma especie de supplica muda, e em seguida affastou-se soltando um profundo suspiro,

—Pobre Pedro! pensou Lucila. De certo tem algum desgosto. Naturalmente ouviu alguma coisa desagradavel da bocca de meu pae em um momento de mau humor...





O matador de lobos

Perto das sete horas e meia da tarde d'esse dia apresentou-se na herdade do Senillon um homem de elevada estatura, coberto com um chapéu baixo, levando nos pés uns grossos sapatos de grossas solas pregadas, e levando debaixo do braço uma espingarda de caça.

Como todos os homens dos campos n'aquella epocha do anno, tinha o rosto ennegrecido pelos raios ardentes do sol; mas, não obstante a rudeza das suas feições, e a expressão um pouco dura da sua phisionomia, tinha um aspecto accentuadamente sympathico.

Parecia contar uns quarenta annos pouco mais ou menos. A sua testa ampla, as sobrancelhas muito espessas, e a expressão ousada, que no semblante lhe transparecia, denunciavam n'elle uma energia pouco commum, e uma grande teimosia nas ideias.

E no entretanto, debaixo d'aquelle involucro meio selvagem,

havia um coração ardente e generoso que podia mostrar uma coragem heroica, capaz de se dedicar até o maior extremo, até ao incompreensível, até á loucura.

Tem-se visto já muitas vezes o exagero de certos sentimentos tocar as raias do absurdo.

Aquelle personagem chamava-se João Renaud; mas era mais conhecido em todo o cantão de Saint Irun com a denominação de *matador de lobos*.

Entrando na casa da herdade, tirou o chapéu, e saudou respeitosamente a formosa Lucila, que estava preparando para a refeição a grande mesa, que occupava o meio da sala principal do edificio, visto que os trabalhadores deveriam voltar depressa do prado.

— Ah! é o nosso João Renaud, disse Lucila sorrindo para o recémchegado. Estimo muito vel-o. Ha já mais de oito dias que não apparece na herdade, e tenho guardada uma trouxa com varias coisas para sua mulher.

— Sempre boa para mim, minha querida menina, respondeu o *matador de lobos*. É verdade: ha já doze dias que não venho vel-a. Fui forçado a dependurar a espingarda e a lançar mão da fouce. Quando o feño está maduro, e o tempo é propicio, todos os braços são precisos no prado. Mas hontem á noite fui prevenido de que uma enorme loba e dois lobinhos pequenos tinham sido vistos no bosque de Suenze; eis a razão porque não trabalhei hoje. Sahi de casa muito cedo, mas foi de balde que durante todo o dia bati os bosques de Suenze e da Artemont. É provavel que, durante a noite, a loba e os lobinhos fôssem para longe.

— Deve então estar muito fatigado...

— Oh! já estou muito habituado ás grandes caminhadas, respondeu João Renaud sorrindo.

—Mas vê-se que está alagado em suor, meu pobre João Renaud!

—Tive realmente muito calor, menina!

—Está ali uma cadeira, assente-se; vou dar-lhe um bom copo de vinho.

—Não lhe recusarei o favor...

—Ainda não lhe pedi noticias da boa Genoveva. Como vae ella?

—Tão bem quanto é possível... em razão do seu estado melindroso...

—Ah! sim... murmurou Lucila, córando subitamente.

O matador de lobos tinha-se assentado com a espingarda entre os joelhos. Lucila collocou em face d'elle, em um canto da mesa, uma garrafa, um copo, pão e um bocado de carne fria.

—A' sua saude, menina Lucila, disse elle.

E esvasiou um grande copo de vinho com evidente satisfação.

—Se puder, disse Lucila depois de agradecer aquelle brinde, irei no domingo ver Genoveva.

—Ah! creia que ella ha de estimar immensamente a sua visita, pois que não ha ninguem n'este mundo a quem ella tanto ame e respeite, como é a menina Lucila. A minha pobre Genoveva é exactamente como eu: é grata sempre, e não esquece nunca o bem que lhe fazem. Quando voltei do serviço militar—e nem eu sei bem porque razão havia assentado praça—encontrei Genoveva ainda livre, e já durazia. Tinhamos-nos amado em outro tempo, e, logo que nos avistamos, voltamos a sentir a mesma attracção um pelo outro. Eramos porém pobres um e outro, e não podíamos casar-nos, por não possuirmos umas centenas de francos com que puzessemos

uma casinha, onde fôssemos viver. Talvez a menina Lucila não soubesse ainda estas coisas, e eu quero contar-lh'as... Seu pae teve, não sei como, conhecimento da questão, e um bello dia, em que me encontrou em Frémicourt, disse-me que o acompanhasse até aqui, e eu vim.

«—Eu sei que desejas casar com Genoveva, me disse elle bruscamente, conforme é habito seu, e que não pódes fazel-o porque tens falta de dinheiro. E' isto verdade?

«—E' verdade, sr. Mellier, respondi eu.

«—Pois bem, tornou elle; Genoveva é uma rapariga séria e honesta, e o pae d'ella foi um dedicado e honrado servidor de meu pae. Além d'isto eu tenho por ti uma grande estima e amisade. Serás portanto marido de Genoveva.

«E, sem me dar tempo a pronunciar uma palavra unica, voltou-me as costas, subiu ao seu quarto e voltou passados apenas alguns momentos, trazendo nas mãos um grande sacco de dinheiro. Continha mil francos.

«—Abi tens o que te falta para poderes casar, João Renaud, me disse elle.

«Eu estava como embrutecido, parecia-me tudo aquillo um sonho, e não acertava com as palavras que devia pronunciar. Por fim não pude resistir á commoção, de que me sentia possuido, e desatei a chorar como uma creança. Se me atrevesse a tanto, ter-me-hia lançado nos seus braços, tel-o hia beijado chamando-lhe meu pae! Depois, logo que recuperei o uso da palavra, fallei-lhe em passar um recibo, um documento qualquer comprovativo da divida; mas elle, impellindo-me brandamente para a porta, disse-me:

«—Não é preciso, não é preciso, eu tenho confiança em ti... Restituir-me-has esse dinheiro mais tarde, a pouco e pouco, quando e como puderes.

«Passados apenas uns quinze dias, Genoveva era minha mulher, e eu tinha podido comprar, pagando de contado mais de ametade do preço, a pequena casa em que actualmente residimos em Civry. Hoje a casa é nossa, porque está já completamente paga; mas a verdade é que continuo a dever os mil francos ao sr. Jacques Mellier, que nem mesmo mostra lembrar-se de que m'os emprestou.

«Mas ainda isto não é tudo; não param aqui os favores que devo a seu pae, menina Lucila...

«Um dia—tinha eu dezoito annos apenas—quiz imprudentemente atravessar por sobre o gelo a represa do moinho de Frémicourt. Mas, mesmo quando eu ia no meio da ribeira, o gelo quebrou-se subitamente, e eu desapareci pelo buraco abaixo. Alguem do moinho, que casualmente vira o que acabava de acontecer, começou a bradar por soccorro. Seu pae, que não estava longe, correu logo para o sitio de onde partiam os gritos. Vendo de que se tratava, correu pelo gelo fóra, alargou o orificio por onde passara o meu corpo, e mergulhou em seguida.

«A agua, felizmente, não me havia arrastado, e o sr. Mellier teve a felicidade de me lançar a mão, e de encontrar, subindo á superficie das aguas, o logar em que o gelo se havia quebrado. O essencial era sahir de debaixo do gelo, o que porém não era coisa facil, porque todas as vezes que tentava subir de novo para sobre o gelo, quebrava-se este sob o peso. Tres vezes me deixou escapar dos braços, que tinha entorpecidos e como paralyzados por effeito do frio, e outras tantas me tornou a segurar, á custa de esforços inauditos.

«Por fim chegaram uns poucos de homens, como uma forte e comprida corda, na extremidade da qual fizeram uma laçada. Lançaram-n'a assim ao sr. Mellier, que conseguiu pas-

sar-me o laço em volta do corpo. Em seguida os homens puxaram pela corda, e foi assim que me arrastaram para terra.

«Passada uma hora recuperei os sentidos, e só então soube o que se passara. Havia muito quem affirmasse que no meu lugar poucos conseguiriam salvar-se. Diziam todos que só por milagre podia ter-se dado um tal facto. O auctor do milagre fôra o sr. Jacques Mellier. Devo a vida a seu pae, menina Lucila!

E o caçador de lobos passou as costas da mão pelos olhos, em que brilhavam duas lagrimas de commoção e de reconhecimento.

—Ignorava com effeito todas essas coisas, meu caro João Renaud, disse Lucila tambem vivamente commovida.

—Veja, minha querida menina, tornou João Renaud, se tenho ou não razão para ser amigo do sr. Jacques Mellier. Ah! ninguem, ninguem calcula quão funda, quão intima é a gratidão que sinto por elle! Póde crer, menina Lucila, que, se a minha vida fôsse de qualquer modo precisa para a tranquillidade de seu pae, eu a daria de muito bom grado, e até com jubilo! Às vezes chego a desesperar-me por não ter meio de lhe mostrar a minha gratidão!

—Ah! meu pae conhece-o bem, João Renaud, e sabe bem quão nobre coração é o seu!

—Foi tambem por intervenção do sr. Mellier que obtive authorisação para andar durante todo o anno armado com a minha espingarda, e d'este modo posso eu, tanto de verão como de inverno, dar caça aos lobos.

—Mata muitos d'esses terriveis animaes, meu caro João Renaud?

—Este anno ainda não matei senão um unico; mas é já o

decimo primeiro durante os tres ultimos annos. Espero porém que antes do fim do anno poderei matar mais uns dois ou tres. No outomno, quando são muito espessos os nevoeiros, e em dezembro e janeiro, quando os frios são muito intensos, é que elles se tornam mais ousados, e se atrevem a sahir dos grandes bosques. Se os que hoje tenho andado procurando, sem que tenha descoberto senão leves vestigios da sua passagem, se atreverem a apparecer de novo por estes sitios, prometto-lhe que não hão de escapar-me. Affirmo-lhe que nada perdem por esperar.

—Beba, amigo João Renaud. Qual é o homem que não bebe uma garrafa de vinho?

—Esqueço-me a conversar, e estou talvez abusando, tirando-lhe tempo...

—Não, não, meu caro João Renaud, pelo contrario sinto muito prazer com a sua conversa.

—Ah! a menina Lucila é bondosa e cheia de indulgencia comigo. Creia, minha querida menina, que tem aqui, no meu coração, um bom logarzinho ao lado de seu pae.

E continuou com uma especie de enthusiasmo manifestamente sincero:

—Se ha no mundo pessoa digna de ser feliz, é de certo a menina Lucila.

Esta ultima soltou um suspiro fundo.

—Palavra de honra, que estava cheio de sêde, tornou o matador de lobos. Esvasiei valentemente a garrafa, e agora eis-me forte e solido como um quadrado de infantaria!

E levantou-se para partir.

—Vae-se embora, João Renaud? perguntou Lucila.

—Vou, sim, menina; não posso demorar-me mais tempo, respondeu o caçador de lobos.

—Espere um momento, João; vou buscar a trouxa, em que lhe fallei ha pouco, para poder leval-a...

—Não se incomode agora com isso, menina Lucila; virei buscal-a amanhã, ou no domingo de manhã. Até mesmo me convém isso mais.

—Não volta então desde já para Civry?

—Não, minha menina; tenho de ir a Terroise, afim de dar cumprimento a uma commissão, de que me incumbiram.

—Mas, quando regressar, passa por aqui, e pôde então levar a trouxa.

—Naturalmente, quando passar por aqui, já todos estarão deitados, e a dormir o primeiro somno, visto que, quando regressar de Terroise, terei de me demorar no moinho de Frémicourt. Ha já seis dias que dei ali duas medidas de trigo para moer, e como é já pouco o pão que temos em casa, quero ver se posso hoje mesmo levar a farinha, para poder a minha mulher tratar amanhã da fornada.

—Tem razão, João Renaud.

—Até mesmo, se a menina Lucila dá licença, deixarei ficar aqui a minha espingarda, porque nenhuma esperança tenho de encontrar esta noite um lobo no caminho. De mais, se o moleiro me der o meu sacco de farinha, serei obrigado a trazer o ás costas, e, se levasse comigo a espingarda, não sei bem como poderia carregar com o fardo.

—Não se cance muito, João Renaud; veja que não deve malbaratar as forças.

—Não tenha cuidado, menina Lucila; o sacco não é muito pesado.

—Pois sim; mas uma carga, embora pequena, e sempre pesada quando tem de ser transportada para longe...

—Tem razão, menina, mas eu tenho hombros robustos e possantes.

Em seguida João Renaud foi encostar a espingarda em um canto da casa, e em seguida sahiu da herdade, dizendo:

—Até muito depressa; menina Lucila, e muito obrigado por todas as suas bondades. Direi a Genoveva, que a menina se não esquece d'ella...

Logo depois sahiu e afastou-se rapidamente em direcção a Terroise.

O sol acabava de esconder-se por detraz das montanhas. Passados apenas alguns minutos os creados da herdade e os mais trabalhadores do campo recolheram a casa, e assentaram-se á mesa, sobre a qual fumegava já a sôpa da ceia.

As nove horas, os jornaleiros, que residiam quasi todos em Frémicourt, tinham deixado a herdade. Os animaes do trabalho tinham já recolhido aos estabulos, e o rebanho de carneiros estava já accomodado no curral. Os creados davam de beber ao gado, e guarneciam as manjedouras para a noite.

Lucila tinha subido para o seu quarto, e esperava anciosamente o momento em que todos os habitantes da herdade estivessem dormindo, para poder depois sahir sem barulho, e correr á sua entrevista. A manta de seda preta, que devia lançar sobre os hombros, estava já prompta em cima da cama. Tinha apagado a vela, para poder suppôr-se que já estava deitada.

Ouviu depois fechar successivamente todas as portas, e as boas noites dadas pelos creados uns aos outros.

A s dez horas menos um quarto reinava um silencio profundo em toda a herdade.

Era chegado o momento. Lucila julgou que tudo estivesse

dormindo. Enganava-se porém... Dois homens estavam acordados e em pé como ella: seu pae e Pedro Rouvenat.

Por fim Lucila lançou sobre si a manta, e sahiu furtivamente do quarto. Desceu a escada com todas as precauções, e, contendo a respiração, atravessou rapidamente a grande sala do rez-do-chão, abriu uma porta que não se deu ao trabalho de tornar a fechar, e penetrou em um estreito corredor, na extremidade do qual se achava a pequena porta de sahida em que já fallamos. Ali correu com precaução o ferrolho, abriu a porta sem barulho, e sahiu correndo.

Na rectaguarda d'ella Jacques Mellier tinha aberto a porta do seu quarto e havia descido a escada tambem furtivamente como ella.

N'aquelle momento, se pudesse vêr-se a um espelho, não se teria decerto reconhecido. Dir-se-hia um cadaver animado.

Chegado que foi á sala do rez do-chão, apoderou-se de uma das espingardas que se achavam encostadas em um dos cantos ao lado do fogão, e em seguida, soltando do peito uma especie de rugido surdo, lançou-se para o corredor. Ali, encontrou Pedro Rouvenat, que quiz embargar-lhe o passo.

—Jacques: onde vaes tu? lhe perguntou Pedro com voz abafada.

—Deixa-me, respondeu Jacques com voz rouca.

—Não, não te deixarei sahir!

—Deixa me passar, Pedro, deixa-me!!

—Não!

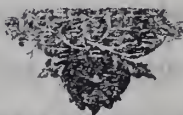
—Miseravel! uivou Jacques Mellier, louco de raiva e de furor.

E, lançando-se sobre o fiel servidor e amigo dedicado, afastou-o para o lado com uma violencia e brutalidade verdadei-

ramente selvagens. Pedro Rouvenat perdeu o equilíbrio; cahindo, bateu com a cabeça na esquina da parede, e ficou estendido no chão sem sentidos.

Sem mesmo ter consciencia do que acabava de fazer, Jacques Mellier precipitou-se para fóra de casa, com a cabeça descoberta, espumando de raiva, livido, com o olhar desvaiado, louco, e começou a correr desorientadamente atravez dos jardins...

O que depois se passou é já sabido pelos nossos leitores...



Depois do crime

A pobre Lucila, depois da entrevista, dirigia-se com passos rapidos para casa, quando ouviu o barulho produzido pela explosão de uma arma de fogo. Estremeceu violentamente, e sentiu que o corpo se lhe inundava de suor frio. E todavia nenhuma razão tinha, ou mesmo só qualquer indicação vaga, que a fizesse suppôr que aquelle tiro houvesse sido disparado contra o homem, de quem acabava de separar se. De mais, podia explicar perfeitamente a si propria a impressão que acabava de sentir com o facto de ser natural a surpresa, produzida n'ella pela detonação de uma arma de fogo, perturbando bruscamente o silencio da noite em uma hora já tão avançada.

Pedro Rouvenat acabava de recuperar os sentidos, e levantou-se precisamente no momento em que a sinistra detonação atravessava o espaço.

O desgraçado velho levou as mãos á cabeça, e arrancou os

cabellos com desespero. Infelizmente a desgraça, que se queria evitar, tinha-se consummado. Fôra debalde que tentara embargar o passo a Jacques Mellier, louco de raiva e sequioso de vingança... O horrivel crime fôra commettido!

—Horror! horror!! g gemeu elle estorcendo convulsivamente os braços. Jacques Mellier... assassino!!...

De subito ouviu um ruido de passos rapidos no corredor^Z, cujas duas portas tinham ficado abertas.

—É Lucila de certo, pensou elle; não póde ser elle, porque decorreu ainda muito pouco tempo desde que o tiro partiu...

Rouvenat não teve tempo senão para se occultar em um canto, cosendo-se com a parede. Em seguida ouviu que a porta se fechava brandamente, e o debil ranger do ferrolho, corrido cautelosamente por Lucila. Logo depois sahio ella do corredor, e passou diante d'elle como uma sombra; dir-se-hia que nem pousava os pés no chão...

Lucila dirigiu-se para a escada, que subiu rapidamente, sem que nem mesmo dêsse logar a um qualquer estalido de madeira, e entrou furtivamente no seu quarto. Ali cahiu de joelhos, e começou a orar.

Suppondo, e com razão, que Jacques Mellier deveria tambem recolher a casa muito depressa, Pedro Rouvenat foi correr o ferrolho da pequena porta, e, em pé no meio do corredor, esperou...

Decorreram assim uns dez ou doze minutos. Por fim os passos rapidos de Mellier resoaram sobre a terra endurecida.

Rouvenat sahio precipitadamente do corredor, e escondeu-se de novo no mesmo canto da grande sala, em que minutos antes se occultara.

Mellier chegou por fim. Agitava-lhe o corpo um tremor ner-

voso, que lhe fazia bater os queixos. Apesar da corrida, que acabava de dar, mostrava ainda no semblante a mesma lividez. Vendo-o, podia suppôr se que se lhe gelara o sangue nas veias. O suor corria-lhe em bagas, grossas como punhos, por sobre o rosto e ao longo do peito. Os cabellos empastavam-se-lhe sobre a cabeça escorrendo em agua, como se acabasse de caminhar durante duas horas debaixo de uma chuva torrencial. Tinha a respiração oppressa e offegante, e mal podia sustentar-se em pé.

Chegado que foi á grande sala do rez-do-chão, desembarcou-se da espingarda, que foi encostar á parede, e lançou-se para a escada, impaciente por chegar ao seu quarto.

Pedro Rouvenat correu em seu seguimento. O dedicado servidor esquecera que minutos antes fôra tratado brutalmente por Jacques Mellier.

—Que fizeste, desgraçado? disse Pedro, depois de haver fechado vivamente a porta do quarto.

Jacques Mellier olhou para elle com expressão de desvairamento.

—Não sei! balbuciou elle.

—Jacques! se Deus teve compaixão de ti, desviou de certo a bala...

No olhar de Mellier fulgurou um relampago sombrio.

—Não, respondeu elle com voz sombria; aponteí ao coração, e o miseravel cabiu!...

—Morto?! exclamou Pedro Rouvenat com terror.

—Morto!! repetiu a voz estrangulada de Mellier.

Pedro Rouvenat cahiu prostrado sobre uma cadeira, e escondeu o rosto com as mãos.

—Deshonrou-me!! tornou Jacques. Seduziu a minha filha!... Era um ladrão da honra albeia... Vinguei-me... matei-o!!...

O velho servidor ergueu a cabeça.

—Diz antes que o assassinaste! murmurou elle.

—Como quizeres, replicou Mellier encolhendo os hombros.

—E a justiça, Jacques? não pensas na justiça?

—A justiça sou eu, quando defendo a minha propriedade, e quando vingo a minha honra!

—Jacques, isso não é raciocinio, é loucura...

—Quando encontro uma vibora nos meus campos, esmagoo-a... quando um animal damniabo, um lobo ou um cão damnado faz irrupção nas minhas propriedades, lanço mão de uma espingarda, e mato-o... é esse o meu direito. Eis o que acabo de fazer!

—Ah! o desgraçado não comprehende, não quer comprehender! exclamou Rouvenat com desespero. Mas isso é horrivel, Jacques, horrivel!... Assusta-me a tua tranquillidade! Pódes talvez ter sido visto por alguém, que te reconhecesse...

—Que me importa?

—As tuas respostas, Jacques, são todas insensatas. Ah! enlouqueceste... enlouqueceste de certo... E' quasi certo que ninguem te veria... A esta hora toda a gente está dormindo, tanto na herdade como em Frémicourt... Por Deus te peço, Jacques: pensa, reflecte, examina a tua situação. Foi terrivel o crime que praticaste, e, se fôres descoberto, a justiça ha de exigir de ti as mais severas contas. Tu, perante a lei, és perfeitamente igual, em tudo e por tudo, ao mais humilde dos teus jornaleiros. A lei é igual para todos, e a justiça dos homens é implacavel como a de Deus. Será debalde que bradarás: «Tinha seduzido a minha filha! vinguei o ultrage feito á minha honra!!» A resposta que terás será que nenhum direito temos de fazer justiça por nossas mãos. A verdade é esta.

«Mas não te viu ninguem, e portanto ninguem te accusará,

salvo se tu te denunciares a ti proprio... Já que, por desgraça minha não pude suster o teu braço, agora, que a desgraça já não tem remedio, devo pensar no meio de te salvar... Não, ninguém poderá accusar-te; de mais, seriam precisas provas para isso, e ninguém as tem, ninguém pôde tel-as...

Seguiram-se alguns momentos de silencio, durante os quaes Pedro Rouvenat pareceu reflectir profundamente. Jacques Mellier, em pé, e apoiado sobre um movel, permanecia immovel e como petrificado, de cabeça baixa e o olhar fixo em um ponto do solo.

De subito Rouvenat ergueu-se de salto. Os seus olhos eram agora desvairados, e na expressão da phisionomia transparecia-lhe a mais cruel das angustias.

Approximando-se de Mellier, collocou-lhe a mão sobre um hombro, e disse-lhe em voz baixa:

—Jacques: acaba de me occorrer um pensamento, que me enche de espanto e de terror. Escuta-me... escuta-me, por Deus t'o peço... Se alguma outra pessoa sabe das relações que existiam entre aquelle desgraçado e a tua filha, se ha alguém que tenha conhecimento das suas entrevistas nocturnas, estamos perdidos!

Jacques Mellier ergueu bruscamente a cabeça. O seu olhar estúpido e sem expressão fixou-se no semblante de Rouvenat.

—Haverá uma devassa de certo, continuou este ultimo. Quando se dá um qualquer crime, trata-se primeiro de investigar a causa para mais facilmente se chegar a conhecer o author. Uma simples palavra, imprudentemente pronunciada, será sufficiente para trazer aqui a justiça... Jacques, precisamos pensar n'isto!

—Espero os acontecimentos, respondeu Mellier friamente.

—Mas não é isso bastante; é necessario que estejas preparado para te defenderes.

Jacques Mellier fez um movimento com os hombros, e contrahiu os descorados labios em uma especie de sorriso de expressão singular.

—Pensa bem, Jacques, tornou Rouvenat: os gendarmes, a prisão, o julgamento...

—Serei condemnado... embora!

—Mas olha que vaes acabar os teus dias em um presidio!

—Que me importa, que vá mesmo deixar a cabeça no cadafalso? respondeu Mellier com um accento de sombria indiferença.

Pedro Rouvenat olhou para elle com estupefacção, e recuou dois passos horrorizado.

—A vida! que bella coisa a vida! tornou Jacques com voz sibilante, e com os labios contrahidos em um sorriso de amarga ironia. Estupidos os que tanto interesse mostram em a conservar!... Todos os homens correm após a chimera, a que chamam felicidade... Loucos que são! A doença e as enfermidades tornam uns dignos de compaixão; outros, pelos seus vicios, pelos seus crimes e opprobrios, não teem direito senão ao desprezo geral... A ambição devora estes, a inveja despedaça aquelles. A honestidade de character não é mais do que uma palavra vã, e o egoismo torna-se em virtude. Por toda a parte a infamia e a hypocrisia!... A gangrena lava em todas as almas. O mal vence o bem, e a malvadez de uns explora a lealdade dos outros. Ah! tristissima coisa que é a vida! Felizes os que morrem! Morto; eis como eu quereria estar. Já não sou nada, em nada creio já... Estou já mergulhado no nada, de onde nunca deveria ter sahido.

E lançou-se sobre uma poltrona; onde ficou prostrado, im-



João Renaud conduziu para ali o corpo inanimado (Pag. 66)



movel como se fôra massa inerte. Pedro Rouvenat contemplava-o com profunda commiseração.

—Que desgraçado! dizia elle de si para si.

Ao cabo de alguns momentos Mellier deixou cahir a cabeça sobre as mãos, e o velho servidor ouviu que elle soluçava. Deixou-o chorar. Sabia que as lagrimas consolam, e são de ordinario um derivativo que dá logar a pensamentos mais sãos.

O velho Rouvenat assentou-se a poucos passos de distancia, com o desolado olhar fixo em Mellier. Foi assim que os dois homens esperaram silenciosamente que o dia surgisse no horizonte.

.....

João Renaud, o *caçador de lobos* tinha ido a Terroise. Depois de cumprir a missão de que se havia incumbido, a familia, em casa de quem se achava, offereceu-lhe um logar á mesa da refeição da noite. João Renaud accitou, declarando porém que comera uma hora antes, e que por isso accitaria um copo de vinho. No fim de contas bebeu tres ou quatro, porque foi forçado a fazer brindes á saude do pae, da mãe, da filha mais velha recentemente casada, e á esperanza de um proximo augmento de familia.

João Renaud, depois de uma longa conversa — porque não ha nada melhor do que o vinho para fazer desdobrar a lingua — sahio de Terroise, e começou a caminhar em direcção a Frémicourt cantarolando uma alegre canção dos soldados d’Africa. Ainda assim, quando chegou a Frémicourt, não se esqueceu de que tinha de reclamar no moinho o seu sacco de farinha.

O trigo estava moido e o sacco prompto. João Renaud manifestou o desejo de o levar ás costas.

—É inutil, lhe respondeu o moleiro. Amanhã o meu carro passará em Civry, e deixar-te-hei a farinha em tua casa.

—Ah! muito bem; é melhor assim, replicou João Renaud.

E, como estava de bom humor, nenhuma dificuldade teve em acceitar um copo de aguardente, que lhe era offerecido. Aquelle liquido não pôde beber-se de um trago como o vinho; aprecia-se, absorve-se ás pinguinhas, e conversa-se ao mesmo tempo sobre um e outro assumpto: farinha, moagem, abundancia de agua, calamidade da seca, em coisas emfim de que é natural fallar-se em um moinho hydraulico.

E é assim que o tempo passa quasi sem se dar por isso.

Ás dez horas e meia sabia João Renaud do moinho, mais alegre ainda do que havia entrado. No entretanto, logo que se achou só na estrada, pensou em Genoveva, que o esperava inquieta talvez, e disse de si para si que era um abominavel vadio.

De subito pareceu-lhe ter ouvido a pequena distancia uma especie de gemido, e parou de chofre...





VII

Na estrada

João Renaud nada tinha de medroso; não havia ruído algum que de noite o fizesse estremecer. Mais de uma vez tinha ouvido, na Argelia, os alegres regougos dos chacaes em volta de um cavallo morto, os uivos das hyenas de olhar feroz, e os terriveis rugidos do leão nos desfiladeiros do Atlas. Em muitas occasiões, affrontando intrepidamente os perigos, quasi tinha desafiado a morte.

Lançou um olhar em redor de si, e a poucos passos de distancia viu um homem no chão, dobrado sobre si proprio como quem fazia supremos esforços para se levantar. Correu para elle, lançou-se de joelhos, levantou-o nos braços, e conseguiu assental-o no chão.

O ferido respirou com força, e logo depois deixou cahir a cabeça sobre o peito de João Renaud, que o amparava sollicitamente. O caçador de lobos notou então que o vestuario do

desconhecido estava coberto de sangue, e não pôde deixar de estremecer violentamente.

O desgraçado, que elle queria socorrer, estava tremendo. João Renaud sentia-lhe as palpitações do corpo, e mal lhe ouvia a respiração curta e oppressa, que mais parecia um estertor abafado.

Perto d'aquelle ponto via-se um monte de pedras, destinadas ao serviço de conservação da estrada. João Renaud conduziu para ali o corpo inanimado, e collocou-o de modo que aquelle monte de pedras lhe servisse de apoio.

Ao cabo de um momento o ferido abriu os olhos brilhantes de febre, que se fixaram no semblante de João Renaud com uma insistencia aterradora.

—Obrigado, balbuciou elle com voz debil.

—Póde ouvir a minha voz? lhe perguntou o caçador de lobos.

O ferido respondeu com um movimento affirmativo de cabeça.

—N'esse caso, tornou João Renaud, diga-me quem é, e que foi o que lhe aconteceu.

O desconhecido levou a custo a mão ao lado esquerdo do peito.

—Bala de espingarda... aqui... pronunciou elle com voz entrecortada.

—Oh! um assassinato! murmurou surdamente o matador de lobos.

Depois, lançando em redor de si um olhar como para se orientar, continuou:

—Não estamos longe da herdade do Seuillon. Vou lá correndo pedir soccorro...

Estas palavras produziram no ferido um effeito extraordi-

nario. Todo o seu corpo estremeceu, e a cabeça ergueu-se-lhe como por effeito de occulta mola...

—Não, não, disse elle com energia, e como se houvesse recuperado subitamente as forças. Peço-lhe que não se afaste d'aqui... Demais, para que?... Todo o socorro seria inutil... Sinto que me não restam senão alguns instantes de vida!

—Mas eu não quero, não devo deixal o morrer assim!

—Não póde salvar-me... estou ferido de morte.

—Por quem? sabe por quem?

—Não.

—Oh! eu hei de descobrir o assassino covarde e infame... hei de saber o seu nome! exclamou João Renaud em tom ameaçador.

—Não, não descobrirá coisa alguma... não quero que se faça uma qualquer accusação... Diga-me: como se chama?

—João Renaud, o caçador de lobos.

O rosto do desconhecido pareceu illuminar-se subitamente.

—Ah! já sei... balbuciou elle. João Renaud, um bom coração, um character generoso... Lucila fallou-me a seu respeito...

—Lucila! conhece a filha do sr. Jacques Mellier?

—Sim, mas silencio... não pronuncie o nome d'ella; poderia alguém ouvil-o... Ella é bondosa e cheia de generosidade, não é verdade?... Sim, ella fallou-me de si, de Geneveva, sua mulher, e tambem de um pequenino ente que Deus vae conceder-lhe... Deve ser ella a madrinha do seu filho. João Renaud... Diga-me: é muito amigo da futura madrinha do seu filho?

—Oh! respondeu João Renaud com enthusiasmo. Daria por ella a minha vida!

—Pois bem! em nome de Lucila, e tambem em nome de sua mulher, da boa Genoveva... quer prestar-me um serviço, João Renaud?

—Um serviço?

—Sim; de grandissima importancia...

—Basta o facto de invocar o nome da menina Lucila, para não poder eu recusar-lhe coisa alguma.

No olhar do ferido brilhou um subito relampago de alegria e de reconhecimento.

—Estou ás suas ordens, continuou o caçador. Que deverei fazer?

—Tem ido já a Saint Irun?

—Muitas vezes.

—N'esse caso deve conhecer a hospedaria, pertencente a um tal Bertaux...

—Perfeitamente. É conhecida com o nome de *hospedaria dos Dois Cães*. Na entrada principal encontra-se uma grande escada de pedra, aos lados da qual se vêem dois grandes cães, tambem de pedra, deitados como servindo de guardas da entrada.

—Exactamente isso. João Renaud: é preciso que vá immediatamente a Saint-Irun, antes de que seja ali sabida a minha morte.

—Irei.

—Que horas são?

—Devem ter batido as onze.

—Bem. Poderá chegar a Saint-Irun á uma hora da madrugada. Estará tudo dormindo na hospedaria, e é isso precisamente o que convém. Não quero que seja presentida a sua presença na hospedaria. O edificio tem uma entrada lateral, que fica de ordinario aberta durante toda a noite.

—Conheço-a.

—Penetra-se em uma especie de corredor, que conduz ás cavallariças; mas, á direita, encontra-se uma escada que dá accesso para o primeiro andar, e abi entra-se em um corredor muito comprido, que se estende para os dois lados. A' esquerda são situados os celleiros, e á direita ficam os quartos destinados para os hospedes. Comprehende?

—Perfeitamente.

—O meu quarto é o primeiro...

—O primeiro, sim... Mas a verdade é que não careço de todos esses esclarecimentos, visto que encontrarei lá o dono da hospedaria, o velho Bertaux...

—Ah! não comprehendeu a minha ideia, João Renaud. O que eu não quero de modo algum é que seja visto. Esse facto, se se dêsse, despertaria a curiosidade, e amanhã a justiça interrogal-c-hia. Seria forçado a responder, e é preciso que seja mudo, note bem, mudo! Se pronunciasse uma qual-quer palavra, uma só que fôsse, daria causa a uma desgraça horrorosa... Já não é pouco que eu morra!...

E, depois de uma breve pausa, continuou com penoso esforço:

—Sinto que me vae enfraquecendo a voz... as poucas forças que ainda me restam vão extinguir-se, e eu não lhe disse tudo ainda. Escute-me com attenção. Traz phosphoros consigo?

—Trago, sim; sou fumador.

—Bem. A porta do meu quarto é designada com o n.º 4. Deve abri-la e entrar... Na algibeira direita do meu casaco encontrará duas chaves...

João Renaud obedeceu passivamente.

—A maior é a da porta, proseguiu o ferido, cuja voz era

de momento a momento mais debil; a outra abre as duas gavetas de uma pequena secretária, existente no meu quarto. Abrirá a da direita, e encontrará ahí um grande *enveloppe*, dentro do qual existem diversos papeis muito importantes, que não podem nem devem ser lidos senão por uma pessoa unica: por Lucila Mellier. Esses papeis conteem um segredo que por ninguem deve ser conhecido, e cuja revelação á justiça teria consequencias gravissimas. João Renaud: é preciso que se apodere d'esses papeis para os entregar a Lucila Mellier, a ella só e sem testemunhas.

—Comprehendo.

—Ah! se quer dar-me a derradeira alegria, que posso ter n'este mundo, jure fazer o que lhe peço, e bemdil-o-heil!

—Juro-o! disse solemnemente o caçador.

—Obrigado, amigo, obrigado... Devo-lhe a suprema e ultima consolação. Prometta-me, jure-me tambem que a missão, de que o incumbo, e que vae cumprir, assim como tudo o que acabo de dizer-lhe, constituirão um segredo, que ficará para sempre sepultado no seu coração...

—Sim, juro-o!

—Conheço-o, João Renaud, e sei que não é capaz de faltar ao que promette... Sei que...

Um soluço cortou-lhe a palavra. A cabeça descahiu-lhe sobre o monte de pedras, João Renaud quiz levantá-lo nos braços.

—Não, disse o ferido com voz entrecortada e mal segura; estou bem assim... A respiração vae extinguir-se-me... vélam-se me os olhos... o pensamento foge-me... Sinto que me invade o corpo o frio da morte...

A voz do ferido agora era apenas um leve sôpro. Fazendo porém um esforço supremo, disse ainda:

—Não se esqueça... João... Renaud... Trata-se da felicidade... de Lucila... Parta... parta já...

—Mas eu não posso deixal-o assim! exclamou João Renaud.

—Sim, sim... deixe-me... peço-lhe...

O ferido tinha fechado os olhos; o seu corpo foi sacudido por estremecimentos violentos; depois, endireitando-se subitamente por effeito da agonia, perdeu o ponto de apoio, e rolou para sobre a terra. Soltou um suspiro, e articulou ainda o nome de Lucila...

João Renaud curvou-se sobre o corpo para o erguer e tocou-lhe com as mãos. O contacto do frio fel-o estremecer. Ergueu um dos braços do ferido, e viu que tinha um peso enorme... collocou lhe em frente da bocca uma das mãos, e conheceu que o desgraçado já não respirava...

João Renaud soltou um grito rouco, e ergueu-se de salto. Estava livido como um cadaver. Lançou um olhar desvairado em redor de si, e lançou-se correndo em direcção a Saint-Irun.

A's duas horas da madrugada um veadedor de generos, que se dirigia para o mercado de Frémicourt, viu o cadaver estendido na estrada. Depois de se certificar, de que a vida havia abandonado aquelle corpo, continuou a caminhar apressando mais o passo.

Chegado que foi á povoação, e com o espirito ainda perturbado, apressou-se a contar que fôra commettido um crime horrivel a um quarto de legua de Frémicourt, e que acabava de ver e de pôr a mão em um cadaver ensanguentado e rigido de um homem, que se achava estendido no meio da estrada.

Foi immediatamente prevenido o *maire*, que se levantou logo. Esperavam-n'o já á porta uns dez ou doze homens, en-

tre os quaes se achavam o adjunto e o guarda campestre. Todos estavam aterrorisados. Dirigiram-se em seguida com passos rapidos para o logar indicado pelo vendedor de generos, e encontraram effectivamente o cadaver.

O sangue, em que estava embebido o vestuario do mancebo, não deixava duvidas sobre o genero de morte, que o prostrara. Era evidente que fôra assassinado, e o crime devia ter sido praticado horas antes.

A pequena distancia o guarda campestre descobriu uma grande poça de sangue. E portanto fôra decerto ali que a victima cahira.

A luz do dia começava a surgir no horisonte. A breve trecho pôde ver-se na terra o signal das mãos do ferido, que procurara levantar-se. Este facto indicava que a morte não fôra instantanea, e explicava a razão por que o cadaver se achava a poucos passos de distancia da poça de sangue.

No primeiro momento podia suppôr-se que a victima conseguira pôr-se em pé, para ir cair de novo mais longe, perto do monte de pedras; mas examinando attentamente o solo, entre os dois pontos, notou-se que havia duas linhas parallelas, perfeitamente marcadas sobre a terra, e que não podiam ter sido traçadas pela victima, ainda mesmo que caminhasse de rastos.

Alem d'isto aquellas duas linhas continuas passavam por sobre umas pégadas produzidas por largas solas de sapatos, cujas taxas estavam profundamente impressas sobre a terra. Examinando attentamente aquelles vestigios, conhecia-se que a victima fôra arrastada pelo assassino ou por outra qualquer pessoa, que caminhara recuando.

Feitas estas observações, a auctoridade passou a examinar o cadaver; mas foi debalde que appellou para a memoria dos homens presentes: nenhum d'elles conhecia a victima.

Depois de uma longa hesitação, o *maire* decidiu-se por fim a fazer remover d'ali o cadaver. Improvisou-se logo uma especie de padiola, sobre que foi collocado o corpo, e o cortejo voltou em seguida a Frémicourt. Ali, a victima foi estendida sobre uma grande mesa em uma das salas da *mairie*, e coberto com um panno preto.

O guarda campestre e mais dois homens ficaram junto do cadaver. Um outro homem montou a cavallo para correr a Saint-Irun, a fim de fazer as competentes prevenções ás auctoridades judiciaes.





VIII

O pae e a filha

No mez de junho toda a gente se levanta muito cedo nos campos. O proprio sol apparece antes das quatro horas. Os ceifeiros são particularmente madrugadores, pois que querem aproveitar a frescura resultante do orvalho da noite. A herva está um pouco humida, e corta-se mais facilmente assim.

Os primeiros ceifeiros que chegaram á herdade do Seuillon annunciaram o crime, que de noite fôra commettido na estrada, entre Frémicourt e a herdade, e contaram que o *maire*, prevenido, tinha ido buscar o cadaver, que se achava depositado na *mairie*, esperando-se a todos os momentos a chegada da justiça e dos gendarmes.

—Oh! é horroroso!! exclamaram as duas creadas cheias de terror.

Lucila, que não tinha podido dormir em toda a noite, agitada como estava por negros presentimentos, a que de nenhum modo podia eximir-se, ouviu os gritos e as exclamações por

debaixo do seu quarto, e levantou-se rapidamente, lançando sobre si o primeiro vestuário, que encontrou á mão. Em seguida entreabriu a porta do quarto, e applicou o ouvido.

—Sabe-se já quem foi que commetteu o crime? perguntou uma das creadas.

—Ainda não; respondeu um dos ceifeiros. Mas naturalmente não ha de conseguir esconder-se por muito tempo.

—E a victima é conhecida?

—Não. Parece que não é pessoa d'estes sitios. A auctoridade trata de indagar...

—De que modo foi assassinado esse infeliz?

—Ao que parece, recebeu uma bala de espingarda á queima-roupa.

—E com que ideia seria commettido o crime? Para roubar?

—Está entendido. Ninguem mata um homem, só pelo prazer de o matar.

—O desgraçado era novo?

—Muito novo, sim. Parece que não tinha mais de vinte annos.

—Desgraçado rapaz!!

E recommçaram os gritos e as exclamações. Era um verdadeiro concerto de maldições e de injurias, dirigidas contra o assassino.

Lucila soltou um grito abafado, e cahiu no chão redondamente, sem sentidos.

Pedro Rouvenat, que estava tambem escutando o que em baixo se dizia, ouviu o grito de Lucila, e quasi ao mesmo tempo o ruido da queda do corpo. Sahiu precipitadamente do quarto de Jacques Melliér, onde ainda se encontrava, e correu em socorro da pobre rapariga, que encontrou inanimada. Le-

vantou-a carinhosamente nos braços, levou-a para sobre a cama, e prodigalisou-lhe os mais ternos e solícitos cuidados.

No entretanto os ceifeiros e os creados da herdade tinham deixado a sala do rez-do-chão, uns para irem para o prado e os outros para as cavallariças e curraes.

Lucila dava indícios de que ia recuperar os sentidos. Receiando as perguntas, que ella podia talvez dirigir-lhe, Pedro Rouvenat afastou-se rapidamente, e desceu ao andar inferior.

O primeiro objecto, que os seus olhos viram, foi a espingarda, de que Jacques Mellier se servira para o crime. Apresou-se a collocar-a no mesmo logar, em que a vira na noite anterior. Depois, com as mãos nas algibeiras, tranquillo, e mostrando o ar satisfeito de quem passara uma excellente noite, sahiu de casa, atravessou o pateo, e entrou nas cavallariças, que percorreu vagarosamente, lançando para todos os lados, como costumava, o seu olhar perspicaz, para verificar que tudo estava na devida ordem.

No entretanto Lucila readquirira completamente os sentidos. No primeiro momento olhou em redor de si com surpresa; depois recordou-se subitamente. Viu erguer se diante do seu espirito perturbado a implacavel verdade, como um espectro de horror. Sentiu-se esmagada sob o peso de uma desgraça medonha e irremediavel. No semblante livido transpareceu-lhe uma expressão de dôr, de desespero, e ao mesmo tempo de colera. Os seus olhos ficaram seccos, mas despediram estranhos relampagos.

Dando um pulo de pantera irritada, saltou da cama para o meio do quarto. Lançou com um movimento febril sobre os hombros os seus cabellos desgrenhados, e apertou a cabeça entre as mãos, como receiando que ella lhe estalasse.

Por fim, tomando de subito uma resolução energica, tirou

de um guarda-vestidos um traje de meia estação, e lançou-o sobre si com extraordinaria rapidez.

No momento em que punha na cabeça o seu chapéu de veludo preto, abriu-se bruscamente a porta do quarto e Jacques Mellier appareceu no limiar.

A desgraçada não viu que elle tinha os olhos cavados, e o rosto horrorosamente contrahido, nada viu... Não pensou senão no crime. No olhar fulgurou-lhe um terrivel relampago...

Com o corpo direito, e o braço estendido para seu pae, como para o afastar de si, bradou-lhe com voz rouca:

—Assassino!... assassino!!...

Jacques Mellier, que não esperava aquella exclamação de raiva furiosa, cambaleou como se acabasse de receber uma violenta pancada em pleno peito. Recuperando porém logo depois a sua implacavel energia, exclamou:

—Desgraçada!

Lucila não mudou de attitude, e repetiu com maior violencia ainda:

—Assassino!... assassino!... assassino!!...

—Miseravel! rugiu Mellier exasperado. Aquelle infame era teu amante!... Deshonrara-me... vinguei-me!...

—Sim, sim; era meu amante!

—E atreves-te a confessal-o diante de mim?!

—Amava-o! amava-o!

—Um aventureiro!...

—Amava-o!

—Um vagabundo!...

—Amava-o! amava-o! amava-o!...

—Oh! que desgraçada! bramiu Mellier surdamente. Tão baixo cahiu, que tem orgulho na propria ignominia!

—Jacques Mellier, tornou Lucila com exaltação, avançando

para elle: a tua vingança não está completa... Eu tambem sou criminosa... Vamos; satisfaz a tua raiva!...

—Oh! não me tentes! não me tentes!

—Vamos; mata-me tambem!...

Jacques, desorientado, lançou mão de uma cadeira, e levantou-a sobre a cabeça de sua filha. Pedro Rouvenat entrou n'esse momento, e impediu Mellier que despedisse o golpe.

—Tens razão, disse friamente Mellier, lançando sobre sua filha um olhar impregnado de desprezo: essa mulher está louca!

—Louca, sim, tornou Lucila; louca de dôr; louca de desespero!

—Jacques, implorou a vez soluçante do velho e honrado servidor Pedro Rouvenat: sê menos duro com a pobre menina... é tua filha!

—Não, não é minha filha essa miseravel! bradou o velho exasperado.

—Jacques, Jacques, insistiu Rouvenat: depois de uma noite tão horrorosa, podes ser implacavel? Não será chegado o momento do perdão?

Mellier estremeceu violentamente, e fez um movimento de indecisão, como se no seu coração se houvesse travado uma lucta entre dois sentimentos oppostos. Por fim, dirigindo-se á filha, disse-lhe:

—Em memoria de tua mãe; que era uma mulher digna e honesta, quero compadecer-me de ti... Não te perdôo, mas permitto-te que continues a viver n'esta casa.

—Compaixão! respondeu Lucila em tom de amarga ironia. Ah! esse sentimento nunca entrou no coração de Jacques Mellier!... Mas eu não lhe peço nada, não reclamo coisa alguma!... Não, não quero a sua compaixão!...

Jacques voltou-se para Rouvenat.

—Ouves? disse elle com voz sombria. Não é só uma desgraçada, tomada de desvairamento, é uma mulher perdida! perdida!

—Depois de me roubar a felicidade, tornou Lucila com a voz estrangulada na garganta, depois de haver tirado a vida ao homem que eu amava, julga ser muito generoso deixando-me a vida... e chama a isso compaixão!... Ah! os seus instintos são mais crueis do que os do tigre, do que os de um leão enfurecido!... Para que quero eu agora viver? Que esperança posso eu ter no mundo? Viver, para quê? Para chorar e gemer eternamente, para maldizer a existencia! Descobriu o meu segredo, e sabia que eu o enganava, que o offendera gravemente, e tinha o direito de me exigir severas contas do meu procedimento. Oh! a sua colera havia de ser terrivel, eu sabia-o; mas, na qualidade de pae, tinha o direito de punir-me, e eu teria supportado resignada e sem um lamento essa punição!...

«Mas não... não foi isso que fez... A sua crueldade sem igual quiz antes ferir cobardemente, e na sombra... Preferiu a vingança atroz, preferiu o crime!... Ah! não se enganou ha pouco, quando disse que eu era uma mulher perdida... Sim, estou perdida, perdida sem remedio! para mim não ha já futuro, não ha esperança... tudo acabou para mim!... E no entretanto poderia ter sido bem feliz a minha vida! *Elle* amava-me, e teria sido seu filho...

—Era um miseravel que te enganava!

—É falso!

—Ninguem o conhece... o miseravel occultava o seu nome!

—Não, não o occultava; elle proprio ignorava-o. Estava porém prestes a descobrir esse nome. Ia partir cheio de espe-

rança, e teria regressado muito depressa com um nome, com uma familia, com uma fortuna talvez, para lhe pedir a minha mão.

—Mentira!

—Juro-lhe que é esta a verdade!... O desgraçado não podia suppôr que o esperava a morte no meio da estrada!

E a infeliz Lucila ficou subitamente suffocada pelos soluços.

—Não quero que chores, exclamou duramente Jacques Mellier. Essas lagrimas constituem para mim um novo ultrage.

Lucila endireitou o corpo, e olhou para seu pae com expressão indignada.

—Quer tambem prohibir-me de chorar?! exclamou ella com voz vibrante. Mas então é melhor arrancar-me o coração!... Não, não mais se estancarão as minhas lagrimas!... Estou condemnada a chorar eternamente a perda do pae do meu filho!...

Esta declaração inesperada foi um verdadeiro raio que cabiu sobre a cabeça de Jacques Mellier, o qual não sabia ainda toda a extensão da desgraça de sua filha. Soltou do peito uma especie de rugido de raiva, e, com os labios tremulos e cerrados os dentes, avançou para ella com o punho levantado.

Rouvenat interveiu segunda vez, lançando-se entre o pae e a filha.

Lucila não havia feito um movimento unico para se subtrahir á violencia, que a ameaçava. A sua impassibilidade, mais horrorosa ainda do que a sua colera, parecia provocar a tempestade.

—Pedro, exclamou Jacques em um accesso de furia: já não tenho filha!

E, voltando-se para Lucila, continuou:

—Miseravel! fizeste bem ha pouco quando repelliste a minha compaixão! Não, não a sinto já por ti... Abandono-te... renego-te!... expulso-te!... Vae-te!... Leva contigo a minha maldição... Amaldiçôo-te!...

E apontou-lhe para a porta com um gesto de ameaça.

—Ah! é impossivel! exclamou o velho Pedro Rouvenat com desespero. Não, não expulsarás a tua filha... opponho-me... opponho-me eu a isso!...

—Cala-te, tornou Jacques com voz sombria e imperiosa. Não quero mais vê-la! Quero que parta... amaldiçoei-a... Ordeno-lhe que saia d'esta casa... Vá occultar onde queira a sua vergonha, o seu opprobrio!

Lucila dirigiu-se para a porta com passo firme e resolutivo. Rouvenat quiz ainda obstar a que ella sabbisse.

—Não, disse ella com resolução; não permanecerei nem mais um minuto n'esta casa!

—Mas para onde quer ir, desgraçada menina? exclamou chorando o velho servidor.

—Não sei.

—Oh! não, não partirá... Jacques, por Deus te supplico que a não deixes partir!

Mellier não fez um movimento unico, nem pronunciou uma palavra.

—Meu bom Pedro, tornou Lucila, não tente deter-me; tudo seria inutil, porque quero partir, e a minha resolução é inabalavel... Fui expulsa... fui amaldiçoada!... Adeus, Pedro... pense algumas vezes na desgraçada Lucila!

E, sabindo bruscamente do quarto, desceu rapidamente a escada. Rouvenat quiz correr em seu seguimento.

—Não, não sabirás d'aqui! lhe ordenou Mellier em tom imperativo.

O velho servidor curvou a cabeça.

A pobre Lucila saiu de casa pela pequena porta, atravessou os jardins, tomou pelo primeiro caminho que se lhe deparou, e depressa se achou fóra das dependencias do Seuilon.

Pedro tinha ficado junto de Jacques, animado pela esperança de que este lhe dissesse: «Chama-a... corre após ella». Estas palavras, porém, não foram pronunciadas.

Todavia, ao cabo de alguns momentos, Jacques Mellier foi agitado por um tremor nervoso de uma extrema violencia. Os cabellos erriçaram-se-lhe, e entrechocaram-se-lhe os dentes.

—Estás doente, Jacques? perguntou Rouvenat.

—Doente, não. Não sei porém o que sinto... Tenho abraçada a cabeça, e sinto no peito uma impressão que me despedaça, que me tortura! Perturba-se-me a vista, e não vejo senão sangue diante dos olhos!...

—Será remorso? murmurou Rouvenat.

Não foi, porém, senão um pouco duradouro o momento de fraqueza, contra o qual Jacques Mellier reagiu, e que conseguiu vencer por fim.

Logo depois encaminhou-se para o seu quarto, e Rouvenat seguiu-o. Assentou-se junto da secretaria, e abriu uma gaveta, de dentro da qual tirou duas pistolas, que collocou diante de si.

—Que queres tu fazer, Jacques? lhe perguntou Rouvenat com terror.

—Espero a chegada dos gendarmes, disse Mellier friamente. Julgas acaso que me deixarei conduzir como um ladrão, como um assassino vulgar? Já ha pouco disse: a justiça sou eu! Podem vir aqui os esbirros; lançar-lhes-hei o meu cada-ver!

—Mas ninguém sabe coisa alguma... ninguém te accusa, nem mesmo haverá quem se atreva a suppôr que fôste tu!

—Irá denunciar-me a desgraçada que acaba de sahir d'aqui, replicou Jacques surdamente.

—Jacques, exclamou Rouvenat com indignação: o que acabas de dizer é monstruoso!

Mellier encolheu desdenhosamente os hombros.

—Tem o direito de fazel-o... tornou elle com voz cava. Vinguei-me, matando o seu amante... e ella vingase, denunciando-me!

—Ah! é muito, é muito, Jacques!... exclamou o dedicado servidor, collocando-se audaciosamente em face do homem, a quem ha tantos annos servia: Trataste a tua filha com menos compaixão do que terias por um cão... Expulsaste-a de casa, lançaste a tua maldição sobre a sua cabeça, e agora insulta-la!... Sabia-te irritavel, violento, colerico... mas agora fôste mais do que tudo isso... fôste feroz... Ah! apesar de toda a minha dedicação, apesar do affecto que ha tantos annos te consagro, tenho agora receio de te julgar odioso!...

O relampago, que fulgurava nos olhos de Jacques, extinguiu-se. Agora era Rouvenat que o dominava. O desgraçado deixou cahir a cabeça sobre as mãos.





IX

Uma visita matinal

Pedro Rouvenat retirou-se em seguida, e desceu á grande sala do rez-do chão. Logo depois a porta abriu-se, e o caçador de lobos entrou na herdade.

O pobre homem parecia extenuado de cansaço.

—Bom dia, sr. Rouvenat, disse elle descobrindo-se. Como passa?

Pedro Rouvenat tinha já tido tempo para dar ao rosto uma expressão de bom humor e de despreocupação.

—Muito bem, amigo João Renaud. De mais estou contente por ver que se prepara um bello dia de sol para os nossos feno. Que bom vento o traz por cá tão cedo, amigo João Renaud?

—Fui a Frémicourt, onde tinha uma commissão a desempenhar, e na volta tomei o caminho da herdade... Bem sabe, o habito...

—Ah! isso é louvavel da sua parte, João Renaud. Vê-se que não esquece os amigos.



— Assassino! . Assassino!!... (Pag 77)

—Terei muitos defeitos, sr. Rouvenat; mas não tenho o da ingratitude.

—Que ha de novo em Frémicourt?

—Nada bom, sr. Rouvenat.

O velho servidor da herdade não pôde deixar de estremecer violentamente.

—Que quer dizer? perguntou elle, fingindo-se surprehendido.

—Não sabe então ainda...?

—O que? que foi o que aconteceu?

—Oh! uma grande desgraça.

—Um incendio?

—Peor, peor ainda.

—Mas emfim; que foi o que aconteceu?

—Commetteu-se um crime horroroso.

—Um crime?

—Infame e abominavel! É a primeira vez que uma coisa semelhante acontece por estas cercanias. Um homem foi assassinado!

—Oh! é horrivel! E já está descoberto o assassino?

—Não. E até mesmo tenho minhas razões para suppôr, que nunca chegará a ser descoberto.

—Hum! a justiça tem bons olhos, e sabe procurar.

O matador de lobos abanou a cabeça em ar de duvida.

—Não, disse elle; d'esta vez nada encontrará!

Rouvenat approximou-se de João Renaud, e olhou para elle fixamente, como tentando ler-lhe no pensamento.

O caçador porém, tinha o semblante envolvido em um véu impenetravel.

—Não fallemos mais n'isso, disse este ultimo em tom quasi indifferente. Por quem seria esse homem assassinado? Com

que fim? Nada temos nós com isso, tanto mais que não podemos restituir á vida o desgraçado...

—Infelizmente! respondeu Rouvenat com um accento doloroso, que não passou desapercibido para o caçador de lobos.

—Como está o sr. Mellier? perguntou este ultimo depois de uma breve pausa.

—Está bem, João Renaud; obrigado.

—Já partiu para o campo?

—Ainda não. Está lá em cima tratando das suas contas. Se tem alguma coisa para dizer-lhe, irei já já dizer-lhe que venha fallar-lhe.

—Não, sr. Rouvenat, não o incommode. E a menina como vae?

—Tambem está bem, graças a Deus.

—Já deve estar levantada, e não tardará a apparecer, não é verdade? Se m'ò permittre esperarei um momento por ella.

—Tem precisão de fallar lhe?

—Tenho um recado de Genoveva para ella.

—Chegou tarde para esse fim, meu caro João Renaud.

—Oh! eu estava com receio de chegar um pouco cedo, sr. Rouvenat. Sei que a menina Lucila nem sempre é a primeira a levantar-se na herdade.

—Por excepção hoje teve de ser a primeira a deixar a cama, a fim de se preparar para a sua jornada, e partiu ao amanhecer.

No semblante de João Renaud transpareceu a mais viva contrariedade.

—Fallei hontem ao anoitecer com a menina Lucila, replicou elle, e não me deu ideia alguma de que tão depressa tivesse de fazer uma jornada!

—A essa hora ainda ella não sabia coisa alguma. Só mais tarde lhe foi entregue a carta, que a obrigou a partir.

João Renaud dava voltas ao chapéu, sem bem saber o que fazia.

Parecia aterrado.

—Será muito prolongada a sua ausencia? perguntou elle por fim.

—Não sei; oito dias... quinze talvez...

—Foi então para muito longe?

—Foi para a Champagne. Uma das suas amigas de collegio está perigosamente enferma, e chamou Lucila para junto de si. A coisa comprehende-se bem; uma amiga prestes a morrer, que nos chama... não podemos deixar de correr ao chamamento. É dever. Mellier ainda quiz pôr obstaculos; mas por fim consentiu, e a menina lá foi.

—Se eu soubesse... murmurou o caçador de lobos, cuja perturbação era visivel, teria chegado aqui uma hora mais cedo!

—E ainda a encontrava na herdade.

—Emfim, que fazer?

—A sua mulher não fica de certo muito contente, quando souber...

—Não fica, não; mas a verdâde é que eu não podia prever... não foi minha a culpa.

—Tratava-se então de uma coisa muito importante?

—Muito importante, sim, ao que parece... replicou o matador de lobos.

—Amigo João Renaud: a demora será apenas de alguns dias...

—Sim, tem razão, sr. Rouvenat... Eis o sol que começa a subir; vou para o meu trabalho. Até mais ver, sr. Rouvenat.

E ia retirar-se.

Quando ia já transpôr o limiar da porta, voltou à recta-guarda, e disse:-

—Ah! esquecia-me... esquecia-me de que deixei hontem aqui a minha espingarda.

—O que? murmurou Rouvenat, que estremecera violentamente.

—Hontem, tinha uma commissão a desempenhar em Terroise, e, como a espingarda não podia servir-me senão de estorvo, deixei-a ficar aqui.

E, approximando-se do canto da sala, em que se achava encostada a espingarda, lançou mão d'ella, mostrando a intenção de a levar comsigo.

Rouvenat sentiu que se lhe gelava subitamente o sangue nas veias, ao mesmo tempo que sentia o suor frio a correr-lhe em gottas grossas como punhos ao longo das faces.

Só então acabava de descobrir, que Jacques Mellier se servira da espingarda de João Renaud para commetter o crime.

Apoderou-se d'elle uma horrorosa angustia, e julgou que ia perder os sentidos.

Fazendo porém um esforço, conseguiu mostrar-se impassivel.

Felizmente João Renaud, que nada mais tinha a dizer, retirou-se logo, e sabiu da herdade.

O pobre Pedro Rouvenat limpou o suor, bebeu um grande copo de agua, e deixou-se cahir como prostrado sobre um dos bancos de madeira, que se achavam em volta da mesa.

—Meu Deus, meu Deus! que vae acontecer? disse elle de si para si. Se João Renaud vê que a sua arma está descarregada, comprehenderá desde logo que alguém se serviu d'ella... Seguir-se-hão depois explicações... aproxima-

ções... Ha de querer saber... Virá aqui a justiça interrogar... Valha-me Deus! e elle que quer suicidar-se!.. Que fazer, meu Deus? que fazer?...

Foi subitamente distrahido dos seus lugubres pensamentos pela entrada de um dos creados da herdade, que ia receber d'elle as competentes instrucções para o serviço do dia.

Logo que Ronvenat se retirara, Jacques Mellier tinha carregado as suas pistolas até á bocca. Depois, lançando mão de uma folha de papel, começara a escrever com mão febril.

Ao que parecia estava consignando no papel as suas ultimas vontades.



X

O esconderijo

Quando recolhia a sua casa, em Civry, João Renaud encontrou sua mulher dominada por uma inquietação mortal.

Era evidente que Genoveva havia chorado durante uma parte da noite. Tinha os olhos vermelhos, e até mesmo nas faces se lhe viam vestígios de lagrimas recentes.

João Renaud foi encostar a espingarda em um canto da casa, lançou o chapéu para sobre a cama, e assentou-se extenuado de cansaço.

—Então que é isso? disse elle para sua mulher. Não vens beijar-me?

—Não, não o mereces, respondeu Genoveva.

—Ora vamos, venha cá, sr.^a agastada.

Genoveva aproximou-se e deixou-se beijar.

—Em que estado tu vens, João! tornou ella. Parece que andaste a rolar-te pelo chão... Estás cheio de terra no fato, no cabello...

—Bem sabes que não tem chovido, e que as estradas estão cobertas de poeira.

—E estás pallido, prostrado...

—Efeito do cansaço.

—Não és rasoavel, João... Deixares-me assim, inquieto, a esperar durante uma noite inteira!... Não me foi possível adormecer... estava assustada...

—Mas isso é creancice, minha pobre Genoveva... Bem devias suppôr, que eu não me perdera.

—Tinhas sahido d'aqui para ires em busca de um lobo, e... uma desgraça acontece às vezes tão depressa e tão facilmente...

—Mas agora estás tranquillizada, não é verdade?

—Sim, mas... quereria saber onde foi que passaste a noite...

—Serás acaso ciumenta?

—Bem sabes que não. Todavia...

—Não te lembraste de que tinha de ir a Terroise?

—Lembrei, sim; mas, admittindo todas as demoras possíveis e imagináveis, deverias estar aqui de volta antes das onze horas da noite.

—Eu te digo... Passei no Seuillon, e ahí... bebi uma garrafa de vinho inteira á saude da menina Lucila e á tua. A proposito: a menina Lucila partiu hoje para a Champagne.

—Outra vez?

—Ao que parece, foi ali chamada a toda a pressa, por causa de uma das suas amigas de collegio, que está gravemente doente.

—Bem. E depois?

—Depois, na passagem por Frémicourt, entrei no moinho. Hoje mesmo deve o moleiro trazer aqui a farinha, que hoje mesmo ou amanhã poderás coser. Por fim fui a Terroise, e...

—E ficaste lá, não é assim?

—Exactamente,

—Sem pensares em mim, e sem mesmo te lembrares de que eu ia ficar cheia de inquietação por não te ver apparecer. Ah! bem vêes que é com razão que digo que não és razoavel.

João Renaud parecia perturbado, e vivamente constrangido.

—Naturalmente entraste em uma taberna qualquer... bebeste um pouco mais do que costumas, e embriagaste-te...

—É verdade, confesso... Senti-me um pouco incommodado, e não pude voltar.

—Já vêes que era com razão que eu estava inquieta... E o peor é que não estás ainda completamente restabelecido... Tens ainda no olhar uma expressão estranha...

—Tens razão; ainda não estou de todo bom.

—Tens de certo necessidade de comer... Que é o que queres? Tenho ali um bocado de toucinho, e queijo... Queres que te prepare uma boa sopa?

—Sim, faz isso.

A casa compunha-se unicamente de dois compartimentos terreos, com uma especie de agua-furtada, para a qual se subia por meio de uma escada de mão.

João Renaud passou para o segundo compartimento, onde tinha, como unica mobilia, um pobre catre, quatro cadeiras de palhinha, e uma velha caixa de madeira pintada de vermelho escuro.

Genoveva tratava de preparar o almoço.

João Renaud havia fechado a porta atraz de si, e achava-se agora só.

Tirou da algibeira um maço volumoso, que continha os papeis que, durante a noite, fôra buscar ao quarto que o mancobo assassinado occupava na hospedaria de Saint Irun.

Como não pudera fazer entrega d'aquelles tão importantes papeis a Lucila Mellier, conforme o compromisso que tomara, João Renaud achava-se n'aquelle momento em um grande embaraço.

As palavras do moribundo resoavam lhe ainda nos ouvidos, e João Renaud comprehendia perfeitamente que, depositario d'aquelles papeis, e sobretudo do terrivel segredo que elles continham, tinha sobre si uma grave responsabilidade.

A verdade era que não podia trazel-os comsigo, porque podia perdêl os.

Ao mesmo tempo receiava que, se os collocasse no armario ou na caixa de madeira, ou em qualquer outro sitio, sua mulher os encontrasse facilmente.

Tinha uma grande confiança em Genoveva, e julgava-a capaz de guardar um segredo; mas havia promettido nada dizer a pessoa alguma sem excepção, e elle era escravo da sua palavra.

Ora, sendo certo que não podia revelar a existencia dos mysteriosos papeis, precisava a todo o transe furtal-os aos olhares de Genoveva, durante todo o tempo por que se prolongasse a ausencia de Lucila Mellier.

Genoveva, como todas as filhas de Eva, devia ser curiosa, e tinha de mais a mais sobre seu marido a grande vantagem de saber ler. E portanto João Renaud, obrigado a calar-se, tinha a receiar a descoberta do segredo, de que era depositario, e tambem as indiscrições, que podiam seguir-se.

Esta ideia fazia-o tremer, por isso que o moribundo lhe havia dito que a revelação do segredo teria consequências horrorosas.

Os nossos leitores de certo comprehendem quão perplexo e inquieto devia estar o pobre João Renaud, que tão serio e direito era em todas as suas coisas.

Não era homem de imaginação fertil, e nem mesmo possuía de modo algum o que se chama genio inventivo.

Nas ultimas horas, com o espirito sobreexcitado, havia feito mais reflexões do que durante toda a sua vida.

O pobre homem tinha o cerebro muito perturbado, e estava já quasi incapaz de pensar.

No entretanto queria a todo o transe pôr em logar seguro os famosos papeis.

Machinalmente abriu a caixa pintada de vermelho escuro.

Não esperava encontrar ali um esconderijo segundo os seus desejos; mas deparou com uma caixa de folha de Flandres, de que sua mulher se servia para guardar as sementes dos fructos da horta. N'aquella occasião estava vasia.

João Renaud apressou-se a abrir a caixa e a guardar ali os papeis, fechando-a em seguida.

Lembrou-se porém de que sua mulher podia de um momento para o outro carecer da caixa, e esta ideia fel o cahir de novo nas suas perplexidades.

Concentrou então todas as faculdades do seu espirito tão pouco inventivo, e fez um ultimo e prodigioso esforço no intuito de imaginar alguma solução mais satisfactoria.

Ao cabo de alguns momentos a ideia surgiu, e João Renaud ficou tão contente comsigo proprio que descerrou os labios em um sorriso de triumpho.

E realmente, depois de uma tão grande dificuldade vencida, tinha o direito de se sentir satisfeito e orgulhoso.

E ia pôr imediatamente em execução a sua ideia, quando sua mulher o chamou.

A sopa estava prompta, e esperava-o fumegando sobre a meza.

O marido e a mulher almoçaram quasi alegremente. A refeição durou apenas um quarto de hora.

—João, disse Genoveva no momento em que se levantava da meza: vou ao rio lavar uma pouca de roupa. No entanto deverias tu metter-te na cama, e dormir uma hora ou duas. Estás ainda muito fatigado, e ficarias depois melhor.

—Sim; mas isso não seria muito do agrado do nosso vizinho, a quem prometti ir ceifar o feno do prado de Thiés.

—Começarás esse trabalho um pouco mais tarde, e se não puderes acabar-o hoje, continual-o-bas amanhã. Uma pequena demora de duas ou tres horas não faz mal. Outro tanto não aconteceria, se o tempo ameaçasse chuva.

—Pois sim; farei o que quizeres. Estás contente.

—Estou, sim. Até logo.

Em seguida foi buscar a trouxa de roupa e o sabão, e partiu.

—Agora posso trabalhar sem receio de ser incommodado, disse o honesto João Renaud em seguida de si para si.

E passou ao quarto contiguo.

O solo do primeiro compartimento era um composto de terra, de areia e de cimento, tudo muito batido, de maneira a formar um todo muito unido e consistente. O segundo compartimento tinha o luxo de um sobrado de madeira.

João Renaud foi buscar a uma gaveta do armario uma

grande thesoura e um martello, e tratou de levantar uma das taboas, que se achavam juntas á parede, o que conseguiu ao cabo de alguns esforços. Feito isto, correu á caixa encarnada, tirou de dentro o pequeno cofre de folha, e voltou a collocar-o em uma cova, que abriu na terra, no logar que a taboa occupava.

Depois lançou a terra proveniente da excavação por sobre o cofre, nivelou com as mãos o terreno tanto quanto lhe foi possivel, e por fim pregou de novo a taboa no sobrado.

O olhar mais exercitado não poderia de modo algum adivinhar que especie de operação acabava de ser feita ali.

Agora estava João Renaud bem certo de que sua mulher não encontraria os papeis. Podia pois dormir descansado.

E, ou porque tivesse realmente este pensamento, ou porque quizesse seguir o conselho que lhe dera Genoveva, lançou-se mesmo vestido sobre a cama e adormeceu.

Quando, duas horas depois, Genoveva entrou de novo em casa, ainda elle dormia profundamente. Eram nove horas.

Ás dez horas acordou.

Genoveva estava trabalhando assentada junto da cama.

—Não passaste em Frémicourt, João Renaud? lhe perguntou ella.

—Passei, sim, respondeu elle. Porque me fazes essa pergunta?

—Porque foi commettido na noite passada um crime horrivel; e tu nada me disseste.

João Renaud saltou da cama.

—Não sabias? tornou Genoveva.

—Sabia, sim, respondeu elle com modo um pouco brusco. Não quiz dizer-te nada para não te aterrorisar.

—Diz-se que foi um rapaz muito novo ainda, que foi assassinado a muito pequena distancia do Seuillon.

—Sim, diz-se isso.

—Que grande desgraça!

—E' verdade, murmurou elle. Mas tambem é verdade que nós nada podemos fazer a isso. E portanto não devemos estar a apoquentar-nos.

Depois de pronunciar estas palavras, lançou mão da foice e sahiu.





XI

A devassa

Depois de haver adoptado as necessarias providencias para que a justiça de Vesoul fôsse prevenida com a maior brevidade possivel, o juiz de paz de Saint-Irun pôz se a caminho para Frémicourt, onde chegou perto das oito horas, vinte minutos depois dos gendarmes que por sua ordem, se haviam tambem dirigido para ali, afim de auxiliarem o *maire*.

O juiz installou-se em uma das salas da *mairie*, e, em quanto não chegavam os magistrados de Vesoul, deu começo ás investigações.

Ouviu pois successivamente o *maire*, o guarda campestre, e dois ou tres dos homens que haviam acompanhado aquelle ao lugar, em que o cadaver fôra encontrado, tendo o cuidado

de tomar nota das observações por elles feitas. Entendeu porém que devia ir pessoalmente verificar a exactidão das coisas observadas, e dirigiu-se tambem para o logar do crime, acompanhado sómente pelo *maire*, pelo guarda campestre, e pelo cabo commandante da força de gendarmes. Ali, confrontando as suas notas com as suas proprias observações, verificou que o relatorio do *maire* era perfeitamente exacto. Quiz porém encontrar mais alguma coisa...

A victima tinha sido ferida pelo peito. Antes da chegada dos magistrados, não se atrevera a fazer despir o assassinado; mas pudera ainda assim reconhecer facilmente que o instrumento do crime fôra uma espingarda carregada com uma bala. E portanto o assassino esperara a victima na estrada. Restava saber se o desgraçado voltava de Civry ou se se dirigia para ali.

No primeiro caso tinha-se collocado além da poça de sangue para o lado de Frémicourt; no segundo caso para o lado de Civry.

O grupo procedeu a um exame minucioso sobre o terreno n'aquellas duas direcções, tanto na estrada, como nos campos que a bordavam. Mas a herba tinha sido ali cortada dois ou tres dias antes, e portanto não era facil reconhecer os vestigios da passagem do assassino.

O juiz de paz estava fazendo esta observação com um certo despeito, quando o cabo de gendarmes soltou subitamente uma exclamação. A pequena distancia da poça de sangue acabava de encontrar, para os lados de Frémicourt, um pedaço de papel meio queimado.

Não havia que duvidar: aquelle papel era o resto do involucro do cartucho.

O gendarme entregou aquelle objecto ao juiz de paz, que

se apressou a guardal-o muito cuidadosamente na carteira.

Ao mesmo tempo acabava de descobrir-se tambem que a victima, no momento em que fôra ferida, se dirigia para Frémicourt.

—Sr. *maire*, perguntou o juiz de paz: que gente é aquella que anda trabalhando lá em baixo, a pequena distancia da ribeira?

—São creados e jornaleiros do Seuillon, respondeu o *maire*.

—Bem; vamos interrogal-os.

Os quatro homens dirigiram-se atravez do prado para os trabalhadores, os quaes, vendo que as authoridades se encaminhavam para elles, se reuniram em um grupo unico, no meio do qual se achava Pedro Rouvenat.

O juiz de paz conhecia-o muito bem, e sabia quão importantes eram as funcções por elle desempenhadas no Seuillon.

—Como está o sr. Mellier? lhe perguntou elle com interesse.

—Muito bem, sr. juiz de paz, respondeu Pedro Rouvenat, fazendo appello a toda a sua serenidade.

—Elle de certo tem já conhecimento do terrivel acontecimento da noite passada...

—Soubemos-l'o hoje de manhã pelos nossos ceifeiros de Frémicourt, e ficamos todos consternados.

—Ah! comprehendo isso perfeitamente. Felizmente nos nossos sitios não são frequentes estes factos desgraçados. Mas desejaríamos precisar a hora justa, em que o crime teria sido commettido. Algum dos homens presentes ouviria alguma coisa suspeita durante a noite?

Os trabalhadores entreolharam-se como para se interrogarem.

—Nada, nada absolutamente, responderam.

—N'esta epocha, sr. juiz de paz, tornou Pedro Rouvenat, todos os habitantes da herdade se deitam muito cedo, para poderem estar a pé antes de apparecer o sol. Às dez horas da noite já tudo está dormindo, e não preciso dizer-lhe como dormem profundamente homens, que trabalham durante doze ou quatorze horas em cada dia, debaixo do sol abrasador do mez de junho.

—Sim, avalio isso. Mas algum dos presentes não viu por aqui ultimamente alguma cara suspeita?

As respostas foram todas negativas.

—Não viram algum homem de espingarda ás costas? tornou o juiz de paz.

—Vi eu João Renaud, de Civry, disse uma das mulheres presentes, e levava a espingarda.

Rouvenat estremeceu, mas o juiz de paz fez um movimento significativo, que o tranquillizou.

—Tambem eu vi João Renaud, disse um dos creados da herdade, e affirmo que n'essa occasião não levava elle a espingarda.

—Estava eu contigo, disse um outro. João Renaud deu-nos dois dedos de conversa, e é certo que não levava a espingarda.

—Pois eu estou muito certa do que digo, tornou a mulherzinha. E tanto isto é assim, que João Renaud me contou que tinha andado durante todo o dia em perseguição de uma loba no bosque de Sueure.

—Isso nada vale, replicou o juiz de paz. Na questão de que nos estamos occupando, não se trata do caçador de lobos. É então certo que nada ouviram? que nada sabem?

—Nada absolutamente, sr. juiz de paz.

O juiz de paz e os seus companheiros voltaram em seguida a Frémicourt, caminhando ao longo da ribeira Sa-bleuse.

Ao meio dia chegaram o procurador da republica, e o juiz de instrucção com o seu secretario, acompanhados por um medico de Vesoul. O juiz de paz entregou-lhe as suas notas, affirmando que verificara pessoalmente a sua exactidão.

Em seguida mostrou-lhes tambem o involucro do cartucho, dizendo-lhes de que modo e em que sitio fôra encontrado.

Era facil reconhecer que aquelle pequeno bocado de papel pertencia a um numero de jornal. Uma das suas extremidades, collada em uma parte do papel, indicava que aquella porção de jornal havia sido preparada em fôrma de cartucho cónico. Não podia porém adivinhar-se qual o uso para que precedentemente servira aquelle pequeno sacco, e qual a substancia que guardara.

No entretanto, tendo o juiz apresentado a ideia de que poderia muito bem ter sido tabaco, todos partilharam aquella opinião. E portanto, se esta supposição era verdadeira, parecia evidente que o assassino era fumador.

—Reservo-me para continuar ulteriormente o estudo d'este papel, disse o juiz. Procurando bem talvez nos seja possivel descobrir a que jornal pertence, e em que casa de venda de tabacos seria fabricado o cartucho. N'estas questões não deve perder-se o mais pequenino detalhe. Os mais infimos detalhes teem ás vezes uma grande importancia.

Procedeu-se em seguida ao exame do cadaver, e coube então a palavra ao medico.

Este ultimo abriu o vestuario da victima, cortou uma parte da camisa collada sobre o corpo, limpou as manchas de sangue coagulado, e descobriu por fim o buraco aberto pela bala.

Explicou em seguida a posição em que o corpo devia achar-se no momento em que fôra ferido, e fallou com grande sciencia dos estragos immediatos causados no organismo pela entrada do projectil, estragos que não podiam deixar de causar a morte ao cabo de alguns minutos.

—Agora é preciso extrahir a bala, disse o procurador da republica.

O doutor lançou mão da sonda e introduziu-a na ferida.

Depressa encontrou o projectil, que se havia alojado um pouco abaixo do coração. Fez depois duas incisões profundas afim de alargar um pouco mais a ferida, e fez uso em seguida de um novo instrumento. Passados apenas dois minutos entregava a bala nas mãos do juiz de instrucção.

Em seguida foram revistadas as algibeiras do morto. De uma foi tirado um lenço branco, sem marca e da outra um canivete. Em uma das algibeiras do colete achavam-se algumas pequenas moedas de prata munda, formando a somma de seis francos e cincoenta centimos.

E nada mais.

Devia suppôr-se que a victima levaria comsigo uma somma de certo muito mais avultada, e provavelmente joias tambem, pois que de outro modo não existiria o incentivo do crime, ou pelo menos este não teria uma causa apreciavel.

Procedeu-se depois ao exame da roupa branca, que, como o lenço, não tinha tambem uma qualquer marca. E portanto nada havia que pudesse servir para se estabelecer a identidade do morto. Os magistrados achavam-se em face de um cadaver desconhecido, e em presença de um crime que parecia estar envolvido em um mysterio impenetravel.

O juiz de instrucção reflectia, comprehendendo bem que

n'aquella questão iam erguer-se diante d'elle enormes difficuldades.

—Não ouviu já dizer alguma coisa? perguntou o procurador da republica, voltando-se para o *maire*.

—Nada, senhor.

—E' preciso que os gendarmes montem já a cavallo, disse o juiz de instrucção, e partam para Civry, e successivamente para todas as communas das immediações. E' impossivel que este pobre rapaz não fôsse visto em qualquer parte no dia de hontem.

Depois, dirigindo se ao secretario, continuou:

—Queira escrever os signaes caracteristicos da victima.

O secretario dispôz-se para obedecer.

N'aquelle momento o guarda campestre entreabriu a porta, e disse:

—Está lá em baixo um homem de Saint-Irun, que pede licença para ver o cadaver.

—Mande entrar, disse o procurador da Republica, depois de haver consultado com o olhar o juiz de instrucção.

Passado apenas um momento um homem baixo, repleto, de rosto muito avermelhado, e com uns olhinhos muito vivos, appareceu no limiar do quarto funebre com o chapéu na mão.

O juiz de instrucção dirigiu-se pressurosamente ao seu encontro.

—E' de Saint-Irun? lhe perguntou elle.

—Sou, sim, senhor.

—Que profissão é a sua?

—Estalajadeiro, como era tambem meu pae. Sou eu o dono do hotel dos Dois Cães Brancos. O meu nome é Bertaux.

—Muito bem. Que razão tem para desejar ver a victima?

O estalajadeiro, um pouco perturbado, olhou com um certo receio em redor de si.

—Sr. Bertaux, tornou o magistrado: queira responder-me... Sou o juiz de instrução.

O homemzinho deu um passo á rectaguarda, e curvou-se em uma saudação cheia de humildade.

—Vou narrar a coisa, sr. juiz, disse elle endireitando se. Como já tive a honra de declarar ao sr. juiz, sou estalajadeiro, como já era tambem meu pae. Ora haverá uns dois mezes aluguei um dos quartos da minha casa a um moço forasteiro, que se comportou sempre muito bem comigo, porque me pagou sempre pontualmente, e nunca me causou nem o mais leve incommodo. Hoje de manhã á hora do almoço mandei uma das minhas creadas ao quarto d'elle prevenil-o de que estava na meza o almoço. A creada chegou á porta, e chamou por elle, e não obteve resposta alguma. Por fim, zangada—a creada tem mau genio—veiu dizer-me que fôsse eu chamar o sr. Edmundo.

—Ah! chama-se Edmundo?...

—É verdade, sr. juiz.

—Edmundo, de que?

—Isso agora não sei eu, sr. juiz; nunca soube o seu appellido de família.

—Bem; continue.

—Chamei imbecil á creada Suzanna, e, como não queria estar a discutir, fui eu proprio chamar o hospede. Bati, chamei, e nada de resposta. A chave estava na fechadura. Abri a porta, e entrei... Não vi ninguem... Olhei em redor de mim, e vi que tudo estava em perfeita ordem; a propria cama não estava desfeita. Coisa extravagante! disse eu com os meus botões. E fiquei um bocado sem saber o que devia pensar.

De subito occorreu-me uma ideia, e confesso que estremeci, e que se me eriçaram os cabellos na cabeça. . . Acabava pouco antes de saber, que fôra assassinado um hemem na estrada perto de Frémicourt.

—E lembrou-se de que a victima podia ter sido o seu hospede?

—Exactamente, sr. juiz.

O juiz de instrucção desviou-se um pouco, e apontando para o cadaver que se achava estendido sobre a meza, disse para o estalajadeiro:

—Está ali. Veja se o reconhece.

O estalajadeiro avançou alguns passos, lançou os olhos para o corpo, e exclamou em seguida:

—Oh! é elle!!





XII

O juiz de instrucção

Os magistrados passaram em seguida para uma sala contigua áquella em que se encontrava o morto, e assentaram-se todos em volta de uma grande meza que ali se achava.

O juiz de instrucção continuou a interrogar o estalajadeiro Bertaux.

—Está bem certo e seguro de que o cadaver que acaba de ver, é o do seu locatario?

—Certissimo, sr. juiz.

—Já disse ha pouco que não lhe conhecia senão o nome de Edmundo, o portanto parece-me desnecessario perguntar-lhe se conhece a familia d'elle. Póde dizer-me onde elle residia ha dois mezes, antes de ser seu locatario?

—Sei apenas que chegava de Reims, na Champagne.

—Bem; é um esclarecimento. Escreva, e não deixe de mencionar todos os detalhes, sr. secretario. O seu hospede recebia cartas?

O gordo Bertaux abanou a cabeça.

—Creio que escrevia muitas, que, ao que parece, ficavam sem resposta, respondeu elle. Só me consta que recebesse uma unica, e foi, creio eu, ante-hontem.

—Como não tinha em seu poder essa carta, é possível que a encontremos no seu domicilio, disse o juiz de instrucção voltando-se para o procurador da republica.

E, dirigindo-se de novo ao estalajadeiro, perguntou-lhe:

—Sabe a razão por que esse rapaz fôra installar se em sua casa, em Saint-Irun?

—Não sei, sr. juiz.

—Em que se occupava?

—Em escrever constantemente. De certo gastava papel ás resmas!

O secretario, que passava tambem a sua vida a escrever, fez uma careta.

O procurador da republica e o juiz de instrucção sorriram.

—Pelo exame da sua roupa e das suas mãos, que eram finas, brancas e bem cuidadas, tornou este ultimo, parece evidente que era rico...

—Não sei, sr. juiz.

—No entretanto disse ha pouco que elle era muito pontual nos seus pagamentos.

—Ah! isso era, pagava de quinze em quinze dias. E era um rapaz muito arranjado, muito correcto na sua maneira de viver.

—Possuia algumas joias? um relógio, por exemplo?...

—Nunca vi que elle tivesse nada d'isso.

—Julga que o roubo será o motivo do crime?

—Sobre esse assumpto nada posso dizer.

—Sabe onde elle iria hontem de dia?

—Não sei, senhor. Partira depois do almoço, e só voltara a casa ás seis horas para o jantar. Hoje de manhã, como já disse, julgava eu que elle estivesse no seu quarto.

—O seu hospede sahia muitas vezes de noite?

—De noite, não sei: nunca dei por isso; mas de dia sahia algum's vezes.

—Eram muito prolongadas as suas ausencias?

—Demorava-se fóra muitas horas, e ás vezes todo o dia.

—Sabe onde ia?

—Não sei, senhor.

—Muito bem, sr. Bertaux. Tem mais alguma coisa a comunicar á justiça?

O estalajadeiro coçou atraz da orelha, e depois de uma breve hesitação, decidiu-se a responder:

—Tenho, sim, sr. juiz.

—Estamos promptos a ouvi-lo, sr. Bertaux. Falle.

—Depressa foi sabido em Saint-Irun que o meu locatario havia desaparecido. Uma velha, que ali é conhecida com o nome de Suissa, porque é natural do paiz que fica além das montanhas, veio procurar-me e disse me:

«—Visinho Bertaux: diz-se que o rapaz, que era seu hospede, fóra assassinado na noite passada, perto de Frémicourt.

«—Elle não dormiu aqui, respondi eu, e póde muito bem ser que essa desgraça tenha acontecido.

«Em seguida a Suissa, baixando a voz, disse-me quasi ao ouvido:

«—A' uma hora da noite vi eu sahir mysteriosamente de sua casa um homem pela porta pequena.

«—Ah! era elle então? era o meu hospede!

«—Não, não era.

Como bem pôde suppôr-se, os ouvintes escutavam as palavras do estalajadeiro com uma curiosidade anciosa.

Este ultimo continuou:

—A mulherzinha baixou mais ainda a voz, e disse-me:

«—Era o caçador de lobos.

O juiz de instrucção levantou-se bruscamente. O *maire* e o juiz de paz trocaram entre si um olhar de surpresa.

Só o procurador da republica ficou impassivel.

—Que qualidade de homem é esse a quem dá o nome de «caçador de lobos»? perguntou o juiz.

O *maire* tomou a palavra para responder a essa pergunta, dizendo:

—E' um antigo militar, um excellente homem, muito sociegado e muito honrado, que é muito conhecido por estes sitios. Chama-se João Renaud, e reside na povoação de Civry.

—Por que razão lhe dão o nome de caçador de lobos?

—Nos ultimos annos tem apparecido por estes sitios muitos lobos, que tem causado graves prejuizos aos nossos cultivadores, dizimando lhes os rebanhos. João Renaud, que é homem robusto, corajoso e bom atirador, teve a excellente ideia de se dedicar á caça d'esses animaes. E nos ultimos tres annos tem já dado cabo de dez ou doze.

O juiz de instrucção ficou silencioso durante alguns momentos.

Por fim disse:

—De sorte que esse homem reside em Civry, e foi visto em Saint-Irun no meio da noite, na occasião em que sahia mysteriosamente da casa do sr. Bertaux; isto é, procurando não ser visto nem reconhecido. Este facto, meus senhores, é de uma extrema gravidade.

—Não creio que possa haver a mais leve suspeita com respeito a João Renaud, replicou vivamente o *maire*.

—Até informações ultteriores, sr. *maire*, respeitamos a sua opinião, que, de certo com justiça, é favoravel a esse homem. Mas a verdade é que foi commettido um crime atroz, e que o nosso dever é aproveitarmos todos os factos e indicios, que por ventura possam conduzir-nos á descoberta do criminoso.

E com effeito a revelação do estalajadeiro tinha um caracter de grande gravidade.

O juiz de paz entendeu que não podia deixar de expôr logo ali o que horas antes fôra dito na sua presença no prado do Seuillon, com respeito a João Renaud. Contou pois fielmente as palavras da mulher e dos dois creados da herdade. A expressão de severidade mais se accentuou ainda no semblante do juiz de instrucção.

—Outra vez João Renaud! disse elle. Esse homem parece apparecer n'esta questão fatalmente. Até mesmo se falla já em espingarda. Ora a victima foi ferida com uma bala de espingarda, o que constitue uma nova prevenção contra João Renaud cuja espingarda naturalmente deve andar carregada convenientemente para a caça ao lobo. Uma mulher diz: «vi João Renaud, e levava a espingarda». Dois homens, que tambem o viram, affirmam que a não levava. Precisamos esclarecer este facto.

Um dos homens, que o *maire* incumbira de guardar o morto, avançou para a mesa dos magistrados.

—Meus senhores, disse elle: vi eu João Renaud hontem á noite em Frémicourt, caminhando em direcção para o moinho. Posso certificar, que não levava comsigo a espingarda.

—Que horas eram? perguntou o juiz.

—Ao certo não posso dizer; mas era já noite.

—Sr. *maire*, disse o juiz: tenha a bondade de dar as suas ordens para que se apresente immediatamente aqui o moleiro.

O *maire* sahiu da sala, e voltou minutos depois acompanhado pelo moleiro, que encontrara no grupo dos curiosos, estacionado á porta da casa da *mairie*,

—Aproxime-se, lhe disse o juiz de instrucção, e queira responder com toda a verdade ás perguntas que vou dirigir-lhe. Recebeu hontem no seu moinho a visita de um habitante de Civry, cujo nome é João Renaud?

—Recebi, sim, senhor, respondeu o moleiro.

—A que horas?

—Seriam talvez nove horas.

—Que motivo teve essa visita?

—João Renaud foi perguntar-me se estava já moido um sacco de trigo, que para esse fim me levava dias antes.

—Sabe se iria ao moinho, vindo directamente de Civry?

—Sei que chegava de Terroise, onde fôra tratar uma questão qualquer.

—Ia armado de espingarda?

—Não, senhor.

—A que horas sahiu elle de sua casa?

—Não sei bem, mas... eram já dez horas e meia de certo. Estivemos muito tempo a conversar, e a beber...

—Muito bem. Póde retirar-se; nada mais tenho a perguntar-lhe.

A sabida do moleiro foi seguida de um prolongado silencio.

—Até este momento, disse por fim o procurador da república, todas as indicações fazem recahir sobre João Renaud a responsabilidade do crime. O assassinato foi evidentemente praticado depois das dez horas, isto é, quando todos os habitantes do Seuillon estavam já deitados e a dormir, visto que, segundo as declarações do sr. *maire*, ninguem ali ouviu a detonação. Ora João Renaud sahio do moinho ás dez horas e meia, encaminhou-se para Civry, e encontrou de certo na estrada o desgraçado rapaz. Naturalmente sabia que elle devia ali passar a essa hora da noite.

«Examinemos agora a questão da espingarda. Quando foi para Terroise não a levava, assim como tambem a não tinha comsigo quando sahio do moinho. Está provado, porque muitas testemunhas o affirmam. Ha porém uma mulher que diz o contrario, e affirma que de tarde vira João Renaud armado com a sua espingarda. Creio verdadeiras ambas as affirmativas. Essa mulher póde talvez ter encontrado João Renaud ás seis horas e meia, ás sete, ou mesmo um pouco mais tarde, com a espingarda; assim como tambem póde, um quarto de hora depois, ter sido visto sem ella. Se João Renaud é com effeito o criminoso que procuramos, tinha de certo premeditado o crime, e ha razão para suppôr que escondeu no campo, em qualquer ponto, a espingarda, de que mais tarde havia de servir-se.

«Sigamo-l'o mentalmente na sua partida do moinho. Sae de Frémicourt ás dez horas e meia e vae buscar a espingarda ao sitio, em que a occultara. Em seguida vae embuscar-se na estrada e espera... Consummado o crime, aproxima se da sua victima para se apoderar de certo dos objectos de valor, que por ventura ella tinha comsigo. O desgraçado respira

ainda. O assassino levanta-o nos braços, e arrasta-o; com que fim? Não pôde adivinhar se. Talvez sinta já remorsos pelo crime commettido, e procura soccorrer aquelle que acaba de ferir mortalmente. Mas a victima cae de novo e não é mais do que um cadaver...

«Se o assassino sentiu um qualquer remorso, essa impressão desvanecen-se. Desiliudido na sua esperança de se apoderar de valores importantes, não se incommoda a lançar mão da pequena quantia existente na algibeira do colete, e afasta-se com a ideia de encontrar em outra parte o que tanto deseja. Caminha, chega a Saint-Irun e á uma hora, como acabamos de saber, uma mulher vê que João Renaud sahe furtivamente de casa do estalajadeiro Bertaux. Que foi elle ali fazer? Praticar o roubo premeditado, podendo talvez acontecer que a sua visita ao quarto da victima fôsse seguida de uma nôva desillusão.

O *maire* de Frémicourt curvou a cabeça. O juiz de paz estava tambem consternado.

Ambos conheciam João Renaud, e tinham por elle verdadeiro interesse, mas depois do que acabavam de ouvir, não podiam de modo algum levantar a voz, afim de protestarem contra a terrivel accusação que pesava sobre elle.

Tinham-se accumulado subitamente contra João Renaud as mais esmagadoras provas, e as palavras do procurador da republica acabavam de demonstrar a sua culpabilidade com uma clareza, com uma logica implacavel, que não davam ensejo a que subsistisse uma qualquer duvida.

O procurador da republica levantou-se, fez um signal ao juiz de paz, e os tres magistrados, tendo-se afastado para o fundo da sala, conversaram durante um momento em voz baixa.

Depois o juiz de instrucção chamou o cabo de gendarmes.

—Quantos homens tem sob o seu commando? lhe perguntou elle.

—Dois.

—Bem. Deixe um de sentinella á porta da *mairie*. Acompanhado pelo outro, dirija-se já a Civry, e prenda João Renaud, o caçador de lobos. Conduza-o em seguida para aqui, e, se não tivermos ainda voltado de Saint-Irun, para onde vamos partir, peça ao sr. *maire* que ponha á sua disposição um quarto seguro da *mairie*, onde guardará á vista o prisioneiro. Vá; não perca tempo.

O cabo de gendarmes sahiu, fazendo a continencia militar.





XIII

A captura

Os gendarmes chegaram a Civry ás quatro horas. Dirigiram-se logo a casa do *maire* da localidade, deram-lhe conhecimento da commissão, que ali os levava, e pediram-lhe que lhes indicasse a morada de João Renaud.

Deixaram os cavallos presos a umas estacas, e encaminharam-se para a casa do matador de lobos, que facilmente se reconhecia, porque era isolada de todas as outras habitações da povoação.

João Renaud acabava de recolher a casa, e dispunha-se a descançar durante uma ou duas horas para voltar ao prado quando a atmospherá estivesse menos abrasada.

Os gendarmes entraram. João Renaud, cuja consciencia es-

tava plenamente tranquilla, não pensou que elles fôsem ali com ordem de o prenderem, mas sim apenas para lhe pedirem quaesquer informações, que estava muito disposto a não lhes fornecer. O caçador de lobos levantou-se, e dirigindo-se ao encontro dos recémchegados, disse-lhes:

—Bom dia, meus senhores. Que desejam n'esta casa?

Genoveva olhava para os dois agentes da força publica com uma certa surpresa, não isenta de temor.

—João Renaud, disse o cabo de gendarmes com voz levemente commovida, porque tambem elle conhecia a boa reputação do caçador de lobos: venho aqui prendel-o.

O desgraçado João Renaud, deu dois passos á rectaguarda e fez-se livido. Genoveva correu desvairada para os dois gendarmes.

—Prender meu marido?! exclamou ella. Porque?

Depois, soltando um grito estridulo, balbuciou com voz entrecortada:

—Ah! o crime... o horroroso crime da noite passada!

João Renaud recuperou um pouco a presença de espirito, e exclamou:

—A prisão é para os ladrões, e não para mim, que sou um homem honrado!

—Para os ladrões e para os assassinos! replicou o cabo de gendarmes.

Genoveva soltou do peito um gemido surdo e cabiu sobre uma cadeira.

—Que quer isto dizer?... tornou João Renaud. Julgam acaso que fui eu? Oh! seria isso horrivel! Eu, ladrão, assassino!! Os que me conhecem não devem pensar tal coisa. É de certo gracejo... Toda a gente sabe bem que estou innocente, que não posso ser um criminoso.

—Não é a nós que pertence julgar se está innocente ou culpado, disse o cabo.

—E' então certo que ha quem me accuse?

—E' verdade.

—Mas é impossivel, é absurdo.

—Dará as suas explicações ao juiz de instrucção. Não podemos deixar de o levar preso á sua presença, em cumprimento das ordens que recebemos.

Genoveva permanecia immovel sobre a cadeira, e como petrificada.

Tinha a garganta apertada, e sentia sobre o peito a impressão de um peso de cem arrobas. Tinha os olhos seccos, ardentes, fixos...

—Mas eu estou innocente! juro que estou innocente! exclamou João Renaud, não podendo admittir que em taes circumstancias pudesse alguem ter o direito de prendel-o.

—Tanto melhor para si, João Renaud, respondeu o cabo de gendarmes; mas nós é que não podemos deixar de cumprir as ordens, que nos foram dadas, e seremos obrigados a empregar a força, se se recusar a seguir-nos voluntariamente.

O desgraçado lançou um olhar para sua mulher, e dos olhos deslisaram-lhe ao longo das faces duas lagrimas grossas como punhos.

O gendarme andava em redor do quarto, como se estivesse fazendo o inventario da pobre mobilia que o guarnecia.

—Ah! cá está a espingarda! exclamou elle de subito vendo a arma que horas antes João Renaud havia encostado em um canto da casa.

Lançou mão d'ella, e examinou-a detidamente, fazendo jogar a fecharia.

Depois, approximando-se vivamente do seu chefe immediato, disse-lhe:

—Veja, cabo... A capsula está ardida, e o cano da direita está descarregado!

João Renaud ouviu estas palavras.

—O que?... disse elle avançando bruscamente para os dois gendarmes. Está descarregada a espingarda?...

—Deve sabel o de certo melhor do que nós... respondeu ironicamente o gendarme.

João Renaud olhou para a espingarda, e viu que com effeito a capsula havia sido esmagada pela pressão do precursor.

Aquelle momento foi horroroso para elle.

—Oh! oh! oh! murmurou elle em tres tons differentes.

As feições contrahiram-se-lhe horriavelmente, revelando uma grande angustia intima. As pulsações precipitaram-se-lhe, e os olhos cobriram-se-lhe com uma nuvem.

Afigurou-se-lhe que lhe fugia subitamente o chão debaixo dos pés.

Genoveva ergueu se direita, e rigida, e pallida como um cadaver, e sempre com os olhos desmesuradamente abertos, fixos em seu marido.

—Defende-te, João! defende-te, desgraçado! exclamou ella com voz estranha.

O caçador de lobos respondeu:

—Defender-me para que, e porque? Estou innocente!

A pobre Genoveva soltou um grito de angustia suprema.

—Innocente, innocente!! tornou ella estorcendo as mãos com desespero. Não tem senão estas palavras na bocca... Precisas dizer aos gendarmes o que fizeste esta noite, assim como tambem a razão porque está descarregada a tua espingarda.

—Não sei... balbuciou elle.

—Não sabes?! replicou Genoveva com voz rouca. Ai, meu Deus... estou tremendo... tenho medo!...

Estas palavras fizeram sahir o pobre João Renaud da especie de entorpecimento, que d'elle se havia apoderado.

—Oh! Genoveva! disse elle com accento de dôr cruciante. Será possível, que tu desconfies tambem de mim? Duvidarás tu tambem do pobre João Renaud, de teu marido? Tambem tu me accusas, Genoveva?...

—Agora tambem eu te respondo: «não sei!» balbuciou a pobre mulher com voz sumida.

O desgraçado cambaleou, como se acabasse de receber uma violenta pancada no alto da cabeça.

—Ah! Genoveva! tornou elle com voz tremula de commoção. Pessoas que não me conhecem podem accusar-me; mas tu... tu!... Não, não é possível!... Ainda que mil vozes me accusassem, ainda que o mundo inteiro me julgasse um scelerado, um assassino, haveria sempre uma voz para protestar e para bradar a todos: Não, não!... João Renaud está innocente!» Essa voz seria a tua, Genoveva, a tua, esposa querida!... Tu conheces me bem, e sabes que não sou um mau homem. Ah! é duro estar innocente e ser levado preso pelos gendarmes como um criminoso... Que vaê acontecer, grande Deus? Oh! é horrivel!... Que será do nosso querido filhinho, que brevemente ha de ver a luz?!... Vamos, coragem... Mas por Deus, Genoveva, não duvides tu de mim... Será isso o mais horroroso dos supplicios para mim!!

E passou rapidamente as mãos por sobre a testa, como querendo fazer serenar o tropel revoltado dos seus pensamentos.

Depois olhou para os gendarmes, e continuou tristemente:

—Mas não posso fazel-os esperar por mim até á noite... Vamos, Geneveva: vou partir... Abraça-me... dá-me coragem!

Geneveva pareceu não ouvir.

A desgraçada sentia-se dominada por um começo de loucura. João Renaud avançou para ella de braços abertos.

De subito Geneveva soltou um grito estridulo. Depois começou a recuar como horrorisada, apontando para as mãos de seu marido, e murmurando com a voz estrangulada na garganta:

—Sangue!... sangue!... ali... no punho da camisa!... sangue!...

E cahiu desamparadamente sem sentidos.

Os gendarmes estremeceram. João Renaud precipitou-se em soccorro de sua mulher, ergueu-a nos robustos braços, e le vou-a para sobre a cama. Depois começou a abraçal-a e a beijal-a com furor, como um insensato, ao passo que soltava do peito gemidos surdos.

Passados alguns momentos endireitou-se com os cabellos erriçados, lançou em redor de si um olhar desvairado, e correu a collocar-se entre os dois gendarmes, segurando-se nos braços d'estes para não cahir, e bradando:

—Levem-me!... levem-me d'aqui!...

E o desgraçado sahiu de casa cambaleando, e soltando do peito angustiosos soluços.

*

* *

A visita feita pelos magistrados ao quarto, que o maneebo assassinado, conhecido sómente com o nome de Edmundo,

occupava na casa do estalajadeiro Bertaux, não deu logar a uma qualquer descoberta que auxiliasse o estabelecimento da sua identidade. Debalde foram examinados os moveis e os vestuários; não se encontrou uma qualquer carta ou indicio. Apenas em uma caixa de madeira, grosseiramente trabalhada, que se achava sobre a pedra do fogão, e que foi aberta, foram encontradas tres notas de cem francos, sete moedas de ouro de vinte francos, e seis de cinco francos em prata. Esta somma reunida em um cofre parecia indicar, que o mancebo nada mais possuia.

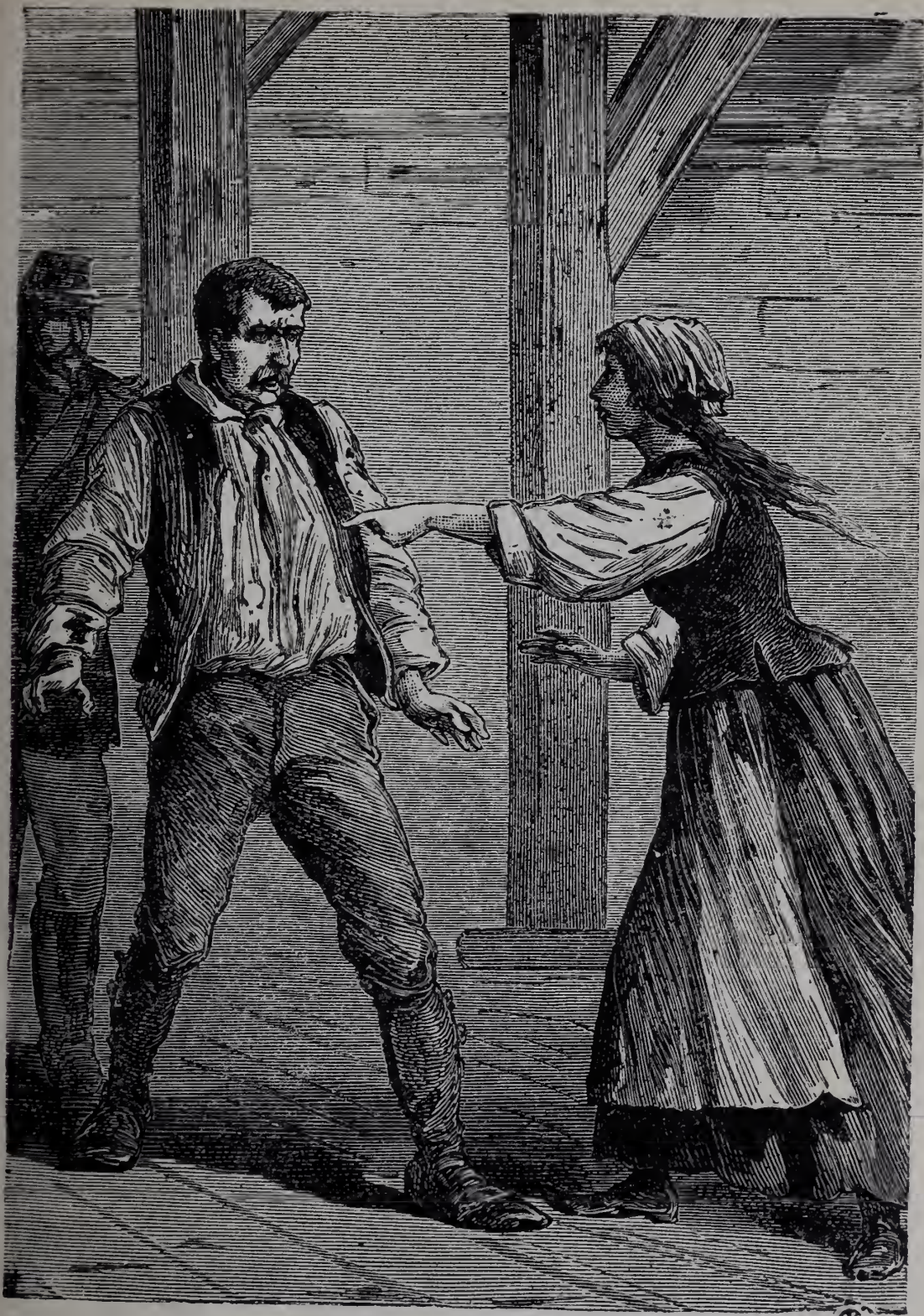
Havia pois razão para se suppôr que, na sua perturbação, o ladrão não tinha visto o cofre, e que naturalmente depois de haver examinado os moveis e as gavetas, se retirara sem levar coisa alguma.

—Todavia, observou o procurador da republica, segundo as informações que na passagem nos foram dadas na estação postal, não foi sómente uma carta, conforme disse Bertaux, mas sim duas que a victima recebeu ante-hontem, e que deveriamos encontrar aqui. Além d'isto o estalajadeiro affirma que o seu locatario escrevia muito, não sómente cartas a estas e aquellas pessoas, como tambem uma especie de narração, memoria, ou coisa semelhante. Ora aqui está tinteiro, pennas, e uma boa porção de papel branco; mas escripto... nada... Não será isto extraordinario?

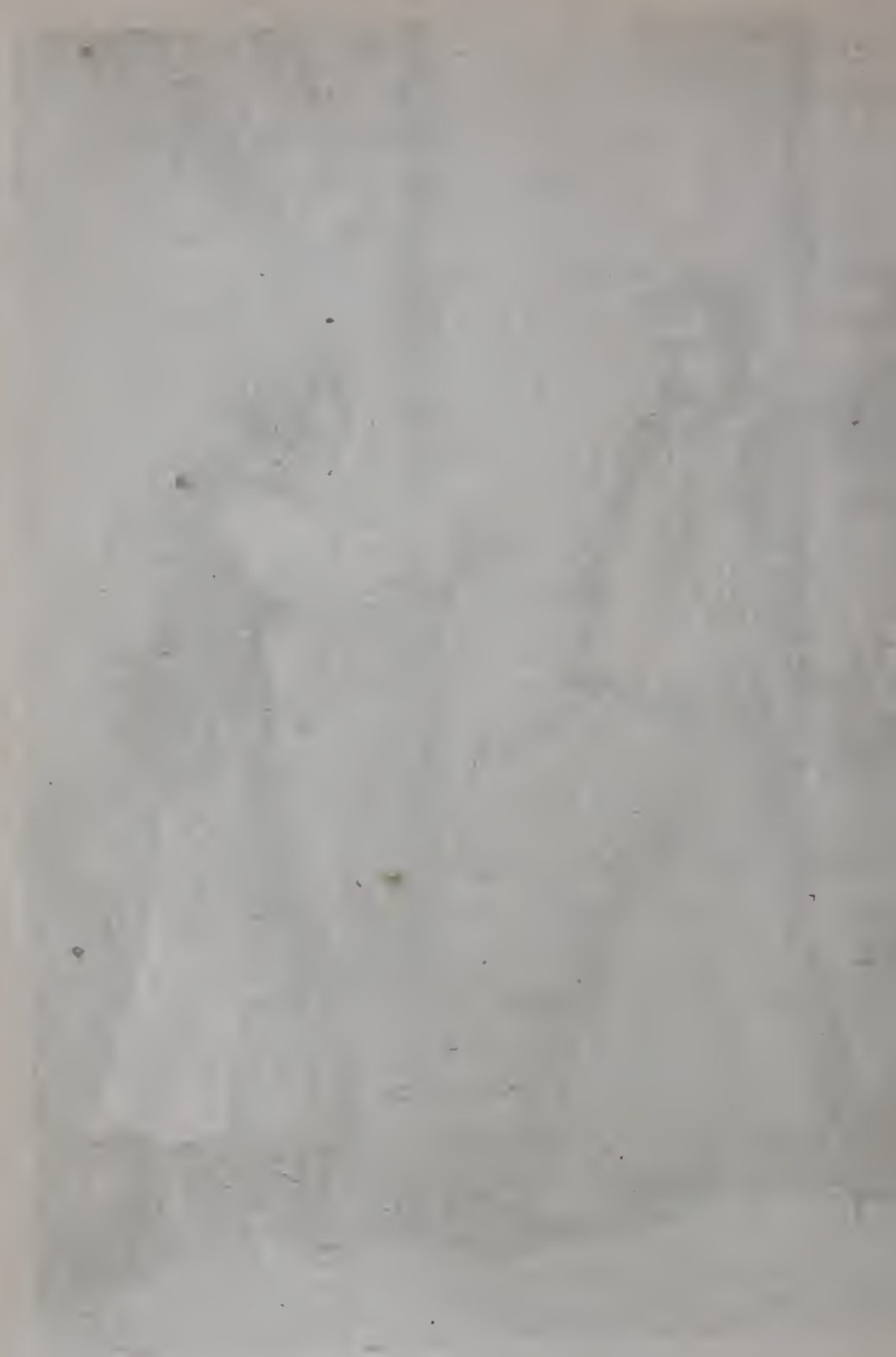
—Sim; ha de certo em tudo isto uma coisa qualquer mysteriosa, que nos escapa, respondeu o juiz de instrucção.

N'aquella occasião o juiz de paz chamou a attenção dos demais magistrados para uma grande porção de cinza, que se achava no fogão, e que podia muito bem provir de papeis queimados.

—Segundo o que estamos vendo, disse o juiz de instruc-



—Sangue!... sangue!... ali... (Pag. 123)



1870

ção, podemos admittir, que o pobre rapaz lançava ás chamas os seus escriptos, á medida que os produzia, assim como tambem as cartas, que lhe eram dirigidas.

—A' falta de outras explicações somos forçados a contentar-nos com essas, replicou o procurador da republica. Mas o mysterio continua a manter-se.

Os magistrados nada mais tinham que ver no quarto da hospedaria.

Dirigiram-se pois para casa do juiz de paz, onde eram esperados para o jantar. Foi ali que mandaram buscar a mulherzinha, que Bertaux lhes designara com o nome de Suissa.

—E' verdade que, na noite passada, lhe perguntou o juiz de instrucção, viu um homem sabir altas horas da casa do sr. Bertaux.

—E' verdade, senhor.

—Que horas eram?

—Não sei bem; mas póde calcular-se que era uma hora pouco mais ou menos.

—E reconheceu esse homem?

—Reconheci, sim, sr. juiz, vi perfeitamente que era o grande João Renaud, o caçador de lobos.

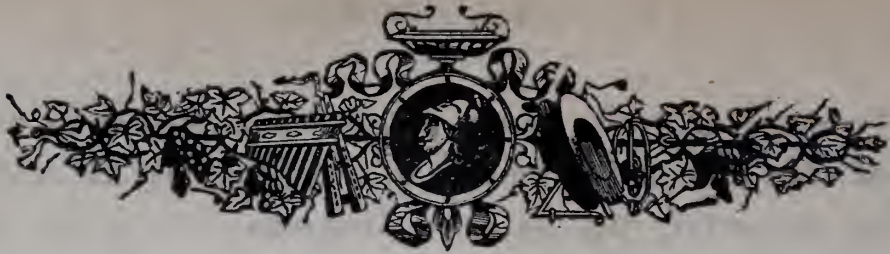
—E tem a certeza de que não se enganou?

—Oh! se não era elle, era então o diabo por elle.

—Póde retirar-se; nada mais tenho a perguntar-lhe.

A Suissa retirou-se recuando, e fazendo aos magistrados as mais humildes e obsequiosas reverencias.

Passados apenas alguns minutos os magistrados entraram de novo para a carruagem, que os esperava, e retomaram o caminho de Frémicourt, onde chegaram ás oito horas.



XIV

Interrogatorio

As janellas da casa da *mairie* estão quasi todas illuminadas. A' porta vê-se um gendarme de sentinella. Na praça está formado um grupo de umas quarenta ou cincoenta pessoas, que conversam e gesticulam animadamente.

Os magistrados acabam de se constituir de novo em sessão.

A espingarda de João Renaud, agora completamente descarregada, está em cima da meza diante d'elles. As balas estão collocadas ao lado uma da outra, sobre os fragmentos de papel, que lhe haviam servido de involucro.

Como horas antes acontecia, os magistrados estão acolytados pelo medico, pelo juiz de paz de Saint-Irun, e pelo *maire*

de Frémicourt. O cabo de gendarmes, em pé, e attento, espera que lhe façam um signal, ou que lhe dêem uma ordem.

O terceiro gendarme mantém-se firme como uma estatua, em face de uma porta fechada. O quarto em que se encontra o cadaver fica á direita, e ahí continuam a permanecer dois homens de guarda.

—Gendarme: faça entrar João Renaud, ordena o procurador da republica.

O gendarme abre a porta, faz um signal, e João Renaud apparece no limiar, avançando em seguida com passos vagarosos para a meza.

O desgraçado está horrorosamente pallido, e a sua attitude traduz bem a angustia, por que se acha dominado.

Reconhece o juiz de paz e o *maire*, e dirige para cada um d'elles um olhar impregnado de funda tristeza. Depois inclina-se diante dos outros personagens que não conhece, mas cuja qualidade adivinha.

—Sabemos já que se chama João Renaud, lhe disse o juiz de instrucção, que foi militar, que é casado, e que reside com sua mulher na povoação de Civry. Que idade tem?

—Quarenta annos.

—Sabemos tambem que é muito conhecido no cantão de Saint-Irun, onde até hoje tem sempre tido boa reputação. Até mesmo tem prestado importantes serviços á população, destruindo um certo numero de animaes damninhos, facto este que dá ensejo á honrosa designação, por que é conhecido, de caçador de lobos. A administração quiz recompensal-o, authorisando o a usar uma espingarda, mesmo na epocha em que a caça é prohibida. Sabemos egualmente que nunca abusou d'esse favor excepcional... Hoje porém, João Renaud, está pendente sobre a sua cabeça uma accusação terrivel. Diga-

nos em primeiro lugar em que foi que empregou o seu dia de hontem.

—Sahi de casa ás cinco horas da manhã.

—Levando a sua espingarda?

—Sim, senhor, com a minha espingarda. Soubera que no bosque de Sueure tinham apparecido uma loba e dois lobos pequenos. Percorri o bosque em todas as direcções, e encontrei vestigios da passagem dos terriveis animaes, mas não pude apanhal-os. Passei d'ali para os bosques de Artemont, que tambem percorri, mas com o mesmo resultado. Os lobos não tinham esperado que eu os procurasse. No meio do dia senti-me cansado e cheio de fome; e fui comer e descansar em Artemont.

—Não voltou então a sua casa, em Civry?

—Não, senhor.

—Porque?

—Porque tinha que fazer em Terroise, e precisava tambem ir a Frémicourt, afim de fallar com o moleiro.

—Ha quem affirme que entre as seis e as sete horas da tarde fôra visto, não em Frémicourt, mas sim nas terras da herdade do Seuillon. Recorda-se de haver fallado com uma mulher, que trabalhava perto da herdade?

—Perfeitamente.

—N'essa occasião levava comsigo a sua espingarda?

—Sim, senhor.

—Mas pouco tempo depois encontrou-se em presença de dois homens, com os quaes trocou algumas palavras. Ora, esses dois homens affirmam que n'essa occasião já não levava comsigo a espingarda. E' isto verdade?

João Renaud estremeceu, e ficou silencioso.

—Eil-o já perturbado, tornou o magistrado. Está provado

que n'essa occasião não levava comsigo a espingarda. Que havia feito d'ella?

O desgraçado soltou um suspiro fundo, e curvou a cabeça.

—Vamos, responde! insistiu o juiz.

—A essa pergunta... não posso... não posso responder... murmurou o caçador.

—Pois bem; responderei eu em seu logar, João Renaud... Depois de haver conversado com a mulher, e antes de encontrar os dois creados da herdade, tinha tido tempo bastante de esconder a espingarda ..

O accusado ficou aparentemente tranquillo.

—Reconhece esta arma, João Renaud? tornou o juiz, designando a espingarda, que se achava sobre a meza.

—Reconheço, sim, senhor. Essa espingarda é minha.

—A coronha e os canos estão ainda sujos de terra; mas nós não precisamos d'essa prova para demonstrar que a arma foi escondida; temos outras... Continuemos. Foi effectivamente a Terroise, e voltou a Frémicourt, onde entrou no moinho. N'essa occasião não levava a espingarda. Segundo a affirmativa do moleiro, sabiu de casa d'elle ás dez horas e meia pouco mais ou menos. Que foi o que fez em seguida?

João Renaud não respondeu.

—Estes senhores e eu começamos a comprehender o seu systema, João Renaud: consiste em não querer responder. Escute bem: embora sejam excellentes os seus antecedentes, o seu crime é por tal fórma odioso que não póde contar com a indulgencia da justiça, senão testemunhando um desgosto sincero e um profundo arrependimento... Mas primeiro que tudo a justiça pede-lhe a verdade. Tem ella o direito de lhe

exigir a confissão do seu crime, e no entretanto responde-lhe com o silencio.

Os olhos de João Renaud inundaram-se de lagrimas.

—Não tenho senão uma coisa a dizer, pronunciou elle com a voz vibrante de commoção: estou innocente!

O juiz de instrucção contrahiui as sobrançelhas.

—Sim, replicou elle severamente, quando se sente esmagado sob o peso de provas, que não pôde combater, chama em seu soccorro a negativa. Esse systema, João Renaud, é absurdo, e em vez de lhe ser proveitoso, perde-o completamente.

—Estou innocente, repetiu João Renaud no mesmo tom de voz; não tenho outro protesto a fazer ouvir.

—Recusa-se então a dizer nos o que fez hontem á noite, a partir das dez horas e meia?

—Não me recuso, senhor; mas não posso, não posso dizer-o!

—É absolutamente a mesma coisa. Não posso, significa para nós, não quero! Pois bem; dir-lh'o-hei eu. Foi buscar a espingarda ao sitio, onde a havia escondido, e em seguida foi esperar a sua victima na estrada. O desgraçado appareceu por fim, caminhando em direcção a Frémicourt. De subito a bala, com que estava carregado o cano direito da sua espingarda, partiu, e o desgraçado cahiu, ferido mortalmente em pleno peito. Eis a bala que elle recebeu, e que lhe foi extrahida. É absolutamente do mesmo calibre d'esta outra, com que estava carregado o cano esquerdo da espingarda. Mas ainda isto não é tudo: este involucro meio queimado do cartacho, que foi encontrado no lugar do crime, pertence evidentemente ao mesmo bocado de papel de que foi feito este outro, extrahido da espingarda juntamente com a bala.

«E portanto a duvida é impossivel. Foi uma bala da espingarda de João Renaud que matou o desgraçado... Consummado o crime, a infeliz victima respirava ainda, e até mesmo fazia esforços para se levantar. E então approximou-se d'ella. Para quê? Decerto para lhe roubar o dinheiro, ou quaesquer outros valores, que porventura suppunha o desgraçado levasse comsigol...

João Renaud estremeceu violentamente, e no olhar fulgurou-lhe um subito relampago.

—Eu, um assassino! um ladrão! exclamou elle com uma voz em que transparecia a funda indignação de que se achava possuido.

Este protesto energico e tão accentuadamente verdadeiro impressionou profundamente os proprios magistrados.

—Mas eu dou-lhe os meios de se defender, tornou o juiz de instrucção, visivelmente commovido; diga-nos o que foi que fez depois da sua sahida do moinho...

—Não posso, não posso! exclamou o desgraçado juntando as mãos com desespero acima da cabeça.

—Sempre a mesma coisa! tornou o juiz de instrucção já friamente. Veremos se levará até o fim o seu deploravel systema. Não posso dizer-lhe se a victima foi roubada; todavia... João Renaud: deixe-nos ver a sola de um dos seus sapatos.

O caçador de lobos obedeceu immediatamente, levantando a perna direita.

—Vejam, senhores, disse o juiz, dirigindo-se aos outros magistrados: sola grossa, guarnecida de pregos de grandes cabeças, e em tudo correspondentes aos vestigios encontrados.

E, voltando-se para o accusado, continuou:

—Das observações já feitas deprehendemos que levantou a victima nos braços, e, caminhando a recuar, a arrastou para alguns passos de distancia, onde ella ficou sem vida.

O desgraçado baixou de novo a cabeça, e permaneceu silencioso.

—E não se decide a responder! disse o juiz de instrucção com despeito.

—Que importa? respondeu o procurador da republica, encolhendo os hombros. Nada pôde dizer-nos, que nós não saibamos já tão bem como elle. A prova está feita.

No olhar de João Renaud brilhou subitamente um clarão estranho, agitou mesmo os labios, como quem se dispunha finalmente a fallar. Depressa, porém, readquiriu a sua impassibilidade.

—João Renaud, continuou a interrogar o juiz de instrucção: a que horas recolheu a sua casa, em Civry?

—Hoje, de manhã, ás seis horas e meia, respondeu o «caçador de lobos».

—Ah! eis finalmente umá resposta e uma verdade. Mas de Frémicourt a Civry ha apenas uma hora de caminho. E portanto deveria estar em casa ás onze e meia, pouco mais ou menos. Diga-nos onde foi que passou o resto da noite.

Novo silencio de João Renaud.

—Tambem não pôde responder a esta pergunta; isso comprehende-se. Bem; continuarei eu a responder em seu lugar. A' uma hora da madrugada, isto é, duas horas depois do crime, achava-se em Saint-Irun.

O desgraçado João Renaud lançou em redor de si olhares desvairados.

—Não pôde negal-o, tornou o magistrado. Foi visto e reconhecido.

O desgraçado pareceu ficar completamente aniquilado com esta revelação.

—Sabemos que se introduziu em casa do estalajadeiro Bertaux...

João Renaud, julgando descoberto o seu segredo, começou a tremer violentamente.

—Ou porque tirasse a chave da algibeira da victima, ou porque ella tivesse ficado na fechadura da porta, o caso é que conseguiu penetrar no quarto. E ali antes de encontrar a vela para a accender, gastou tres phosphoros, cujos restos estão aqui. Foram encontrados no chão, que de manhã tinha sido varrido. Diga-nos qual era o seu fim, João Renaud... Que era o que procurava?

—Ah! não sabem nada... pensou o matador de lobos.

E endireitou-se immediatamente; no rosto brilhou-lhe um relampago de satisfação. Retomou desde logo a sua attitude de tranquillidade.

Vendo que elle se conservava silencioso, o juiz insistiu:

—Ora vamos, João Renaud, responda. Veja que está em presença da justiça; mostre que tem coragem.

—Oh! coragem não me falta, disse elle.

—Pois bem; diga-nos o que foi fazer em Saint-Irun, e por que razão se introduziu no quarto da victima.

A bocca do accusado continuou a permanecer cerrada.

—Estava ou não em Saint-Irun na noite passada, á uma hora? exclamou com expressão irritada o juiz de instrucção.

—Estava lá.

—Recusa-se a dizer-nos com que fim?

—Valha-me Deus! murmurou João Renaud tristemente. Se lhe não respondo, senhor, é porque não posso!

O magistrado não pôde furtar-se a um movimento de colera.

Mordeu os labios, e, levantando-se bruscamente, murmurou como fallando comsigo proprio:

—Nunca vi uma tal teimosia!

E em seguida accrescentou em tom brusco:

—Deixe-me ver as mangas da sua camisa.

João Renaud apresentou os dois braços. Todos os presentes viram que elle tinha em uma das mangas muitas nodoas de sangue.

Havia realmente muitas provas já contra o pobre matador de lobos para que fôsse necessaria aquella outra, que, só por si, pouco ou nenhum valor teria, porque se pode muito bem ter sangue na camisa e no vestuario, sem que esse facto prove criminalidade; mas a justiça nada despreza, e aproveitou todos os detalhes.

—Este sangue é da victima, disse o juiz de instrucção.

—Evidentemente, apoiou o procurador da republica.

Os outros limitaram-se a fazer um movimento de cabeça, que traduzia o mesmo pensamento.

O juiz de instrucção apontou para o quarto em que se encontrava o cadaver, e disse para um dos gendarmes:

—Abra aquella porta.

E em seguida, dirigindo-se a João Renaud, ordenou-lhe:

—Entre n'aquella sala.

O caçador de lobos obedeceu.

Os magistrados seguiram-n'o.

A um signal, o cabo de gendarmes ergueu o panno que cobria o corpo, e João Renaud achou-se em presença do cadaver, cujo semblante estava vivamente illuminado pela luz das velas.

Em vez de recuar com terror, como se esperava, João Renaud, pelo contrario, deu mais um passo em frente, e durante alguns momentos contemplou o rosto do morto com profunda tristeza.

Os espectadores d'aquella scena viram descer-lhe ao longo das faces duas lagrimas silenciosas e grossas como punhos.

—Morto que não conheço, disse João Renaud de si para si n'aquelle momento: deves estar contente comigo! Tanto quanto me foi possivel, cumpro as tuas derradeiras vontades, e guardo o teu segredo! Cumpro o meu juramento!

E, passando pelos olhos as costas da mão, murmurou com accento commovido:

—Desgraçado rapaz! triste sorte!

E, de si para si, murmurou:

—Pobre Lucila!

O juiz de instrucção, se porventura esperava que João Renaud tivesse um momento de desfallecimento, ficou desilludido na sua esperanza.

Pelo contrario, a vista do cadaver pareceu incutir no accusado uma nova energia.

—Persiste em não responder, João Renaud? lhe perguntou por fim o magistrado.

—Sim, senhor, respondeu o caçador de lobos com expressão resoluta.

O juiz bateu com o pé no chão, e exclamou, dirigindo-se aos gendarmes:

—Recolham esse homem á prisão!

As dez horas da noite João Renaud foi forçado a entrar em uma carruagem, que o conduziu a Saint-Irun. Ao lado d'elle tomou lugar um dos gendarmes, escoltando os dois outros a cavallo a carruagem.

Passou o resto da noite na estação da gendarmeria, e no dia seguinte de manhã foi conduzido para Vesoul, onde chegou ao meio dia.

Ali foi logo immediatamente encarcerado, e mettido no segredo.





Reflexões de Pedro Rouvenat

O facto de se acharem em Frémicourt o procurador da republica e o juiz de instrucção não era ignorado na herdade do Seuillon.

Jacques Mellier, sempre encerrado no seu quarto e com as pistolas junto de si, prompto a dar um tiro em um ouvido, esperou durante todo o dia. A's seis horas teve conhecimento da captura do matador de lobos, contra o qual, segundo se dizia, se elevavam terriveis suspeitas.

Se foi grande a surpresa que esta noticia produziu em todo o pessoal da herdade, em Jacques Mellier foi verdadeira estupefacção.

—Oh! disse elle de si para si. E' impossivel que João Renaud não seja posto immediatamente em liberdade. Como frequentes vezes acontece, a justiça dirigiu mal as suas primei-

ras pesquisas, mas depressa ha de reconhecer que se enganou. De mais, João Renaud nenhuma difficuldade terá em provar a sua innocencia. Continuemos a esperar... Graças a este erro dos magistrados, tenho ainda algumas horas mais para viver...

E foi postar-se na janella, alongando o olhar pela estrada que conduzia de Frémicourt á herdade, esperando ver apparecer a cada momento os grandes chapéus agaloados dos agentes da força publica.

Pedro Rouvenat não estava menos ancioso do que Mellier. No entretanto a captura do caçador de lobos não o havia surpreendido. Sabia que João Renaud havia passado a noite fóra de casa, e que pelo facto de ter sido visto em Frémicourt depois das dez horas, isto é, no momento do crime, deviam ser dirigidas contra elle as primeiras suspeitas. O seu terror porém foi cada vez mais intenso...

De manhã tinha visitado, como muita outra gente, o lugar do crime, e tinha visto os passos marcados na estrada pelas solas ferradas de João Renaud. Era quasi certo que este ultimo, na occasião em que se dirigia para casa, havia passado por ali. Tinha pois encontrado a victima, e naturalmente conversara com ella, se, conforme se affirmara, o infeliz rapaz não tinha morrido immediatamente. Que lhe poderia ter dito o desgraçado?

João Renaud, apparecendo logo de manhã na herdade afim de fallar com Lucila, não iria fazer-lhe saber as ultimas palavras pronunciadas pelo assassinado? Pedro Rouvenat estava já quasi convencido de que o caçador de lobos tinha conhecimento das relações que existiam entre o mancebo e Lucila. Ora esta simples revelação, feita aos magistrados, constituiria fatalmente a perda de Jacques Mellier. De mais havia uma

outra circumstancia igualmente terrivel: o facto de haver ficado no Seuillon a espingarda, que tinha representado um tão importante papel no drama da noite.

João Renaud, falsamente accusado, não precisaria dizer, para provar a sua innocencia, mais do que as seguintes palavras:

—Para ir a Terroise e a Frémicourt não carecia da espingarda; deixei-a pois na herdade do Seuillon, onde fui hoje de manhã buscá-la.

Esta revelação, sem que fôsse uma denuncia directa, daria novo curso ás investigações. Seria preciso dar explicações, principalmente ácerca da ausencia de Lucila.

Repetindo a mentira, que dissera a João Renaud, Rouvenat satisfizera a curiosidade dos serviçoes da herdade; mas a justiça de ordinario é menos facil de se illudir...

O infeliz Rouvenat julgava já a cada momento estar ouvindo as detonações das pistolas de Jacques Mellier, decidido ao suicidio.

No entretanto estavam já proximas as dez horas da noite.

Jacques Mellier, prostrado pelo cansasso, acabava de adormecer sobre uma poltrona.

—Que se terá passado na povoação? perguntava Pedro Rouvenat a si proprio.

E, não podendo conter-se por mais tempo, deixou Jacques adormecido, lançou mão do chapéu, sahiu de casa, e dirigiu-se para Frémicourt. Chegou junto da *mairie* precisamente no momento em que João Renaud subia para a carruagem que devia conduzi-lo a Saint-Iruon.

A carruagem partiu. Rouvenat, applicando o ouvido, aproximou-se successivamente de todos os grupos, que estacionavam na praça. Como bem pôde suppôr-se, o crime era o

assumpto obrigado de todas as conversas, e o nome de João Renaud andava em todas as boccas.

Mas o que se deprehendia claramente de todas as conversas era que o matador de lobos tinha sido reconhecido como auctor do assassinato, visto que os gendarmes o conduziam preso.

E o pobre João Renaud, que horas antes todos estimavam, era já agora tratado como o mais vil e miseravel dos scelerados!

Pedro Rouvenat avistou o *maire*, que se dirigia para casa, depois de haver apresentado as suas despedidas aos magistrados, que tinham já sahido de Frémicourt, e correu para elle.

—Perdão, sr. *maire*, lhe disse elle: acabo de ver partir o pobre João Renaud em uma carruagem escoltada por gendarmes. Para onde levam o desgraçado?

—Amigo Rouvenat, respondeu o *maire*: o pobre João Renaud, como acaba de chamar-lhe, é um malvado de grande marca. É conduzido para Saint-Irun, onde passará a noite, e de lá será levado para Vesoul, onde ha de responder nas proximas audiencias geraes.

—Mas, grande Deus! gemeu Rouvenat. Julga-se acaso...?

—Foi elle o assassino!

—Elle, sr. *maire*?! elle?!

—É caso provado. Muito feliz deverá elle julgar-se se salvar a cabeça.

—Mas então... confessou?...

—Não, não confessou coisa alguma. O que unicamente diz é: «estou innocente!» E não ha arrancar-lhe outras palavras. Quando os magistrados o interrogam, quando lhe apresentam as mais irrecusaveis e convincentes provas, não responde.

Foi collocado em presença do cadaver, e nem mesmo estremeceu! Pelo contrario, contemplou-o com a mais odiosa audacia! E depois, juntando a tudo isto a mais infame hypochrisia, chorou... chorou o miseravel!... N'essa occasião o juiz de instrucção perguntou lhe se persistia no proposito de não confessar o seu crime...

—E elle que respondeu?

—Respondeu... que não responderia.

E, esquecendo-se de que a discrição é uma grande virtude, principalmente em casos d'aquella natureza, o *maire* de Frémicourt contou a Rouvenat, em todos os seus detalhes, o interrogatorio a que João Renaud fôra submettido.

Por fim Rouvenat despediu-se do *maire*, e dirigiu-se de novo para a herdade.

Exactamente como o juiz de instrucção, Pedro Rouvenat, depois de ouvir as palavras do *maire*, seguia João Renaud durante aquella terrivel noite. Via-o encontrando o ferido na estrada, buscando soccorrel-o, e por fim correr a Saint-Irun, de certo em obediencia ás derradeiras vontades do moribundo, para ir ao quarto d'elle apoderar-se... de quê? A visita do caçador de lobos á herdade na manhã d'aquelle dia era uma resposta a esta pergunta.

Fôra ali decerto para entregar uma coisa qualquer a Lucila, provavelmente as cartas que esta ultima escrevera a Edmundo.

E, naturalmente, como não pudera cumprir a sua missão, João Renaud tinha destruido ou escondido essas cartas, afim de que não fôsse descoberto o segredo de Lucila, e talvez tambem para desviar de Jacques Mellier uma accusação.

Pedro Rouvenat tinha tanto melhores razões para assim o acreditar quanto era certo que o matador-de lobos, com quanto

pudesse muito facilmente provar a sua innocencia, se recusava absolutamente a fallar.

—Oh! sinto-me suffocado pelas lagrimas! murmurou elle de subito, parando no meio da estrada. Ó João Renaud, que homem tu és! que nobre, que generoso coração o teu! E dizer que te chamam scelerado os habitantes de Frémicourt!... Imbecis!... E eu conheço-o bem... Mesmo com o risco de ter cortada a cabeça, recusa-se a fallar, e não dirá uma palavra unica!...





XVI

Pedro Rouvenat e Jacques Mellier

Na ocasião [em que] Pedro Rouvenat entrava na herdade, Jacques Mellier já não dormia.

—Jacques, disse Pedro Rouvenat: chego n'este momento de Frémicourt. Os magistrados e os gendarmes partiram já. Pódes metter-te na cama, e repousar: nada tens que receiar: estás salvo.

—Como assim? que queres dizer? exclamou Jacques Mellier.

—João Renaud foi reconhecido como criminoso, e ficará amanhã na prisão de Vesoul.

—Oh! impossivel!

—É a verdade. João Renaud será julgado e condemnado.

—Vejamos, replicou Jacques, agitando-se nervosamente: qual de nós está louco, tu ou eu?

—Nenhum de nós: ambos estamos no pleno gozo das nossas faculdades, Jacques. Escuta: quatro pessoas conhecem o segredo do que se passou na noite passada; tu, tua filha, que não te denunciará; eu, que serei mudo como uma sepultura, e João Renaud.

—João Renaud, dizes tu? balbuciou Mellier. João Renaud sabe...?

—Tudo.

—Explica-te, Rouvenat.

—Hontem á noite o caçador de lobos esteve aqui, trazendo consigo a espingarda. Precisando ir a Terroise, deixou aqui a arma, que lhe serviria de estorvo. Hontem á noite, julgando que pegavas na tua propria espingarda, lançaste mão da de João Renaud. Comprehendes agora?

—Não... ainda não.

—Hoje de manhã João Renaud veio aqui buscar a espingarda, que foi apprehendida mais tarde em casa d'elle pelos gendarmes. O facto de estar descarregado um dos canos, a comparação da bala extrahida do corpo da victima com a que estava no outro cano...

—Ah! sim, comprehendendo! exclamou Jacques Mellier, passando os dedos pelos cabellos com um movimento febril.

—Em uma palavra, João Renaud adivinhou que fôras tu quem...

—E porque não o declarou?

—Porque não quiz.

—Ah! não quiz! repetiu lentamente Mellier como fallando consigo proprio.

E, depois de uma breve hesitação, correu para um armário, e tirou de dentro um vestuário completo.

—Que vaes tu fazer? lhe perguntou Pedro Rouvenat surprehendido e inquieto.

—Bem vêes, vou vestir-me, respondeu Mellier com voz sombria.

—A estas horas? para quê?

Jacques Mellier avançou para o velho servidor com o olhar relampagueante.

—Ah! exclamou elle. Tão infame, tão miseravel me julgas tu, que me suppões capaz de consentir que seja condemnado em meu logar um innocente? Matei o homem, que havia roubado a minha honra... Chama-se a isso um crime, um assassinato? Pois seja assim... Mas que um outro soffra a punição do crime por mim commettido, isso não, nunca! E perguntas-me onde vou? Vou a Saint-Irrem gritar alto e bom som que João Renaud está innocente, e... matar-me-hei depois.

Rouvenat cruzou os braços.

—Não, disse elle friamente, não farás isso?

—E quem teria a audacia de m'o prohibir?

—Eu!

—Tu! e porquê?

—Porque não quero que assim seja.

Jacques Mellier soltou uma risada convulsiva.

—Não, não quero que assim seja! repetiu Pedro Rouvenat, endireitando-se com energia. Não quero, porque o suicidio é tambem uma infamia, é uma cobardia, é um crime tambem!... Já commetteste um, e é de mais. Hontem não pude segurar o teu braço homicida; mas hoje hei de segural-o, juro-t'o. Tu, Jacques, esperaste na estrada traiçoeiramente um desgraçado

rapaz, cujo crime unico fôra amar a tua filha e mataste-o!... Eis o que é infame, o que é cobarde, o que é ignominioso! E não era isto ainda bastante... Cruel como um tigre, expulsaste de casa a tua filha! E ella, a desgraçada, partiu... e talvez não mais tornaremos a vê-la!... E, depois de haveres feito tudo isto, queres pedir á morte o esquecimento! Ah! seria commodo isso! Diz-me, Jacques: se estivesses agora nas circumstancias em que te achavas hontem á noite, antes do crime, matarias ainda aquelle infeliz rapaz?

—Oh! não, não... balbuciou Jacques Mellier, tremendo.

—E a tua filha... expulsal-a-bias?

—Sim, sim!

—O que das tuas respostas deprehendo é que, se é certo que comesas a arrependêr-te do horroroso crime, que cometeste, nada pôde ainda abrandar a colera do teu coração de pae. E no entretanto tu amavas a tua filha... E é de balde que tentas illudir-te a ti proprio... ainda a amas! Ah! é mais facil lançar a vida no profundo e mysterioso abysmo da morte do que matar o proprio coração... Não, não irás a Saint-Iron, e deixarás que João Renaud leve a cabo o seu sacrificio. Tu é preciso que vivas para soffreres e para-te arrependeres. O remorso, Jacques, ha de ser o teu castigo... Hei de ainda ver-te abysmado na mais profunda dôr, e bradar em altos gritos, e com voz supplicante, por a tua filha!

—Cala-te, cala-te, Rouvenat!

—Chegará porém um dia, proseguiu o velho servidor como inspirado, em que Deus ha de compadecer-se das tuas lagrimas, e então Elle, que não é inflexivel, ha de perdoar-te. Ah! Deus perdôa sempre, mesmo aos maiores criminosos, que não se revoltam contra a sua vontade, e que sabem merecer a sua clemencia pelo arrependimento.

—Deixa-me partir, Rouvenat.

—Não, não, não!

—E és tu, o homem generoso, o homem bom e sensato, és tu que queres fazer condenar um inocente?

—O que eu não quero é contrariar a vontade de Deus!

—Mas diz-me: que tenho eu que fazer agora neste mundo?

—Já to disse: arrependeres-te!

—Mas João Renaud tem uma esposa, vai ter um filho, ao passo que eu estou sózinho sobre a terra!

—Não estás, tens a tua filha!

—Não tenho... a minha filha morreu para mim!

—Neste momento seja assim; mas o que eu faço neste momento, Jacques, é mais por ela do que por ti proprio. Não te esqueças da pobre Genoveva, e da criança que depressa ha-de ver a luz do dia... O proprietario do Seuillon é rico; dará o pão de cada dia à pobre mulher, e educará a criança... Eis o que decidiu Pedro Rouvenat, o criado... eis o que ha-de fazer Jacques Mellier... o amo!

Naquele momento os papeis estavam introvertidos; o criado tinha arrogado a si a autoridade do amo: ordenava, impunha a sua vontade, e era debalde que o criminoso tentava rebaver a sua força de vontade... Agora estava vencido, prostrado, e mau grado seu curvava-se ante aquele novo dominio, que tão audaciosamente se lhe impunha.

Soltando um gemido, Jacques Mellier deixou cair a cabeça sobre o peito pesadamente, e ficou imóvel. Rouvenat lançou mão das duas pistolas, e guardou-as; depois, falando já com acento menos duro, mais affectuoso, disse-lhe:

—Dave estar perto a meia noite, e precisamos pensar em tomar algum repouso. Boa noite, Jacques. Quando te ergue-

res da cama de manhã, ha-de estar já ceifada a herva, que ainda está em pé no prado.

E Pedro Rouvenat retirou-se do quarto gravemente.

Dois dias depois, em um domingo, Rouvenat, depois do almoço, lançou sobre si o seu melhor vestuario, meteu na algibeira uma bolsa bem guarnecida, e dirigiu-se para Civry, com o fim de fazer uma visita á mulher de João Renaud.

A pobre Genoveva tinha mudado muito durante aqueles três dias; não parecia já a mesma mulher. Vendo-a palida, com as faces emagrecidas, com profundas olheiras, e com o olhar amortecido e sem expressão, Pedro Rouvenat sentiu que se lhe confrangia dolorosamente o coração.

—Bom dia, boa Genoveva, lhe disse ele; venho a Civry expressamente para a visitar.

A desgraçada desatou a chorar.

—Vamos, tornou Rouvenat, é preciso ter coragem. Lembre-se de que tem amigos, que não hão-de abandoná-la nunca.

—A sua presença aqui, sr. Rouvenat, diz-me que me resta um ao menos... balbuciou a pobre mulher.

—Esquece o sr. Mellier, Genoveva?

—Oh! não, não esqueço... O sr. Mellier foi sempre bom para mim... para nós, porque ele, o desgraçado, também tem toda a razão para lhe ser eternamente agradecido. Ah! ele tinha a amizade e a consideração dos ricos, como dos pobres; e no entretanto esse facto não o conteve... Ah! está tudo acabado para mim, sr. Rouvenat! Estou ferida no coração... Eu sinto-me... Ter-me-ia deixado morrer, se não me ordenasse que vivesse o pequenino ente, que se agita no meu seio... E todavia... mil vezes tenho preguntado com angustia a mim propria, se não seria melhor que a pobre

criança não viesse a este mundo... Filho de um criminoso, de um assassino!...

— Genoveva: é severa com João Renand.

— Several! Oh! estaria ele hoje na prisão de Vesoul, se não fosse criminoso? João Renand é um desgraçado! Com a mesma bala, com que matou um homem na estrada, matou sua mulher!

— No entanto, Genoveva... quem nos diz a nós que não é falsa a acusação?

— Ah! é bondoso o seu coração, sr. Rouvenat, e eu agradeço as suas boas palavras. Mas eu sei bem o que se passou em Frémicourt, em presença do juiz. João Renand esteve ausente de casa durante toda aquela horrível noite, e quando lhe perguntaram onde tinha estado, e o que tinha feito, não se atreveu a responder... Aqui mesmo, diante de mim, quando os gendarmes encontraram descarregada a espingarda, achou ele acaso uma palavra para se defender? Não; nada disse... começava já a ter medo... Ah! o desgraçado está perdido, sem remédio! Mas ao menos não roubou: isso afirmo eu. Quando recolheu a casa, se trouxesse dinheiro ou joias consigo, teria escondido tudo aqui, não é verdade?

— Decerto.

— Pois bem; a justiça veio ontem aqui, e procurou em todos os cantos, sem que encontrasse coisa alguma, que o compromettesse.

— Generoso João Renand, pensou Rouvenat; é evidente que queimou as cartas.

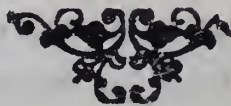
A infeliz Genoveva continuava a chorar desoladamente, com o rosto escondido entre as mãos.

— Genoveva, tornou Rouvenat; na herdade todos tomam uma parte muito activa na desgraça que acaba de feri-la, e o sr.

Mellier não quer que lhe falte coisa alguma. Manda-lhe entregar esta bolsa, que contem cento e cinquenta francos.

Genoveva quiz recusar-se a aceitar.

—Ha-de receber esta pequena quantia, quero-o eu, insistiu Rouvenat. Alem disto virei vê-la frequentes vezes, Genoveva. Repito: o sr. Mellier não quer que lhe falte coisa alguma, Mais tarde há de ser ele tambem quem se incumbirá de educar o seu filho.





XVII

O condenado

O processo de João Renaud, conhecido com a denominação de matador de lobos, depressa ficou pronto para julgamento. A questão durou apenas uns dôze ou quinze dias.

O acusado, reconhecido autor do crime de assassinato com premeditação, com o incentivo do roubo, devia ser julgado nas proximas audiencias gerais, que proximamente haviam de ter começo.

A attitude de João Renaud fôra, no gabinete do juiz de instrução, a mesma precisamente que já mostrara na sala da *mairie* de Frémicourt. Persistiu no seu sistema, que consistia em ficar silencioso, todas as vezes que lhe era feita uma qualquer pergunta, a que não podia responder.

Apesar de todas as investigações feitas, nada pudera saber-se com respeito á vitima, que estabelecesse a sua identidade. O enterro do desventurado, que era conhecido pelo simples nome de Edmundo, fizera-se por intervenção das autoridades de Frémicourt.

A população assistiu quasi toda á cerimonia funebre. O corpo foi enterrado em um canto do cemiterio. Dias depois foi colocada sobre a sepultura uma lapide grosseira, em que se liam, como epitafio, as seguintes palavras:

MORTO ASSASSINADO

24 de Junho de 1850

Logo que a instrução do processo ficou concluida, e depois de estar resolvido que o acusado seria julgado nas proximas audiencias gerais, João Renaud foi convidado a designar o advogado que deveria encarregar-se da sua defeza.

— Um advogado... respondeu ele. Para quê? É inutil, não preciso dele.

Fizeram-se as maiores tentativas para lhe fazer compreender, que era absolutamente necessario que ele tivesse um defensor. Mas nada pôde vencer a sua obstinação, e foi forçoso nomear-lhe um advogado *ex-officio*.

Era ele um mancebo pertencente a uma das mais distintas familias da cidade, instruido, inteligente, e tendo todos os ardores da mocidade e da sua profissão. Era sobretudo dotado de um coração generoso e bom.

A defeza, que lhe era oferecida, em razão do misterio que rodeava a vitima, e das reservas inexplicaveis do acusado, não se applicava decerto a uma causa vulgar. E portanto o novel advogado comprehendeu que encontrara o que muitos outros esperam ás vezes durante longo tempo; uma occasião para se distinguir.

Quando se apresentou na prisão para falar com João Renaud, este ultimo recebeu-o muito friamente.

— É trabalho que quere ter inutilmente, senhor, lhe disse o prisioneiro. Nada mais lhe direi do que o que já sabe, pois que tudo o que eu podia dizer foi já ouvido por o sr. juiz de instrução. Como, apesar de todo o seu talento e boa vontade, não terá meio de provar aos jurados que estou innocente; não obstará a que João Renaud seja condenado.

O moço advogado quiz dirigir-lhe algumas perguntas.

O prisioneiro replicou vivamente:

— Se eu tivesse tido a intenção de responder, não esperaria até hoje para o fazer. Do que podia dizer nada occultei: quando guardei silencio, foi porque entendi não dever falar. É debalde que bradarei «estou innocente!» e que esta afirmativa será secundada pelo meu advogado. Ninguém nos acreditará. Como não posso provar que estou innocente, serei considerado criminoso.

João Renaud em seguida mudou de conversa, e falou vivamente comovido de sua mulher e do pequenino ente que ia muito depressa ver a luz do dia. Falou tambem dos lobos, que continuariam a prejudicar os seus conterraneos, visto não estar ele em circuntancia de lhe dar caça.

O moço advogado saiu da prisão muito perplexo: Dizia-lhe um pressentimento intimo que acabava de falar com um innocente.

Tomou a questão a peito, estudou-a pacientemente e com muito cuidado em todos os seus detalhes, e trabalhou escrupulosamente a oração, que deveria fazer em favor do seu cliente.

Não tinha realmente a presunção de acreditar, ou mesmo só de supôr, que obteria a absolvição do acusado: mas em todo o caso queria aproveitar a ocasião para dar a medida do seu talento. Podia pôr em acção todos os recursos da arte oratoria com os seus diversos característicos, o sentimento, a dôr, o patetico, as lagrimas, a comparação, a audácia, a exaltação...

Chegou finalmente o dia fatal, que deu ao moço advogado um verdadeiro triunfo.

A sua oração fez tremer e chorar todo o auditorio, que esteve durante mais de uma hora suspenso dos seus labios.

O pobre João Renaud foi condenado a trabalhos forçados por toda a vida. Depois de ouvir ler a sentença condenatoria, juntou as mãos, e levantou os olhos para o céu. Foi nesta attitude, que ouviu as seguintes palavras da boca do presidente do tribunal:

—Tem três dias para recorrer da sentença.

O desgraçado descerrou os labios em um sorriso cheio de tristeza e de resignação.

—Oh! é inutil! murmurou ele.

Os dois gendarmes, que se achavam atraz dele, levantaram-se, e, ao passo que um deles abria a pequena porta que dava passagem aos réus, o outro collocava brandamente a mão sobre o ombro do condenado.

João Renaud compreendeu que estava tudo acabado; mas, antes de sair, quiz dar a si proprio a alegria de contemplar gente boa e honrada. Lançou pois lentamente o olhar para os

juizes, para os jurados, e para os espectadores, e viu que muitos lenços limpavam lagrimas...

Mas o que lhe causou uma comoção profunda foi ver em um canto Pedro Rouvenat, em pé, encostado á parede, palido como um cadaver, e chorando como uma criança.

O condenado saudou-o com um movimento de cabeça, e Rouvenat estendeu para ele os dois braços, como se mesmo de longe quizesse estreitá-lo de encontro ao coração.

João Renaud saiu por fim entre os dois gendarmes. Conduzido em seguida para a prisão, o carcereiro fechou sobre ele a porta macissa da celula. É possível que o desgraçado tivesse esquecido as orações, que aprendera na infancia; ajoelhou porem sobre a terra, e, pensando na sua companheira, na sua querida Genoveva, de que nenhuma noticia tinha ainda, pensando em tudo o que no mundo amava, elevou a alma para Deus e orou.

Estava ainda de joelhos quando de subito ouviu no corredor um ruido de passos, que se aproximavam. Logo em seguida rrangeu uma chave dentro da fechadura da porta da celula. João Renaud ergueu-se de salto e esperou. A porta abriu-se, e o condenado soltou um grito de surpresa e de júbilo. Pedro Rouvenat acabava de entrar na celula.

O criado e amigo de Jacques Mallier lançou-se ao pescoço de João Renaud, e beijou-o nas faces com uma especie de exaltação.

A porta tinha-se fechado de novo, e o carcereiro afastava-se.

—Ah! não sabe o júbilo que sinto, por o ver aqui, sr. Pedro Rouvenat... balbuciou o condenado, profundamente comovido. E todavia... estava há pouco no tribunal... e não ignora que vou ser mandado por toda a vida para um presidio!...

—Sim; porque assim o quizeste! respondeu Pedro Rouvenat soluçando.

—Que quere dizer, sr. Rouvenat?

—Julgas acaso que eu te creio criminoso, João Renaud? Não sei eu que estás inocente?

—Fale mais baixo, senhor, mais baixo...

—Ah! pensem e digam os outros de ti o que quizerem, meu bom João Renaud; eu admiro-te, respeito-te tanto que me prostraria de joelhos diante de ti, como diante do proprio Deus!

—Adivinhou então a razão por que eu não quiz responder?

—Conheci já o teu nobilissimo coração, João Renaud. Compreendi pois a tua admiravel dedicação, e vejo muito bem que te sacrificas.

—E o sr. Mellier... sabe?

—Sabe, sim.

—Ah! contraria-me isso profundamente, murmurou João Renaud com expressão desolada.

—Fui forçado a dizer-lhe toda a verdade.

—Para quê?

—Afim de que ele saiba bem o que te deve.

—Mas não era necessário isso.

—Quando soube que te deixavas acusar, e que te recusavas a responder, para não denunciarees o segredo da noite de vinte e quatro de Junho, que só tu descobriste, quiz ir denunciar-se a si proprio, mas eu opuz-me a isso.

—Ah! fez muito bem, sr. Rouvenat... Sim, deixei que me acusassem, e que me condenassem, porque assim o quiz... Era-me facilissimo defender-me, e provar que estou inocente! Bastar-me-ia para isso dizer a verdade ao juiz de instru-

ção. Não querendo mentir, e tendo também medo de comprometer a questão, preferi não responder. De mais, eu tinha feito um juramento ao pobre moribundo... e depois também não queria de modo algum que a justiça descobrisse o verdadeiro criminoso!... Ah! foi-me necessário recorrer a toda a minha coragem, e energia... Aqueles srs. juizes são terríveis... fariam falar um morto!...

«A verdade, porém, sr. Rouvenat, é que não era só a recordação dos benefícios que devo ao sr. Mellier, que me proibiu de falar; tinha no coração — e tenho ainda — uma ferida que goteja sangue... Geneveva duvidou de mim, e julga-me um criminoso!... Ah! quando os gendarmes entraram em nossa casa para me prenderem, talvez me tivesse faltado a coragem para fazer o que fiz, se Geneveva houvesse protestado e bradasse: «Meu marido está inocente! juro que João Renaud não é, não pode ser um assassino!...» Não obstante dever a vida ao sr. Jacques Mellier, e apesar de tudo o que ele fez por mim depois, não teria a força necessária para me deixar acusar e condenar... não, não teria podido calar-me!...

«Ah! quando Geneveva, que me conhece tão bem, não hesitou em me acusar, calculo bem o que dirão de mim outras pessoas!... que sou um miseravel, um ladrão, um assassino!... Agora vou ser presidiario, é verdade, mas não sou assassino nem ladrão. E, todavia, Geneveva, minha mulher, considera me assim... Ela, que sabe escrever, nunca me dirigiu duas palavras, nunca me escreveu... Depressa se esqueceu de mim!...

— Enganas te, João Renaud; a pobre Geneveva pensa em ti constantemente, e chora sem descanso.

Os olhos do prisioneiro animaram-se subitamente; no

semblante transpareceu-lhe uma expressão de alegria e infinito affecto.

— Viu-a, sr. Rouvenat? perguntou ele com voz tremula. Como vai ela?

— Sofre muito... vive em uma profunda desolação...

— Pobre Genoveva! Se estivesse sozinha, poderia viver razoavelmente; mas a criança vai nascer muito depressa, e depois... que será dela?

— Sobre esse ponto não deves tu ter inquietações, João Renaud; a tua mulher e ao teu filho nada ha-de faltar. Comprometo-me eu a isso... eu, Pedro Rouvenat!

O prisioneiro tomou entre as suas as mãos do seu interlocutor, e estreitou-as febrilmente.

— Ah! disse ele; não pode imaginar quanto bem acabam de fazer-me as suas palavras! Agora, depois de vê-lo e de o ouvir, até mesmo se me afigura que não é lastimavel a minha sorte! E dizer que vou ser pai... que vou ter um filho... E' duro para o meu coração, sr. Rouvenat... Não verei nunca a pobre criancinha, e todavia vai ser o objecto de todos os meus pensamentos, de todo o meu amor! Quando tiver idade para compreender as coisas, não deixarão de dizer-lhe: «João Renaud, teu pai, está no presidio! é um assassino!» Oh! como há-de sofrer... Mas um dia, sr. Rouvenat, quando o meu filho fôr capaz de guardar um segredo, há-de dizer-lhe... a verdade, sim?

— Juro-te, João Renaud, que não deixarei de cumprir esse teu desejo, quando o teu filho, homem ou mulher, chegue á idade de vinte anos!

— Nessa época já não pertencerei provavelmente ao numero dos vivos; mas ao menos o meu filho, ou a minha filha, não amaldiçoará a memoria de seu pai...

E, mudando de tom, João Renaud continuou:

—Não falemos agora mais de mim, nem dos meus... Digame, sr. Rouvenat: depois do que se passou, como vai a menina Lucila?

Rouvenat, subitamente embaraçado, baixou os olhos, como se não soubesse bem o que devia responder.

—Antes de que me mandassem... nem eu sei para onde, tornou o prisioneiro, desejaria bem tornar a ver a menina Lucila... Tinha que lhe dizer...

—A menina Lucila continua a estar ausente, respondeu Rouvenat. Trata-se das cartas, que fôste buscar ao quarto do infeliz rapaz, não é verdade?

—Exactamente. Se aqueles papeis eram cartas, não sei eu... Não sei ler, e mesmo, se o soubesse, não teria procurado lê-las...

—Queimaste esses papeis, João Renaud?

O prisioneiro hesitou durante um momento.

—Sim... respondeu ele por fim.

—Não podes confiar-me o que quererias dizer a menina Lucila? perguntou Rouvenat.

—Não... Tenho a mais absoluta confiança no sr. Rouvenat; mas... estou ligado por um juramento!

A meia hora concedida ao visitante para conversar com o condenado acabava de decorrer. Fez-se ouvir de novo o ranger da chave na fechadura, a porta abriu-se, e o carcereiro, silencioso, apareceu no limiar da porta.

Os dois homens caíram nos braços um do outro, soluçando.

—Não abandone nunca minha mulher nem o meu filho! exclamou João Renaud. Não esqueça a promessa, que me fez!

—Conheces-me bem, e deves saber que, haja o que houver, não sou capaz de faltar ao que prometo, respondeu Rouvenat.

E, obedecendo a um gesto expressivo do carcereiro, saiu da celula.





XVIII

A orfã

Três dias depois do seu regresso ao Saillon, Pedro Rouven t dispunha-se a ir levar a Genoveva noticias do marido, quando entrou na herdade uma mulher de Civry, que levava uma terrivel noticia, que constituia para Jacques Mellier que estava presente, uma nova e horrosa tortura...

Logo depois de ter tido conhecimento da condemnação de João Renaud, Genoveva, ja muito adoentada, tinha sido forçada a ir para a cama. Duas vizinhas, substituindo se constantemente uma á outra, ofereceram-se pressurosamente para lhe prestar os cuidados e serviços de que ella carecia, e não se separaram dela nem de dia nem de noite.

Por fim Genoveva na noite precedente sentira-se mais incomodada, e antes do amanhecer, dera á luz uma menina de sete meses, pequenina e encantadora como uma boneca, que o medico declarou muito bem constituida, e cheia de vida. Logo depois a mãe pedira para ver a sua filhinha, e as duas mulherzinhas tinham-lha posto nos braços. Genoveva sentira-se subitamente dominada por um violento acesso de desespero, e vertera lagrimas abundantes. Vendo isto, as duas vizinhas entenderam que deviam tirar-lhe dos braços a criança.

Nada anunciava ainda a horrivel desgraça, que estava para acontecer...

Duas horas depois, a infeliz Genoveva, agitada por horrosas convulsões, morrera nos braços do medico, que fizera inauditos esforços para a salvar.

—E o peor é que ninguem sabe o que ha-de fazer-se ! acrescentou a mulher de Civry. Todos perguntam que destino ha-de ter a pobre criancinha. Melhor fôra que não tivesse vindo a este mundo, ou que fôsse juntar-se no céu com a mãe.

Nos olhos de Rouvenat brilhou um subito relampago, e a mão, que tinha na algibeira, contraiu-se lhe nervosamente. Nada disse porém.

Jacques Mellier, sombrio como sempre, parecia aterrado...

A mulherzinha retirou-se por fim, e os dois homens ficaram sós.

—Quando aquela mulher desejou a morte da filhinha de Genoveva e do desgraçado João Renaud, disse Pedro Rouvenat, senti desejos de a estrangular, palavra de honrat

—A mulher vê a situação pelo seu verdadeiro lado, res-

pondeu Mellier. Não fez mais do que dizer francamente diante de nós o que pensa.

— E tu, Jacques, que tencionas fazer ?

— Agora és tu que governas aqui, Pedro. Decide tu, e faz o que entenderes melhor... O que fizeres será bem feito.

— Dás-me então amplos poderes ?

— Dou, sim.

— No entretanto devo prevenir-te de que, como sempre, tudo o que fizer será em teu nome.

— Como quizeres ; não me opponho a isso.

— E aceitarás o que eu fizer ?

— Approvo tudo de antemão. Faz o que julgares mais conveniente. Queres que te dê por escripto todas as authorisações ?

— Para que ? não tenho eu em ti a mais plena confiança ? De mais, por agora trata-se unicamente de arranjar uma para a creancinha ; trataremos mais tarde do seu futuro.

Logo em seguida Pedro Rouvenat pôz-se a caminho para Civry.

Na casa mortuaria encontrou quatro ou cinco mulheres.

Sobre a mesa, junto da cama, via-se uma lampada accesa, e um vaso de louça cheio de agua benta e tendo dentro um ramo de buxo. Rouvenat, que tirara o chapéu logo á entrada, pegou no ramo de buxo, e lançou algumas góttas de agua benta sobre o alvo sudario, que cobria o corpo.

— Genoveva, pobre mulher, disse elle em voz baixa : antes de que a tua alma vòe para longe da terra, venho aqui diante de ti, que não podes ouvir-me, jurar-te que nunca abandonarei a tua filha, que velarei por ella incessantemente, e que hei de amal-a como se fòsse minha propria filha !

Collocou de novo o ramo de buxo na agua benta, e, voltando-se para as mulheres, perguntou-lhes :

— Onde está a creança ?

Uma d'ellas respondeu :

— Não podiamos conservar aqui a pobre innocentinha. Em quanto se não decide, qual o destino que ha de ter, fui entregal-a á mulher de Claudio Perny, que tem tambem um filhinho de poucos mezes, que está creando.

— Bem, disse Rouvenat ; mas os habitantes de Civry não devem ter inquietações por causa da filhinha de Genoveva Renaud ; quer encarregar-se d'ella o sr. Jacques Mellier, do Seuillon.

— Oh ! era isso mesmo o que ha pouco estavamos dizendo. O sr. Mellier foi sempre muito bom para a pobre Genoveva, assim como tambem para João Renaud, para que deixasse ir agora o pobre innocentinho para o hospicio dos abandonados. De mais a mais a menina do Seuillon tinha promettido ser madrinha da creança . . .

— Voltarei aqui á noite, tornou Rouvenat, mudando vivamente de conversa. A minha intenção é passar a noite velando a morta, com aquellas de vós que quizerem acompanhar-me.

Em seguida Pedro Rouvenat foi procurar o *maire*, com o qual conversou durante mais de uma hora. D'a'i foi procurar a mulher de Claudio Perny, que encontrou com a recém-nascida nos braços, cumprindo o seu dever de ama. Rouvenat assentou-se junto da mulher, e contemplou a creancinha com os olhos rasos de lagrimas.

— A innocentinha, disse a sr.^a Perny, é muito fraca, muito delicadinha . . . Veja como é toda pequenina e bem feita ! Hade ter olhos azues, e louros os cabellos, como a mãe. E veja . . .

faz bem pela vida !... Sabe já que destino vae ter este anginho, sr. Rouvenat ?

— Não sei ainda ; mas... se quizesse continuar a cuidar d'ella...

— Deixar-m'a-hiam, sériamente ?

— Não para sempre ; mas ao menos durante dôze ou quinze mezes...

— Fico com ella, sr. Rouvenat, fico com ella. Até me convem porque tenho muito leite... Verá como a pequenina ha de desenvolver-se... Claudio Perny não é rico, e a verdade é que já temos tres filhos pequenos ; mas embora, ficaremos agora com mais um. Ah ! eu era amiga sincera da pobre Geneveva, e, em recordação da mãe, estou prompta a crear a filhinha gratuitamente...

— Mas não é assim que eu entendo as coisas, nem é isso o que quer o sr. Mellier, respondeu Rouvenat. Passa a ser ama da pequenina, está combinado ; mas é preciso que d'ahi lhe não advenha um qualquer acrescimo de despeza. Receberá pois, em quanto tiver a creança a seu cargo, a mensalidade de quarenta francos.

— Quarenta francos ! exclamou a mulherzinha estupefacta ; mas isso é uma exorbitancia !

— Talvez ; mas assim é que o sr. Mellier quer.

— D'esse modo a creança, em vez de nos trazer um qualquer acrescimo de despeza, vae de certo enriquecer-nos !

— Servir-lhe-ha isso para ajudar a creação e educação dos seus filhos.

Em seguida Rouvenat tirou da algibeira duas moedas de ouro, que entregou nas mãos da mulherzinha, ao mesmo tempo que dizia :

— Aqui tem já o dinheiro do primeiro mez.

Claudio Perny recolhia a casa n'aquelle momento. A mulher disse-lhe o que acabava de passar-se.

— Eu já sabia que minha mulher queria ficar com a pequenina, disse elle simplesmente. E ter-se-hia prestado a creal-a sem remuneração alguma.

— A creança ha de ser baptisada ámanhã depois do enterro da mãe, tornou Rouvenat.

— Que nome lhe será dado?

— Não sei ainda. Hei de pensar n'isso.!

Depois de se separar de Claudio Perny e de sua mulher, Rouvenat tratou activamente de tudo o que era necessario para o funeral de Genoveva.

Conforme já annunciara, velou durante toda a noite junto do cadaver, em companhia de umas poucas de mulheres.

Às nove horas da manhã, Genoveva foi mettida no caixão. O enterro realizou-se ás onze horas.

Na tarde d'esse mesmo dia a creança foi levada á igreja para ser baptisada. O padrinho foi Pedro Rouvenat, e madrinha uma das mulheres que tinham passado a noite junto da morta.

A pequenina recebeu o nome de Branca.

Ao anoitecer Pedro Rouvenat dirigiu-se a casa de João Renaud, fechou as janellas com todo o cuidado, assim como a porta da rua, guardou as chaves na algibeira, e tomou o caminho do Seillon. Ali contou a Jacques Mellier tudo o que fizera.

— Bem, respondeu este ultimo simplesmente.

*

*

A pequenina Branca esteve entregue á ama até á idade de dois annos, sendo depois installada na herdade do Seuillon, e abi confiada aos cuidados de uma governante, que Rouvenat fôra buscar a Lure.

Foi expressamente prohibido aos creados da herdade, sob pena de serem immediatamente despedidos, fallarem deante da creança ácerca de João Renaud ou mesmo de Genoveva. Rouvenat tinha uma ideia reservada... A pequenina Branca dava-lhe o nome de padrinho; mas a pouco e pouco foi adquirindo o habito de lhe chamar *papá*...

Jacques Mellier nem mesmo pensou em oppôr-se ao que Rouvenat fazia. Curvado ao peso dos remorsos andando d'aqui para ali sem vontade, como se fôra uma verdadeira machina, tinha muito voluntariamente deposto toda a sua authoridade nas mãos do seu velho servidor e amigo fiel.

De mais, o que Pedro Rouvenat previra aconteceu... Jacques Mellier depressa sentiu um affecto apaixonado pela filha do homem, que se deixara condemnar em seu logar. Não sahindo de casa nunca, sentia um grandissimo prazer em a ter junto de si. N'esses momentos, que eram agora os melhores da sua vida, chegava a sentir em si uma especie de alegria intima. Assentava-a frequentes vezes sobre os joelhos, e depois, subitamente enternecido, beijava-a com uma especie de phrenesi, pensando provavelmente no pobre João Renaud.

Rodeiada de cuidados e de affeições, Branca cresceu e des-

envolveu-se como uma flôr mimosa plantada em boa terra. Aos cinco annos, sempre delicada e fina, mas viva, alegre, graciosa, e risonha, tinha já ditos engraçadissimos.

Mellier não podia separar-se d'ella, e Rouvenat adorava-a, era louco por ella !

No entretanto o velho servidor não se esquecera da filha de Jacques, da pobre Lucila. Ninguem mais ouvira fallar n'ella.

Que destino teria sido o seu ? A infeliz menina, prostrada pela dôr e perseguida pela miseria, teria posto fim aos seus dias ?

Poucos dias se passavam sem que o bom Rouvenat fôsse encontrado no meio dos campos, triste, pensativo, e com os olhos cravados na terra. Pensava em Lucila...

Na herdade ninguem pronunciava o nome d'ella. Os creados não se atreviam a isso, sem saberem porque. Jacques Mellier tel-a-hia esquecido completamente, ou viveria desgostoso e arrependido de a ter expulsado ? O proprio Rouvenat não sabia o que devia pensar.

Nos primeiros tempos a desaparição da *menina de Seuil-lon*—como todos lhe chamavam—causou viva estranheza, tanto em Frémicourt, como nas povoações proximas. O facto foi muito commentado, fizeram se numerosas supposições, mas ninguem se atreveu a elevar a voz ácerca da questão. Depois, a pouco e pouco, aquella commoção foi-se desvanecendo, como a recordação do crime, cuja punição João Renaud estava soffrendo.

Este ultimo, segundo informações certas, transmittidas a Rouvenat, havia sido comprehendido no numero de quarenta condemnados, tirados do presidio de Toulon, e recentemente transportados para Cayena.

*
* *
*

Tinham já decorrido mais de cinco annos depois do crime, commettido na noite de 24 de junho de 1850. Corria o mez de dezembro, o frio era muito intenso, e a neve cobria o valle da Sableuse.

Um dia de manhã Pedro Rouvenat recebeu uma carta, o que lhe acontecia agora algumas vezes, desde que tratava dos negocios da herdade em nome de Mellier. Abriu-a, e julgamos não precisar dizer com quanta surpresa e commoção leria as seguintes linhas :

«Meu-querido e bom Pedro

«Estou em Saint-Irun, na hospedaria dos Cães Brancos. Se tem ainda algum affecto por mim, venha ver-me. Pergunte pela senhora estrangeira. Não diga nada a meu pae.

«LUCILA.»

Rouvenat levou a carta aos labios, e desatou a soluçar de jubilo e de commoção.

Uma hora depois, Rouvenat estava a caminho para Saint-Irun.



XIX

Reapparece Lucila Mellier

O honrado Bertaux, estalajadeiro em Saint-Irun, tinha morrido subitamente no anno precedente, vitima de uma apoplexia fulminante. Sen sobrinho o unico herdeiro, que tinha tambem o nome de Bert-ux, e que residia em Port d'Atelier, onde não lhe corriam muito brilhantemente as coisas, tinha ido installar-se em Saint-Irun, e havia tomado posse do estabelecimento de seu tio. Não conhecia Pedro Rouvenat, e ainda menos Lucila Mellier.

Foi a elle que se dirigiu Rouvenat, logo que chegou. Bertaux II, successor de Bertaux I, correspondeu pressurosamente ao cumprimento do recémchegado, como um estalaja-



Lucila Mellier se'tou um grito de jubilo... (Pag. 175)



deiro serio que quer angariar uma boa clientella, e respondeu ás perguntas de Pedro Rouvenat, dizendo :

— Vou já conduzi-lo ao quarto d'essa senhora.

Subiram ao primeiro andar, e ali o condescendente estalajadeiro, parando junto de uma porta, bateu duas pequenas pancadas, e disse :

— Minha senhora : tem aqui uma visita.

Em seguida, sem esperar os agradecimentos do estylo, desceu rapidamente a escada para voltar ás suas occupações.

A porta abriu-se logo, e Rouvenat entrou.

Lucila Mellier soltou um grito de jubilo, e lançou-se-lhe chorando nos braços.

O velho Pedro contemplava Lucila sem se faltar do prazer que experimentava.

A filha de Jacques Mellier estava muito mudada. Tinha as faces cavadas, contrahidas as feições, e mostrava na fronte rugas precoces. Era facil ver os estragos causados na infeliz creatura pela dôr e talvez mesmo pela miseria.

— Minha querida Lucila, minha pobre menina... disse por fim Rouvenat com lagrimas na voz. Torno finalmente a vel a!... Ah! ingrata, ingrata, porque esteve tanto tempo sem me dar noticias suas?... Duvidou alguma vez da amizade do seu velho Pedro?

— Oh! não, nunca, meu bom amigo, juro-lh'o! respondeu Lucila por entre soluços.

— Mas então devia escrever-me... dizer-me onde estava... que destino fôra o seu...

— Não me atrevi...

— Foi mal feito. Mas não fallemos mais em tal. Agora sei á o que tenho a fazer.

— Que quer dizer, Pedro?

— Quero dizer que vou leva-la para a herdade, nem mais nem menos.

— Ah! isso não, nunca! exclamou Lucila estremecendo.

— Tem medo de ser mal recebida, Lucila? replicou Rouvenat tristemente. Irá comigo, e seu pae não poderá deixar de a receber de braços abertos. Julga acaso que elle a expulsaria de novo? Não, não poderá fazel-o... De mais, estarei eu presente, e elle não ousaria...

— Esquece o que se passou, Pedro? Não se lembra já de que sou uma filha maldita, e que Jacques Mellier, meu pae, despedaçando a minha felicidade, me condemnou para sempre a uma vida de soffrimento e de miseria? Cumprirei até o fim o meu fatal destino!... Mas, quando mesmo estivesse disposto a perdoar-me, eu não só não daria um passo unico para obter o perdão, como até o repelliria...

— Oh! Lucila!

— Sim, repellil-o-hia, continuou ella com animação, porque eu... eu é que não posso perdoar! Ainda mesmo que não tivesse sido expulsa da casa, em que minha mãe, por desgraça minha, me trouxe a este mundo, tel-a-hia eu abandonado voluntariamente. Não, Pedro, nunca mais tornarei a pôr os pés em casa de Jacques Mellier!

— Oh! Lucila! não imagina como soffre o desgraçado! O remorso acabrunha-o, mata-o!

— E' merecido o castigo, que a Providencia lhe inflige. No entretanto eu não me esqueço de que Jacques Mellier é meu pae. Teria sentido satisfação e alegria, se o soubesse feliz.

— Desgraçadamente, apesar da sua grande fortuna, não ha felicidade possivel para elle.

— Como tambem a não pode haver para mim, Pedro. Para toda a parte para onde fôr continuarei a arrastar comigo o

peso da maldição, com que fui ferida! Nem mesmo tenho já esperança de inspirar uma tal ou qual compaixão aos que não me conhecem, e de continuar a receber d'elles o pão, que me dão em troca do trabalho dos meus braços.

— Meu Deus, meu Deus! gemeu Rouvenat.

— Oh! eu não me queixo, não quero queixar-me, tornou Lucila com uma especie de desvairamento. A minha sorte ha de cumprir-se. A propria morte, que seria para mim um allivio, assusta-me, aterrorisa-me... E não é porque eu julgue boa a vida, não, não... Desejaria a morte ardentemente, ambicional-a-hia com phrenesi, se tivesse esse direito... Mas não posso, Pedro... Não sou só, e sou forçada a viver para «elle»!

Rouvenat estremeceu, e olhou para ella com estupefacção.

Lucila proseguiu com voz vibrante:

— Se estivesse sósinha, nenhum caso faria da vida, nenhum... Miseravel, cheia de angústia e de desgosto, e sem esperança, mas ao mesmo tempo sem receio, tranquilla e resignada, caminharía direita na minha frente, até chegar ao fim da estrada... Mas não é, não pode ser assim... Por causa d'elle sinto-me inquieta, apprehensiva, e pergunto constantemente a mim propria, que sorte lhe estará reservada.

— Mas a quem se refere, Lucila? exclamou Pedro Rouvenat.

— Ah! sim, não sabe... Fallo do meu filho, Pedro, do meu filho!...

— Do seu filho! exclamou o velho servidor, dominado por viva agitação. E n'essas circumstancias, Lucila, recusa se a voltar ao Seuillon!!

— Já lhe disse as minhas razões, Pedro.

— Pois que! tornou Rouvenat, passeiando agitadamente pelo quarto, e como fallando comsigo proprio. Lucila tem um filho, e esse pobre innocente será renegado, abandonado á miseria, e desherdado de tudo, sendo certo que existe uma grande fortuna, que deve pertencer-lhe!!

— Pedro: o filho de Lucila ha de herdar só de sua mãe... será, como eu, desgraçado!

E a desgraçada desatou a chorar.

— C'os demonios! bradou o velho Rouvenat, agitando os grandes braços. É isso que eu não posso soffrer de modo algum... Não; é impossivel... seria uma coisa iniqua, abominavel, odiosa! Felizmente ainda sou d'este mundo!... Hei de ser attendido, senão...

— Pedro: não quero que diga, não quero que faça coisa alguma.

— Não, não quero, não posso obedecer-lhe, Lucila. Agora não se trata já só de si; trata se do seu filho... Onde está elle?

Lucila dirigiu-se para a cama, cujas cortinas estavam cahidas, e entreabriu as.

— Eil-o, disse ella.

O barulho da conversa tinha acordado a creança, que acabava de se assentar na cama.

Rouvenat approximou-se vivamente. Vendo a carinha fresca e rosada do pequenino, o velho sentiu-se profundamente commovido.

— Como se chama? perguntou elle.

— Dei-lhe o nome de seu pae, respondeu Lucila.

— Edmundo!

E, tomando o pequenino nos braços, Rouvenat acariciou-o quasi com uma especie de phrenesi.

— Mamã, quem é este senhor ? perguntou de subito o rapazinho.

— É um amigo, filho, respondeu Lucila.

— Mas porque é que te faz chorar ?

— Enganas-te, meu amor ; não estou chorando.

— Mas eu vejo as lagrimas...

— Oh ! anjo querido ! adoravel creança ! balbucion Rouvenat, redobrando de caricias.

Lucila descerrou um sorriso por entre as lagrimas. Rouvenat pousou no chão a creança, e em seguida foi assentar-se junto de Lucila, em face do fogão.

— Agora, minha querida menina, disse elle, diga-me que vida tem sido a sua desde o terrivel dia, em que sahio de Seuillon.

— Vou dizer-lh'o, Pedro, respondeu ella. A historia é curta. Caminhei, caminhei diante de mim durante muitos dias ao acaso, e sem mesmo pensar em perguntar a mim propria para onde ia. Estava como louca. Parava de dia apenas para tomar algum alimento, e de noite para repousar durante duas ou tres horas. Sustentava-me uma especie de sobreexcitação nervosa, que incutia em mim uma força estranha, que não julgava possuir. Tinha levado comigo algumas joias, que minha mãe me dera, e o pequeno peculio que possuia, e que guardava para as minhas esmolas. E foi isto o que me valeu, porque, não tendo de certo a ousadia de mendigar um bocado de pão na estrada, teria de certo morrido de fome.

«Um dia, tendo já despedaçado os sapatos, com os pés inchados e feridos, e extenuada de cansaço, quasi moribunda, cahi na estrada á entrada de uma povoação. Algumas pessoas passaram, e viram me. Fui recolhida em casa de uma boa gente. Não poderia dizer, qual o caminho que percorre-

ra, nem os nomes das aldeias e cidades que atravessara, até chegar ali. Encontrei-me no meio das montanhas do Jura. A boa gente, que se compadeceu de mim, pôz uma cama á minha disposição, e eu restabeleci-me ali, procurando tornar-me, tanto quanto possível, util em casa, cujos donos, tão discretos como hospitaleiros, nem mesmo me interrogavam. Pude pois occultar-lhes quem era, e de onde chegava. Não lhes disse senão que me chamava Lucila.

«A minha situação porém tinha sido adivinhada facilmente pela dona da casa, e um dia ouvi que ella dizia para o marido: «É de certo uma filha de boa familia, que foi enganada por um d'esses homens damninhos, que, depois de fazerem o mal, não teem a coragem de o reparar; naturalmente a pobre menina teve vergonha, e, cheia de desespero, fugiu da casa paterna!» Por fim nasceu o meu filho, que quiz crear eu propria. O dinheiro que possuía desapareceu finalmente, e em seguida fiz vender successivamente todas as joias, que levava.

— Oh! Lucila! porque me não escreveu? perguntou Rouvenat profundamente commovido. Sabe muito bem que na herdade nunca toquei nos meus salarios, e que tenho por isso avultadas economias.

— Eu tinha a certeza, meu bom Pedro, de que me mandaria tudo o que lhe houvesse pedido. Creio mesmo que meu pae, tratando-se de dinheiro, nada me recusaria. Mas não quiz pedir coisa alguma.

— De mais tem já o direito de reclamar a parte da fortuna, que lhe pertence por morte de sua mãe.

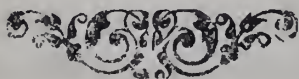
— Não, não reclamo, não quero reclamar coisa alguma. Não quero reconhecer em mim direito algum. Quanto mais desgraçada sou, quanto maior é a minha miseria, mais arrei-

gado sinto o meu amor proprio. Acima de tudo e de todos está Deus! Qual será o meu destino, só Elle o sabe... A maldição de meu pae pésa de um modo horrivel sobre a minha cabeça; se ás vezes o espirito de revolta tenta fallar em mim, imponho-lhe silencio bradando-lhe: «maldita! maldita! maldita!»

— Oh! é horrivel! murmurou Rouvenat.

— Logo que se exgotaram todos os meus recursos, continuou Lucila, vi-me na necessidade de pensar em ganhar a minha vida e a do meu filho. Trabalhei pois; habituaram se a isso os meus braços e as minhas mãos. Fui com as mulheres da povoação colher as hervas, e apanhar a lenha dos matos.

Rouvenat tomou entre as suas as mãos de Lucila, que não eram já finas e alvas como em outro tempo e cobriu-as de beijos silenciosamente.





As economias de Rouvenat

Depois de alguns momentos de silencio, Lucila continuou:
— Não se ganha muito trabalhando como trabalham as mulheres dos paizes montanhosos; mas vive-se. Todas as semanas, passando Deus sabe que privações, conseguia pôr de parte alguns *sous*, que destinava ás despesas imprevistas a fazer com o meu filho. Eis como tenho vivido, Pedro, pensando muitas vezes no Seuillon, e lamentando constantemente a perda do pae do meu querido filho. O unico prazer que me foi dado ter n'estes ultimos cinco annos e meio foi ler e reler uma duzia de livros velhos, que existiam na povoação e que me foram emprestados. Sabendo que gostava da leitura, e desejosas de me serem agradaveis, as boas mulherzinhas da po-

voação levavam-me de tempos a tempos todas as folhas impressas, que podiam haver ás mãos. Eram quasi sempre numeros de jornaes velhos, comprados em Paris, e chegados ali por acaso.

«Um dia, em um numero de jornal já muito antigo, li com estupefacção e terror um resumo do processo de João Renaud, que findava com uma descripção do seu julgamento pelo tribunal da Haute-Saone. Compreendi tudo... Para que não fôsse procurado o verdadeiro criminoso, o dedicado João Renaud deixou que o accusassem, e que o condemnassem! Para salvar meu pae, João Renaud prestou-se a passar por assassino. É o verdadeiro heroismo da dedicação!... Cahi de joelhos soluçando, e durante todo o dia suppliquei ao bom Deus que o protegesse. Pensava tambem na pobre Genoveva. Que destino foi o d'ella, Pedro?

— Genoveva... morreu, respondeu Rouvenat.

Lucila soltou um suspiro fundo, e curvou a cabeça.

— E tudo por minha causa! murmurou ella em tom doloroso. Bem vê que estou amaldiçoada, Pedro!... E o seu filho?... o filho que estava prestes a nascer?

— É uma menina encantadora. Vive na herdade. Seu pae educa-a, e incumbe-se tambem do seu futuro.

— Ah! bem, muito bem! exclamou Lucila com uma subita explosão de jubilo. Meu pae nunca poderá compensar essa creança! Não ha nada, nada que substitua o amor de mãe! Véle sempre por ella, Pedro, ame-a bem, e prepare-lhe um futuro feliz!

— É minha afilhada, e até mesmo me considero pae d'ella pelo affecto que lhe consagro.

— Como se chama?

— Branca.

— Branca ! um bonito nome.

— Não continuemos a fallar nos outros por agora, Lucila, tornou Rouvenat ; fallemos de si e do seu filho. Não me disse ainda por que razão se resolveu a vir a Saint-Irun.

— Vou satisfazel-o, Pedro. Disse-lhe já que punha de parte todas as semanas alguns *sous*, tirados do producto do meu trabalho, afim de possuir em um momento dado uma pequena reserva. Ha dias contei o meu peculio, e vi que possuia uma somma superior a cem francos. Occorreu-me então a ideia de fazer uma peregrinação piedosa ao cemiterio de Frémicourt. É lá que *elle* está enterrado, não é ?

— Sim.

— Em que logar ?

— Em um canto, junto da grande tilia.

— D'aqui... avisto o logar, que a sepultura occupa...

— De mais o logar está marcado com uma pedra. Mas diga-me, Lucila : não receia ser reconhecida em Frémicourt ? e, se isso acontecer, que se dirá ?

— Tranquillise-se, Pedro ; é de noite que desejo ir a Frémicourt. Entrarei no cemiterio na occasião em que todos dormirem, e ajoelharei com o meu filho sobre a sepultura do desgraçado ! Quero tambem dizer uma oração sobre a sepultura de minha mãe.

— E foi só para isso que veio aqui, querida Lucila ? Julguei... julguei que tivesse alguma coisa a pedir-me, se não para si, ao menos para este pobre innocente.

— Já lhe disse que nada quero, Pedro, replicou ella em tom breve e resolutto. Nunca pedirei coisa alguma a meu pae !

— Acho isso pouco razoavel, Lucila, e, se a não conhecesse tão bem, julgal-a-hia... mãe pouco dedicada.

— Deus vê bem o que se passa no meu coração.

O velho servidor comprehendeu, que seria debalde que combateria aquella resolução.

— Quantos dias tenciona demorar-se em Saint-Irun? perguntou elle.

— Agora que já o vi, meu bom Pedro, nada mais tenho que fazer aqui. Partirei na proxima noite.

— Peço-lhe, Lucila, supplico-lhe de mãos erguidas, se tanto é preciso, que se demore aqui mais um dia.

— Para que, Pedro?

— Ideias minhas. Desejo tornar a vê-la ainda amanhã.

— Pois bem; para tornar a vê-lo, ficarei ainda aqui o dia de amanhã.

O velho Rouvenat levantou-se, apertou Lucila nos braços com carinho verdadeiramente paternal, beijou nas duas faces o pequeno Edmundo, e sahiu do quarto dizendo:

— Até ámanhã.

Era já noite quando entrou no Seuillon, e dirigiu-se immediatamente ao quarto de Jacques Mellier.

— Onde foste tu hoje sem prevenires pessoa alguma? lhe perguntou este ultimo.

— Fui a Saint-Irun, para vêr a tua filha, respondeu Rouvenat bruscamente.

— Lucila! exclamou Mellier, estremecendo.

— Lucila, sim, que soffre, que é desgraçada, que está na miseria, e que, para ganhar o bocado de pão, com que se alimenta, está reduzida a ir aos bosques buscar feixes de lenha!

O semblante de Mellier contrahiou-se.

— Jacques, continuou o velho servidor: se tu fôsses pessoalmente procural-a, talvez ella se prestasse a voltar aqui...

— Não, respondeu Jacques surdamente.

— E não te commove aquella desgraça! E não sentes o coração confrangido de dôr e de afflicção, quando te digo que ella vive na mais horrorosa miseria, que soffre o frio, a fome e todas as privações! E... se ao menos vivesse sósinha... Mas não, Jacques; a desgraçada tem um filho... uma creança linda como um cherubim!

Jacques Mellier ergueu bruscamente a cabeça. Nos olhos fulguraram-lhe relampagos sombrios; as mãos contrahiram-se-lhe sobre o braço da poltrona.

— Comprebendo, murmurou Rouvenat tristemente: não chegou ainda o momento do perdão! Mas recorda te sempre do que vou dizer-te, Jacques: um dia, que não vem talvez muito longe, has de tu ir lançar-te de joelhos diante da tua filha, soluçando, pedir-lhe, supplicar-lhe de mãos erguidas que venha retomar n'esta casa o logar que lhe pertence!

Mellier permaneceu silencioso.

— Oh! proseguiu Rouvenat com violencia. Ha de consentir-se que Lucila Mellier seja condemnada a trabalhar duramente para não morrer de fome, havendo tudo aqui em abundancia, havendo aqui a riqueza!! Não, não; é impossivel!

— Estcu prompto a entregar-lhe a herança de sua mãe, disse Mellier friamente.

— O que seria preciso que primeiramente lhe restituisses seria o teu coração, Jacques! A herança de sua mãe... um punhado de dinheiro... regental o-hia ella com indignação, com colera... Ella nada quer, nada acceita, Jacques!... Assemelha-se contigo... tem a tua força de vontade, o teu amor proprio, o teu funesto orgulho! Como tu, tambem ella é implacavel, mesmo contra si propria!

— Faça o que quizer...

Estas palavras crueis foram seguidas de alguns momentos de silencio.

— Jacques, tornou por fim Rouvenat com voz opprèssa : comecei na idade de dôze annos a prestar serviços á tua casa, que sirvo constantemente ha quarenta annos. Mandaram-me á escola, vestiram-me, alimentaram-me aqui... Bastava-me isso, e, como nada mais precisava, nada pedi nunca. No entretanto julgas que me é devido algum salario por os meus serviços ?

— Ah ! de certo ; isso sem contar com o reconhecimento, que te devo pelas provas de amizade e de dedicaçào, que sempre me deste. Mas a que queres tu chegar ?

— Desejaria... que ajustassemos as nossas contas.

— Oh ! queres deixar-me ?

— Deixar-te, Jacques ? ! Como podes tu suppôr isso ? Espero morrer no Senillon, como meu pae e minha mãe... salvo se tu me expulsares d'aqui.

— Julguei que... Emfim reclamas o que te é devido, e estás no teu direito. Faz tu proprio a conta.

— Se disser... quinhentos francos por anno durante os quarenta annos... teremos uma somma de vinte mil francos.

— Mas calculas mal, Pedro, porque tens direito a receber tambem os juros accumulados do teu capital successivamente augmentado.

— E teriamos então...

— Teremos que os teus vinte mil francos estão pelo menos triplicados.

Rouvenat teve uma especie de deslumbramento.

— Queres acaso collocar de outro modo o teu dinheiro ?
lhe perguntou Mellier.

— Não, respondeu o velho servidor, subitamente perturbado; mas... desejaria ter em meu poder uma somma avultada... Caprichos de velho... A's vezes... não se sabe o que ha de acontecer...

Jacques Mellier nenhuma difficuldade teve em adivinhar qual era a intenção de Rouvenat, e, mau grado seu, sentiu-se profundamente commovido.

— Olha, disse elle com voz tremula: aqui tens a chave do cofre; tira de lá o que quizeres.

Rouvenat abriu o cofre, em que se achavam accumulados diversos valores, e tirou de dentro dôze rôlos de mil francos cada um, que collocou sobre a mesa.

— Achas que será muito? perguntou por fim timidamente.

— Não é, respondeu Mellier. Já te disse, que te devo muito mais.

O semblante do velho servidor illuminou-se.

Fechou o cofre em seguida, e restituiu a chave a Jacques, o qual não fez pergunta alguma, nem mesmo deu indicio algum de lhe ter adivinhado o pensamento.

Passados apenas alguns momentos Rouvenat retirou se levando comsigo o seu thesouro, que escondeu debaixo do travesseiro.

Deitou-se cedo, mas não pôde pregar olho em toda a noite.

Via sempre diante de si a pobre Lucila e o seu filho, e afigurava se lhe ouvir constantemente aquella exclamação desesperada:

— Maldita! maldita!

Levantou se ao amanhecer, encheu as algibeiras com os rôlos de ouro, e, sem prevenir pessoa alguma, como já fizera no dia anterior, pôz-se a caminho para Saint-Irun. Lucila esperava-o.

O pequenino Edmundo, que o reconheceu, correu para elle batendo as palmas.

— Meu querido anjinho, disse Rouvenat, levantando a creança nos braços, e beijando-a enternecido: pensei em ti durante toda a noite. Occupas já no meu coração um lugar junto de tua mãe. Esperando o feliz dia em que te veja correr e brincar nos prados do Seuillon, quiz trazer-te um pequeno presente.

E assentando-se com o pequenino sobre os joelhos, começou a tirar das algibeiras os rôlos de ouro, e a collocal-os sobre o vestido de Lucila.

— Ah! vejo que me atraçouou, Pedro! exclamou esta ultima. Torne a levar d'aqui esse ouro, que não quero receber! Disse-lhe hontem que nada acceitaria de meu pae!

— Esse ouro é meu, Lucila! respondeu vivamente Rouvenat. Ganhei-o com o meu trabalho, e espero que me reconhecerá o direito de o dar ao seu filho!

Lucila começou a soluçar.

O pequenino desceu rapidamente de sobre os joelhos de Rouvenat, e agarrando-se ao vestido da mãe, disse com voz chorosa:

— Mamã... está outra vez a chorar como hontem, e como toda a noite!... Mamã!

Lucila tomou a creança nos braços, e estreitou-a de encontro ao coração com uma especie de phrenesi apaixonado.

Depois, estendendo a mão ao velho Rouvenat, que tinha os olhos marejados de lagrimas, murmurou com voz entrecortada:

— Pedro, meu unico amigo... este pobre innocentinho ha de saber um dia quão grande é a sua dedicação... Sim, meu

bom Pedro, acceito para elle o seu generoso donativo ! Deus o recompense !

— Está resolvida a voltar para longe, para as montanhas, Lucila ?

— Sim, é essa a minha intenção.

— É tão longe...

— Embora; foi lá que encontrei alguma tranquillidade.

— Minha querida menina... queria pedir-lhe que me fizesse uma promessa.

— Diga.

— Que me escreva algumas vezes.

— Prometto.

— Assim como tambem que, quando precise alguma coisa, não hesite em dizer-m'o.

— Prometto-lh'o tambem, Pedro.

No semblante do velho servidor transpareceu uma expressão de alegria manifesta.

Eram mais de duas horas quando pensou em regressar ao Seuillon.

As despedidas foram commoventes.





XXI

Uma noite de dezembro

— Que excellente coração! pensava Lucila. Provavelmente não mais tornarei a ver este tão dedicado amigo.

Ao anoitecer d'aquelle mesmo dia pagou todas as suas despesas, e ás oito horas sahiu da hospedaria, com grande pasmo do estalajadeiro Bertaux, que não comprehendia que uma mulher pudesse ter o louco capricho de viajar em uma noite de inverno com uma creança.

E com effeito era uma grande imprudencia; mas Lucila, dominada por a sua ideia fixa, nem mesmo podia raciocinar.

O ceu estava negro, escura a noite, e o frio era humido e penetrante.

Quando Lucila chegava a Frémicourt começava a cair uma neve muito fina.

— A mãe e o filho penetraram no cemiterio, e ajoelharam successivamente sobre duas sepulturas, demorando-se ali apenas uns oito ou dez minutos. A neve cahia sempre, e cada vez mais densa.

O pequenino Edmundo tremia e batia com os dentes uns nos outros, mas mostrava uma coragem extraordinaria. A mãe levantou-o nos braços, embrulhou-o no chale de encontro ao peito o melhor que pôde, e encaminhou-se com passos rapidos para Terroise.

Na occasião em que atravessava a povoação occorreu-lhe a ideia de passar ali a noite; mas o receio de ser reconhecida fez-a pôr de parte esta ideia. Já fatigada e com a respiração offegante, pôz no chão o pequenino, e quiz fazel-o caminhar; não o conseguiu porém.

Levantou-o pois de novo nos braços, e continuou a andar, Deus sabe como.

A creança chorava silenciosamente. A mãe não podia tambem conter as lagrimas. Começava a comprehender quão imprudente fôra.

A neve cahia sempre, e era agora impellida violentamente por um vento muito forte que de subito começara a soprar.

A pobre Lucila sentia a neve a bater-lhe na cara, e era forçada a fechar os olhos. De espaço a espaço cambaleava, e avançava com grandissima difficuldade. As poucas forças, de que dispunha, exgotavam-se-lhe completamente n'aquella lucta contra os elementos desencadeados.

A desgraçada sentia o tremor que agitava o corpinho do filho, e ouvia os gemidos que este soltava e que eram outras tantas torturas para o seu atribulado coração.

Lançava na sua frente olhares desesperados, mas nada via ao longo da estrada deserta e escorregadia; nem uma casa, nem um ser humano, nem um abrigo. A sua alma estava dilacerada por uma horrorosa angustia.

— Quero dormir, murmurou por fim o pequenino com voz mal segura e pouco distincta.

A mãe soltou dos labios uma especie de rugido, e exclamou:

— Oh! maldita! maldita!

E, tirando de sobre si o chale e uma especie de manta de lã que levava sobre os hombros, agasalhou tanto quanto pôde o filho querido, deixando apenas a abertura necessaria para que pudesse respirar. A pobre Lucila, porém, ficara completamente desagasalhada, e a neve continuava a cair, correndo lhe gelada por sobre o peito e costas.

De subito afigurou-se-lhe que se lhe gelava o sangue nas veias.

Produziu-se-lhe uma especie de zumbido nos ouvidos, a vista obscureceu-se-lhe, e pareceu-lhe ver espectros, que dançavam na sua frente.

Apoderou-se então d'ella um medo horrivel, o medo da morte!... Chamando em seu auxilio toda a energia, que ainda lhe restava, bradou por duas vezes com desespero:

— Soccorro! soccorro!

A sua voz porém perdeu-se no sibillar do vento. Deu ainda mais alguns passos cambaleando. Depois a neve que lhe cobria os olhos entenebreceu-se mais ainda, e escureceu-lhe completamente a vista. As pernas dobraram-se-lhe, e os seus labios pronunciaram ainda uma vez a palavra:

— Maldita!

E cahiu desamparadamente no meio da estrada, sem lar-

gar o filhinho, que apertava de encontro ao peito com uma especie de phrenési.

O abalo foi violento, e o pequenino accordou em sobresalto. Bem resguardado do vento e da neve, tinha aquecido um pouco e adormecera. Depois, não se sentindo embalado pelo movimento da marcha, deu uma pequena volta dentro do chale enrolado, e espreitou pela abertura. Viu sua mãe sem movimento e estendida sobre a neve.

O pequenino, como por instincto, começou a soltar gritos agudos, que nenhum echo produziram n'aquelle desolado canto da terra. Mas, como se o ceu se tivesse julgado subitamente satisfeito, a neve cessou de cahir, e o vento levou para mais longe o seu sôpro furioso.

Na mesma estrada, e um pouco mais atraz, rodavam duas carretas fechadas, puchadas por cavallos lazarentos. Os pés dos cavallos, mal ferrados, enterravam-se na neve e escoregavam por sobre a terra gelada.

As duas carretas pertenciam a saltimbancos que regressavam de uma feira, e se dirigiam para Grây.

Na primeira viam-se deitados em desordem homens, mulheres, e creanças, sobre colchões esburacados, e cobertos com velhos capotes de lã mal remendados, e com bocados de panno de differentes côres e procedencias. Dava-se ali uma estranha mistura de caras velhas e novas, todas ellas mais ou menos feias, de olhares sombrios, de feições contrahidas pelo soffrimento e pelas inquietações, de profunda tristeza, ou de alegria estúpida e desoladora; a imagem emfim do que a miseria pode apresentar de mais terrivel e doloroso.

E fôra com effeito a miseria que havia reunido aquelles homens e aquellas mulheres, todos predestinados fatalmente para o soffrimento.

Não estava porém toda a *troupe* n'aquella carreta, a qual haviam pouco antes descido dois homens, o mais idoso dos quaes podia ter trinta annos pouco mais ou menos.

Caminhavam ao lado um do outro, com as mãos nas algibeiras, de cabeça baixa, e a tão pequena distancia do cavallo da frente, que sentiam ás vezes o vapor quente que se lhe exhalava das narinas.

Ao mesmo tempo que caminhavam, iam conversando. Como era natural, lastimavam-se pela sua triste sorte.

O mais velho dos dois era o palhaço da companhia, o que recebia os pontapés de uns e as bofetadas dos outros, tudo acompanhado com caretas, contorsões, gargalhadas e chora-deiras grotescas.

O mais novo, um homemzarrão dos seus vinte e cinco annos, era quem fazia os principaes papeis. Usava bigodes; e o cabello curto; pelo contrario, o seu companheiro tinha a cara rapada, e os cabellos muito compridos e corredios cahiam-lhe em desordem sobre os hombros.

Tão orgulhoso e contente de si proprio se mostrava o mais novo dos dois homens, como timido, humilde e desolado parecia o mais velho, em cujo semblante transparecia uma accentuada expressão de resignação e de tristeza. Embora cahido na grande abjecção do seu miseravel modo de vida, aquelle desgraçado não havia perdido completamente a consciencia da sua dignidade.

— Tu queixas-te e lastimas-te, palhaço, disse o mais novo dos dois homens continuando a conversa, e no entretanto tens em geral que comer e que beber. Não tens tu, como eu, quando a receita chega para isso, o teu copo de vinho, e a tu chavena de café?

— Lastimo-me, sim, porque a minha boa mãe, uma excel-

lente mulher, que morava em La Chapelle, perto de Paris, não me tinha trazido a este mundo para esta miseravel vida que passo.

— Mas então a senhora tua mãe era alguma princeza ?

— Não ; mas era uma digna e honrada creatura.

— Ah ! julgas-te acaso deshonrado pelo facto de representares uns papeis de bôbo na nossa companhia, diante de uns ricações que teem as algibeiras bem recheiadas ? Não será isso um trabalho como qualquer outro ?

— É, sim, mas não me agrada a mim. Quereria antes fazer outra coisa.

— Tens acaso uma outra profissão ?

— Infelizmente não tenho. Frequentei porem a escola, e sei ler e escrever rasoavelmente.

— Meu pobre palhaço : hoje em dia toda a gente sabe ler e escrever ; mas não basta isso, é preciso ter talento. Suppões tu por ventura que não tenho trabalhado muito para poder chegar a desempenhar os principaes papeis na companhia do velho Trincaferro ?

— Talento... talvez me não falte, respondeu modestamente o palhaço.

O companheiro encolheu os hombros desdenhosamente, e disse ironicamente.

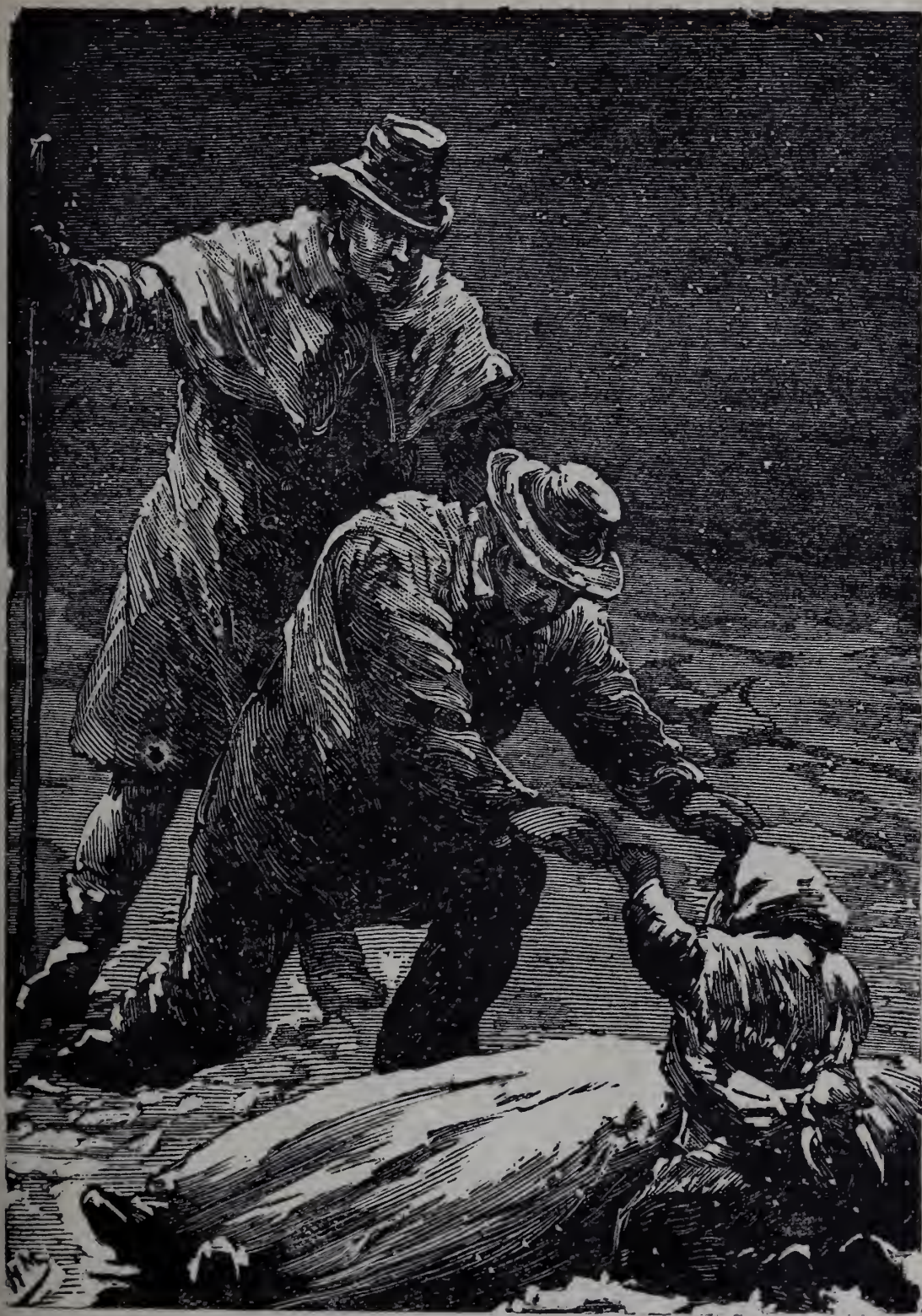
— Se ao menos tivesses algum exame.

— E tu és acaso bacharel ? perguntou o palhaço, despeitado.

— Não ; mas sei ler latim.

O palhaço encolheu tambem por seu turno os hombros desdenhosamente.

— Mas enfim qual é o teu sonho dourado ? perguntou o latinista depois de nma breve pausa.



Os dois homens viram estendida no chão a desventurada Lucila... (Pag. 200)



THE WOMEN OF THE VILLAGE OF ...

...

—Queria poder estabelecer-me por minha conta.

—Com casa de negocio?

—Não. Queria ter, de propriedade minha, uma pequena carreta com um cavallo, ou mesme só com um burro...

—Bravo! E que mais?

—Uma ou duas duzias de bonecos, com que daria espectaculos variados nas povoações.

—Eis uma excellente perspectiva, replicou o outro em tom zombeteiro; mas, meu caro palhaço, o peor seria que precisarias fazer fallar os bonecos, e isso teria para ti grandes difficuldades. Em primeiro logar precisarias ter comedias, depois saber de cór todos os papeis, e finalmente fingir a voz do velho, da creança, da mãe, da creada velha, do namorado, do traidor, etc.

—Oh! essa difficuldade não seria muito grande, porque sei muito bem disfarçar e fingir varias vozes. E, em quanto a comedias, tenho já arranjasdas na cabeça umas tres ou quatro...

—Ah! isso agora é differente. Eu não sabia que eras author...

—Infelizmente... falta-me dinheiro...

—Ah! é d'esse mal que eu me queixo. Julgas acaso, meu caro palhaço, que, se eu tivesse dinheiro, andaria a estas horas pelas estradas, pisando neve, e tremendo de frio?

O palhaço soltou um suspiro fundo, e embrulhou-se friorentamente nos restos de uma esburacada manta, que levava sobre si.

N'aquelle momento chegaram aos ouvidos dos dois homens os gritos, que a creança, ajoelhada junto da mãe sobre a neve, lançava nos ares...





XXII

O palhaço

O palhaço e o seu companheiro apressaram o passo, e depressa se acharam junto do grupo formado pela mãe e pelo filho.

Os dois homens viram estendida no chão a desventurada Lucila, enregelada, exanime... Levantaram-n'a sem que no primeiro momento pudessem dizer se ella estava morta, ou se lhe restava ainda um tal ou qual sôpro de vida.

O palhaço, notando que a desgraçada tinha enfiado no braço um saco de coiro, apoderou-se d'elle vivamente, e sem bem saber o que fazia.

Tres homens haviam já saltado agilmente de uma das carretas. Em seguida, em obediencia á ordem do chefe da trou-

pe, que era designado com o nome característico de Trincaferro, a mãe e o filho foram recebidos na carreta pelas mulheres, que se apressaram a dar os possiveis cuidados a Lucila, e a procurar aquecer o pobre pequenito, que se achava tambem em lastimoso estado.

A desgraçada vivia ainda, mas parecia que a cada momento ia exhalar o derradeiro suspiro. Sob a acção de fricções energicas, e de algumas góttas de aguardente, que se conseguiu, não sem custo, fazer-lhe ingerir, tinha voltado algum calor aos seus membros paralyzados. Chegou mesmo a abrir os olhos, os quaes porém ficaram sem luz e sem expressão. Via? ouvia? não poderia dizer-se, mas havia toda a razão para responder negativamente a estas perguntas. O corpo da infeliz permanecia em uma especie de rigidez cadaverica, e o seu rosto sem expressão, sem movimento, não podia indicar que ella tivesse readquirido a faculdade de sentir.

O pequeno Edmundo, um pouco mais agasalhado, tinha adormecido entre as patas de um enorme cão felpudo, que lhe lambia as mãos e a carinha com commovente solicitude.

Os homens da *troupe* deviam caminhar junto do primeiro cavallo, provavelmente para o excitarem, dois por cada vez, durante uma ou duas horas. O palhaço e o seu companheiro tinham sido substituidos. Este ultimo havia subido para a primeira das duas carretas, vantagem que lhe era devida em razão da superioridade do seu emprego, o que não era concedida ao pobre palhaço, o qual não era admittido no aposento rodante do aristocrata Trincaferro.

Tinha pois o pobre palhaço trepado para a segunda carreta, e ahi havia arranjado um encosto entre os pannos de decoração e as madeiras, com que eram levantadas as barracas nas feiras. Como era muito impressionavel, só ao cabo de

muito tempo pudera voltar em si da commoção, que lhe causara o doloroso encontro de ha pouco.

Lembrou-se por fim, de que desenhara do braço da pobre mulher desmaiada um pequeno sacco de couro, sem que o seu camarada, tambem muito perturbado, tivesse dado por isso. Que fizera elle d'aquelle objeto? Não se recordava de o ter lançado na primeira carreta, e portanto devia tel-o levado para ali, para a segunda.

Como lhe era absolutamente prohibido ter luz, por consideração ao direito de propriedade do digno Trincaferro, sahio do seu nicho, e procurou ás apalpadellas o pequeno sacco, que depressa encontrou.

Notou logo que, embora estivesse pouco cheio, era notavelmente pesado. Sacndiu-o, mas não se produziu no interior senão um ruido surdo. O demonio da curiosidade apoderou-se do palhaço... O sacco estava fechado; mas a pequenina chave de aço pendia da aza...

Depois de um momento de hesitação, e apesar dos protestos da consciencia, metteu a chavinha na fechadura, e abriu o sacco, introduzindo dentro a mão, que encontrou logo os rôlos de ouro.

O palhaço estremeceu. Pegou em um dos rôlos e tomou-lhe o peso, ao mesmo tempo que dizia de si para si:

—E' pesado... deve ser ouro.

Em seguida contou os rôlos, e mediu o comprimento de cada um. Tinha offegante a respiração. Apesar do frio, que era muito intenso, tinha o rosto innundado de suor. Estava agitado por uma especie de vertigem.

Durante alguns momentos permaneceu immovel, accorado, palpitante sobre o sacco aberto.

—Ouro! um monte de ouro! uma fortuna! murmurava elle

machinalmente. Tirei o saco do braço da mulherzinha, e ninguém me viu, tenho a certeza d'isso. O rapazinho é muito pequeno para saber, e para fallar, e portanto nada dirá. Se a mulher morre, ninguém poderá saber nunca... O ouro é meu!...

E, depois de um momento de silencio, continuou:

—E o pequenino? O dinheiro da mãe pertence-lhe, e eu roubo-o... Oh! roubar uma creancinha!... E passarei eu a ser ladrão!... Jeronymo Greluche... um ladrão!! Não; não pôde ser...

E appoiou fortemente as mãos sobre a cabeça encandescente.

Depois proseguiu:

—Tratemos de reflectir... Deverei entregar a Trincaferro o saco e tudo o que elle contém? Sim, isso seria o que eu deveria fazer... Mas eu conheço bem o patrão; se a pobre mulherzinha morre, o pobre pequeno nunca verá um miseravel *sou* da sua herança. Trincaferro conservá-lo-ha comsigo, não o encherá de pancadas, como faz aos outros, em consideração pelo ouro, que lhe terá roubado, mas alistá-lo-ha na sua companhia, e fará d'elle... o que? Um saltimbanco! Pois bem; Trincaferro não ha de ter o ouro; guardá-lo-hei eu... Se a mulher não morrer, restituir-lh'o-hei, e se morrer...

Aqui recommçaram as indecisões e perplexidades de Jeronymo Greluche. Não era porém desprovido de imaginação, e tanto que creava umas peças de theatro, destinadas a serem um dia representadas pelos seus tão desejados *fantoches*. Chamando pois em seu auxilio todos os recursos do seu espirito inventivo, começou a reflectir sobre a situação, e procurou laboriosamente o partido rasoavel e digno, que poderia tomar.

Aquella meditação durou uma boa meia hora, ao cabo da qual fechou o sacco, cortou o cordão de que pendia a chave, e metteu esta na algibeira. Em seguida, e sempre ás apalpadellas, abriu uma velha mala, que lhe pertencia, e que continha uns pobres andraxes, e o seu vestuario das representações.

A mala era pequena, e apesar d'isso nem por sombras estava cheia. Continha toda a fortuna do pobre Jeronymo Greluche.

O palhaço collocou o sacco dos rôlos de ouro por debaixo de todos aquelles objectos, e tornou a fechar a mala.

Feito isto, voltou para o seu ninho, estendeu-se sobre os farrapos que lhe serviam de colchão, e não tardou a adormecer.

Quando acordou, tinha já amanhecido. As carretas entravam na cidade de Gr y, e pararam momentos depois em face de uma estalagem. Em quanto se tiravam das carretas os cavallos, desejosos de se verem em face de uma bem guarnecida mangedoura, Jeronymo Greluche aproximou-se timidamente da carreta do patrão, e pediu com voz inquieta noticias da pobre mulher, que fôra encontrada cahida no meio da estrada. A resposta que recebeu foi:

—A desgraçada não morreu ainda, mas pouco mais vale do que se estivesse morta. Tem os olhos abertos e respira, mas não fez ainda um movimento unico, nem pôde pronunciar uma só palavra!

—E que vão f. zer d'ella?

—O patrão decidiu, que seja mandada para o hospital.

—Ah! murmurou o palhaço, que pareceu ficar contrariado.

—O patrão desejava bem conserval-a na companhia, visto ser uma bonita rapariga, que poderia desempenhar os papeis

de namorada, se houvesse esperanças de a salvar; mas todas as probabilidades indicam que a desgraçada não resistirá.

O palhaço abafou um suspiro.

—E o pequenino? perguntou elle.

—Oh! esse está completamente restabelecido. N'este momento está deitado ao lado da mãe, com uma das mãos d'ella muito agarrada, esperando que ella acorde. A pobre creança imagina que a mãe está dormindo... O futuro do pequeno está seguro. O patrão declarou já que o não larga mais das mãos. Diz elle que está em boa idade para aprender o salto perigoso e para as deslocações do costume.

—Soberba perspectiva! pensou Jeronymo Greluche estremeendo.

O Trincaferro, que havia entrado na estalagem, appareceu n'aquelle momento.

—Tratemos do que serve, disse elle com a sua voz um pouco rouca. O que eu não quero é que a mulherzinha *estique a canella* na minha carreta. É preciso leval-a quanto antes para o hospital, e para isso tratem de arranjar a competente maca. No entretanto irei eu fazer uma visita ao sr. *maire*, a fim de que elle me dê a necessaria permissão para offerecer ao publico intelligente d'esta nobre cidade o espectáculo interessante dos meus successos dramaticos. Se os negocios correrem bem, rennirei todos os camaradas á minha meza n'este esplendido hotel, e offerecer-lhes hei vinho e cafe! E rufe o tambor!

Depois, coçando atraz da orelha, continuou com expressão inquieta:

—Demonio! o que ~~vao~~ ser peor no primeiro momento é a creança... Quando vir, que lhe levam a mãe, o rapazete ha de querer ir com ella, e faz uma gritaria que amotina toda a

rua... Que fazer? Afastar d'aqui o petiz? Sim, sim, é urgente. Olá, amigo palhaço, tu adoras as creanças, e vou confiar-te uma missão de confiança. Levarás d'aqui o pequenino, e darás com elle um passeio pela cidade; enquanto é levada d'aqui a mãe. Se o pequenino quizer chorar, dá-lhe um bolo; aqui tens um *sou* para o comprares. Vamos, toca a cumprir as minhas ordens! Rufe o tambor!

Em seguida a este estribilho, o pequenino foi tirado de dentro da carreta, apesar da sua resistencia, e lançado nos braços de Jeronymo Greluche, cujo coração pulsava com extraordinaria violencia. Apertou a creança de encontro ao coração, beijou-a nas duas faces, e afastou-se rapidamente.

Passados apenas alguns minutos, a pobre Lucila, que continuava a permanecer inerte, era estendida sobre a maca, e conduzida ao hospital, onde foi immediatamente admittida. Os saltimbancos declararam—o que aliás era verdade—que aquella mulher lhes era desconhecida, e que a tinham encontrado cahida na estrada sem dar signal de vida. Conformando-se porém com as instrucções do Trincaferro, não fallaram no pequenito.

O medico, que examinou a enferma, abanou tristemente a cabeça, e disse:

—Esta desgraçada só por um milagre poderá salvar-se!

Estas palavras foram repetidas a Jeronymo Greluche, que dirigira o seu passeio com a creança para as immediações do hospital.

O palhaço olhou para a creança, que lhe pedia a levasse para a mãe, e murmurou com os olhos rasos de lagrimas:

—Mais um orphão n'este mundo! pobre creança... Mas não, não te abandonarei. A tua pobre mãe está ali na cama, em que vae soltar o ultimo suspiro, e não póde ouvir-me, mas

eu juro-lhe que hei de velar por ti, e que hei de servir-te de pae.

Em seguida voltou para onde estavam as carretas. A *troupe* estava toda installada na estalagem. Foi buscar a sua mala, lançou a ás costas, e, levando o pequenino pela mão, apressou-se a afastar-se por uma travessa deserta.

Ao cabo de alguns minutos chegou ao escriptorio das diligencias.

Ia partir a de Auxonne e de Dijon, e o palhaço tomou logar n'ella com o pequenino, perfeitamente agasalhado com o chale da mãe.

Rodava já havia uns vinte minutos a diligencia pela estrada fóra, quando o celebre Trincaferro voltou á estalagem, esfregando as mãos de contentamento. Tinha obtido do *maire* de Gray a precisa authorisação para permanecer durante oito dias na cidade, e para levantar a sua barraca de espectáculo sobre um dos caes na margem do Saone.

—Rufem bem esses tambores! exclamou elle para a sua *troupe*, entrando na sala principal da estalagem, onde estava toda reunida. Depois do almoço, que pago eu para todos, sem deducção nos vencimentos de cada um, trataremos de armar o nosso theatro, o primeiro do mundo, e annunciaremos para amanhã á noite a primeira grrrrrande representação do *Cavalleiro Macario*, ou do *Cão de Montargis*. Estamos aqui em uma cidade rica, que conta não sei quantos mil habitantes, entre os quaes ha muitos que são distinctos, amaveis, generosos, e grandes apreciadores do talento verdadeiro e da alta litteratura...

«Rufe o tambor! Teremos aqui receitas fabulosas, e haverá festança em toda a linha! Mas... não vejo o amigo Greluche! Vá alguém procural-o. Não nos assentaremos á meza sem elle.

O nosso palhaço, meus senhores e senhoras, é o meu mais precioso companheiro, isto sem fazer offensa a nenhum dos presentes. É elle que chama o publico, que rufa no tambor e bate no bombo! Bum! buu!

Partiram emissarios em busca do palhaço: mas foi debalde que percorreram a cidade em todos os sentidos.

Jeronymo Greluche e o pequenino tinham desaparecido.

O Trincaferro não adivinhou, que os levava a diligencia em direcção a Dijon.

Fim da 1.ª parte



SEGUNDA PARTE

O Velho Mardoche



I

O remorso

O alegre sol de maio brilha em um céu esplendido. As avesinbas gorgeiam, saltitando de ramo em ramo. O valle da Sableuse, esmaltado de flôres, está magnifico.

Entre os salgueiros que guarnecem a ribeira, e cuja folhagem verde, brandamente agitada pela brisa, tem uns reflexos brilhantes, serpeam as aguas dentro do estreito leito, semelhante uma longa fita de prata azulada, salpicada de estrellas de ouro.

Na herdade do Sœuillon nada parece estar mudado: os gados comem a herva nos pastos, os gallos cantam, e as ove-

lhas balam. Um rapaz com os braços nús canta desesperadamente no celleiro uma canção campesina.

Em uma das janellas da herdade vê-se uma formosa cabeça de uma rapariga.

Não é já Lucila; é Branca...

Aquella tinha negros os cabellos, esta é loura como a deusa Ceres; mas, como em outro tempo acontecera com Lucila, é também conhecida geralmente pela denominação de «menina do Sevillon».

Foi-lhe sempre escondido o segredo do seu nascimento. Disseram-lhe sempre que sua mãe morreu, sem lhe darem mais explicações. E portanto nada mais sabe. Julga muito de boa fé que Jacques Mellier é seu pae, e Pedro Rouvenat seu padrinho.

O nome de João Renaud nunca foi pronunciado diante d'ella.

De facto o nome do desgraçado está bem esquecido, e poucos são já os que, em Civry e em Frémicourt, se recordam do matador de lobos. Desde que se deu o assassinato da noite de 24 de junho de 1850, já a neve cobriu muitas vezes a terra. Quantas coisas novas, quantos acontecimentos se tem produzido, que tem sido uns após outros esquecidos.

Desappareceu quasi completamente uma geração inteira, para dar logar a uma outra.

Onde estão os velhos de ha vinte annos? Na sepultura. E as creanças de então? São os homens e as mulheres de hoje... Seria inutil interrogal-os; de nada se recordam.

No entretanto os que passam na estrada, no logar em que o corpo foi encontrado, dizem:

—Ali foi assassinado um homem.

Se um estrangeiro ouve estas palavras, e quer interrogal-os, respondem-lhe:

—Não sabemos outros detalhes... Passou-se já tanto tempo depois d'isso!

E eis como o esquecimento vae cahindo sobre todas as coisas.

Branca não tem ainda dezenove annos; mas vendo-a, não se suppõe que possa contar mais de quinze, tão fresco e rosado é o seu semblante, tão delicado o seu pequenino corpo, e tão cheios de innocencia e de graça infantil são o seu olhar, o seu sorriso e todos os seus movimentos.

A natureza foi prodiga com aquella adoravel creança; deu-lhe a intelligencia, a formosura, uma voz suave e melodiosa, a amabilidade, a graça, a bondade de character, tudo finalmente o que attrahe a sympathia, o affecto e a admiração dos outros.

Um raio de suave ternura illumina o dôce olhar dos seus grandes olhos azues, que^o parecem sempre animados por uma especie de enthusiasmo. O desenho da sua figura, levemente alongada, é de uma perfeita correcção; todas as suas feições são de uma pureza verdadeiramente admiravel. A bocca pequenina, formada por uns labios côr de rosa sempre entreabertos em um sorriso, guarda, como em fino estojo, as mais finas perolas.

A barba arredondada mostra no meio uma covinha adoravel, que vae encontrar-se tambem discretamente indicada nas faces, quando a physionomia se anima. Os seus formosos e abundantes cabellos louros enrolam-se-lhe no alto da cabeça em fórma de corôa, ou andam estendidos em fartas tranças côr de ouro ao longo das costas.

A sua estatura é mediana, mas esvelta, graciosa e elegante

em todas as suas proporções. O pescoço, os hombros e o colo são admiraveis: um busto delicioso. E sobre tudo isto um adoravel perfume de candura e de innocencia; mais ainda, a surpresa ingenua da formosura que se ignora, e o pudor instinctivo e encantador, que esconde thesouros, que o seu proprio possuidor não conhece, não avalia...

Se penetrarmos no quarto de Jacques Mellier, de que elle sahe agora raras vezes, só a muito custo poderemos reconhecer o velho proprietario da herdade do Seuillon.

A desgraça ferira-o de um modo implacavel. Ah! é que não é impunemente que pôde commetter-se um crime odioso!...

Mais ainda do que os annos, o remorso, que despedaça aquella alma, envelheceu o de um modo horrivel, e curvou o para a terra.

O desgraçado já não tem vontade propria, não tem desejos, não tem esperanza. Está prostrato, sem forças, e o brilho dos seus olhos perdeu-se afogado nas lagrimas... Esta como anniquilado, e não é mais do que massa inerte e passiva. Aquella vida não caminha, arrasta-se! Mas desgraçadamente no meio d'aquelle anniquillamento completo, conserva-se lhe em toda a sua força e energia a facultade de pensar e de se recordar. E as suas recordações são horrorosas, os seus pensamentos torturam n'ó constantemente.

E' tremendo o seu castigo!...

Passa noites e noites em horriveis insomnias, e quando afinal consegue adormecer, cahem sobre elle medonhos pesadellos, que o esmagam, que o torturam... Acorda então effigante, inundado de suores frios, e solta gemidos, gritos de terror, sem poder desembaraçar se do demonio do remorso, que lhe crava implacavelmente no peito as aduncas garras.

O seu quarto está constantemente povoado de fantasmas e

de espectros ameaçadores, em que reconhece as suas victimas, as victimas do seu orgulho desmedido, do seu terrível egoísmo. Um d'elles mostra no coração uma ferida funda e negra, de que sahe o sangue como de uma fonte, espalhando-se a jorros pelo chão... Outro aproxima-se d'elle lentamente e com os olhos baixos... tem na cabeça um barrete verde com um numero, o *bonnet* do presidiario!... De subito estende os braços, e pronuncia com voz cavernosa as seguintes palavras: «que fizeste de minha mulher?» E abre-se então ante elle um funebre caixão, rasga-se um sudario, e Mellier vê um cadaver horroroso, sem olhos, sem nariz, coberto de vermes que tripudiam sobre a carne em putrefacção...

Depois é uma mulher, pallida, magra, descarnada, quasi um esqueleto, que se ergue ante os seus olhos desvairados.. No lugar dos olhos tem duas chammas vermelhas, que despedem sinistros clarões... Lança-lhe como um anathema, o grito: «assassino!...»

O desgriçado, tremulo de horror e de espanto, cerra os olhos; mas continua ainda a ver os mesmos espectros, que o rodeiavam, que se curvavam sobre a cama, cada vez mais ameaçadores... É o pesadello que continúa, é a terrível allucinação que o persegue sem compaixão, com encarniçamento...

O que Pedro Rouvenat lhe predissera realisou-se: o affecto, o amor que consagrara a filha, não se tinha apagado no seu coração. Olhando em redor de si, e apesar da graciosa creança que crescia, que se desenvolvia sob a protecção de Rouvenat, e que lhe prodigalisava as suas caricias, via-se sózinho, abandonado, marchando sem consolação para a sepultura, e com uma enorme fortuna reunida pelo trabalho de

muitos braços, e de muitos annos, que os parentes collateraes haviam de ir ali disputar entre si, quando ainda estivesse mal fechado o caixão, que encerrasse o seu miseravel corpo... E a pouco e pouco acordou n'elle o amor paternal... e um dia foi por entre lagrimas e soluços que disse para o velho Rouvenat:

—Pedro: quero que a minha filha volte para junto de mim; vae procural-a, Pedro, tral a contigo... abrir-lhe-hei os braços, e recebel-a-hei sobre o coração!

O velho servidor deixou pender a cabeça sobre o peito, e chorou silenciosamente. Então Meilier ergueu-se de salto, e exclamou:

—Responde, Pedro... onde está a minha filha?

O velho Rouvenat soltou um gemido, e respondeu com voz balbuciante:

—Não sei!

—Ah! não queres dizer-me a verdade, Pedro! Morreu? morreu a minha filha, Pedro? Responde...

—Não sei, Jacques. Desde o dia em que veiu a Saint-Irun com o seu filho, nunca mais ouvi fallar d'ella nem d'elle. A sua intenção, me disse ella, era voltar para as montanhas do Jura. Escrevi para a povoação em que ella vivera durante mais de cinco annos, cheguei mesmo a ir eu lá ha tres annos, sem que tu o soubesses, e averigui que não mais tornara a apparecer ali... Que destino teriam a pobre Lucila e o seu filho? Morreriam? estarão vivos? não sei!

Jacques soltou gritos dolorosos, e rolou-se por sobre a cama arrancando os cabellos com desespero. Desde então, pensando na desgraçada creatura que expulsara vergada ao peso da sua maldição, as suas lagrimas não mais estancaram.

Comprehendera finalmente, mas já tarde, que, qualquer

que seja a falta commettida, um pae nunca deve ser implacavel para o seu filho.

Agora que se estorce como um condemnado á recordação do seu crime, e das desgraças irreparaveis que causou, que-
reria resgatar tudo. Com que intimo jubilo daria tudo o que
possue, a sua herdade, o seu ouro, os seus valores, tudo, tudo,
para que lhe f'sse restituída a sua filha!

Estará viva? estará morta? não sei... lhe dissera Rouvenat,
e estas palavras resoam lugubrememente e sem cessar aos seus
ouvidos, como uma lamina de aço que mais e mais fundo lhe
fôsse penetrando no coração.

Pedro Rouvenat é ha muito tempo o verdadeiro chefe da ex-
ploração da herdade, em que tem a mais completa e absoluta
authoridade. O velho servidor usa essa authoridade com be-
nevolencia, mas sem fraqueza. Tem augmentado muito a for-
tuna de Jacques Mellier, fortuna de que elle se constituiu guar-
da fiel e economico. Tal o deixamos ha dezenove annos, tal o
encontramos hoje: sempre direito e austero, forte, vigoroso,
ardente para o trabalho, animando uns, estimulando outros, e
servindo sempre de exemplo a todos.

Se lhe não tivessem embranquecido os cabellos e a barba,
e se as rugas lhe não houvessem cavado as faces, poderia
julgar-se, avaliando-o só pelo seu vigor e energia, que não
tinham passado os annos para elle.

O dedicado servidor, se não tem o remorso que Jevora Mel-
lier, tem tambem o seu mal sem remedio. A dôr, que lhe con-
range o coração, é tambem vivaz e profunda. Tem saudades...
pensa continuamente em Lucila e no seu filho, e tambem no
sobro João Renaud. Eis o seu mal... Quando está só, encer-
rado no seu quarto, depois de um dia de trabalho, em vez de
epousar e dormir, chora...

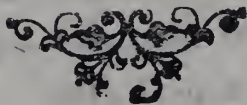
Ama extremosamente a sua afillhada, tem por Branca uma especie de paixão. Enche-a de cuidados, de atenções e de affecto; elle proprio afasta as pedras dos caminhos, afim de que a deliciosa creança possa correr por sobre elles sem maguar os delicados pésinhos. Queria que, por toda a parte, ella encontrasse flôres sómente; véla por ella como por um thesouro precioso, confiado á sua dedicação, á sua fidelidade, á sua honra! E todavia, embora suavise as suas longas horas de amargura e de desgosto, a encantadora creança não consegue fazer-lhe esquecer aquelles, que amou em outro tempo...

Quando contempla Branca, e se lhe humedecem os olhos, é n'elles que pensa.

Onde estarão? que destino terá sido o d'elles? Ignora-o.

Talvez morressem ambos talvez... Embora; espera os sempre...

Rouvenat tem em mente um grande projecto, e não haveria força que pudesse forçal o a pôl-o de parte.





II

O garboso Francisco

Branca tinha uma grande predilecção pelos passeios matinaes. Quasi sempre em companhia do padrinho, ou, de longe em longe, appoiada no braço de Jacques Mellier, encontrava-se muito frequentes vezes pelos atalhos, colhendo alegres as flôres campestres, que adorava.

Um dia de manhã desceu ella do seu quarto prompta para sahir.

Logo que appareceu no pateo, um rapaz alto, de boa figura, de olhar vivo e ousado, mas não podendo esconder inteiramente sob as suas maneiras cautelosas uma tal ou qual falsidade e astucia, se dirigiu pressurosamente ao seu encontro.

—Ao que parece, disse elle ao mesmo tempo que descer-

rava os delgados labios em um sorriso de expressão equívoca, a minha formosa prima dispõe-se para ir dar um passeio...

—É verdade que sim. Sabe onde está o meu padrinho? respondeu Branca.

—Creio que foi a Frémicourt.

—N'esse caso esperarei o seu regresso.

—Se m'ò permittisse, teria um grande prazer em lhe offercer o meu braço.

—Não, respondeu Branca seccamente. Se meu padrinho se demorar, prefiro ir passeiar sósinha.

O mancebo mordeu os labios, e no olhar brilhou-lhe um rapido relampago de colera.

—É certo que me não trata muito bem, prima, tornou elle com despeito. E o facto não é já de hoje nem de hontem. E todavia não sou aqui um simples creado de lavoura, visto que meu pae é um dos mais proximos parentes de seu pae.

—Sei isso muito bem, replicou vivamente a donzella, mas não vejo realmente que tenha razão para se queixar de mim. Nunca foi intenção minha desgostal-o; pôde acreditar.

—Sim, o seu coração é bondoso, Branca; mas... não gosta de mim.

—Affirmo-lhe que não detesto pessoa alguma.

—De accordo, mas eu... amo-a, Branca, amo-a, e, se quizesse... se quizesse, poderia haver no Seuillon uma bella bôda antes da ceifa.

Uma viva vermelhidão coloriu as faces da donzella, que ficou litteralmente estupefacta.

Dispunha-se a dar ao audacioso parente de Jacques Mellier uma resposta não muito agradavel, quando avistou Pedro Rouvenat.

O velho acabava de passar providencialmente a poucos passos de distancia com as sobranceiras contrahidas. Tinha ouvido.

—Ah! eis o meu padrinho! exclamou Branca, correndo para elle. Vem passeiar comigo?

—Não, filha, hoje não vou, respondeu Rouvenat. Vae tu só-sinha dar o teu passeio. Não vás porém para muito longe. Eu tenho que fallar com Francisco.

A formosa donzella dependurou-se-lhe no pescoço e disse-lhe ao ouvido:

—Ouviu o que elle me disse, padrinho?

—Ouvi, sim.

—Responda-lhe então por mim, padrinho. Casar com elle! nunca, jámais! Preferiria ficar solteira toda a minha vida!

E, depois de depôr um beijo em uma das mãos do velho Pedro, partiu saltando como uma gazella.

O garboso Francisco ia afastar-se, com receio de uma reprimenda. Rouvenat demorou-o com as seguintes palavras, pronunciadas seccamente:

—Tenho que dizer-lhe, Francisco.

—Estou prompto a ouvil-o, respondeu este ultimo.

—Nos ultimos tempos tenho observado com espanto, que tem com Branca umas certas liberdades, que me desagradam.

—É por ventura prohibido fallar-lhe? De mais, não me parece que lhe faltasse ao respeito...

—Ah! e se sómente o tentasse, exclamou Rouvenat com violencia, seria eu que lhe agarraria em um braço, e o iria pôr á porta da herdade!

O mancebo empallideceu, e contrahiu os labios em um mau sorriso.

—Quer-me parecer, disse elle com uma tal ou qual expressão de ironia, que meu primo Jacques Mellier manda aqui mais alguma coisa do que o senhor!

—Sei muito bem quem é Jacques Mellier e quem eu sou. Mas note que, se consenti em o receber aqui, foi unica e simplesmente a titulo de creado de lavoura. Previno-o pois de que, á primeira palavra mal soante que se atreva a dirigir á minha afilhada será forçado a tomar a trouxa debaixo do braço, e a ir fazer companhia a seu pae nos Vosges.

—Creio que não terá a pretensão de obstar a que eu ame a menina Branca, sr. Rouvenat.

—Tenha cuidado!

—As minhas intenções são dignas e honestas, e não preciso por isso occultal-as. O que eu quero é que Branca seja minha mulher.

—Que importa que seja esse o seu desejo, se Branca não é d'essa opinião?

—Veremos, veremos isso.

Pedro Rouvenat foi agitado por uma colera subita, que lhe fez tremer todo o corpo. Agarrou com violencia no braço do mancebo, e, apertando-lh'o rudemente, exclamou:

—Nem tu — entende bem — nem tu, nem nenhum dos que teem vindo aqui com essas intenções, ha de ser marido de Branca!

—Que me importam os outros? Eu não trato senão de mim, e não vejo que razão poderá ter meu primo Mellier para regeitar a minha proposta. De mais... ella não vale mais do que eu...

—Que queres dizer?

—Presentemente Branca não é mais rica do que eu. Se é certo que ella pôde contar com uma parte da fortuna de meu

primo Mellier, não é também menos certo que meu pae e eu temos sobre essa fortuna direitos, que valem bem os d'ella.

Pedro Rouvenat, com o olhar relampagueante, cruzou os braços sobre o peito.

—Ao menos essas palavras teem o merito da franqueza, replicou elle, contendo-se a custo; mas para mim não eram precisas, porque já ha muito tempo conheço as tuas ideias, Francisco. O que tu e teu pae ambicionaes é a fortuna de Jacques Mellier. A primeira vez que viesteis ambos aqui, comprehendí isso mesmo. «Como Lucila desapareceu e morreu de certo, disse de si para si teu pae, ha de ser meu o Seuilon, e tudo o que possue o primo Mellier.» Mas, receioso de que Jacques deixe tudo em testamento a Branca, entendeu também que era necessario conseguir que a minha afilhada casasse comigo. E eis a razão porque tu estás na herdade, onde te recebi contra vontade, confesso o, so para não contrariar um dos raros desejos de Jacques Mellier. Mas tu e teu pae enganaram-se nos seus calculos interesseiros. Branca não será tua mulher, e teu pae nunca ha de haver ás maos um sou da fortuna de Jacques Mellier. Sou eu, Pedro Rouvenat que t'o digo!

—Será então Pedro Rouvenat, o homem honrado, que nos fará desherdar? replicou furiosamente o mancebo com os dentes cerrados, e com uma expressão de mal disfarçada raiva.

Pedro Rouvenat não tem que dar contas a ninguem do que diz e do que faz. Deixa caminhar as coisas, e espera a justiça de Deus.

—A sua não é de certo muito direita, não!

—Explique-se, sr Francisco Parisel, explique-se.

—No fim de contas, continuou o mancebo perdendo completamente a presença de espirito, o sr. Rouvenat tem de certo

umas intenções especiaes, que deverão ser conhecidas mais tarde. Naturalmente não é tão desinteressado como parece, e será conveniente saber-se qual a razão do seu procedimento, e da sua generosa protecção, dada á filha de um presidiario.

Ouvindo estas palavras, que constituíam um ultrage tanto para elle como para Branca, o bom Pedro Rouvenat sentiu-se suffocado pela colera. Subiu-lhe subitamente todo o sangue á cabeça. As feições contrahiram-se-lhe horrorosamente e no olhar transpareceu lhe uma expressão terrivel.

—Miseravel! rugiu elle. Cala-te, cala-te!... Nota bem, se pronuncias uma palavra mais, não respondo por mim!

—Nada mais tenho a dizer, respondeu o moço Parisel em tom sarcastico.

E afastou-se rapidamente, receiando de certo sentir o peso das mãos de ferro do velho Pedro Rouvenat.

—Ah! serpente. . murmurou este ultimo surdamente. Deixaste finalmente cahir a mascara. Mas tem cuidado... Agora fico prevenido, e, ao primeiro movimento de intenção duvidosa, esmago-te!

Em quanto isto se passava no pateo da herdade, Branca, alegre e ligeira, respirando com delicias o ar livre dos campos, corria pelos prados. Atravessou a ribeira, e seguindo a margem, começou a fazer o seu ramo de flôres do campo.

O sol, elevando se por detraz dos altos montes, illuminava a planicie com os seus primeiros raios de luz.

Descuidosa e enthusiasmada com o espectaculo que a natureza lhe offerecia, Branca ia caminhando sempre. O ramo crescia de momento a momento.

De subito fugiu-lhe dos labios um grito de surpresa e de susto. Acabava de apparecer bruscamente diante d'ella um homem, cujo aspecto nada tinha de tranquillizador.

Em uma das mãos segurava um enorme bordão, e na outra tinha o seu velho chapéu de feltro, deformado, e já sem côr possível. A sua calça, já muito remendada em varios pontos, mostrava ainda alguns rasgões; o colete de riscas encarnadas era atado na cintura com uma corda, que substituiu os botões desaparecidos. O casaco, grosso, e tambem sem côr definida, estava rasgado aqui e ali, e os sapatos descosidos deixavam-lhe a descoberto uma grande parte dos pés. Em volta do pescoço tinha enrolado um trapo velho com pretensões a gravata. Do hombro pendia-lhe um saco de couro, que parecia mal guarnecido.

Lougos cabellos grisalhos, quasi brancos, cahiam-lhe sobre os hombros, e cobriam lhe em parte o rosto magro e pallido, misturando-se com uma barba inculta e emmaranhada, que se lhe estendia por sobre o peito.

Seria difficil adivinhar ao certo a sua idade; podia porém supôr-se seguramente, que contava pelo menos setenta annos.





III

O velho mendigo

Ao ver aquelle homem, que acabava de interromper a sua innocente occupação, a primeira impressão de Branca foi o terror, e, se não fóra a subita commoção que lhe pregara por assim dizer os pés no solo, teria fugido espavorida.

Mas aquella primeira impressão de susto succedera immediatamente um sentimento de curiosidade. Passou pois a examinar o velho, que a contemplava com admiração manifesta.

A donzella viu desde logo, que era benevolo e suave o seu olhar, e comprehendeu que elle era desgraçado. O coração confrangeu-se-lhe dolorosamente, cheio de compaixão.

O homem dirigia-se para ella, e ella não recuou; pelo contrario avançou para elle.

—Vejo que a assustei sem querer; minha boa menina, disse o velho com voz commovida e affectuosa; peço-lhe que se tranquillise.

—Não foi susto o que senti, foi surpresa, respondeu ella. Não o esperava...

—Sim, não esperava encontrar aqui um pobre homem, como eu sou. E depois eu não me admiro de que a minha apparição causasse medo a uma creança, que me não conhece. Peço-lhe que me perdôe, minha menina, e que se tranquillise. Affirmo-lhe que não faço mal a ninguem.

—Oh! conheço isso muito bem... conheço que é infeliz, e não mau.

—Sim, minha boa menina, sou infeliz.

—E... pede esmola?

—Assim é preciso, para não morrer de fome!

—Que razão haverá para que eu nunca o visse? Conheço todos os pobres d'estes sitios.

O mendigo pareceu vivamente impressionado.

—Ah! disse elle. Prova isso que elles se lhe dirigem muito frequentes vezes.

A donzella córou e baixou os olhos.

—Basta vel-a, minha querida menina, continuou o velho, para adivinhar que é tão boa como formosa. A razão de não me conhecer é haver eu chegado ultimamente a estes sitios. Venho de longe, e a minha jornada dura já ha muitos dias. Hoje de manhã, caminhando ao longo da ribeira, senti-me extremamente fatigado, e assentei-me ali, debaixo d'aquelle salgueiro. Comi um bocado de pão, e em seguida adormeci, deitado sobre a herva. Acabava de abrir os olhos quando a vi apparecer...

—E tem ainda muito caminho para andar?

—Não, minha menina; conto muito depressa chegar ao termo da jornada.

—Se quizesse vir comigo até á herdade — é muito perto, d'aqui mesmo se vê a casa — poderia descansar durante uma hora ou duas. Será lá muito bem recebido. Ali ha sempre que comer e que beber para os que precisam. Um bom copo de vinho dar-lhe-hia força para continuar a sua jornada.

—Agradeço muito cordealmente o seu offerecimento, minha querida menina; mas agora já não tenho grande caminho que percorrer, e a verdade é que estou impaciente por chegar.

A donzella tirou da algibeira do vestido algumas pequenas moedas de prata, que apresentou ao mendigo, dizendo-lhe:

—Nada mais posso dar lhe, não tenho mais dinheiro comigo.

Os olhos do velho humedeceram-se.

—Não quereria prejudicar os seus pobres, minha menina... disse elle.

—Oh! não tenha esse receio; quando não tenho dinheiro, peço o, e felizmente nunca me é recusado. Se um dia voltar a passar por aqui, será forçoso que descance na herdade.

—É então na herdade, que reside, minha querida e bondosa menina?

—De certo, visto que o convido para lá.

—Ah! permitta-me que lhe beije as mãos...

E, juntando a acção ás palavras, apoderou-se da mão da donzella, e beijou-lh'a.

—Sim, disse elle em seguida, irei á herdade, para ter a ventura de a ver mais uma vez.

—Espero que não falte, respondeu a donzella, que se sentia attrahida para o velho mendigo por uma estranha sympathy.

—Diga-me o seu nome, minha menina:

—Branca.

—Lembrar-me-hei sempre d'esse bonito nome, e da encantadora menina, a quem pertence.

—E como é o seu nome?

—O meu nome é Mardoche.

—Tem filhos?

O velho estremeceu, e, depois de um momento de hesitação, respondeu:

—Não sei.

—Ah! compreendo, disse Branca contristada. Como era pobre, não pôde conservar junto de si os seus filhos, e actualmente não sabe que destino foi o d'elles.

—Exactamente.

—Lastimo-o de todo o coração.

—Com effeito é bem digna de lastima a minha sorte. E todavia, desde que os seus bonitos olhos se fixam em mim, afigura-se-me que sou menos desgraçado. Oh! tenho a convicção de que ha de dar-me felicidade este encontro, diz-m'o n'este momento uma voz intima! Se, como espero, fixar a minha residencia n'este paiz, procural-a-hei minha querida menina, e acolher-me hei á sua protecção.

—Eu, nada posso; mas, se tiver necessidade de auxilio e protecção, direi uma palavra, e desde logo terá amigos no Seuillon: meu pae e meu padrinho.

—Acaso a herdade não pertence já ao sr. Jacques Mellier? perguntou o velho mendigo.

—Ah! conhece Jacques Mellier?

—Em outro tempo ouvi fallar d'elle muitas vezes.

—Jacques Mellier continúa a ser o proprietario do Seuillon. E' meu pae.

—Seu pae!

E o mendigo levou a mão á testa, como quem reflectia sobre factos de outros tempos.

—Se as minhas recordações me não atraçoam, tornou elle, o sr. Mellier deve contar hoje os seus setenta e cinco annos.

—E' exactamente essa a sua idade.

—A menina não deve ter mais de quinze annos...

—Julgam-me sempre mais nova, por não ser alta. Farei em breve dezenove.

—Dezenove annos, repetiu o velho como fallando comsigo proprio.

E, dirigindo-se de novo para Branca, continuou:

—Desculpe-me, minha menina, se sou curioso. Sabia com effeito que o sr. Mellier tinha uma filha encantadora, e dizia se tambem que elle era viuvo. Verdade é que estas recordações datam já de muito longe. Em todo o caso, a menina Mellier, a que me refiro, estava, ha uns vinte annos, já em idade de casar.

—Era Lucila de certo.

—Lucila, exactamente; recordo me agora do seu nome que era abençoado nas circumvisinhanças da herdade.

Na phisionomia de Branca transpareceu uma expressão de tristeza profunda.

—Não a conheci nunca disse ella Quando nasci, já ella não estava no Seillon. Ha apenas um anno que soube, que Lucila havia partido um dia da herdade—não me disseram a razão porque—e nunca mais voltara. Desde então nunca mais houve noticias d'ella, e ignora-se o seu destino. Julgam n'a mortal!

O mendigo viu que os olhos da donzella se marejavam de lagrimas.

Elle proprio estava dominado por uma commoção extraordinaria.

—Peço-lhe que me perd e a ousadia de continuar a interrogal a, minha querida menina, disse elle; mas sinto-me tão feliz por ter occasião de conversar um pouco! Diga-me: vive com sua mãe no Seuillon?

—Ah! não, infelizmente, respondeu a formosa Branca. Também não conheci minha mãe, que morreu quando eu vim a este mundo.

—Em outro tempo — se bem me recordo — havia na herdade um velho servidor, um excellente homem, que era amigo dedicado do sr. Mellier...

—E' de Pedro Rouvenat que quer fallar?

—Pedro Rouvenat, sim. Vive ainda?

—De certo, e está forte e vigoroso como um rapaz. É meu padrinho.

—Ah! Pedro Rouvenat é seu padrinho?

—É, sim. O senhor, que é pobre, se precisar um dia de alguem, de um homem prompto sempre a prestar serviço e a fazer bem, dirija se a elle sem receio; seja o que fôr que lhe peça, se fôr coisa justa e razoavel, considere-a desde logo como feita. Ah! o meu padrinho é o homem mais bondoso d'este mundo, é o coração dedicado por excellencia, o protector dos fracos, o amigo de todos... Sempre benevolo e generoso, passa a sua vida a tratar dos outros. Cheio de indulgencia para todos, só para si é severo.

—Por esse entusiasmo comprehendo, que não preciso perguntar-lhe se é muito amiga do seu padrinho...

—Adoro-o!... Às vezes está elle muito triste, e eu, quando o vejo assim, tenho desejo de chorar, sem bem saber porque... Elle então toma me nos braços, limpa as minhas la-

grimas, e beija-me... E ralha consigo proprio por me haver feito chorar... Ah! é que elle tambem é muito meu amigo! As vezes — e nem eu sei achar explicação para este facto — afigura-se me que sou ainda mais amiga d'elle do que de meu pae. Comprehando com a maior clareza que não e isto natural; mas o meu padrinho é tão bondoso, e tem por mim um tão carinhoso affecto! Olhe: vê além um homem, que se dirige para este lado?

—Perfeitamente.

—E' o meu padrinho. Estou certa de que julga exagerada a minha demora a colher flôres, e que está impaciente já por ver-me. Para mais depressa se achar junto de mim, vem procurar-me.

—Vá, vá, sem demora, ao seu encontro, minha querida menina, e creia que agradeço muito e muito a sua condescendencia de conversar um pouco com o pobre velho Mardoché.

—Não esqueça a promessa, que me fez, de apparecer na herdade.

—Ah! não faltarei.

—Até á vista, pois.

A donzella affastou se rapidamente. Passados alguns momentos estava dependurada do braço de Rouvenat.

—Não reconheci o homem com quem estavas conversando, lhe disse elle. Quem era?

—Não é d'estes sitios, segundo elle me disse; e vem de longe, respondeu Branca.

—Nem sempre é prudente conversar com pessoas, que se não conhecem, tornou Rouvenat gravemente.

—Ralha comigo?

—Não, filha, dou-te um conselho. Tu nunca desconfias de

coisa alguma, porque és a bondade personalisada, e nem mesmo acreditas no mal; mas desgraçadamente no mundo ha muita gente má.

—Aquelle homem é bom de certo, tenho a convicção d'isso. E depois é tão pobre, e velho!

—Por que razão não foi elle á herdade? perguntou Pedro Rouvenat com interesse.

—Porque tem pressa de continuar o seu caminho. Dei lhe algum dinheiro que tinha comigo.

—Fizeste bem.

—E não ralha mais, sr. meu padrinho?

—Não; beijo a sr.^a Providencia dos pobres.





IV

As ruínas

O velho mendigo puzera-se de novo a caminho, seguindo a margem da ribeira, e descendo lentamente para Civry, encostando se ao seu grosso bordão. Pensava em Branca, e fazia as seguintes reflexões:

—E' impossivell! A encantadora creança, de que acabo de separar-me, não pôde ser filha de Jacques Mellier. Segundo ella me disse, vae ter dezenove annos. Ora Jacques Mellier, ha dezoito annos, era viuvo havia já muito tempo, e não tinha tornado a casar. Não, não pôde ser filha d'elle. Não, entretanto a verdade é que ella lhe dá o nome de pae, e a Pedro Rouvenat o de padrinho... Será ella filha de Lucila Mellier?

Sua mãe morreu, na occasião em que ella veio a este mundo, foi isto que ella me disse, e Lucila desapareceu... E' evidente que lhe occultaram uma parte da verdade. Não ha que duvidar, Branca é filha de Lucila... E a pobre Lucila... morreu de certo!...

E continuou a caminhar apressando um pouco mais o passo. Todavia, depois de haver dado uns trezentos passos mais, parou de novo para reflectir. Dir-se hia, que, chegando ao termo da sua jornada, tinha receio de chegar. No olhar transparecia-lhe uma tal ou qual expressão de inquietação hesitante. Estava já á vista de Civry, cujas casas se achavam meio escondidas por entre as arvores.

O corpo tremia-lhe agora violentamente; a respiração tornou-se-lhe difficil, e a garganta contrahiu-se-lhe em um soluço abafado.

Ao cabo de alguns momentos, como se, envergonhando-se da sua fraqueza, houvesse tomado subitamente uma resolução energica, endireitou a cabeça com um movimento brusco, e continuou a caminhar com passos rapidos.

Depressa chegou ás primeiras casas da povoação. Os camponezes, em pé aqui e ali, no timiar das portas, olhavam para elle curiosamente. Sem se preoccupar com aquelles olhares mais ou menos benevolos, continuou a avançar, e atravessou a povoação sem olhar nem para a direita nem para a esquerda.

Quando parou achava se na outra extremidade de Civry. em frente da casa, ou para melhor dizer, do que restava da casa, em que em outro tempo residira João Renaud, o matador de lobos.

Escapou-lhe das mãos o bordão, e o mendigo ficou durante alguns momentos immovel, com o olhar fixo, pendentos os

braços, como petrificado. Estava em presença de uma ruína, de um monte de destroços.

Mezes depois da morte da pobre Genoveva, Pedro Rouvenat, procedendo em nome da sua afilhada menor, tinha mandado vender todos os objectos de mobilia, que continha a casa, e em seguida esta propria havia sido annunciada tambem para venda. Mas nunca se apresentara um unico comprador. Fôra debalde que de tres em tres mezes se baixara successivamente o preço; ninguem quizera nunca aquella casa, em que morrera a infeliz Genoveva, e que servira de abrigo a um assassino.

Nos campos ha ainda superstições profundamente enraizadas, e muita gente que acredita em phantasmas e em maus olhados.

Por fim a casa ficou completamente abandonada, e o proprio Rouvenat nunca mais pensou em vendel a. Com o tempo a chuva fez cahir a cal das paredes, que se fenderam; os grandes ventos tempestuosos, e a persistente neve continuaram aquella obra de devastação, tanto mais facilmente, quanto era certo que a casa não estava muito solidamente construida.

Um dia produziu se ali uma temerosa derrocada, e então uma das paredes inclinou-se um pouco para dentro e uma outra para fóra. No anno seguinte, em uma noite de grande tempestade, toda a parte superior da casa abateu, ficando ali um monte de pedras e de vigas meio carcomidas pela podridão. E depois ninguem pensara nunca em tocar n'aquelles madeiramentos ennegrecidos, restos d'aquelle velho casebre e que appareciam aqui e ali no meio das pedras amontoadas, entre as quaes cresciam as ortigas, e outraservas parasitas.

O mendigo olhou em redor de si e não viu ninguem. Ca-

minhou então para as ruínas, e deu uma volta em redor d'ellas, lentamente e com a cabeça curvada sobre o peito.

O que restava ainda das portas das janellas não era mais do que madeira apodrecida. Por uma das janellas da recta-guarda, que abria para os campos, olhou para o interior, que estava também cheio de pedras e de madeiras velhas.

Do peito do mendigo fugiu um gemido surdo. Olhou mais uma vez em redor de si, e, certo de que não era observado, subiu á janella, penetrou no interior das ruínas, e caminhou por sobre os destroços. Para entrar em outro compartimento, foi forçado a afastar as pedras que obstruíam a porta. Que que-riera elle? Ver unicamente ou procuraria alguma coisa? Viu... viu que a devastação era completa.

O desgraçado velho cahiu de joelhos, e, com a cabeça appoiada nas mãos, chorou, soluçou como uma creança.

Permaneceu durante muito tempo n'aquella posição. Por fim levantou-se. No olhar brilhavam-lhe clarões estranhos.

— Oh! quero saber tudo... assim é preciso! murmurou elle.

E voltou para o outro compartimento, afim de saber, como entrara, pela janella.

De subito estremeceu, e o seu corpo curvado pareceu endireitar-se. O seu olhar percorreu lentamente o espaço em redor de si, em quanto fazia um calculo mental.

Depois, estendendo um braço, e olhando para o chão, pronunciou a seguinte palavra:

— Ali!

Sem se demorar mais tempo, sabiu das ruínas, murmurando:

— Bem; quando fôr necessario, voltarei.

Levantou os olhos ao céu, soltou um suspiro fundo, e

afastou-se em seguida das ruínas, com a intenção resoluta de voltar á povoação. Agora levantava a cabeça com animação, e, em vez de caminhar pelo meio da rua, passava junto das casas.

Não foi muito longe. Viu uma porta aberta e uma mulher velha perto da porta fiando na sua roca. O velho entrou dando a saudação.

—Uma esmola, por caridade, disse elle com a voz dolente e mal segura, que empregam geralmente os velhos mendigos.

A velhita ergueu a cabeça, e a roda do engenho cessou de girar.

—Ah! veio bater a má porta, pobre homem, disse ella lastimosamente; nada tenho que dar-lhe. Sou talvez mais velha do que o irmãozinho, e é com muito custo que ganho o pão que como. Mas, graças a Deus, n'estes sitios ha pessoas mais ricas do que eu, que não deixarão de o favorecer.

—Estou cahindo de cansaço, tornou o mendigo. Se me permittisse que me assentasse, e que repousasse um pouco aqui...

—Ah! isso só se eu fôsse uma mulher má é que poderia recusar-lh'o. Tem ali um banco; assente-se e descance o tempo que lhe aprouver.

O mendigo assentou-se deveras reconhecido. A roda do engenho continuou a trabalhar; mas o barulho, produzido por aquella pequena machina, que o pé faz mover, não obsta a que possa conversar a pessoa, que d'eilla se serve.

—Parece ser já muito velho, começou a fiandeira. Que idade tem?

—Sou com effeito tão velho, respondeu o mendigo, que até já perdi a conta da minha idade.

—E' d'estes sitios?

—Não, não sou.

—Mas então foi o acaso que o encaminhou para aqui, ou vem tratar algum negocio na nossa aldeia?

—Negocio, não. Quando se é velho e miseravel, como eu sou, e quando temos ainda pernas para caminhar, e vivemos graças á caridade das boas almas, todas as terras são nossas, e caminhamos á ventura, na nossa frente, esperando que o bom Deus encaminhará os nossos passos.

—Não tem então familia?

—Não, não tenho ninguem, infelizmente. No entretanto encaminhei me para estes sitios com a esperanza unica de encontrar aqui um antigo camarada e amigo. Se comprehendi bem e se é certo o que me disseram em Frémicourt, onde passei hoje de manhã, o nome d'esta povoação é Civry...

—Exactamente.

—O antigo camarada, em que acabo de fallar-lhe, era natural de Civry. Eu fui soldado em Africa, ha já muitos annos. Foi um dos que aprisionaram o famoso chefe arabe Abd el-Kader. Foi em Africa que nos conhecemos; pertenciamos ao mesmo regimento. Um dia salvou-me elle corajosamente a vida, e mais tarde fui eu que obstei a que um beduino lhe cortasse a cabeça. D'aqui nasceu o affecto fraternal, que nos ligou depois. Separamo-nos por fim, e eu resolvi me agora a vir para estes sitios, bem certo de que, se existir o meu velho amigo, companheiro e camarada das guerras africanas, me dará um cantinho na sua casa, e um lugarzinho á sua mesa.

—Como se chamava esse seu antigo companheiro?

—João Renaud.

—Ah! bemaventurada Sant'Anna! exclamou a velha deixando cabir o fuso sobre os joelhos. Fez uma viagem perfeitamente inutil, pobre homem. Não encontrará já aqui o seu velho amigo João Renaud...

—Ai, meu Deus! morreu?

—Provavelmente.

—Porque diz provavelmente?

—Porque não sei o que se passa no presidio, para onde João Renaud foi, ha já muitos annos, mandado por toda a vida.

—Para presidio!

—Para presidio, sim, por ter assassinado um homem, afim de o roubar.

—João Renaud... um ladrão! um assassino! Oh! é impossivel! Eu que o conheci bem, nunca poderei acreditar uma tal coisa!

—Pois é a verdade, e a prova está em que o homem assassinado foi enterrado em um canto do cemiterio de Frémicourt, e João Renaud foi preso, julgado e condemnado por toda a vida.

—Oh! desgraçado!

—Que desgraçado, e tambem que miseravel!... João Renaud esperou a victima na estrada, em que o senhor passou para chegar até aqui, e matou a com um tiro de espingarda. Tudo isto está já hoje bem esquecido, e em Civry, depois de tantos annos decorridos só alguns velhos se recordam já de João Renaud, o assassino; mas eu que tenho excellente memoria, recordo-me de tudo perfeitamente. Demais—devo dizel-o porque nenhuma razão tenho para o occultar—eu era muito amiga da mulher de João Renaud.

Os olhos do velho mendigo relampaguearam.

—Sim, é verdade, disse elle com voz trémula: João Renaud era casado.

—Casado com uma excellente mulher, póde bem dizer-se. A pobre Genoveva era honesta, laboriosa, economica, e amava muito o marido, que tão pouco merecia ser amado.

—Continúa ainda a viver em Civry?

—Quem? a Genoveva?

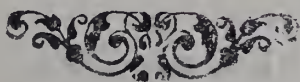
—Sim, a mulher de João Renaud.

A velha abanou a cabeça tristemente.

—A pobre Genoveva, murmurou ella, já ha muito tempo que deixou de existir.

O velho mendigo ergueu-se de salto soltando um gemido, e deixou-se cahir de novo sobre o banco, murmurando com a voz estrangulada na garganta:

—Morta! morta!





V

**Mardoche descobre muitas coisas
que ignorava**

A velha camponeza olhou com surpresa para o seu interlocutor. Não podia comprehender de fôrma alguma a causa real d'aquella perturbação, d'aquella commoção tão violenta.

—Na realidade o que lhe estou contando não é muito alegre, não... disse ella.

—Oh! é tristissimo! respondeu o velho mendigo.

—Quando fallo n'estas coisas, embora já passadas ha muitos annos, ainda me sinto estremecer.

—Ha já muito tempo que morreu a pobre mulher de João Renaud?

—Ah! foi tambem elle, o scelerado, quem a matou!

O mendigo estremeceu de novo, mas conseguiu conter-se, fazendo um violento esforço sobre si proprio.

—A infeliz Genoveva, continuou a velha camponeza, morreu tres ou quatro dias depois do julgamento de João Renaud, que o mandava para o presidio por toda a vida. Assisti eu aos seus ultimos momentos...

—Ah! estava ao pé d'ella... viu a morrer?

—Foi nos meus braços que essa boa mulher soltou o derradeiro suspiro!

O velho mendigo juntou as mãos pesarosamente, e balbuciou algumas palavras, cujo sentido a velha não pôde comprehender.

—Diga me, minha boa mulherzinha, perguntou elle por fim com voz oppressa: a mulher de João Renaud não estava prestes a ser mãe?

—Estava, sim.

—Mas então... tornou elle hesitando, a creança... morreu antes de nascer?

—Ah! não: a creança nasceu muito bem.

—Oh! Deus da bondade! E essa creança... vive ainda, não é verdade?

—Vive, sim.

—Oh! oh! oh! murmurou o mendigo.

E deixou escapar muitos soluços sem lagrimas. A velha examinou-o uma segunda vez com surpresa.

—Decididamente o seu coração é extremamente sensivel! disse ella.

—A coisa comprehende-se bem, replicou elle; não lhe disse já que João Renaud e eu eramos amigos como irmãos? Que admira pois que essa triste historia me impressione dolorosamente? E depois tambem o que me está contando recorda-

me a minha propria vida passada... Eu nem sempre fui um desgraçado como sou agora; tive tambem uma mulher e um filho, que amava e que perdi... Bem vê que tenho tambem o direito de chorar...

E o velho mendigo deixou de conter as lagrimas.

—Pobre e infeliz homem! murmurou em voz baixa a camponeza:

—Não se trata das minhas proprias saudades, e do meu desgosto, tornou elle. Quero esquecer tudo o que comigo se passou... Falle-me antes do filho de Genoveva e de João Renaud.

—E' uma menina.

—Ah! é uma menina... como acaba de dizer. E é forte, robusta, formosa?...

—Formosa, é; mas forte e robusta... não muito. Com quanto não seja doente, é muito delicadinha.

—De certo não é feliz... por uma unica razão. Naturalmente todos olham para ella com maus olhos... filha de um presidiario!

—Com maus olhos! Ah! isso é que não... Pelo contrario: é estimada e respeitada por toda a gente; todos os que a conhecem a amam, e ella bem o merece, como é de justiça!

—Ah! muito bem; ha ainda muita gente boa n'este mundo. Mas, apesar de tudo, a filha da pobre Genoveva não pôde ser completamente feliz.

—Porque?

—Porque deve soffrer muito por se saber filha de um assassino.

—Mas ninguem foi contar essas coisas á pobre creança. Estou intimamente convencida de que ella nem mesmo ouviu nunca pronunciar o nome de João Renaud.

—Como assim? é certo que ella não sabe quem era seu pae?

—Nem sua mãe; occultaram-lhe tudo.

—Para que? para que?

—Para que ella não fôsse o que disse ha pouco: pouco feliz...

—Ah! sim, comprehendo...

—E nunca chegará naturalmente a saber coisa alguma, porque ninguem se atreveria a pronunciar diante d'ella uma palavra unica, que fizesse cahir uma lagrima dos seus olhos.

—Quem foi então que tomou conta d'ella?

—Pessoas mais ricas do que nós.

—Essa menina reside em Civry?

—Não. Foi uma mulher d'aqui, que morreu ha poucos annos, quem a alimentou ao seu seio. Tinha dois annos, e era uma formosa creança, quando foi levada d'aqui.

—Para onde?

—Não preciso dizer lh'o, visto que não pôde ir vel-a.

—Não posso, não... Não poderia apresentar-me diante d'ella, como tendo sido amigo e camarada de seu pae, visto não saber ella que é filha de João Renaud. Dizia-me ha pouco que fôra levada d'aqui quando tinha dois annos...

—E já n'esse tempo era ella bonita como um amorzinho, e passou desde logo a ser rodeiada de affectos e de cuidados. Ha filhas de grandes senhores que não são tão queridas, como ella tem sido sempre. Tudo o que ha melhor e mais bonito foi sempre para ella. A sua infancia foi passada entre caricias e beijos; orphã, nunca teve occasião para suppôr que não tinha pae nem mãe. E cresceu e desenvolveu se rodeiada de sorrisos, como uma planta preciosa sob os raios de um sol vivificador. Hoje a filha de Genoveva e de João Renaud é

uma fidalguinha, e está tão feliz quanto desgraçada foi a mãe.

O velho mendigo escutava ávidamente, com as mãos trémulas, radiantes de jubilo os olhos, e com a bocca entreaberta; dir-se-hia que bebia as palavras da camponeza.

—Deve porém dizer-se, continuou ella, que a filha da pobre Genoveva tudo merece, porque é tão boa como formosa; tem a figura e o coração de um anjo.

—Deus de bondade, disse de si para si o velho mendigo, levantando os olhos para o céu. Nunca supuz que um homem tão desgraçado como eu pudesse experimentar ainda uma alegria tão intima, tão profunda!

Em seguida levantou-se, e, tomando entre as suas as mãos da velha, perguntou-lhe:

—Como se chama a filha da pobre Genoveva?

—Chama-se Branca.

—Branca! exclamou elle.

E endireitou o corpo, appoiando as mãos sobre o coração, como para lhe conter as pulsações.

—Ah! não se admire da minha surpresa, tornou elle com lagrimas na voz. O filho que perdi, era tambem uma menina e tinha egualmente o nome de Branca... E agora, que já descancei, vou pôr-me de novo a caminho. Agradeço muito a sua boa hospitalidade. Deus a tenha sempre na sua santa guarda.

Em seguida lançou mão do chapéu, que enterrou pela cabeça abaixo, e dirigiu-se para a porta.

—Antes de se ir embora, bom homem, disse ainda a velhita, diga-me o seu nome.

O mendigo voltou-se e respondeu:

—Chamo-me Mardoche.

O mendigo em quem os nossos leitores de certo reconhe-

ceram já o nosso antigo conhecido João Renaud, mas a quem continuaremos a dar o nome de Mardoche, visto ser esse o que elle proprio adoptou, sahio da miseravel choupana da velha e depressa se encontrou no meio da povoação. Tinha fome. Entrou em uma pequena casa de pasto, e pediu de comer.

O dono da locanda olhou de travez para aquelle singular freguez, e pareceu hesitar em o receber.

—Comprehendo a razão da sua hesitação, disse tristemente Mardoche; tem receio de que eu não possa pagar a despeza que fizer.

E, tirando da algibeira algumas pequenas moedas de prata, continuou:

—Bem vê que tenho aqui com que pagar o que comer e beber... Este dinheiro foi-me dado hoje de manhã pela menina do Seuillon.

O taberneiro côrou, balbuciou algumas palavras de desculpa, e apressou-se a servir elle proprio o pobre homem.

Depois de haver comido e bebido, com um appetite manifesto, o velho Mardoche perguntou quanto devia.

—Nada deve, respondero o taberneiro.

O mendigo não pôde esconder a sua surpresa. Que significava aquelle facto? Por que razão aquelle homem, que ha pouco hesitara em lhe dar de comer, evidentemente receioso de que não lhe pagasse, se recusava agora o receber o que lhe era devido? O taberneiro, porém, não o fez esperar muito a explicação que desejava.

—Guarda esse dinheiro, e compre com elle uns sapatos melhores do que esses que tem nos pés, bom velho, lhe disse elle. Foi de certo com esse fim que a menina do Seuillon lhe

deu esse dinheiro. N'estes sitios, quando uma creatura infeliz pronuncia o nome da menina do Seuillon, nenhuma porta se lhe fecha, e ricos e pobres farão assentar á sua mesa essa creatura. Guarde pois o seu dinheiro, e, quando passar outra vez em Civry, não receie entrar de novo n'esta casa, será bem recebido.

—Tem então um grande affecto pela menina do Seuillon?

—Não sou eu só, todos os que a conhecem a amam e respeitam. Mas eu tenho para amal-a uma razão, que os outros não teem.

—Qual é?

—Minha velha mãe, que vive ainda, é madrinha da menina Branca.

O pobre velho cambaleou, e inundaram-se lhe de lagrimas os olhos. Não podia já supportar tão successivas commoções. Era a custo que continha os soluços, que lhe subiam do coração á garganta. Mas reagia e fazia violencia a si proprio para obstar a que a sua dôr, e ao mesmo tempo a sua alegria fizessem explosão.

Sahiu em seguida da casa de pasto, e atravessou rapidamente a povoação. Conhecia muito bem aquelles sitios, e tomou por uma estreita vereda atravez dos campos, em direcção ás montanhas para os lados do bosque de Sueure. Era já tarde quando chegou ali. Penetrou por entre o arvoredado, e assentou-se sobre uma pedra junto de um carvalho. Tinha já chorado muito ao mesmo tempo que caminhava; ali correram de novo as suas lagrimas.

Por que razão se dirigia elle para o bosque? não saberia dizel-o; fôra sem reflexão, e quasi instinctivamente que tomara aquelle caminho. De mais para que precisava elle esconder se? Muitas vezes tinha notado as alterações, que se

haviam produzido no seu semblante, mais ainda pelo soffrimento do que pelos annos, e tinha a intima convicção de que os proprios que melhor tinham em outro tempo conhecido João Renaud, não poderiam de modo algum reconhecê-lo agora no velho mendigo Mardoche. E depois quem poderia ver as suas feições tão alteradas e envelhecidas por debaixo d'aquella barba espessa, que muito de proposito deixara crescer?

João Renaud, o matador de lobos, condemnado em outro tempo a uma pena perpetua, e livre agora, teria medo dos gendarmes? Não, e depressa diremos a razão porque se achava em liberdade.

Depois de desafogar em lagrimas a funda commoção, por que se achava agitado, começou a reflectir. Que iria elle fazer? que vida poderia ser agora a sua?





VI

O ramallete

—É pois verdade! murmurava o velho mendigo, com a cabeça encostada sobre as mãos, e apoiados nos joelhos os cotovellos. Vi-a... e ella approximou se de mim sem receio. . . fallou-me... disse-me palavras boas e affectuosas... fitaram me os seus olhos... E deu-me uma esmola... deu-me todo o dinheiro que tinha comsigo... E eu beijei-lhe as mãos, e ella sorriu... Quando se separou de mim, disse-me que voltasse a vê-la... E aquelle thesouro precioso, aquelle anjo de bondade e de formosura, aquelle anjo que eu não me fartava de admirar, é filha da pobre Geneveva. . . é a minha filha!... Minha filha! e não m'o disse o coração, embora fôsem violentas e apressadas as suas pulsações... Não, não podia saber, não podia adivinhar, vendo-a tão formosa, tão en-

cantadora... E dizem que todos a amam, todos a adoram... ah! de certo, de certo!

«Pedro Rouvenat cumpriu a promessa que me fez! Não abandonou a orphãzinha, quiz ser padrinho d'ella para ter o direito de a proteger, e se Branca chama pae a Jacques Mellier, é porque o bom Rouvenat assim o quiz. Occultaram-lhe o nome de seus paes, lançaram um véu sobre o seu nascimento... A inspiração foi boa, porque visou á felicidade da pobre menina... E eu, se fôsse dizer a Branca: «engana-ram-te, filha; teu pae sou eu, João Renaud, o presidiario», destruiria a obra de Jacques Mellier e de Pedro Rouvenat... faria desgraçada a minha filha!... Como toda a gente, como a propria Genoveva, havia de afastar-me de si com horror, porque, hoje como em outro tempo, não posso provar que não sou um assassino! Não, não, antes morrer, do que tal fazer... Morrer! não estou eu já morto e bem morto? João Renaud deixou de existir: hoje sou o mendigo Mardoche!

«E terei acaso o direito de queixar-me? Não deverei acreditar, que o bom Deus se compadecou de mim? Perdi a minha pobre Genoveva, mas encontro em seu lugar a minha, a nossa filha... Vel-a-hei muito frequen-tes vezes, e sem que ella propria o saiba, hei de amal-a profundamente...

Em seguida tiron do seu alforge um pequeno sacco de algodão, que abriu com todas as precauções, tirando de dentro algumas moedas de ouro. Contou o seu pequeno thesouro: eram oito moedas de vinte francos.

—Para não tecar n'este dinheiro, disse elle, mendiguei durante todo o caminho. Queria guardal-o para Genoveva. Agora posso já gastal-o... Seguirei o conselho do taberneiro de Civry; comprarei uns sapatos e umas calças; quero apparecer menos miseravel em presença da minha filha!

Guardou de novo o ouro dentro do alforge, e por fim fez uma especie de cama de ramos junto da arvore e deitou-se.

No dia immediato o sol, quando surgiu no horisonte, encontrou-o em pé, junto de um monte de enormes rochas, que sahiam das entranhas da terra na vertente da colina. D'ali, espraiando o olhar pelo extenso valle da Sableuse, coberto ainda com uma leve bruma, avistava Frémicourt á esquerda, Civry á direita e na sua frente os altos telhados do Seuilon.

—Sim, estabelecerei aqui a minha residencia, murmurou elle. Logo que o dia se levante, sahirei do meu covil, e verei, como agora, o tecto da casa em que ella reside.

Uma pequena gruta natural, cavada por debaixo dos rochedos, ia ser habitação do velho mendigo Mardoche.

—Aqui estarei em minha casa, dissera elle; e antes quero isso do que dormir ora em um palheiro ora em outro.

Tranquillo sobre aquelle ponto, que era o principio da nova vida, que queria crear para si, o velho Mardoche entrou de novo no bosque, e colheu ali um grande ramalhete de lirios, que rodeou de folhas verdes. Depois apertou tudo o melhor que pôde com um delgado vime muito flexivel, e tomou o caminho do valle.

—Ella gosta das flôres dos campos, dizia elle de si para si. Quando acordar achara junto de si este ramalhete.

A sua intenção era entregar o ao primeiro creado ou creada, que encontrasse nas immediações da herdade. Mas como não encontrasse pessoa alguma no caminho, foi forçado a entrar no pateo.

Pedro Rouvenat passeiava ali, fumando uma cachimbada. O velho Mardoche sentiu-se vivamente commovido, e perguntou a si proprio se deveria avançar ou recuar.

—Vamos, disse elle por fim de si para si, depois de uma breve hesitação, já que tenho de tentar a prova, tanto importa que seja hoje como amanhã.

N'aquelle momento, Rouvenat, voltando-se, viu Mardoche, que avançava para elle.

—Senhor, disse este ultimo, com voz mal segura: trago este ramallete...

—Ah! respondeu Pedro Rouvenat benevolmente. E para quem é esse bonito ramo?

—Colhi-o ha pouco para a menina do Seuillon, que tanto gosta de flôres.

—Foi então o senhor, que a menina Branca encontrou hontem junto da ribeira?

—Fui eu, senhor.

—A menina Branca fallou-me a seu respeito com muito interesse, e ha de acceitar este bonito ramo com muito prazer. Não sahio porém ainda do seu quarto. Se quer esperar um pouco, poderá offerecer-lh'o pessoalmente.

—Obrigado, senhor, não posso esperar. Peço-lhe o favor de lhe entregar o ramo.

—Da sua parte?

—Sim; da parte do pobre velho Mardoche.

—E que deverei dizer-lhe mais?

—Oh: nada mais. Sómente... se m'o permittir... virei uma vez ou outra á herdade

—Venha sempre que queira, amigo.

—Pela maneira por que me falla, adivinho que estou em presença do padrinho da menina Branca.

—Fallou-lhe de mim a menina Branca?

—Disse-me que o seu padrinho era o melhor dos homens. Até á vista, sr. Rouvenat: voltarei aqui mais vezes.

Em seguida Mardoche afastou-se rapidamente, e murmurou logo que sahio do pateo:

—Felizmente não me reconheceut

E soltou um suspiro d'alivio.

Rouvenat seguiu o com os olhos, murmurando:

—Caso estranho! faz me impressão ver este pobre homem!

E, dirigindo-se para casa, subiu ao primeiro andar, foi bater duas pequenas pancadas na porta do quarto de Branca, quarto que pertencera em outro tempo a Lucila. Produziu-se immediatamente no interior um barulho de passos ligeiros, a porta abriu-se, e a donzella appareceu no limiar, tendo sobre si um penteador de musselina branca.

—Oh! que bonito ramo! exclamou ella, saltando ao pescoço do velho Rouvenat. Que bondade a sua, meu rico padrinho! ir colher flôres para mim!

—Não, filha, respondeu Pedro sorrindo: bem sabes que de manhã não tenho tempo para ir colher lirios. Este bonito ramo foi trazido aqui pelo velho mendigo, que encontraste hontem.

—Mardoche?

—Mardoche, sim.

—Está lá em baixo, á minha espera?

—Nao; não quiz esperar.

—Mas voltará?

—Assim m'o prometteu. Tomas então muito interesse por esse pobre velho?

—Muito, sim. Hontem pensei n'elle durante todo o dia, e esta noite encontrou-se em um mau sonho que tive.

Nos olhos de Rouvenat brilhou um relampago de colera.

—Acaso te fazia mal esse homem, no teu sonho? perguntou elle bruscamente.

—Não, padrinho, pelo contrario, respondeu Branca sorrindo. Quer que lhe conte o meu sonho?

—Conta, sim.

—Achava-me eu na margem da ribeira, colhendo flôres. De subito vi apparecer em volta de mim grandes serpentes cujas cabeças se dirigiam ameaçadoras para mim. Cheia de terror, soltei um grande grito, e quiz fugir, mas não pude... As caudas dos horrendos reptis tinham-se-me enrolado nas pernas, e não me deixavam fazer um movimento unico. Os corpos das serpentes alongavam-se, e as suas terriveis cabeças approximavam se mais e mais do meu semblante. Via-me perdida. De subito, porém, o velho mendigo correu em meu socorro, e bateu nas cabeças das serpentes com o seu bordão... Acordei em seguida; as serpentes tinham desaparecido, e eu estava muito bem na minha cama.

«Depressa adormeci de novo, e o meu sonho voltou a apoderar-se de mim, mas já com outra feição. Era então o meu querido padrinho, que ia caminhando tranquillamente pelo prado. Um homem, que eu não pude reconhecer, avançou para si traiçoeiramente, e levantou o braço armado com um punhal para o ferir. Mas não teve tempo: o velho Mardoche appareceu, e, com uma pancada despedida com o seu terrivel bordão, estendeu o mau homem no meio da terra. Eis o meu sonho, padrinho; foi muito desagradavel, não é verdade?

—Foi, sim, e ainda bem que não sonhas muitas vezes.

E, tomando entre as mãos a bonita cabeça da donzella, beijou-a carinhosamente na testa.

—Padrinho, tornou Branca: quando vier á herdade o velho mendigo Mardoche, é preciso que seja bem recebido.

—Não póde deixar de sel-o. De mais a mais é teu protegido.

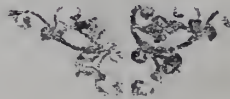
—Chego a julgal-o meu amigo. Disse-me que eu havia de dar-lhe felicidade. . .

—Como a dás a todos os que de ti se approximam, filha: o teu sorriso faz nascer a alegria, e a felicidade dá a o teu olhar. Veste-te, filha; eu retiro-me.

E Rouvenat sabiu do quarto. A donzella olhou durante alguns momentos para o formoso ramalhete, e murmurou:

—Pobre Mardoche! pensou em mim. . .

E foi collocar o ramo em um bonito vaso de porcelana, collocando-o bem á vista sobre o marmore do fogão.





VII

Dois amigos antigos

Um dia de manhã, Nestor Dumoulin, um dos mais celebres jurisconsultos de Paris, recebeu a carta seguinte:

«Meu caro amigo:

«Este bilhete vae fazer te saber que não estou nos Antipodas ou nos mares glaciaes. Entrei em França ha cinco dias, e em Paris hontem. Se não tens qualquer outra coisa que fazer, dispensa-me a fineza de vires hoje mesmo almoçar comigo. Quero ter o grande prazer de tornar a ver-te, assim como tenho um serviço a pedir-te.

«Teu amigo e velho camarada,
«CONDE DE BUSSIERES.»

O signatario d'este bilhete, e o illustre advogado Dumoulin, cujo nome está gloriosamente ligado a tudo o que diz respeito á jurisprudencia franceza, eram dois verdadeiros amigos, dois antigos camaradas de collegio.

Seguindo na vida caminhos diversos, tinham sido forçados a separar-se, e frequentes vezes durante annos, sem que todavia se esquecessem um do outro, e voltavam sempre a vêr-se com a satisfação, com a alegria, que recorda os encantos da feliz idade.

As onze e meia o advogado entrava no palacete do conde de Bussieres, situado na rua Bellechasse. O conde esperava-o; a mesa estava posta para ambos. Os dois amigos lançaram-se nos braços um do outro com effusão; depois, tendo-se afastado um pouco, contemplaram-se durante um momento.

—Na realidade, meu caro Nestor, disse o conde, tu não envelheces! Eu encontro-te agora tal qual te deixei ha quatro annos.

—Afigura-se-me, meu caro Adolpho, respondeu o advogado, que n'esse ponto não tens muita razão para te queixares. A tua apparencia é magnifica.

—Efeito de certo do prazer de tornar a ver-te. Não me lisongeies, que seria inutil... Ah! eu não me illudo; com quanto conte sessenta e cinco annos de idade, isto é, menos tres do que tu, estou longe de ter a tua força e o teu vigor. Eu envelheci muito depressa.

—E quem tem a culpa d'isso? Por que razão, em vez de viveres tranquillamente em Paris ou em um dos teus castellos, passas a vida a correr o mundo em todas as direcções?

O semblante do conde de Bussieres contrahiou-se subitamente.

—Tu, que conheces uma parte dos meus segredos, não devias fazer-me essa pergunta.

Tens razão, meu amigo, perdôa-me. Procuras o esquecimento...

—Sim, tenho-o procurado por toda a parte; mas é debalde que levo as minhas sombrias recordações e as minhas dôres de um polo a outro; nunca encontrei esse tão desejado esquecimento. E agora regresso aniquillado, descontente de tudo e talvez mesmo mais desgraçado ainda. Agora puz de parte a minha mania de viajar... soffrer aqui ou em qualquer outra parte é uma e a mesma coisa. Já agora quero morrer debaixo do céu do meu paiz.

—Tens tido noticias da sr.^a condessa de Bussieres?

—Tenho, sim.

—Boas?

—Ella nunca se queixa.

—Continúa a viver na sua propriedade do Nivernais?

—Sim, e é lá respeitada, querida, venerada... Desde o dia, em que nos separamos fatalmente em razão do acontecimento que conheces, nunca mais deixou o castello em que nasceu; renunciou completamente ao mundo. E essa solidão, que ella impôz a si propria, é a mesma de ha quarenta annos! Ah! a condessa é uma mulher extraordinaria!...

—Quiz expiar corajosamente a sua falta.

—A sua falta! murmurou o conde. Olha: vou fazer-te uma confidencia. Chego por vezes a duvidar que ella fôsse com effeito culpada, e essa ideia aterrorisa-me!

O advogado permaneceu silencioso. Conhecendo os factos a que o conde acabava de fazer allusão, persuadira-se sempre de que os dois esposos eram victimas de um qualquer erro.

Desgraçadamente nunca fôra confidente senão do marido, e portanto não conhecia nenhuma das circumstancias, que pudessem demonstrar-lhe a innocencia da condessa.

Diremos mais tarde em consequencia de que catastrophe a felicidade dos condes de Bussieres havia sido destruida.

—O visconde procura algumas vezes sua mãe? perguntou Dumoulin depois de um momento de silencio.

—Tanto como procura seu pae. Tão cruelmente ferido no meu amor por Valentina, nunca pude achar uma compensação, um refugio, na affeição do meu filho. E no entretanto, Deus sabe se o amei, e com quanta ternura, com quanta solicitude velei por a sua infancia. Sabes bem como elle me recompensou... Não amava seu pae, nem sua mãe, nem mesmo talvez a si próprio. Não existe n'elle um qualquer sentimento bom. Escravo das suas paixões e dos seus maus instinctos, é capaz de lhes sacrificar tudo. Em outro tempo, quando se separou de sua mãe, quiz eu tel o comigo... Julguei proceder bem, mas enganei me... Nada ha que substitua a mãe junto do filho. Tenho um grande nome e uma fortuna avultada, que sou forçado a deixar a um homem pouco digno d'essas vantagens. Que desillusão para o meu orgulho!

— És bem severo para o teu filho!

O conde sorriu amargamente.

—Mas que faz elle, diz-me, que faz elle? Nada, nada absolutamente. Devasso sem brio, arrasta a sua vida inutil, fatal, por todos os lodaçães.

—Porque razão o não tens casado?

—Porque elle não quiz. O casamento impõe uns certos deveres e elle não quer cumprir dever algum. Antes quer correr os *boudoirs* das mulheres pouco escrupulosas, e fre-

quentar os bastidores dos theatros de terceira ordem, onde se representam farças ridiculas e grotescas, que não são mais do que pretextos para a exhibição das formosuras mais ou menos reaes de um rebanho de mulheres sem pudôr.

«O jogo, as ceias, e os amores faceis, eis o que occupa e interessa o visconde de Bussieres. Envilecido, desprezado, e velho antes de tempo, tal é o herdeiro da minha fortuna e do meu nome. Que fará elle de uma coisa e outra? Nem quero demorar o meu espirito n'esse pensamento. Felizmente os nossos antepassados estão mortos, e não vêem uma tal vergonha!... Não ha esperança: o desgraçado está perdido sem remedio, e por a sociedade, por elle, por mim, e por a honra, só uma coisa tenho a desejar: que não seja muito longa a sua vida! Mas deixemos por agora este doloroso assumpto. Vamos almoçar.

O conde e o advogado passaram em seguida para a casa da mesa.

A julgar por a sua estatura elevada, e pela regularidade das suas feições, o conde de Bussieres devia ter sido o que se chama um bonito homem. Apesar dos desgostos, que haviam assinalado a sua vida, e cujos vestigios transpareciam de um modo indelevel nas suas feições, a sua phisionomia mostrava uma apparencia manifesta de nobreza e de distincção. O que ao primeiro aspecto poderia talvez julgar se orgulho e altivez não era n'elle mais do que uma grande dignidade; no sorriso, como no olhar, mostrava um cunho particular de bondade e de benevolencia. A maneira cortez e graciosa, por que estendia a mão áquelles, de que se aproximava, revelava n'elle o gentilhomem de raça, e recordava a elegancia das côrtes reaes e de certos grandes senhores, cujos nomes se encontram na historia.

Concluido que foi o almoço, o conde levou o amigo para o seu gabinete, e ahí, depois de accenderem, cada um, um excellente havano, assentaram-se em face um do outro.

—Na minha carta, disse o conde, falo-te em um serviço, que desejo pedir te.

—Como sempre, estou em tudo e por tudo ás tuas ordens. De que é que se trata?

—Trata-se de um homem que foi condemnado a trabalhos perpetuos por um crime de assassinato.

O advogado olhou para o conde com expressão manifesta de surpresa.

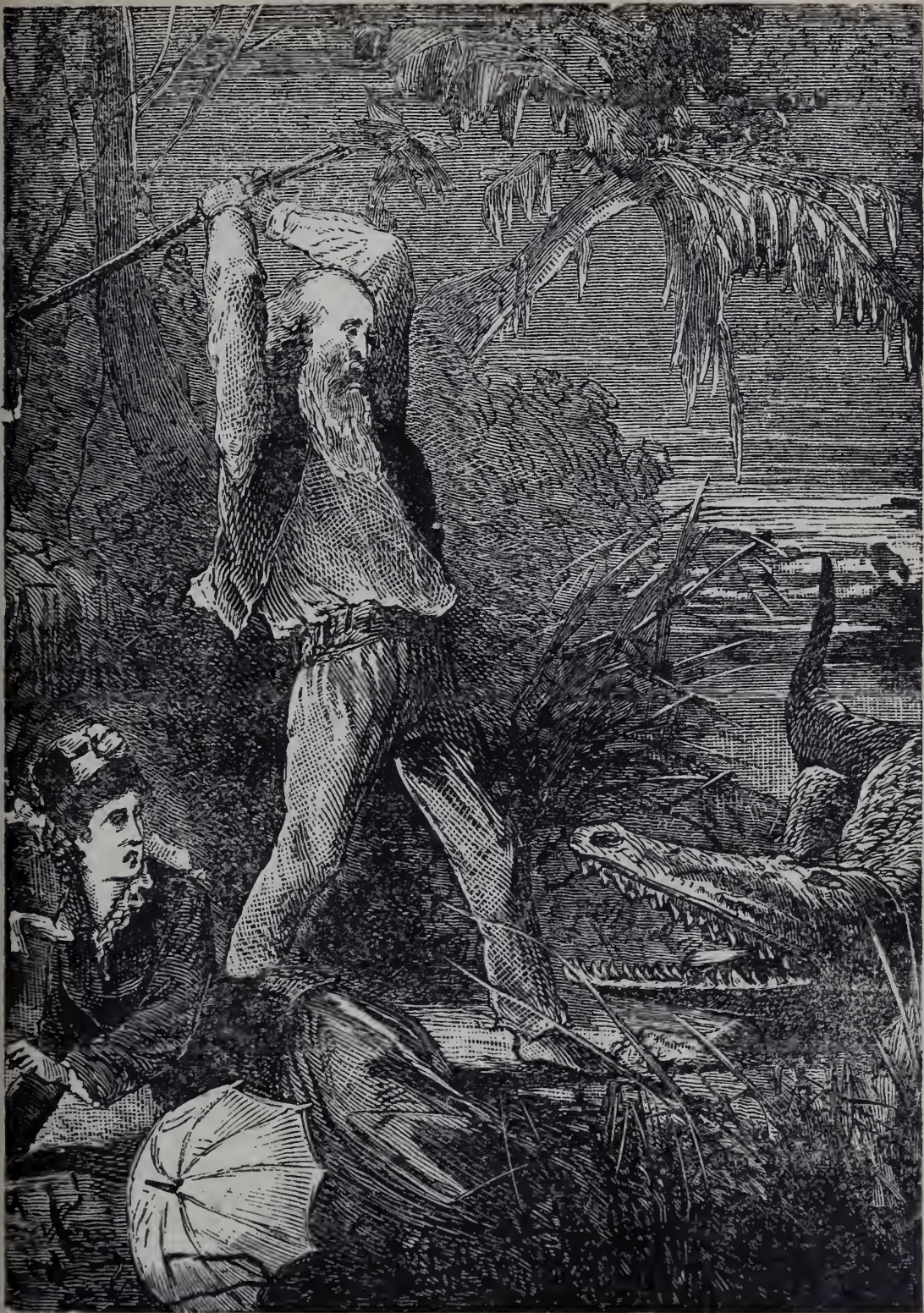
—Queria, continuou o conde, achar a possibilidade de pedir e de obter o seu perdão.

—Mas isso é muito difficil, respondeu o jurisconsulto. Se o condemnado, de que se trata, é verdadeiramente digno de interesse, se o seu procedimento actual é irreprehensivel, e se se mostra sinceramente arrependido do crime, que commetteu, póde obter uma limitação de pena mas não completo perdão.

—E se elle estiver innocente? Julgas que não haverá innocentes no presidio?

—Esse facto póde dar-se desgraçadamente; mas a verdade é que, desde que temos os julgamentos com a intervenção do jury, esses erros judiciarios são já muito raros. No entretanto, se o condemnado a que te referes, é victima de um d'esses tão deploraveis erros, póde reclamar-se a revisão do processo.

—Esse desgraçado foi condemnado em presença de provas indiscutíveis de culpabilidade, e não procurou destruir nenhuma d'essas provas. Limitou-se a protestar a sua innocencia, o que não era sufficiente aos olhos dos juizes.



O condemnado lançou-se à frente do terrível reptil. . . (Pag. 265)



17

17

—Systema para nada confessar.

—Talvez. Elle proprio affirma, que houve um motivo especial, que occultou sempre e occulta ainda, que o obrigou a permanecer mudo a todas as interrogações.

—Ha quanto tempo está elle no presidio? perguntou o advogado.

—Ha perto de dezoito annos. Actualmente encontra-se na nossa colonia penitenciaria da Guyanna.

—E chama-se?

—João Renaud.

—João Renaud! Tenho uma ideia d'esse nome. Esse homem não foi condemnado pelos tribunaes da Haute-Saone?

—Exactamente. Que admiravel memoria a tua!

—A minha profissão exige que eu conheça um pouco todos os processos de uma certa importancia. Recordo-me de que li nos jornaes a descripção minuciosa de todo o processo e julgamento d'esse João Renaud, e de que me impressionou o lado mysterioso da questão.

—Não poderias tu preparar-me ácerca d'essa questão uma memoria, que eu apresentaria ao ministro da justiça, do qual, como sabes, sou amigo?

—Estou prompto; mas para isso careço de ir a Vesoul, afim de examinar detidamente todo o processo... Tens realmente muito interesse em fazer uma tentativa em favor de João Renaud?

—Tenho, sim.

—Pois muito bem; n'esse caso aproveitarei estes dois dias primeiros para concluir um negocio urgente, que tenho entre mãos, e d'aqui a tres dias irei a Vesoul.

—Obrigado, amigo, disse o conde estendendo a mão ao celebre advogado.

—Parece-me porém conveniente, meu caro Adolpho, que não alimentes uma grande esperança de bom resultado...

—Veremos, veremos. Agora devo dizer-te a razão, porque tão vivamente me interessei por João Renaud, e de que modo me ocorreu a ideia de pedir o seu perdão... Antes de regressar a França, percorri em ultimo logar o Brasil, e fui visitar também as Guyanas, particularmente a nossa colonia penitenciaria. A Guyana franceza tem uma superficie de umas setenta a oitenta leguas quadradas. Em toda a colonia, embora a sua população seja de trinta e cinco a quarenta mil habitantes, não se encontram mais de quatro mil brancos, entrando n'este numero os deportados; o resto da população compõe-se de negros, e de tribus de varias procedencias. A sua capital, Cayenna, é uma pequena cidade sem importancia, cuja população não excede uma das nossas aldeias grandes. A colonia é regada por quatro bellos rios, entre elles o Sinnamary, e por muitas ribeiras menos importantes.

«Fui recebido com muita cordialidade pelo director da colonia penitenciaria, que me deu com a maior amabilidade todos os esclarecimentos, que lhe pedi...

«—Vou regressar a França, lhe disse eu, e tenho a honra de ser amigo de S. Ex.^a o ministro da justiça, se tem entre os desgraçados presidiarios algum, que seja verdadeiramente digno de compaixão, nenhuma duvida terei em o recomendar á sua alta benevolencia.

«—Ah! apresso-me a aproveitar o seu offercimento, senhor, me respondeu elle, e peço a sua generosa protecção para um condemnado, que é digno de todo o interesse. Esse homem nunca soffreu uma punição unica, nem ao menos uma simples reprehensão. Nunca se ouviu dos seus labios uma queixa; é verdadeiramente admiravel a sua resignação, e não

poucas vezes tem dado aos seus companheiros as maiores provas de dedicação e de generosidade. Durante uma epidemia, que no anno passado assolou a colonia, passou quinze dias e quinze noites consecutivas sem descansar nem por um momento, tão embevecido andava no tratamento dos desgraçados, feridos pela doença. Andava de cama em cama, socorrendo-os, animando-os, consolando-os, e dando-lhes todos os cuidados com uma paciencia, com uma abnegação, dignas da mais dedicada e exemplar das irmãs de caridade!

«Um dia andavam muitas senhoras passeiando nas margens do Sinnamary, quando de subito um monstruoso crocodilo, amphybios que abundam na colonia, sahiu de entre os vimes, e se lançou para as pobres senhoras, entre as quaes o repugnante animal queria escolher uma presa. As senhoras soltaram grandes gritos de afficção, e começaram a fugir. Uma d'ellas tropeçou e cahiu. O monstro avançou para ella, escancarando a horrorosa boca. A infeliz senhora, que parecia destinada a um horrendo festim, estava irremediavelmente perdida. Mas os gritos tinham sido ouvidos por João Renaud, que assim se chama o condemnado, a que me refiro, o qual felizmente trabalhava a pequena distancia do sitio em que esta scena se passava...

«João Renaud correu para ali, armado apenas com uma alavanca de ferro, com que estava deslocando grandes pedras de um rochedo. O condemnado lançou-se á frente do terrivel reptil, sobre a cabeça do qual despediu com a alavanca uma formidavel pancada. O monstro recuou, mas para formar um salto sobre o seu terrivel inimigo. E então, dando prova de um sangue-frio, e de uma audacia extraordinaria, João Renaud não deu tempo a que o reptil formasse o pulo, e, avançando para elle, introduziu-lhe na garganta a alavanca! O ani-

mal bateu desesperadamente no chão com a cauda, vomitando pela boca verdadeiras ondas de sangue... A lucta continuou ainda durante alguns minutos; mas a victoria coube a João Renaud. O crocodilo foi forçado a fugir, e a procurar um refugio entre os juncos, onde dias depois foi encontrado morto.»

«Tal foi pouco mais ou menos a narração, que me fez o director do presidio! Manifestei desejos de ver o heroico condemnado, e elle mandou-o chamar immediatamente. O que a respeito d'elle acabava de me ser dito assim como o seu rosto sympathico, e o seu olhar franco e leal, preveniram-me em seu favor. Interroguei-o ácerca do crime, a que devia a sua condemnação.

«—Affirmo que não fui eu que o commetti, me respondeu elle; mas a verdade é que todas as provas me comprometteram. Eu nada quiz dizer, e portanto o jury reconheceu-me culpado... Fui condemnado.

«—E conhece o verdadeiro criminoso? perguntei eu.

«—Conheço, sim, senhor; mas peço desculpa... sobre esse assumpto não posso responder-lhe senão o que já respondi aos juizes.

«Fallei-lhe então do seu paiz, dos seus parentes, dos amigos... O desgraçado chorou, e affirmo-te, meu caro Nestor, que a sua commoção era muito sincera.

—Amigos... me disse elle com amargura: quando um homem é condemnado, quer justa, quer injustamente, os amigos fogem... Mas tenho longe a esposa... a companheira querida... ah! daria com prazer os poucos annos que tenho para viver, para poder sómente saber se ella vive... se tem saude...

«Não lhe fiz promessa alguma; mas jurei a mim proprio

que, logo que regressasse a Paris, faria tudo o que pudesse no intuito de obter o seu perdão. Os certificados, que me foram entregues por todos os empregados superiores do presidio, hão de aplanar as maiores difficuldades. Pelo menos assim o espero eu...





VIII

Novas investigações

Passados seis dias depois da conferencia dos dois amigos, Nestor Dumoulin, de regresso da sua digressão a Vesoul, chegava a casa do conde de Bussiéres, afim de lhe fazer saber o resultado da missão, de que este o incumbira com respeito a João Renaud.

—Meu caro conde: creio poder affirmar que o teu protegido está innocente.

Taes foram as suas primeiras palavras.

—Ah! exclamou o conde. Já ha muito tempo que não sinto uma tão agradavel commoção, meu caro Nestor!

—Mas esta minha convicção não provém do processo, que se encontra nos archivos do tribunal de Vesoul, e que foi

obsequiosamente posto á minha disposição. Pelo contrario, n'esse processo encontrei um procedimento claro e muito razoavel por parte do juiz instructor, demonstrando completamente a culpabilidade de João Renaud. Até mesmo nada ha que seja vago e hesitante senão o que diz respeito ao motivo determinante do crime, pois não se provou sufficientemente que o assassino quizesse roubar a sua victima. Como me não julgasse satisfeito sobre este ponto, tratei de obter informações precisas ácerca da existencia e habitos do condemnado antes do crime. Pensava pois em me dirigir a Frémicourt, onde o crime fôra commetido, assim como tambem a Civry, onde João Renaud residira em outro tempo, quando deparei no processo com duas assignaturas de um certo Geoffroy, juiz de paz.

«Este nome não me era estranho. Interroguei as minhas recordações, e lembrei-me de que conhecera em outro tempo, na escola de direito, um estudante com aquelle nome. Seria o mesmo? A minha memoria, embora fiel, não podia resolver o enygma. Fui pois pedir informações ao escrivão, que o procurador imperial incumbira de me auxiliar nas minhas pesquisas.

«—Geoffroy existe ainda, me disse elle, e continua a residir em Saint-Irun; mas ha já uns nove ou dez annos que deixou de exercer as funcções de juiz de paz. O que a respeito d'elle posso dizer-lhe é que é licenceado em direito, e que seguiu os seus estudos em Paris. No que diz respeito ao processo de João Renaud, creio que poderá dar-lhe informações preciosas, pois que foi elle um dos magistrados, que interviewaram n'elle. De mais eu sei que elle conhecia particularmente o criminoso.

«No dia seguinte achava-me em Saint-Irun, em casa do an-

tigo juiz de paz. Era precisamente o meu antigo condiscipulo. Não preciso dizer-te como fui bem recebido e festejado por elle. Não querendo fazer-lhe conhecer o verdadeiro fim da minha digressão, e menos ainda deixar-lhe adivinhar o teu projecto, disse-lhe que, trazendo entre as mãos um trabalho importante: *Os annaes judicarios da França*, tinha a intenção de collocar, ao lado dos processos que maior barulho haviam feito, o de João Renaud.

«—Ah! e tem muita razão, me disse elle vivamente, porque esse processo, que pouco barulho fez fóra do departamento, tem mais direitos á celebridade do que os de Pava-voine, Lafarge, Bocarmé, Fualdés, Dumollard, Tropmann, etc.

«—Segundo alguém me affirmou, o amigo Geoffroy conheceu muito João Renaud...

«—Conheci, sim; direi mais, estimava-o...

«—Está bem convencido da sua criminalidade?

—Ah! decerto.

«—E julga que elle commettesse o crime, para em seguida despojar a victima?

O antigo juiz de paz abanou a cabeça.

«—Não, me respondeu elle; João Renaud era assassino, mas não era ladrão! Esse acontecimento, em que eu representei tambem um papel, embora muito modesto, deu-me muito que pensar. Não podia comprehender, não podia admittir que aquelle homem honrado, e probo, e bom, se tornasse subitamente um miseravel assassino. Investiguei, e cheguei a descobrir que João Renaud não fóra mais do que um instrumento de uma outra pessoa...

«Escusado é dizer-te que escutava o ex-juiz de paz com todos os meus cinco sentidos. O resumo da estranha historia, que elle me contou, é o seguinte:

«No territorio da communa de Frémicourt existe uma herdade muito importante, conhecida com a denominação de Seuillon. Era n'esse tempo, como é ainda hoje, explorada pelo seu proprietario, homem muito rico, segundo se diz, cujo nome é Jacques Mellier. Ora, esse homem tinha uma filha unica, que desapareceu na manhã immediata á noite em que o crime fôra commettido, e ninguem mais tornou a ouvir fallar n'ella. Este facto podia ser apenas uma coincidencia singular, sem relação alguma com o crime; mas, considerando que a victima não era d'aquelles sitics, que se não déra a conhecer a ninguem, e que nada havia que justificasse a sua presença durante perto de tres mezes em Saint-Irun, e menos ainda nas terras pertencentes á herdade do Seuillon, na noite em que o crime foi commettido, concluiu d'ahi o antigo juiz de paz que aquelle homem era decerto amante da filha de Jacques Mellier.

«Este ultimo, homem de genio violento e assomado, quiz naturalmente vingar a sua honra, e eis o crime premeditado. Jacques Mellier, porem, não queria entrar pessoalmente na empreza. Havia então em Civry um bom homem, cujo nome era João Renaud, e foi esse desgraçado, a quem Mellier salvara a vida em outro tempo, e a quem prestara outros serviços importantes, o incumbido de o desembaraçar do pobre rapaz, cuja morte havia jurado. E com effeito a victima foi ferida por uma bala da espingarda de João Renaud, o qual, n'esse mesmo dia, havia andado em perseguição de um lobo. João Renaud foi preso. Estivera ausente do seu domicilio durante as ultimas vinte e quatro horas, e recusou-se depois absolutamente a dizer onde estivera, e o que fizera a parti^r de uma certa hora da noite. Fôra visto em Saint Irun, a duas leguas do theatro do crime, sahir da hospedaria onde a vi-

ctima se achava alojada. O homem confessou esta particularidade, mas, quando lhe perguntaram o que fôra ali fazer, conservou o seu obstinado silencio, recusando-se sempre a fallar, decerto, para não denunciar o seu cumplice.

«Não foi, decerto, para roubar, que João Renaud correu a Saint-Irun logo depois do crime, mas sim para destruir todos os papeis, que porventura pudessem encaminhar a justiça para o descobrimento do instigador do crime, e particularmente as cartas que a filha de Mellier de certo escrevera ao seu amante. Uma grande quantidade de cinza de papeis queimados, encontrada sobre o fogão, indicou que houvera ali uma hecatombe de papeis mais ou menos compromettedores.

«João Renaud, julgado e condemnado, partiu para o presidio. Sua mulher morreu de desgosto e afflicção, na occasião em que mandava a este mundo uma menina. Que destino teve a creança? Foi creada e educada por Jacques Mellier, que substituiu completamente com ella a sua filha desaparecida. Hoje é quasi certo que deixará toda a sua fortuna á filha de João Renaud, á qual paga assim a divida que contrahira com o pae!

«Como vês, o raciocinio do antigo juiz de paz é perfeitamente acceitavel, e até mesmo absolutamente logico. Ao passo que ouvia o amigo Geoffroy com a maior attenção, fazia tambem mentalmente as minhas reflexões e raciocinios, que de nenhum modo lhe communiquei. As minhas conclusões são, que João Renaud está innocente, e que o crime foi commettido por o proprio Jacques Mellier, que se serviu, para o praticar, da propria espingarda do caçador de lobos. A premeditação do crime por parte de João Renaud não pode admittir-se, visto ter apparecido com a espingarda a pequena dis-

tancia do logar, em que o crime foi praticado... «Tinha-a escondido», diz-se na instrucção do processo. Não, não tinha. Tinha-a deixado na herdade para ir a Terroise, e voltar pelo moinho de Frémicourt com a intenção de levar para casa um sacco de farinha.

«Se fôsse elle o criminoso, ter-se-hia occultado na noite do crime. Se fôsse elle o criminoso, depois de ferir a sua victima, que respirava ainda e que fazia baldados esforços para se levantar, como se provou, não se teria aproximado do ferido para o conduzir para junto de um monte de pedras, de encontro ao qual, decerto, quiz appoial-o. Não; aterrorisado com o acto, que acabava de praticar, teria immediatamente fugido em direcção a Saint-Irun, afim de destruir os papeis compromettedores.

«O que eu supponho que aconteceria é o seguinte: O crime acabava de ser commettido, quando João Renaud deixara Frémicourt e se dirigia para Civry. No caminho encontrou a victima, ainda viva. O desgraçado reconhecera o seu assassino; mas, em razão do mal que causara á filha de Jacques Mellier, julgou decerto merecido o castigo, e quiz salvar a todo o transe o pae da mulher amada. Para isto, porém, era necessario que desaparecessem os escriptos denunciadores, e deu as precisas indicações a João Renaud para poder este ir queimar esses papeis. Este ultimo, que estava ligado a Jacques Mellier por viva gratidão, e que não suppunha que pudesse ser accusado do crime, condescendeu com os desejos da victima, e partiu para Saint-Irun. Depois de haver cumprido a commissão, de que se incumbira, passou pela herdade, onde foi buscar a espingarda, que ali deixara no dia anterior, e voltou para a sua casa.

«O que mais uma vez prova ainda, que não foi elle o assas-

sino foi o facto de apparecer descarregado o cano direito da espingarda. O depoimento dos gendarmes diz que João Renaud, quando viu que um dos canos da espingarda estava descarregado, fingira uma surpresa profunda. Mas não; estou convencido de que não fingiu, e de que a sua surpresa era muito sincera... Em toda esta tão mysteriosa questão ha só uma coisa, que não posso explicar, e que até mesmo chega a ser inverosimil: é que João Renaud, innocente, recentemente casado, e pae muito depréssa, se deixasse condemnar.

—Sim, só o proprio João Renaud poderia explicar o motivo que o obrigou a proceder d'esse modo estranho, replicou o conde de Bussiéres. Mas em tudo o que acabas de dizer-me não vejo a prova de que a filha de Jacques Mellier fôsse realmente amante do homem assassinado.

— A sua desaparição constitue já uma prova d'esse facto, respondeu o advogado. Tendo commettido uma falta, e sabendo o crime que seu pae commettera, condemnou se, decerto, a si propria como causa de uma tão horrorosa desgraça, e fugiu para longe do tecto paternal para ir esconder longe a sua vergonha e a sua dôr. Além d'isto a presença do mancebo a taes horas nas terras da herdade constitue uma segunda prova. Mas ha tambem uma terceira, mais concludente ainda: a filha de Jacques Mellier tinha ido passar alguns mezes em uma povoação perto de Reims; ora, a chegada a Saint Irun do mancebo desconhecido, que, ao que parece, residia em Reims ou nos arredores, coincidiu com o regresso da filha de Jacques Mellier a casa de seu pae.

— Ah! esse pobre rapaz chegava das immediações de Reims? perguntou o conde de Bussieres com voz visivelmente commovida. Pôde saber-se pouco mais ou menos a sua idade?

— Vinte annos proximamente.

A perturbação do conde augmentou.

—E... o seu nome? perguntou elle com uma tal ou qual hesitação anciosa.

—Nunca se pôde saber que elle tivesse outro mais do que Edmundo.

O conde de Bussieres não pôde conter uma exclamação. Pallido e com o olhar desvairado, ergueu-se de salto como dominado por um sentimento de terror subito. Nestor Dumoulin, estupefacto, olhava espantado para o conde e não se atrevia a interrogal-o.

O conde de Bussieres cabiu de novo assentado, e ficou durante alguns momentos immovel, com o rosto inclinado sobre as mãos. Depois, conseguindo vencer aquella commoção, levantou a cabeça, e voltou para o seu amigo o semblante contrahido com a expressão de uma dôr pungente.

—Não me interrogues, Nestor, lhe disse elle por fim; sobretudo n'esta occasião nada poderia dizer te. Sem o que supponhas, acabas de tocar cruelmente no unico segredo da minha vida que não conheces. Dir-te-hei tudo um dia; hoje, não... não teria força para isso... Agora mais que nunca me empenho em obter o perdão de João Renaud; mas poderei eu conseguir isso sem denunciar o verdadeiro assassino? Oh! não quero representar o papel de denunciador... Que conselho me dás tu, amigo?

—Escuta; entregar-te-hei amanhã a memoria que me pediste, a qual será acompanhada com os certificados que possues attestando a excellente conducta, e os actos de dedicação do condemnado, em Cayenna. Esses documentos hão de advogar a sua causa, e a tua influencia junto do ministro fará o resto. Decorreram já perto de vinte annos depois do crime; consideremos este praso como sendo o da prescripção, e

deixemos aos seus remorsos o verdadeiro assassino. Entregal o hoje á justiça para proclamar a innocencia de João Renaud, seria tornar inutil o sacrificio d'este homem, que nada pede, que nem mesmo solta a mais pequena queixa, e que seria mesmo capaz de regeitar a graça, se ella envolvesse a perda do homem que a todo o transe elle quiz salvar da infamia. A minha opinião é que devemos deixar no escuro o nome de Jacques Mellier, e não procurar de modo algum destruir o que foi julgado pelos tribunaes.

— Sim, tens razão, e basta-nos saber que o pobre João Renaud não commetteu o crime porque foi condemnado, para que advogemos calorosamente a sua causa.

No dia seguinte o conde de Bussieres entregava ao ministro o pedido de perdão, os certificados e a memoria redigida pelo celebre jurisconsulto, na qual, sem se refutar de modo algum a sentença proferida pela justiça de Haute-Saone, e fazendo-se um rasgado elogio ao magistrado instructor, que desempenhava agora um elevado cargo nas justiças de Paris, se apresentavam sérias duvidas sobre a culpabilidade de João Renaud.

.....

Um dia o director da colonia penitenciaria de Cayenna mandou chamar o condemnado ao seu gabinete.

— O correio de França acaba de trazer-me dois officios de grande importancia para si, João Renaud, lhe disse elle. O primeiro contém o seu perdão, concedido por Sua Magestade o Imperador.

— O meu perdão!! repetiu João Renaud estupefacto, e julgando que não ouvia bem.

— O seu perdão, sim. Um personagem muito influente, que não quer fazer-se conhecer, advogou a sua causa junto de

S. Ex.^a o Ministro da Justiça, que o julgou digno do alto favor que o chefe do estado lhe concede. Devo, porem, dizer-lhe, João Renaud, que é, sobretudo, ao seu procedimento exemplar e aos seus actos de dedicação, que deve esta graça.

João Renaud não podia duvidar! A alegria, de que subitamente se sentiu possuido, causou-lhe uma impressão extraordinaria, e desatou a soluçar.

— Desde este momento está livre, João Jenaud, lhe disse o director com benevolencia. Se deseja fixar a sua residencia na colonia, pode contar com o meu auxilio e protecção.

— Agradeço muito de coração a sua bondade, sr. director, respondeu João Renaud fundamente impressionado. Não desejo, porém, ficar n'este paiz, e, já que tenho liberdade de o deixar, quereria regressar a França... se pode ser.

— Está no direito de ir para onde quizer, João Renaud; o seu perdão é concedido sem condições; nem mesmo fica submettido á vigilancia da policia.

— N'esse caso, sr. director, logo que a isso me auctorise, partirei para França. Só ahí poderei ter ainda alguns dias de felicidade. O sr. director, decerto, ignora, que tenho em França, na povoação em que nasci, uma companheira, e talvez um filho.. e digo talvez, porque não tinha vindo ainda a este mundo no dia em que fui condemnado. Depois... nada mais soube dos meus...

— Comprehando muito bem o seu desejo de regressar a França, replicou o director com commoção, e pode partir amanhã a bordo do paquete que regressa á Europa. Chegou, porem, o momento de fallar da segunda communicação, que a seu respeito recebi. Alguem se lembrou, decerto, de que o seu desejo havia de ser voltar a França immediatamente; ora, como para uma viagem é preciso dinheiro, mandou-me esse

alguem uma ordem de trezentos francos, que vou entregar-lhe em ouro.

João Renaud, completamente aturdido, nem sabia o que devia dizer.

Mas de si para si, no pensamento e no coração, agradecia ao seu bemfeitor desconhecido, que, depois de haver obtido o seu perdão, lhe fornecia os meios de regressar á pátria.

—Receberá hoje ainda os documentos, de que carece para deixar a colonia, e para poder circular livremente em França.

Em seguida entregou ao agraciado a somma de trezentos francos em moedas de vinte francos. João Renaud balbuciou algumas palavras de agradecimento, e retirou-se por fim com o peito oppresso, mas com o coração inundado de alegria. No dia seguinte embarcava no paquete e deixava Cayenna.





IX

O theatro de Rigolo

Em Paris, nos Champs-Elysées, n'aquelle admiravel jardim abrem-se, com as primeiras flores da primavera, os theatros ao ar livre dos Guignol, dos Bobino, dos Gringalet, etc., que fazem as delicias das creanças! No principio de 1869 um d'esses pequenos theatros de titeres gosava de uma grande popularidade. Era conhecido com o nome de *Theatro de Rigolo*.

Decorações brilhantes, figurinhas esculpidas e artisticamente coloridas, riqueza de vestuarios, o interesse das farças representadas, em que abundavam os ditos engraçados, tudo justificava a sua voga, e a celebridade adquirida por o seu proprietario, conhecido com a denominação de *tio Rigolo*.

Como os seus visinhos Guignol e Gringalet, o tio Rigolo tinha tambem o seu Polichinelo, e os principaes personagens da comédia italiana: Arlequim, Pierrot, Cassandra, Colombina, Gripandouille, a velha Trifouillon, o gendarme e o boticario; mas, graças á mudança de vestuarios, cada um d'estes personagens podia representar muitos outros.

Mas o personagem que rivalisava em graça e em espirito com Polichinelo, e que quasi sempre tinha as honras do triumpho, era o proprio Rigolo. Coberto com um barrete verde, vestido com uma simples *blouse* azul, apertada na cintura com uma fita, era aclamado com enthusiasmo e com gritos de alegria, sempre que mostrava a sua figurinha buliçosa e travessa de gaiato parisiense. Nunca um qualquer artista da Comedie-Française, da Porte Saint-Martin, ou da Opera, foi mais querido, mais admirado, mais adulado do que o engraçado Rigolo. Era elle o personagem esperado, o heroe indizível, pensavel, o actor sem que não podia passar-se.

E não era só sobre as creanças, que Rigolo exercia o seu prestigio e o seu poder fascinador; não era raro que as mães e mesmo os papás, mesmo os mais graves e sisudos-rissem a bandeiras despregadas com as suas facecias, com os seus discursos burlescos, e com as suas surprehendedentes subtilezas de espirito a crescer.

Ora em um dia de junho, a despeito do sol que se ostentava brilhante, e com grande surpresa e contrariedade dos seus *habitués* o *Theatro de Rigolo* ficou fechado.

Que teria acontecido ao seu proprietario, ao velho Rigolo? Os visinhos e os guardas dos Champs-Elysées, interrogados, respondiam que nada sabiam.

No dia anterior, o velho Rigolo tinha desarmado as suas decorações, havia mettido em um cesto os seus titeres, e ti-

nha desaparecido sem que dissesse a pessoa alguma para onde ia. Algumas pessoas tinham supposto, que, achando-se já bastante rico, o homem dos *fantoches* teria abandonado definitivamente o seu theatrinho. O caso podia dar-se; mas porque o não teria elle vendido? Sabia-se que lhe haviam sido feitas propostas muito vantajosas n'este sentido, e que só poderia ter difficuldades na escolha do seu successor.





O homem dos titeres

O velho Rigolo é um antigo conhecido dos nossos leitores, que decerto se não esqueceram ainda de Jeronymo Greluche, o palhaço da companhia ambulante do saltimbanco Trincaferro. O bom do palhaço tinha realizado o seu sonho dourado, empregando na compra dos titeres e do seu theatrinho sómente a somma de dois mil francos, tirada da avultada quantia em ouro, entregue por Pedro Rouvenat a Lucila Mellier. Quizera dispendir a menor parte possível d'aquella pequena fortuna, que lhe cahira do ceu, mas que considerava como um deposito sagrado, de que mais tarde havia de dar contas á creança que adoptara como sua.

Os restantes dez mil francos tinham sido collocados por intervenção de um honrado procurador, e sériamente garantidos com hypothecas. Os juros bastaram para pagar todas as despesas de sustento e de educação do pequeno Edmund, admittido como interno no melhor collegio de Dijon.

Durante onze annos Jeronymo Greluche percorreu os departamentos da Cote-d'Or, da Haute-Marne, do Aube, etc., indo de povoação em povoação, e apresentando em toda a parte os seus *fantoques*. Os principios fôram difficeis; os primeiros dois annos as miseraveis receitas mal lhe chegavam para as despesas; mas logo nos primeiros mezes do terceiro anno a situação melhorou consideravelmente. Jeronymo Greluche tinha já então uma certa reputação, e, logo que annunciava uma representação em uma aldeia, a multidão corria ao theatrinho dos titeres. Aquelle bom resultado affirmou-se mais e mais, e o pobre Greluche comprehendeu um dia com ingenua surpresa, que a fortuna, tão desdenhosa com elle em outro tempo, começava agora a sorrir lhe.

Não se deixou porem arrastar a prodigalidades loucas; a prosperidade não despertou n'elle o orgulho, nem a vaidade, ficou sendo o que antes era: um pobre palhaço.

E nem mesmo mudou coisa alguma na sua maneira de viver, continuando sempre com o mesmo systema de privações, comendo as mais das vezes pão sómente, e não bebendo senão agua.

E tudo isto fazia elle por economia, pensando no seu filho adoptivo, que era agora a sua preocupação unica, a felicidade do seu viver.

No dia em que completou o capital de Edmund com a somma, que d'elle tirara a titulo de emprestimo, experimentou uma satisfação immensa. Depois, continuando a ser pros-

pera a exploração do seu theatrinho de titeres, foi por intermedio do mesmo procurador que collocou as suas economias, deixando accumular os competentes juros, dos quaes não precisava para viver.

Quando Edmundo chegou á idade da primeira communhão, Jeronymo Greluche, que ambicionava para elle um brilhante destino, tirou-o do collegio de Dijon, onde fizera sempre uma bonita figura, conduziu-o para Paris, e fel-o audaciosamente entrar no collegio de Sainte-Barbe.

Depois foi continuar a sua vida errante.

Decorreram assim perto de tres annos. Dominado pelo desejo de se approximar de Edmundo, e de o ver mais frequentes vezes, Greluche sentiu-se subitamente fatigado das suas peregrinações atravez da provincia. Foi pois installar-se em Paris, na rua da Montagne Sainte-Geneviève, com intimo jubilo de Edmundo, que ia finalmente ter junto de si o amigo seguro e dedicado, a quem dava o nome de pae.

Todavia, para poder occorrer a todas as despesas do collegio só com os seus rendimentos, para poder o capital ter mais tarde o conveniente destino, e não querendo tambem tocar nas suas proprias economias. Greluche precisava continuar a trabalhar. Mas, a não ser com os seus titeres, nada sabia fazer. De mais as suas despesas tinham ido augmentando de anno para anno. Agora, usando mesmo de uma grande economia, devia centar com uma despesa annual de dois mil a dois mil e quatrocentos francos. Precisava pois encontrar um emprego ou um trabalho, que lhe rendesse aquella somma pouco mais ou menos. A solução era difficil...

Depois de haver estudado a situação, e ter reflectido longamente, escreveu um requerimento pedindo authorisação para estabelecer um pequeno theatro de *fantoches* nos Champs-

Elysées, enviando-o em seguida ao prefeito da policia, e acompanhando-o com um não pequeno numero de excellentes certificados. Dias depois era-lhe concedida a referida authorisação, e Jeronymo Groluche adoptava para o effeito o nome de Rigolo.

Edmundo sahio do collegio de Sainte-Barbe, depois de haver terminado brilhantemente os seus estudos, e habilitado para se dedicar a quaesquer outros superiores, e especiaes de uma qualquer profissão em harmonia com as suas tendencias e temperamento. Só d'elle dependia entrar na escola normal, na escola central, ou na polytechnica. Mas, hesitando, duvidando talvez de si proprio, não tomava decisão alguma, embora estivesse plenamente convencido da obrigação e necessidade, que tinha, de entrar sem fraqueza na vida activa.

Havia já um anno que Edmundo andava dominado por uma tristeza profunda; nunca ria, nem mostrava prazer com coisa alguma. Tinha os seus pensamentos sombrios, uma dôr secreta e profunda, que escondia cuidadosamente do bom Groluche, o qual havia notado com um certo terror a transformação subita, que se operara nas maneiras e ideias do seu querido filho adoptivo.

Esta transformação, aquella dôr concentrada, tinha a sua razão de ser. Edmundo interrogara as suas recordações da infancia, e forçou a memoria a responder-lhe, afigurando-se-lhe que tornava a ver sua mãe em uma noite tormentosa, fria e negra, estendida sem sentidos sobre uma cama de neve. Desde então não mais o abandonara a terrivel visão... Aquella mulher, sua mãe, tinha morrido de certo, mas devia possuir um nome, uma familia... Antes de pensar em seguir esta ou aquella carreira, antes de principiar a ser um

homem util a si e á sociedade, devia procurar conhecer essa familia.

Um dia de manhã, depois de uma longa noite de insomnia, disse para Greluche:

— Ando agitado pelo desejo de viajar, e peço-lhe licença para me afastar de Paris.

— Como assim?! exclamou o pobre palhaço como ferido no coração. Queres abandonar-me?

— Não para sempre, mas aqui não vivo... é forçoso que parta.

— Comprehando, respondeu Greluche tristemente; estás aborrecido de viver commigo. E tens razão; a minha companhia não é muito divertida, não... A minha alegria é só para os meus *fantoches*. E depois tambem... o meu modo de vida é... é... é exquisito, e talvez tu te envergonhes...

— Oh! nem a brincar deve dizer isso! exclamou o mancebo com commoção, lançando os braços ao pescoço do velho. Pois havia eu de envergonhar-me da sua profissão, que lhe deu ensejo a poder educar-me, a instruir-me!... Ah! se tal acontecesse, não só seria um grande ingrato, mas achar-me-hia nada menos do que desprezível.

— Mas... queres deixar-me... Porque? para que? diz-me isto ao menos.

— Uma ideia minha, uma loucura talvez...

— É para muito longe que queres ir?

— Não sei ainda, e só poderei resolver isso, quando me disser qual o logar, em que me encontrou.

Greluche soltou uma exclamação de surpresa e recuou dois passos.

— Quem foi que te fallou n'essas coisas?

— Ninguem; recordei-me eu!

O velho pareceu ficar consternado.

—E eu que julgava proceder bem nada te dizendo! replicou elle. Ah! agora acho eu a explicação da tua tristeza nos ultimos tempos.

—Meu velho amigo, meu pae, diga-me: foi no meio de uma estrada, que me encontrou?

—Foi, sim.

—Mas eu não estava só... Achava-se junto de mim uma mulher, estendida sobre a neve...

—Tambem te recordas d'isso?

—Era minha mãe. É debalde que diligencieio recordar-me das feições do seu semblante; mas afigura-se-me, que a vejo sempre diante de mim, inerte e gelada... Diga-me a verdade: essa pobre creatura morreu?

—Creio que sim.

—Não está então bem certo d'isso?

—Eu não quero mentir-te, Edmundo. Na verdade não posso affirmar que tua mãe tenha morrido.

Nos olhos do mancebo brilhou um relampago de alegria.

—Antes de te regosijares, escuta-me, tornou Greluche. Querendo a todo o transe ter uma certeza sobre tal assumpto, um dia, passados tres annos, voltei a Gray...

—Foi então perto d'essa cidade que...?

—Foi, sim, foi na estrada, que conduz de Gray a Vesoul, na Haute Saone, que te encontrei lançando nos ares, no meio da noite, gritos desesperados. Fazia eu então parte de uma companhia ambulante de saltimbancos. A pobre mulher, que estava junto de ti, tua mãe, respirava ainda; mas na realidade parecia não ter mais do que um leve sôpro de vida.

—Minha mãe! minha pobre mãe!

—Foi collocada em uma das carretas da companhia, e ahi as mulheres trataram-n'a com o maior cuidado, e fizeram todos os esforços para chamarem á vida. Logo que chegámos a Gray, foi levada para o hospital, declarando o medico, que não havia esperanças de a salvar. Eras pois orphão, e como tua mãe não tinha sobre si um qualquer papel, e ignoravamos absolutamente de onde vinha e quem era, não podiamos pensar em te restituir á familia...

E, depois de contar a largos traços ao mancebo tudo o que n'aquella occasião fizera, e o procedimento que tivera mais tarde com o fim de lhe proporcionar uma brilhante educação, Greluche concluiu com as seguintes palavras:

—Durante os ultimos dez annos, Edmundo, tenho deixado intactos os juros do teu dinheiro, de sorte que actualmente possues uma somma superior a vinte mil francos, não contando as pequenas economias que durante esse praso tenho podido fazer, e que te pertencem egualmente... São mais uns quinze mil francos.

O mancebo lançou-se profundamente commovido nos braços do velho palhaço.

—Não, não sou ingrato, lhe disse elle em tom affectuoso. Admiro-o tanto como o amo... Ah! merece bem o nome de pae que me permittiu que lhe desse!

No semblante do bom Greluche transpareceu uma expressão de alegria suprema.

— Ah! nem tu calculas quanta felicidade me dão essas tuas palavras! murmurou elle.

—Não posso retribuir-lhe o que por mim tem feito, senão dando-lhe todo o meu affecto. Fallemos porem da minha pobre mãe...

— Como te disse ha pouco, passados tres annos, voltei a

Gray, mas nada consegui saber. Interroguei, mas, ou não fui compreendido, ou não quizeram responder-me.

O mancebo soltou um suspiro fundo, e curvou a cabeça.

— Não posso illudir-me, a minha pobre mãe não existe, murmurou elle ao cabo de um instante. Mas quero conhecer essa região, que lhe foi tão fatal, essa cidade onde ella exhalou o derradeiro suspiro, esse departamento da Haute-Saone, onde provavelmente nasci, e onde tenho talvez uma familia... Quero passar n'essa estrada, onde a minha desgraçada mãe cabiu levando-me nos braços... Estarei pois ámanhã á noite em Gray... Mas... occorre-me uma ideia; quer acompanhar-me, meu pae?

O bom Greluche não procurou dissimular o seu contentamento.

— Ah! queres que vá contigo? exclamou elle, radiante de jubilo. Estou prompto...

— Pois bem; está dito, partiremos ámanhã juntos.

— Tambem a mim me occorre uma ideia... disse Greluche com hesitação. Mas... não me atrevo... tu de certo não queres...

— Diga, diga.

— Pensava em levar os meus titeres...

— Mas eu, se isso lhe dá prazer, não me opponho.

— Nem te contrarias?

— Não, decerto. Desejo só que me diga a razão porque quer levar comsigo os titeres.

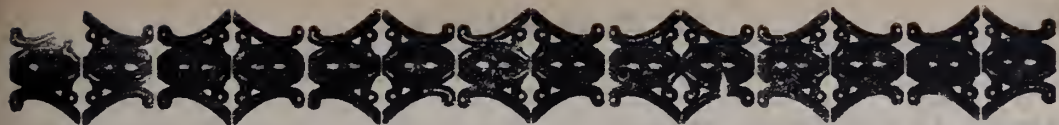
— Fal os-hei trabalhar. Percorreremos em pequenas jornadas todas as povoações da Haute Saone, e, se quizeres, tambem toda a Franche-Comté. Polichinello e Rigolo fazem muito boa companhia, e hão de pagar as despesas da digressão.

O mancebo sorriu.

— Decididamente, disse elle, o pae já não pode viver um dia sem os seus titeres.

— É verdade: é a força do habito. Mas olha que, se tanto bem lhes quero, é por tua causa, pois não me esqueço de que foram elles que me proporcionaram meio de te educar, e de fazer de ti um homem.





XI

Na feira

Em Gray faz-se uma importante feira de cereaes. De quinze e mesmo de vinte leguas em redor levam ali os cultivadores os productos das suas colheitas. Os seus mercados attrahem ahi um consideravel numero de forasteiros, e dão áquella pequena cidade, habitualmente tão tranquilla, um movimento, uma animação extraordinaria.

—Depois de amanhã, quinta-feira, é dia de mercado em Gray, disse uma noite Pedro Rouvenat aos creados da herdade. É preciso ensacar todo o trigo que ainda resta nos celeiros. Serão carregados de noite os carros, que hão de pôr-se a caminho á uma hora da madrugada, afim de chegarem ao

campo da feira pelo menos ás dez horas do dia. Compreenderam?

—Perfeitamente. Tenciona ir connosco, sr. Rouvenat?

—Não; não partirei d'aqui senão ás quatro horas, e mesmo assim chegarei a Gray uma hora antes dos carros. Terei o tempo necessario para escolher o logar proprio para a venda, e para fallar com os negociantes de cereaes. Naturalmente quando chegarem os carros, já o trigo ha de estar vendido.

Branca tinha ouvido. A palavra *feira* soou agradavelmente aos seus ouvidos. Para ella significava: divertimento e prazer. E isto comprehende-se bem; sabia de casa tão poucas vezes, e eram tão raras as distrações no Seuillon!

Passados alguns momentos, achando-se sósinha com Rouvenat, assentou-se-lhe sobre os joelhos, e disse-lhe baixinho, com voz acariciadora:

—Padrinho: eu nunca estive em Gray. Se o meu padrinho quizesse ser muito bomzinho para a sua afilhada, levava-a comsigo.

—Mas olha que fazer jornadas de noite não é coisa muito agradável, filha, respondeu o velho sorrindo benevolmente

—Affirmo-lhe que gosto muito da noite.

—Sim, quando estás dormindo.

—Mau, mau, padrinho!

—Seria então um grande prazer ires comigo!

—Sim, sim.

—Pois bem, não posso dizer-te que não. Levar-te-hei comigo.

Nas faces do velho Rouvenat retiniram dois grandes beijos.

—Não ha meio de lhe dizer que não, pensou elle. Creio que, se um dia ella tem o capricho de me pedir a lua, tentaria ir buscal-a para lh'a dar.

Eis nos em Gray. Acabam de ouvir-se as duas horas da tarde nos relógios da cidade. E' aquella a melhor hora da feira.

Attrahida pelo barulho atroador dos bombos, das caixas de rufo, dos tambores e dos clarinetes, a multidão corre para o logar reservado para os divertimentos, e acotovella-se principalmente em frente das barracas de saltimbancos.

Acham-se ahi estabelecidas differentes barracas, que exhibem o hercules luctador, as figuras de cera, a formosa escoceza, donzella de 18 annos com o peso de 180 kilogrammas, o principe e a princeza Colibri, dois anõesinhos, que não chegam a ter os dois juntos um metro de altura, o boi com duas cabeças, etc.; e finalmente, em um lado da praça, o theatro do grande Trincaferro, que dava n'aquelle dia muitas representações de um soberbo drama intitulado: *Victor ou o filho das florestas*.

Era, sobretudo, em face d'aquelle barraca, que a multidão curiosa se acotovellava mais impaciente. O drama entrava de certo um pouco n'aquelle interesse; mas o que excitava no mais elevado ponto a curiosidade do publico era o cartaz, que lhe annunciava o espectáculo de uma mulher, verdadeiramente selvagem e antropophaga, a grande rainha dos Okanda, recentemente chegada a França.

Em quanto se não abria a sala do espectáculo, o palhaço

da *troupe*, um successor de Jeronymo Greluche, divertia a multidão com as suas graçolas e contorsões. Tres musicos, ostentando uns velhos uniformes de *hussards*, sopravam desesperadamente, um em um trombone, outro em um clarinete, e o terceiro em uma trompa. Um grande pretalhão muito bem pintado batia em um grande bombo como quem se despede d'este mundo.

Uma rapariga, trajando uma saia curta, de côres variiegadas, e bordada com lantejoulas, agitava constantemente uma sineta.

Era uma symphonia atroadora, atroz, um barulho horrroso, um charivari infernal. O Trincaferro, envelhecido, mas muito gordo e com o semblante cada vez mais avermelhado, soberbo dentro do seu vestuario de marquez da côrte de Luiz XV, percorria a multidão com o seu olhar satisfeito e radiante.

No meio d'aquella multidão compacta, que se extasiava com as caretas do palhaço achava-se o nosso amigo Pedro Rouvenat, acompanhado de Branca e de uma outra rapariga.

Era esta a filha do dono da hospedaria, onde Rouvenat se installava todas as vezes que ia a Gray, a qual facilmente obtivera da familia a competente permissão para ir passeiar com Branca na feira.

Esta ultima exprimiu o desejo de ir ver a mulher selvagem. Rouvenat accedeu immediatamente ao pedido. Esperavam pois, como todos os outros, que se abrisse a sala de espectaculo do grande Trincaferro.

De subito, a um signal d'este ultimo, o charivari cessou de atrear os ares, e estabeleceu-se um silencio relativo.

Em seguida, tomando uma posição magestosa, pronunciou um pittoresco discurso, que nos abstemos de reproduzir, exaltando as bellezas do drama em cinco actos e oito quadros,

que ia representar-se, concluindo com as seguintes phrases :

—Depois do drama, e para fechar o espectaculo com chave de ouro, terei a honra de apresentar ao respeitavel publico a grande rainha dos Okanda, que mandei vir, por terra e por mar, de uma distancia de mais de tres mil leguas d'aqui. Oulamini é uma verdadeira rainha, uma rainha antropophaga. Em quanto estive no seu paiz, comeu sessenta e tres creanças... D'aqui a pouco, na presença do respeitavel publico, ha de devorar um grande prato de carne crua!... Vamos, entrem meus senhores e senhoras... E não se acotovelem, que ha logar para todos... Entrem, entrem, meus senhores e senhoras... Rufe o tambor! rasguem-me esses metaes!!...

E o charivari recomeçou furioso, enquanto que a multidão se precipitava para dentro da barraca, occupando de assalto todos os logares.

O drama, representado pelos artistas de *élite*, tão pomposamente annunciados por Trincaferro, não obteve ainda assim grandes applausos; mas o essencial era que a receita satisfazia o velho saltimbanco.

Agora esperava-se a exhibição da rainha dos Okanda, que o Trincaferro promettera apresentar á sociedade. Por fim subiu uma ultima vez o panno, e, dentro de uma especie de jaula aberta, junto da qual se achava o saltimbanco, viu-se uma mulher que, pelo seu olhar surprehendido, e pelo seu aspecto estranho, podia muito bem ser julgada uma selvagem. Estava coberta com uma especie de tunica de lã branca, justa ao corpo, e sobre ella cahiam os seus abundantes cabellos negros.

No rosto, nas pernas e nos braços nús mostrava uns desenhos extravagantes, que se assemelhavam aos que os negros

costumam imprimir na propria pelle. Além d'isto tinha os braços e as pernas ornadas com braceletes de pedras azues, e o seu vestuario estava carregado de pingentes de vidro de varias côres. Das orelhas e do nariz pendiam-lhe grandes brincos de cobre.

A illusão parecia completa, e havia muito quem julgasse estar vendo n'aquella desgraçada creatura uma verdadeira mulher selvagem.

A pobre rainha dos Okanda sabiu da jaula, que evidentemente não era mais do que um objecto de *mise en scene* e avançou timidamente para a frente do theatro. Durante alguns momentos espraizou a vista aterrorisada pelos espectadores. Dir-se-hia que procurava alguém...

De subito o seu olhar fixou-se, um tremor convulsivo agitou os seus membros, e os seus olhos desvairados ficaram fixos na sua frente, no banco occupado por Pedro Rouvenat e por as suas duas companheiras.

N'aquelle momento o Trincaferro aproximou-se d'ella, e apresentou-lhe um prato sobre que se via um grande pedaço de carne crua, que ella repelliu com um movimento brusco. O saltimbanco fez se pallido de colera, porque não queria de modo algum alterar o seu programma. Tartamudeou algumas palavras que não puderam ser comprehendidas pelo publico, e, dardejando para a mulher selvagem o seu olhar imperioso e cruel, apresentou-lhe de novo a carne crua. Na sala produziu-se um movimento de curiosidade inquieta.

— Padrinho, disse Branca commovida: que está ella vendo com tanta insistencia?

— Não sei, respondeu Rouvenat.

— Parece que é para o padrinho que ella olha...

— Que ideia! Naturalmente não olha para coisa alguma,

e é por simples acaso que a desgraçada se volta para aqui.

A mulher selvagem repelliu outra vez o prato com horror e repugnancia.

O miseravel Trincaferro não pôde conter-se, e, soltando uma especie de rugido surdo, levantou sobre a desgraçada um chicote, que tinha na mão. Correu, porém, por entre os espectadores um murmurio de indignação.

Pedro Rouvenat ergueu-se com o olhar relampagueante, ameaçador, e com os punhos cerrados.

O saltimbanco porém, intimidado subitamente pelo aspecto do publico, e pelo olhar terrivel que dardejou para elle a mulher selvagem, recuou dois passos. A desgraçada então soltou um grito agudo, e, dando dois saltos, desapareceu. Este facto foi um terrivel golpe para o Trincaferro, que cambaleou como um embriagado, e que deixou escapar das mãos o prato com a carne crua.

Ouviu-se em toda a sala uma formidavel gargalhada. O panno de bocca correu immediatamente, ao passo que o publico, rindo a bandeiras despregadas, bradava com toda a força: «Viva a mulher selvagem.»

Estava terminado o espectáculo.





XII

Um encontro casual

Pedro Rouvenat reconduziu Branca e a sua companheira para a hospedaria, e tornou depois a sair sósinho. A scena da mulher selvagem, tinha o impressionado vivamente.

Sentia ainda pesar sobre elle o olhar relampagueante da estranha creatura. No entretanto nem por sombras lhe occorreu a ideia de que aquella desgraçada podia ser Lucila Mellier, a filha maldita, e até mesmo, se alguém lhe houvesse feito uma tal affirmativa, teria encolbido incredulamente os hombros. E com effeito, como suppôr, que Lucila tivesse podido chegar a uma situação tão miseravel, tão dolorosa?

O Trincaferro continuou durante o resto do dia e toda a noite a offerecer ao publico as representações do dramalhão,

Victor ou o filho das florestas; mas não voltou a fallar da mulher selvagem. Esta, aproveitando a desordem produzida entre os saltimbancos pela sua recusa de representar o seu papel, tinha-se despojado rapidamente do seu trajo de selvagem, lançara sobre si o seu vestuario ordinario, e tratara de fugir.

Quando o Trincaferro pensou n'ella, para mais uma vez a apresentar ao publico, era já tarde; a mulher selvagem evadira-se, e sahira da cidade.

A hospedaria, em que Rouvenat deixara Branca, estava cheia de gente.

Quartos e salas, tudo estava apinhado de hospedes. O barulho era ensurdecador.

—Sou forçada a deixal-a sósinha durante um momento, disse a filha do estalajadeiro para Branca. Minha mãe e as creadas não pôdem com tanto serviço, e eu vou auxiliá-las. Mas, para ficar mais á sua vontade, venha comigo.

E, abrindo uma porta, fez entrar Branca para uma pequena sala reservada, onde não havia senão um forasteiro unico. Aquelle homem, com os cotovellos appoiados sobre a meza, e a cabeça encostada ás mãos parecia reflectir profundamente. Todavia, ao ruido produzido pela porta ao abrir-se, ergueu a cabeça e saudou as duas recémchegadas, que lhe retribuiram a saudação.

A filha do estalajadeiro offereceu um livro a Branca para que se entretivesse a ler, e em seguida sahiu. Branca foi assentar-se junto da janella, e abriu distrahidamente o livro.

Na outra extremidade da sala, o forasteiro tinha cahido de novo nas suas reflexões, e havia já esquecido que não estava só. Ao cabo de alguns minutos, levantou-se bruscamente, ti-

rou uma pequena chave da algibeira, e foi abrir uma enorme caixa de madeira, coberta de couro, que estava collocada em um canto da sala. De dentro tirou dois bonecos vestidos, que começou a contemplar com alegria infantil. Era radiante a expressão da sua phisionomia. Com os dedos introduzidos por debaixo dos vestuarios das figurinhas, inclinava-as em grotescas saudações, dava-lhe voltas, e fazia-as dansar.

—Bom dia, Polichinello! bom dia, Rigolo! disse elle com *accento affectuoso*.

E as duas cabecinhas de madeira tres vezes se inclinaram uma para a outra com toda a cortezia.

—Ora vamos, conversem um pouco para alegrarem o bom papá Rigolo.

Polichinello endireitou o pequenino busto, e lançou nos ares umas agudas notas estravagantes.

A donzella, surprehendida com aquelle barulho singular, que não se assemelhava a nenhum dos que até então tinha ouvido, levantou a cabeça e olhou curiosamente para o que na outra extremidade da sala se estava passando.

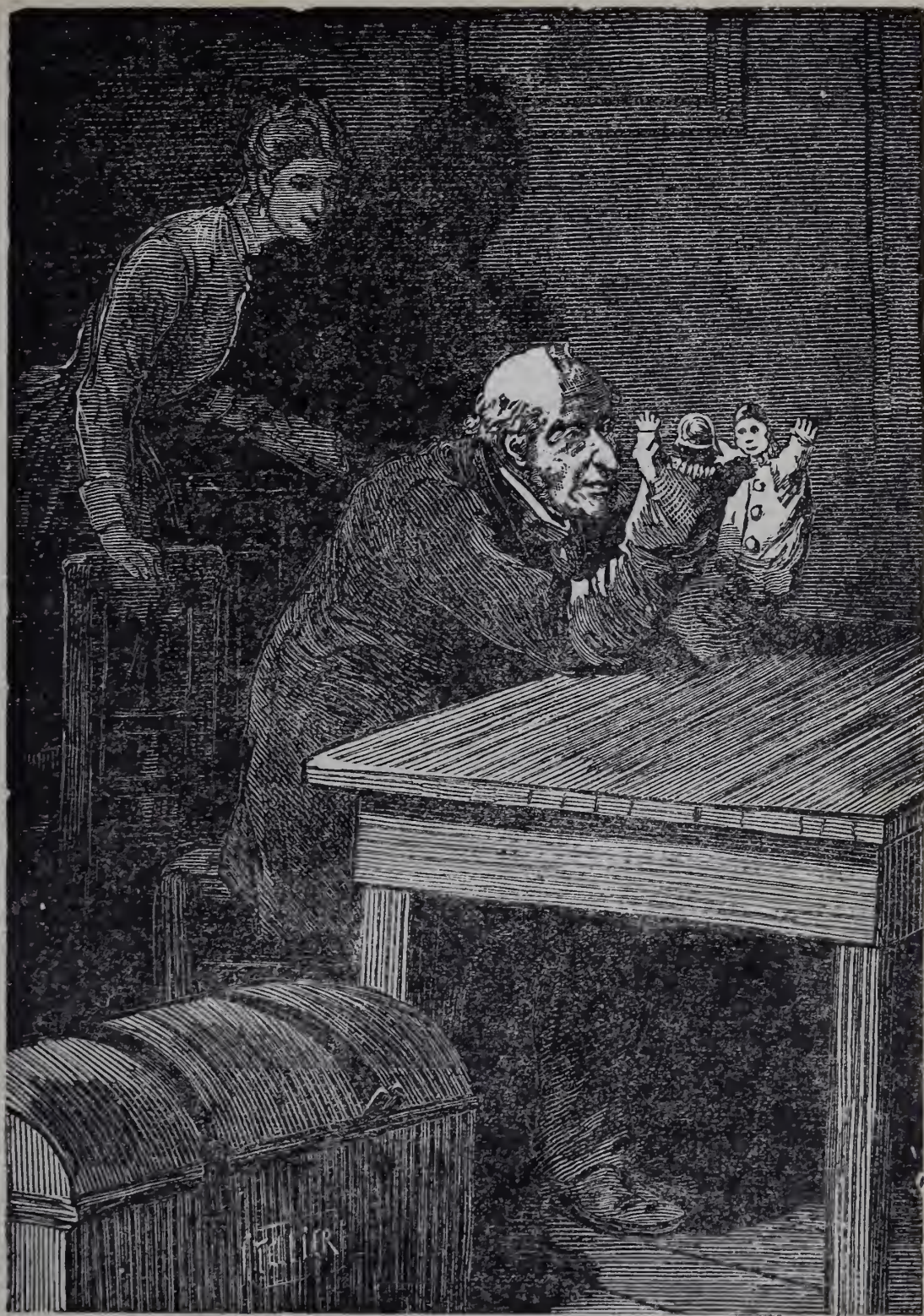
A voz flautada e zombeteira do pequenino Rigolo fez-se ouvir nos seguintes termos:

—Polichinello, meu amigo, podes dizer-me onde estamos? Por mais que abra os olhos, não vejo coisa alguma, que se pareça com as nossas arvores dos Champs-Elysées.

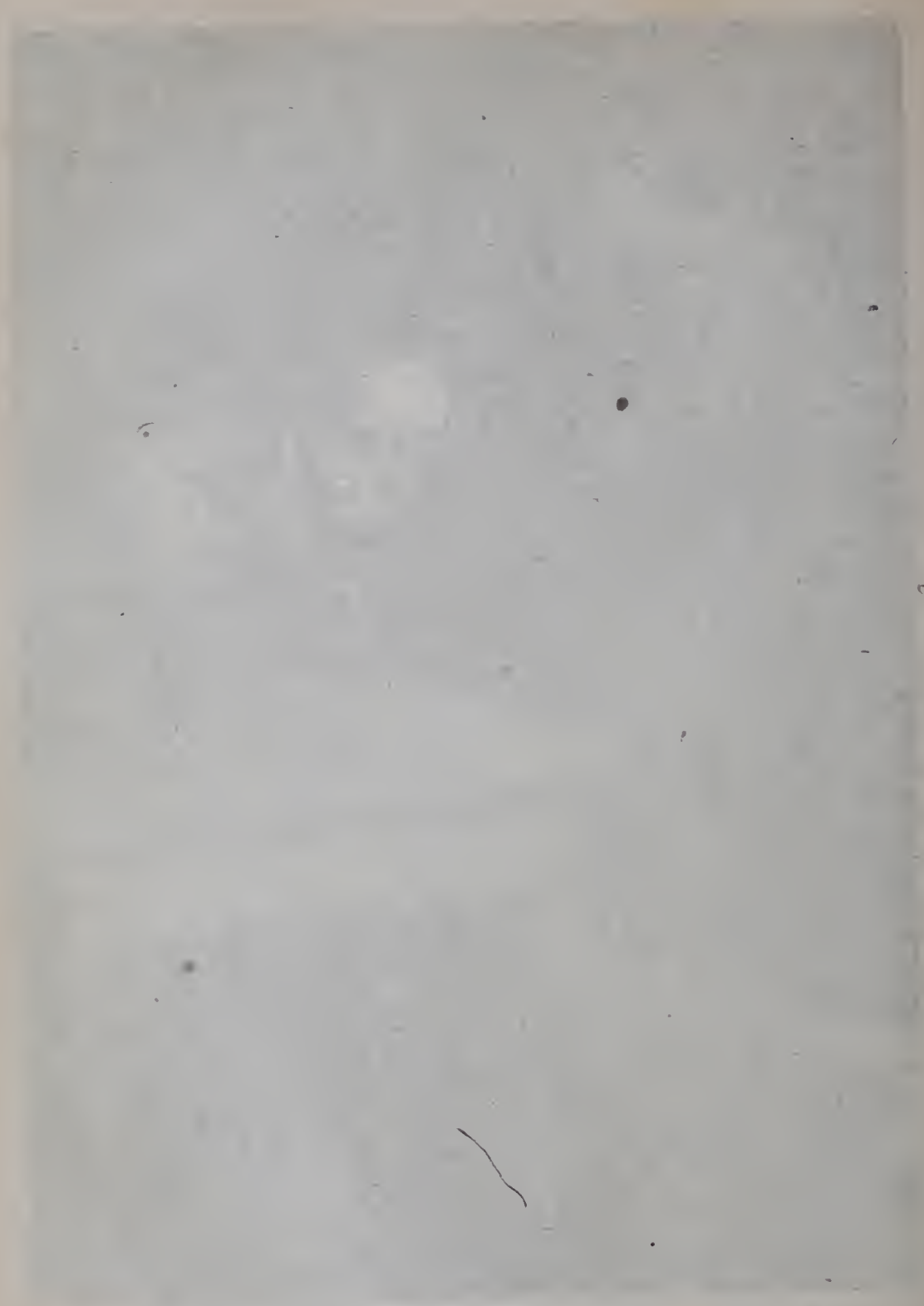
—Estás onde é preciso que estejas, replicou Polichinello com importancia. Não sejas curioso...

—Ah! tu em toda a parte estás bem, e gostas de mostrar a corcunda em toda a parte. Mas eu sou um gaiato parisiense, e não me sinto bem senão no meu bonito theatrinho dos Champs-Elysées.

—Amigo Rigolo, és um grande imbecil.]



—Bom^o dia, Polichinello! hom dia, Rigolo!... (Pag. 300)



—Ah! e tu que és, meu espartalhão? Ora ahí tens para te ensinar a escolher as tuas expressões!

E zás, despediu um grande murro sobre a corcunda do Polichinello.

—Oh! oh! parece-me que me faltas ao respeito, não obstante ser eu mais velho! disse este ultimo. Aproveitas a occasião de não ter comigo a minha bengala; mas espera...

E fez menção de procurar uma arma qualquer. Depois, cahindo de braço erguido sobre Rigolo, gratificou-o com uma sova monumental de murros e de bofetadas.

A donzella não pôde conter-se por mais tempo, e soltou uma grande gargalhada. O homem dos fantoches cahiu subitamente em si, e baixou os olhos como uma creauça, que acaba de ser reprehendida por uma travessura.

—Oh! peço desculpa... disse elle humildemente. Não reparei em que se achava ahí...

—Mas o senhor em nada me offendeu, respondeu Branca sorrindo. Até mesmo estava sentindo um grande prazer por vêr que os bonecos se animavam, e pareciam ter vida nas suas mãos. Eu é que devo pedir desculpa por o ter interrompido; mas não pude deixar de rir...

—Sou um velho pateta, não é verdade? Divirto-me com os bonecos como uma creança. A verdade porém é que amo muito os meus titeres, sem os quaes não posso já viver... É que sômos amigos velhos... São elles que me dão meios de viver... Quando tenho alguma coisa que me contrarie ou que me entristeça, converso com elles, e alegro-me, fico contente. Ha pessoas, que não comprehendem isto, que me julgam ridiculo. Embora; não me incommodo nunca com o que os outros pensam e dizem, e não me canço a explicar-lhes a razão por que tenho tanto amor aos meus queridos fantoches.

Que necessidade temos nós de ir contar a nossa historia a toda a gente?

Estas palavras singulares impressionaram vivamente a donzella. Sem procurar explicar a si propria a razão do facto, sentia-se interessada pelo homem dos bonecos.

— Faz me arrepender de me haver rido tão pouco a proposito, disse ella. Peço-lhe que continue, e faça como se estivesse sósinho.

— Não, não, por hoje basta, respondeu elle. Polichinello e Rigolo vão dormir.

E guardou de novo os seus actores favoritos dentro da caixa, que fechou em seguida.

— Veiu aqui de certo por causa da feira... disse Branca.

— Ah! não; até mesmo ignorava que houvesse feira aqui hoje.

A donzella não teve tempo para dirigir ao velho Greluche uma nova pergunta. A porta da sala abriu-se, e um mancebo entrou.

Logo ao primeiro golpe de vista, Branca notou que o recémchegado era novo, alto, elegante e de aspecto muito distincto.

Viu igualmente que tinha negros os cabellos, um bigode nascente, testa espaçosa, grandes olhos expressivos, semblante nobre, embora muito pallido, tudo emfim o que podia despertar as sympathias.

Já commovida, Branca achava-se n'aquelle momento em uma situação de espirito, que ia fazer nascer, d'aquelle exame a que tão innocentemente se entregava, um perigo sério para o seu coração ingenuo. Mas ninguem a tinha ensinado ainda a constranger-se, e a desconfiar das suas primeiras impressões, sempre muito vivas.

Tinha-se desenvolvido sempre em plena liberdade, com os olhos abertos para admirar toda a natureza, e com o coração formado para todos os affectos.

Não tendo junto de si sua mãe para lhe revelar gradualmente a razão de certos mysterios, tinha aprendido por intuição femenina tudo o que sabia das coisas da vida.

Pedro Rouvenat havia assistido, passivo e mudo, áquelle desabrochar encantador que a pouco e pouco transforma a creança em mulher.

Branca, seguindo sempre os impulsos do coração, não procurava explicar a si propria as impressões, que experimentava, e deixava-se levar por ellas. De mais, não conhecendo senão o bem, e extremamente pura para que pudesse conceber a mais leve ideia do mal, nem mesmo chegava a acreditar que um tal pensamento pudesse existir nos outros.

Os seus olhos, como tambem os seus labios, não sabiam mentir.

E, portanto, olhando tão attentamente para aquelle mancebo, que talvez entrevira já em um dos seus sonhos de donzella, nem mesmo suspeitou que commettia uma séria imprudencia. O seu coração nada comprehendeu, não obstante pulsar mais violentamente, não obstante estar experimentando uma sensação verdadeiramente deliciosa...

O mancebo recémchegado, depois de haver fechado a porta, avançou vivamente para o homem dos bonecos, que se voltara para elle, e que parecia interrogá-lo com um olhar ancioso.

—Nada, nada, disse elle em tom desesperado. Não fui mais feliz nas minhas pesquisas... Ah! minha mãe... a minha pobre mãe morreu de certo! Ter tido um momento de espe-

rança, e vel-a desilludida, é triste, é cruel... Fizeram-se todas as buscas possíveis nos registos do hospital. sem que se pudesse encontrar inscripção alguma, que dissesse respeito á minha desgraçada mãe. Ha toda a razão para acreditar, que cometteu um esquecimento, uma omissão deploravel, que não póde explicar-se. Interroguei todos os empregados, os quaes porém não são já d'esse tempo, e nada sabem... Decorreram já tantos annos depois d'isso! Agora sinto-me profundamente desanimado, e pergunto a mim próprio se deve- rei fazer investigações que presinto não produzirão um qual- quer resultado. Compreendo agora que me empenhei em uma verdadeira chymera, e tenbo ainda o desgosto de haver arras- tado comigo o meu querido protector.

— Bem sabes que tudo o que te diz respeito me interessa mais que tudo n'este mundo, respondeu Greluche vivamente. Para onde tu fôres, irei eu, salvo se algum dia me disseres que não precisas de mim. Toda a minha alegria está em satisfazer os teus desejos, em te obedecer... Ha só uma coisa, que, embora me fôsse ordenada por ti, eu não poderia fazer de modo algum; seria deixar de amar-te, e de te ser dedica- do... Não, não poderia obedecer te n'esse ponto!... O po- bre Greluche não tem n'este mundo senão um desgosto: con- siste elle em não poder dar te a felicidade.

— Ah! não tenho mais ninguem n'este mundo! exclamou o mancebo com enternecimento.

E, apoiando a cabeça sobre o hombro do velho palhaço, deixou escapar do peito um angustioso soluço.

O que acabava de dizer-se era perfeitamente incomprehen- sível para Branca, que, não obstante isso, se sentia perfeita- mente commovida. Comprebendera apenas uma cousa: que o mancebo não tinha mãe, e que soffria.

Natureza essencialmente sensível, tomou desde logo parte activa no seu desgosto.

As lagrimas, que não pôde conter, desprenderam-se-lhe involuntariamente dos olhos, e correram-lhe lentamente ao longo das faces.

No entanto, passado aquelle primeiro momento de surpresa e de comoução, sentiu que não tinha o direito de surpreender os segredos d'aquelles dois desconhecidos, e que a discrição e as conveniencias mais elementares lhe impunham o dever de se retirar.

Dirigiu-se pois para a porta com a intenção de sahir da sala, diligenciando afastar-se sem fazer barulho, que chamasse para si as atenções.

Mas Edmundo notou a sua presença, e voltou-se visivelmente para ella.

Branca parou tremendo.

O mancebo permanecia mudo e immovel, como em extasis.

Estava, decerto, dizendo de si para si que nunca se lhe apresentara diante dos olhos uma figura tão graciosa, um rosto tão suave e tão sympathico, que nunca se fitara n'elle um outro olhar tão puro, tão impressionante.

E continuava a contemplal-a, absorto, com uma admiração crescente, com uma especie de embriaguez deliciosa, até então desconhecida para elle.

Viu que os olhos da donzella estavam humidos de lagrimas recentes, e, dando para ella inconscientemente um passo, disse-lhe com commoção:

— Os seus olhos teem lagrimas... porque chora?

— Choro, sim... balouciou Branca com voz mal segura e com manifesta perturbação. Choro porque, sem querer, ouvi as suas palavras... ouvi que fallava de sua mãe, que não

existe... impressionou-me profundamente a sua commoção...

—Como assim!? exclamou Edmundo com uma especie de entusiasmo. Foi por minha causa que correram lagrimas dos seus olhos!!

E a luz do seu olhar brilhante como que envolveu a donzella.

Uma subita vermelhidão coloriu as faces de Branca, a qual, perturbada e anciosa, baixou a cabeça, e continuou a permanecer immovel, como pregada no lugar em que parara.

A inexperiente creança achava-se n'aquelle momento em uma das situações em que não temos consciencia da nossa posição nem do que nos rodeia, em que somos incapazes de tomar, por iniciativa propria, uma qualquer resolução.

—É então certo, tornou Edmundo depois de uma breve pausa, que comprehendeu que eu soffria, e que se compadeceu de mim!

A donzella ergueu vagarosamente os olhos para o seu interlocutor.

—Sim, respondeu ella em um tom de voz adoravel; impressionaram-me as suas palavras, e pensei que Deus, na sua bondade infinita, não ha de abandonal-o.

A situação tornava-se de momento a momento mais difficil para ambos.

Felizmente a porta abriu-se, e a filha do estalajadeiro appareceu no limiar dizendo:

—Menina Branca: acaba de chegar o seu padrinho, que a espera para o jantar.

A donzella dirigiu uma saudação aos dois viajantes, e sahio em seguida.

Os dois homens ficaram sós.

—Branca! chama-se Branca! murmurou Edmundo, depois de alguns momentos de silencio, e como fallando comsigo proprio.

Depois, voltando-se com o olhar brilhante e o rosto illuminado para Jeronymo Greluche, que o contemplava sorrindo, disse-lhe:

—Agora volto a ter esperanza, visto que ainda existem anjos na terra!!

*

* * *

Uma hora depois, na occasião em que Pedro Rouvenat e a sua afilhada Branca saham da hospedaria para irem entrar na carruagem, que devia conduzil os ao Seuillon, encontraram no caminho Edmundo, que lhes dirigiu uma respeitosa saudação.

A donzella respondeu áquelle cumprimento com uma inclinação de cabeça.

—Conheces aquelle rapaz, Branca? perguntou Pedro Rouvenat.

—Não, meu padrinho, respondeu a donzella córando involuntariamente. Encontramo-nos ha pouco por acaso em uma sala do hotel, e trocamos algumas palavras.

Pedro Rouvenat voltou-se ainda uma vez para olhar para Edmundo.

—É sympathico! murmurou elle.

Branca tinha ficado pensativa.

O amor, sentimento que tão novo era para ella, acabava de penetrar em germen no seu coração ingenuo e innocente.



XIII

Os cães de Bertaux

Dois dias depois da feira de Gray, isto é, no sabbado, Edmundo conduzido pelo acaso, chegava a Saint Irun ás duas horas da tarde, approximando-se assim, sem que o soubesse, da formosa Branca, que não esperava tornar a ver.

Havia deixado Greluche em Gray, tratando de fazer construir um novo theatrinho, commodo no transporte e de facil installação.

Edmundo sabiu da diligencia publica á porta de uma hospedaria, que acabava de lhe ser indicada pelo conductor do carro.

Na fachada da casa via-se uma grande taboleta, e n'ella

pintada com grandes letras o seguinte letreiro: «Hotel dos dois cães».

O mancebo caminhou para a porta da hospedaria, no limiar da qual um homem, que não era outro senão o nosso antigo conhecido Bertaux, esperava de barrête na mão e com o sorriso nos lábios, a chegada de algum hospede.

De subito, porém, Edmundo estremeceu e parou brusca-mente, com os olhos desmesuradamente abertos, fixos nos dois enormes cães de pedra, que se achavam deitados aos lados da escada, que dava acesso para a hospedaria.

A sua physionomia mostrava a expressão de uma surpresa profunda. O mancebo levou uma das mãos á testa, como quem procura fixar uma recordação vaga e confusa. Com quanto a memoria lhe não representasse clara e nitidamente um qual-quer facto passado, tinha a certeza de que não era a primeira vez que via aquelles dois animaes, que erguiam altivamente a cabeça.

Fez-se no seu espirito um rapido trabalho, e convenceu-se de que estivera na sua infancia em Saint Irun em companhia de sua mãe. Descerrou os lábios em um triste sorriso, e, subindo rapidamente os degraus, entrou na hospedaria.

—Deseja almoçar, senhor? lhe perguntou o dono da hospedaria.

—Hei de querer, mas não já, respondeu Edmundo. É o senhor o dono d'esta casa?

—Sou eu, senhor, e chamo me Bertaux, como meu tio, um honrado homem, de quem sou successor.

—Muito bem, sr. Bertaux, se pudesse dispôr de alguns momentos, desejaria que conversassemos um pouco... Quereria pedir-lhe umas informações...

—Estou ás suas ordens, respondeu Bertaux.

E entraram no pequeno compartimento, que servia de escriptorio a este ultimo.

—Estou prompto a ouvi-lo, senhor, disse Bertaux, indicando uma poltrona ao seu hospede, e assentando-se elle em uma cadeira.

—Disse-me ha pouco que succedeu a seu tio na administração d'esta casa. Póde dizer-me ha quanto tempo se encontra aqui?

—Ha perto de quinze annos.

—N'esse caso talvez possa responder ás minhas perguntas, com respeito a um facto que me interessa vivamente. Recorda-se de haver dado aqui alojamento, ha treze annos, no mez de dezembro, a uma senhora com um filho de cinco annos?

—De ordinario recebemos aqui muitos viajantes, e por isso... respondeu sorrindo o estalajadeiro. Mas espere... parece-me que me recordo... Sim, foi com effeito no mez de dezembro... uma mulher muito nova com uma creança, que podia ter quatro ou cinco annos... Sæhiu d'aqui de noite, por um frio terrivel... Sim, sim, recordo-me muito bem... O pequeno, que era endiabrado, montava nos cães de pedra, que estão á porta, como se fôsem cavallos...

Edmundo escutava avidamente e com o peito oppresso as palavras do estalajadeiro.

—Permaneceu aqui durante muito tempo essa senhora? perguntou elle.

—Apenas uns quatro ou cinco dias, não posso dizer ao certo. Esteve installada em um quarto do primeiro andar, que fica mesmo por debaixo d'este em que nos achamos.

—Está desoccupado esse quarto?

—Está, sim, senhor.

—Como tenciono passar algum tempo em Saint-Irun, arrendar-lhe-hei, se isso lhe agrada, esse quarto por um mez.

—Mas eu posso offerecer-lhe um outro muito melhor, muito mais bonito.

—Embora; é esse que eu quero.

—Ah! comprehendo. A senhora em questão era conhecida sua.

—Sim, conheci-a, mas muito pouco, respondeu o mancebo em tom doloroso. De mais, nenhuma razão tenho para lhe occultar, sr. Bertaux, que era eu o filho d'essa senhora, o rapaz endiabrado, que montava os cães de pedra.

—Como assim?! é o senhor! exclamou o estalajadeiro surprehendido. E com effeito examinando-o bem, parece me que o reconheço.

O mancebo descerrou os labios em um sorriso...

—Prova isso que é bom phisionomista, sr. Bertaux, disse elle. Póde dizer-me, se terei alguma semelhança com minha mãe?

Bertaux coçou atraz da orelha.

—Isso agora... não posso dizer... respondeu elle. E depois passou já tanto tempo depois d'isso... Em todo o caso recordo-me de que ella tinha, como o senhor, muito negros os cabellos. Era pallida, magra, e triste... Afigura-se-me que ainda a estou vendo... alta, cheia de dignidade, com o olhar claro e profundo, pallidos os labios, e com uma voz suave... Não, não posso dizer-lhe se se assemelha a sua mãe; mas em todo o caso posso affirmar lhe que ella era uma senhora formosa e sympathica.

O mancebo estava vivamente commovido.

—Talvez lhe pareçam singulares as minhas perguntas, sr.

Bertaux, tornou elle, e todavia responde-me, sem que se mostre surprehendido. Agradeço muito sinceramente a sua deferencia, senhor. Pouco tempo depois de haver estado aqui com minha mãe, aqui, em Saint-Irun, no dia seguinte talvez... tive a desgraça de a perder...

—Oh! murmurou o estalajadeiro com compaixão.

—Um excellente homem me encontrou a algumas leguas de distancia d'aqui, no meio da estrada, e adoptou-me como seu filho ..

—E foi isso no mez de dezembro?

—Sim, no meio de uma noite de neve e de tormenta. E actualmente, sr. Bertaux, nem mesmo sei o nome, que minha mãe tinha, e ando em busca da minha familia, dos meus parentes desconhecidos, se por ventura existem ainda. Avalie pois, quão grande importancia poderão ter para mim as informações, que queira prestar-me.

—Infelizmente nada sei.

—Nem mesmo se recorda do nome da minha mãe?

—Não.

—Mas deve naturalmente tel-o escripto em um registo qualquer...

—As vezes ha uma certa negligencia no cumprimento d'essa formalidade. De mais a mais os meus livros d'essa epocha já ha muito tempo que não existem.

—Não suppõe que ella fôsse natural das proximidades de Saint-Irun?

—Ignoro-o absolutamente. Creio porém lembrar-me de que ella vinha de longe...

—De longe... repetiu Edmundo. É singular! Para que ella se resolvesse aprehender uma longa jornada comigo, no inverno, era preciso que fôsse forçada a isso.

E, pensando nos rolos de ouro, encontrados por Greluche, disse de si para si:

— Pobre mãe! naturalmente veio buscar aqui esse dinheiro, proveniente talvez de uma herança inesperada.

E em seguida, dirigindo-se ao estalajadeiro, continuou em voz alta:

— Ella não lhe disse qual fôra o fim, que aqui a trouxera?

— Não, senhor. Sua mãe não era communicativa, não contava a sua vida a toda a gente. Mas... recordo-me de uma circumstancia: no dia seguinte ao da chegada de sua mãe a Saint Irun, veio aqui um homem visitá-la.

Um novo clarão se produziu nas recordações confusas do mancebo.

— Sim, sim, recordo-me, exclamou elle; veio aqui um homem, que me levantou nos braços, e me beijou muito... O homem chorava assim como também minha mãe.

E, levantando-se bruscamente, começou a passear pelo quarto, apertando a cabeça com as mãos.

— Nada, nada, murmurou elle com voz dolorosa, depois de alguns momentos. Procuo, procuro, e nada encontro, não posso recordar-me!... Produz-se no meu espirito um clarão rapido e fugitivo, mas logo em seguida a sombra torna-se mais espessa ainda, e fico de novo mergulhado em trevas.

E deixou-se cahir de novo assentado.

— Viu esse homem, sr. Bertaux? era conhecido seu? perguntou depois de uma breve pausa.

— Não, não era.

— Viria também de longe?

— Pelo contrario, creio que era d'estes sitios, talvez mes-

mo do cantão de Saint-Irun. Mas eu estava aqui havia muito pouco tempo ainda, e conhecia por isso pouca gente.

—Nunca mais tornou a vel-o?

—A essa pergunta não posso responder... Talvez mesmo o tenha encontrado muitas vezes sem o reconhecer.

Edmundo ficou durante alguns momentos silencioso, com a cabeça inclinada, e rasos de lagrimas os olhos. No cerebro debatiam-se-lhe tristes pensamentos. Todas as vezes que julgava descobrir um indício, via desilludida a sua esperança.

Por fim ergueu a cabeça, e olhou tristemente para o estalajadeiro.

—Creia que lhe estou profundamente reconhecido, sr. Bertaux, por a sua condescendencia...

—Affirmo-lhe que é grande pesar para mim não poder dar-lhe informações mais amplas...

—Queria dirigir-lhe ainda uma pergunta... tornou Edmundo.

—Diga, diga.

—Na ocasião em que minha mãe sahiu de sua casa, sabe para onde se dirigia?

—Não sei; mas provavelmente a sua intenção era regressar ao paiz, em que residia,

—Sim, talvez; mas n'esse caso não pôde comprehender-se muito bem a razão porque partira de noite, e a pé.

—Sim, tanto mais que podia esperar para o dia seguinte, e tomar logar na diligencia que parte diariamente para Gray ou para Vesoul. Suppuz que ella precisava fallar com uma pessoa qualquer em Frémicourt, pois que, quando sahiu, me pediu que lhe indicasse o caminho que para lá conduz. Recordo-me agora perfeitamente d'esta circumstancia.

—Frémicourt... repetiu Edmundo. Fica muito distante de Saint-Iron?

—Umas duas leguas pequenas.

—Ah! talvez seja esse um esclarecimento-precioso, sr. Bertaux. Irei amanhã a Frémicourt.





XIV

A boa estrella

Logo depois Edmundo tomou posse do seu quarto, que não reconheceu; mas a sua imaginação nenhuma dificuldade teve em o povoar de recordações queridas ao seu coração. Afigurou-se-lhe estar vendo ali sua mãe, pallida, magra e triste, mas formosa, tal como acabava de descrever-lh'a o estalajadeiro, e também o desconhecido que fora visitá-la, e que — recordava-se agora mais distinctamente — o tivera durante muito tempo sobre os joelhos, beijando-o e acariciando-o de momento a momento. Quem seria aquelle homem?...

Occorreu-lhe ao pensamento que podia talvez ser seu pae, e os labios descerraram se-lhe em um sorriso de amargura.

—Em redor de mim tudo é sombra, tudo é mysterio! dizia

elle de si para si. Se olho para o passado, vejo uma noite profunda... Se tento descortinar o futuro, são trevas escuras o que avisto... Filho perdido, o acaso lançou me no mundo como uma zombaria á humanidade! A minha infancia foi sem sorrisos, sem alegrias é a minha mocidade... E quem ha de apontar-me o caminho, que devo seguir, quem me mostrará a luz?

De subito animaram-se-lhe as feições, e os olhos illuminaram-se-lhe. Afigurou-se-lhe vêr passar diante de si um vulto vaporoso, despedindo de si raios de luz deslumbrante.

Adoravel visão! Sorriam-lhe uns labios graciosos, e olhavam-u'o com infinita doçura dois formosissimos olhos azues. Depois uma voz suave e melodiosa lhe murmurava ao ouvido:

—Deus, na sua bondade, não ha de abandonal-o!

E em voz baixa pronunciou o nome de Branca...

No dia seguinte ás onze horas chegava a Frémicourt com a intenção apenas de ver aquella povoação, onde sua mãe parara talvez antes de continuar a caminhar, no meio d'aquella noite de neve e de horror, cuja recordação lhe adejava constantemente no espirito.

Chegado que foi ali, tomou pela rua que lhe pareceu mais ampla. Duas ou tres pessoas o saudaram com a curiosidade de quem não tinha o habito de ver caras desconhecidas. No fim da rua encontrou uma pequena praça, povoada de arvores. Achava-se em face da igreja. A voz sonora do orgão, acompanhando as dos cantores, chegou-lhe ao ouvido.

—Ah! é hoje domingo... esquecera me, pensou elle.

E comprehendeu então a razão porque a povoação lhe parecera deserta: a população estava na missa.

Entrou no templo. Viu o padre no altar, e as cabeças inclinadas dos fieis, espectáculo imponente na sua tocante sim-

plicidade, que o fez pensar na grandeza e omnipotencia de Deus. Sentiu que tinha tambem necessidade de orar, de levantar para Deus a sua alma, e ajoelhou. Depois, absorto, curvado, orou com fervor. Pensou em sua mãe, na sua familia desconhecida, no seu passado, e no seu tão incerto futuro.

Uma voz mysteriosa, aquella mesma voz suave e melodiosa, que ouvira em Gray, na sala da hospedaria, lhe murmurava ainda ao ouvido:

—Coragem! esperanza!

Por fim o padre voltou-se para os assistentes, e pronunciou o *ite, missa est*. Passados alguns momentos, Edmundo sabia da egreja, e afastava-se alguns passos para ver sabir os fieis.

De subito fugiu-lhe dos labios uma exclamação de jubilo e de surpresa; pareceu-lhe que tudo em redor d'elle se illuminava. Acabava de ver apparecer á porta do templo uma radiante figura de donzella. Era ella, era Branca, a fada da esperanza! Oh! e agora não era illusão, era a encantadora realidade, que se apresentava ante os seus olhos deslumbrados. E ficou immovel, absorto, com o olhar fixo na formosa Branca.

A donzella avançava lentamente, correspondendo com saudações e sorrisos aos cumprimentos, que lhe eram dirigidos de todos os lados. Dir se-hia uma pequena rainha, passando por entre os seus subditos respeitosos. Acompanhava-a uma das creadas velhas do Seuillon.

—Menina Branca, disse esta ultima: o seu padrinho mandou a carruagem para nos conduzir.

E com effeito achava se postada a pequena distancia uma carruagem, cujo cavallo era seguro á mão por um creado da herdade.

A donzella dirigiu se para a carruagem. Edmundo sabia

então da sua immobilitade e correu para se achar na sua passagem. N'aquelle momento Branca parava para receber um formoso ramalhete, que lhe apresentava o velho mendigo Mardoche.

—Agradeço muito a sua delicada lembrança, meu bom Mardoche, disse ella com o sorriso nos labios. E não se esquece nunca! Todos os dias me offerece um novo ramo...

—Sei que ama as flôres, respondeu o velho com commoção, e nada mais posso offerecer lhe.

—Vae hoje ver-nos ao Seuillon?

—Tenciono ir, minha querida menina; mas vim aqui para poder ter a alegria de a ver ao sahir da egreja...

—Até logo, Mardoche. Quando chegar, encontrará o seu logar á meza do jantar.

A donzella, erguendo a cabeça, avistou Edmundo, que a envolvia com o seu olhar de fogo. Branca sentiu uma impressão profunda, e as faces cobriram-se-lhe de subito rubor.

O mancebo dirigiu-se para ella. O velho Mardoche recuou surprehendido.

—Não esperava ter a ventura de a ver tão depressa, balbuciou o mancebo, com voz mal segura; foi a minha boa estrella que me conduziu para aqui.

—Julga então que ha tambem para si uma boa estrella? replicou a donzella sorrindo e com o coração palpitante.

—Sim, respondeu elle; o desalento, em que me viu, desapareceu, e agora vejo diante de mim a estrella da esperanza! Ah! as suas palavras penetraram como balsamo consolador no meu coração atribulado! Recorda-se das palavras, que me disse em Gray?

—Recordo-me, sim, e repito-lh'as agora: Deus não ha de abandonal-o! Até á vista, senhor!

—Até á vista! São tambem palavras animadoras! Sim, até á vista!

O mancebo inclinou-se profundamente. A donzella dirigiu-se precipitadamente para a carruagem, em que tomou logar ao lado da creada velha. O conductor trepou agilmente para a almofada, lançou mão das redeas, e o cavallo partiu a trote rasgado.

Branca, antes de que a carruagem dêsse volta á esquina da praça, mal teve tempo para se voltar; ainda assim o seu olhar cruzou-se com o de Edmundo, que havia ficado immovel no mesmo logar.

O mancebo estava como absorto em um sonho, quando sentiu que mão pesada se lhe appoiava sobre um hombro. Voltou-se vivamente e achou-se face a face com o velho Mardoche, que parecia querer devoral-o com os olhos.

—Venha comigo, lhe disse o velho. Tenho que dizer-lhe, e não quero que me ouçam ouvidos indiscretos.

Embora cheio de surpresa, Edmundo seguiu-o sem hesitação, e sem fazer observação alguma.

Quando se achavam longe das pessoas, que conversavam em grupos na praça, Mardoche parou.

—Ouvi que dizia ha pouco, que fôra a sua boa estrella, que para aqui o conduzira, disse elle. Seria? A mim afigura-se-me, pelo contrario, que seria a sua má estrella.

—Que quer dizer? perguntou Edmundo surprehendido e inquieto.

—Que deve tratar de se afastar d'estes sitios o mais brevemente possivel, para não mais voltar aqui.

—Não comprehendo.

—Quer responder-me francamente?

—Quero e posso. Nada tenho que occultar, disse Edmundo.

—Conhece aquella menina?

—A menina, a quem fallei ha pouco? De certo conheço, pois de outro modo não me teria atrevido a dirigir-lhe a palavra.

—Ha muito tempo?

—Ha tres dias apenas. Encontramos-nos em Gray na passada quinta-feira.

Mardoche pareceu sentir uma viva contrariedade.

—Sabê como ella se chama? tornou elle.

—Branca.

—Sim, é esse o seu nome de baptismo. E o appellido?

—Nada mais sei.

—Pois bem; vou eu dizer-lh'o. Branca, que n'estes sitios é conhecida com a denominação de *menina do Seuillon*, é filha unica do sr. Jacques Mellier, que é o proprietario mais rico da communa, e talvez um dos mais ricos d'a provincia. O olhar, com que ha pouco a fitou, e a expressão da sua phisionomia, denunciaram-me o seu segredo: adivinhei sem grande custo que ama a menina Branca...

O mancebo não pôde occultar a sua perturbação.

—Não o acuso por isso, continuou Mardoche, nem me admiro, porque basta vel-a para amal-a. Viu-a, devia amal-a. Mas, escute bem o que vou dizer-lhe: por uma ou por muitas razões, que eu não conheço, mas que existem, é defezo amar a menina Branca Mellier. Julga acaso que lhe faltam adoradores? Não. Não sei já quantas vezes tem sido pedida em casamento. Mas todos os que teem dado um tal passo, todos teem sido despedidos friamente.

Edmundo, estupefacto, não achava uma palavra para dizer.

—O senhor é da cidade, continuou Mardoche com voz sombria; pois bem; o ar d'estas aldeias não é bom para si...

Estes sitios são fataes para os mancebos, que veem de longe, que creem na sua boa estrella, e ficam absortos na contemplação de uma formosa rapariga, que passa... Na sua idade não pôde ter-se ainda a experiencia da vida, e eu pensei que um velho como eu sou, tinha o direito de lhe dar um conselho. E agora nada mais tenho a dizer-lhe. Adeus, senhor.

E afastou-se, deixando o pobre rapaz aturdido, e procurando comprehender o sentido enigmatico do discurso, que acabava de ouvir.

—Singular personagem! murmurou elle. Que significa um tal aviso, e porque razão m'o faria elle. Ah! e adivinhou bem o que se passa em mim. Leu no meu coração o que não estava ainda no meu pensamento. Sim, amo-a, amo-a!... E havia de eu afastar-me d'aqui, quando acaba de illuminar-me o raio de luz, que eu esperava? Não, não, é impossivel! Ha uma força mais poderosa do que a minha vontade, que me impelle para a frente'...





XV

Rouvenat descontente

No momento em que a carruagem entrava no pateo da herdade, Francisco Parisel, que espreitava a chegada de Branca, avançou rapidamente para lhe offerecer a mão e ajudal-a a descer. A donzella, porém, saltou em terra agilmente, sem se utilizar d'aquelle apoio.

—Já não chegou a tempo, primo, disse ella rindo. Outra vez será.

O garboso Francisco mordeu os labios com despeito. Era um rapagão de vinte e oito annos, forte e robusto como um hercules. Esta circumstancia, porém, não justificava sufficientemente o qualificativo de «garboso», com que a gente d'aquelles sitios acompanhava de ordinario o seu nome; devia-o á

sua fatuidade, aos seus modos pretenciosos, e á importancia que entendia dever attribuir a si proprio.

Branca entrou em casa, confiou o seu ramo á creada, collocou sobre um movel o chapéu e o livro de missa, e correu para o jardim, onde avistara Rouvenat fumando no seu cachimbo.

—Venho agradecer-lhe a fineza de haver mandado a carruagem buscar-nos, disse ella beijando as mãos do velho Rouvenat. O meu querido padrinho estraga-me com mimos. O tempo está excellente, e poderíamos muito bem ter vindo a pé.

—Ora; replicou o velho sorrindo. Assim chegaste mais depressa. E depois os teus sapatinhos são finos, e a estrada está cheia de pedras que magoam os pés pequeninos.

—Com a brincadeira da carruagem, disse Branca sorrindo, esqueci-me de muitas compras, que tinha a fazer em Frémicourt.

—O que se não faz dia de Santa Luzia, faz-se em outro dia. Nada obsta a que voltes amanhã a Frémicourt.

—Parece-me preocupado hoje, padrinho; não está alegre como costuma. Está contrariado?

—Estou, sim, filha.

—Porque?

—Coisas que me passam pela cabeça...

—As suas recordações, sim...

—E alguma coisa mais... Em primeiro logar desde a feira de Gray não me pareces a mesma. Andas meditativa, agitada, inquieta...

A donzella estremeceu.

—Procuro explicar a razão porque estás assim, e não consigo... continuou Rouvenat.

—Mas affirmo-lhe, padrinho, que nunca estive tão feliz, tão contente como agora!

—Parece que assim deve ser, porque nada tens a desejar. No entretanto ha momentos, em que imagino que não te divertes, como seria proprio da tua idade, que te aborreces na herdade...

—Não, juro-lhe que não é isso assim, replicou ella vivamente. A verdade é que, como o padrinho acaba de dizer, nada tenho que desejar.

Branca sentia, que não chegara ainda o momento de fazer a Rouvenat a confidencia dos seus secretos pensamentos.

—Mas ainda te não disse tudo, tornou Rouvenat com as sobrancelhas contrahidas. José Parisel chegou ao Seuillon ha uma hora. Todas as vezes, que vejo um tal homem, não sei o que sinto... ferve me o sangue nas veias, encoleriso-me sem bem saber porque. Eis a principal razão porque me encontros contrariado e de mau humor.

—Ah! agora comprehendo a razão porque meu primo Francisco estava com uma expressão tão alegre. Ficou contente por ver seu pae.

—Odeio tanto o pae, como o filho! murmurou Rouvenat por entre dentes.

—Mas elles nunca lhe fizeram mal, padrinho.

—Não; mas tenho o presentimento de que hão de causar aqui alguma desgraça.

—Como póde o meu padrinho, que é tão bondoso, ter semelhantes ideias?

—Não sei explicar isso; mas a verdade é que sou um bom cão de guarda, e que presinto de longe a chegada do lobo. Parisel com os seus modos cautellosos, com o seu falso sorriso e com o seu olhar de fuinha, tem feitio de mau homem.

—Oh!

—Mais tarde ou mais cedo ha de ver-se se o avaliei bem. Para mim é de fé que este sr. primo de Jacques Mellier tem feito na sua vida mais maroteiras do que boas accções. Felizmente estou eu de guarda.

—Decididamente o padrinho vê hoje tudo com maus olhos...

—Mas tu não entras n'esse *tudo*, filha, respondeu Rouvenat, olhando para a donzella com expressão de infinito affecto.

N'aquelle momento appareceu a creada a prevenil-os de que eram esperados para a refeição do meio dia. Entraram pois em casa, e dirigiram-se para a sala de jantar, onde já se achavam Jacques Mellier e os dois Parisel, pae e filho.

Habitualmente o garboso Francisco comia á meza dos creados da herdade. Assim o quizera Rouvenat, por causa das invejas, dissera elle. A verdade, porém, era que o velho servidor não queria admittir que Francisco fôsse na herdade mais do que um simples creado de lavoura.

Quando Parisel, pae, se achava no Seuillon, o Parisel, filho, era por excepção admittido á meza dos donos da casa.

—Ah! eis finalmente a minha querida priminha! exclamou o velho Parisel com a sua voz de trombone. Está cada vez mais bonita!

E, abraçando-a sem cerimonia, beijou-a nas duas faces. O garboso Francisco olhava de travez, e sorria... De certo dizia com os seus botões, que seu pae gosava de um bem agradavel privilegio, que elle querería ter tambem.

O velho Rouvenat tinha-se voltado para a janella, para occultar o seu vivo descontentamento.

Por fim assentaram-se todos á meza. A refeição não correu

silenciosa, graças ao velho Parisel, que, posto de bom humor por um vinho excellente, dizia tudo o que lhe vinha á cabeça, e, mesmo sem querer, deixava escapar tolices de toda a ordem.

Em um dado momento acotovelou Mellier, e disse rindo, ao mesmo tempo que lançava um falso olhar para Rouvenat:

—Veja a nossa Branca e o nosso Francisco, meu primo! que bonito par, não é verdade? Elle com vinte e oito annos, ella com dezoito... Parecem feitos um para o outro...

Nos olhos de Rouvenat brilhou um relampago. Ficou porém aparentemente tranquillo, e limitou-se a encolher desdenhosamente os hombros.





XVI

José Parisel

Depois da refeição, Branca subiu para o seu quarto. Sentia necessidade de se encontrar sózinha com os seus pensamentos. Nos ultimos tres dias, que de transformações se haviam produzido n'ella! Perdera o seu ar descuidoso, mas sentia-se viver. Afigurava-se-lhe que acabava de descobrir-se para ella um mundo novo com vastos horisontes. Continuava a amar as flôres; mas não fallavam já a mesma linguagem ao seu coração. A verdura, tão formosa no mez de junho, alegrava-lhe ainda os olhos; os cantos das aves encantavam ainda os seus ouvidos; mas, vendo e ouvindo aquellas maravilhas da natureza, sentia-se enternecida, e ás vezes chorava, sem saber porque.

Rouvenat, inquieto e solícito, tinha visto tudo, mas não adivinhara ainda a razão do facto.

O velho Parisel tinha acompanhado Jacques Mellier ao seu quarto.

—Agora, se podes dar-me alguns momentos, disse o pae do garboso Francisco, quereria conversar contigo um pouco.

—Pois sim, Parisel, conversemos. Que tens tu a dizer-me? Acaso precisas ainda de dinheiro?

—Oh! oh! quando se não é rico, precisa-se sempre de dinheiro. Bem sei que te devo já uma somma avultada, meu caro primo; no entretanto, se pudesse ser, far-me-hia grande conta uma notasinha de mil francos.

—Pois bem, Parisel, dar-t'a-hei. Era só isso o que tinhas para dizer-me?

—Em boa verdade, era isto o que queria dizer-te no fim de tudo, e foste tu que me fizeste principiar por onde eu queria acabar. Desejo fallar-te ácerca de meu filho Francisco... não te parece que é um rapaz saudavel e bem talhado?

—Sim, é robusto.

—Estás contente com elle, primo?

—A essa pergunta só Rouvenat pôde responder. É elle que lida com os empregados da casa.

Parisel fez uma feia careta.

—A verdade é que eu sei bem o que vale o meu rapaz, continuou elle. É um trabalhador infatigavel, cheio de ambição e de força de vontade. Quando elle diz «quero», ha de ser. Além d'isto é intelligente e honrado. Está já ao facto dos trabalhos e negocios da herdade, e actualmente conhece tudo aqui tanto quanto é necessario para poder substituir Pedro Rouvenat.

—Um homem como Rouvenat nunca pôde ser substituído, respondeu Mellier com voz breve.

—Bem sei, bem sei; mas enfim todos nós somos mortaes, e uma desgraça ás vezes acontece de um momento para o outro...

—Pedro Rouvenat é um homem forte e robusto como poucos são na sua idade. Tranquillisa-te pois, Parisel; o meu velho Rouvenat não tem por ora desejos de morrer. Hei de eu deixar este mundo antes d'elle.

—Pois sim, primo; mas olha que Rouvenat está velho, e, ainda que não fôsse senão para o alliviar um pouco nos seus trabalhos, era bom haver alguém na herdade, que partilhasse a sua authoridade.

—Rouvenat não precisa de ajudantes, Tem creados que trabalham, e com os quaes tem o direito de contar, porque é elle que os escolhe. Fallo do teu filho como dos outros creados, Parisel.

—No entretanto, parece-me que Francisco é aqui um pouco mais do que os outros. O proprio Rouvenat não pôde obstar, a que elle seja teu parente, primo Mellier.

—Estou convencido de que elle se não esquece d'isso.

—Seja assim; mas voltemos á questão. Quer-me parecer que haveria vantagem para tudo e para todos, em que fôsse confiada a meu filho uma parte da direcção da herdade.

—Rouvenat é muito cioso da sua authoridade, que deve aos muitos e importantes serviços prestados, replicou o velho Mellier. Não vejo meio...

—Ha um bem facil, primo.

—Qual é?

—Branca está em idade de casar-se, e Francisco morre de amores por ella...

—Ah! murmurou Mellier, agitando-se com um manifesto mal estar na cadeira.

—Comprehendes... que um casamento...

—Sim, se Branca quizer.

—Ora! uma rapariga, quando chega aos dezenove annos, tem sempre desejo de casar.

—Com um homem, que lhe agrade.

—Parece-me que o meu filho Francisco é um bello rapaz...

—As vezes não basta isso. De mais, não sei quaes sejam sobre esse ponto as ideias de Branca. Em todo o caso essa importante questão precisa de ser tratada com Pedro Rouvenat.

—Com Rouvenat! repetiu Parisel, que não pôde disfarçar o seu despeito. É então Rouvenat quem governa n'esta casa?

—O meu velho amigo Rouvenat é tudo no Seuillon.

—Mas o Seuillon é teu, Mellier! só tu deves governar aqui! És tu o unico dono d'esta casa! replicou Parisel com mal contida raiva.

—Eu deleguei em Rouvenat toda a minha authoridade! disse Mellier friamente.

—Ora vamos, primo: examinemos bem a situação, tornou Parisel com o seu ar hypochrita. Tu, decerto não queres morrer, sem teres garantido o futuro de Branca, ou com um bom dote de casamento, ou fazendo um testamento em seu favor...

—Não, não farei testamento, disse Jacques Mellier brusca-mente.

No olhar de José Parisel brilhou um subito relampago.

—Isso é proprio de um bom parente, e de um homem

consciencioso, disse elle. Por tua morte, a tua fortuna deve passar para os teus herdeiros directos; é justiça. Sou eu um d'esses herdeiros. Ora, se Branca viesse a casar com o meu filho, nenhuma inquietação deverias ter com a sorte d'essa menina, que tão cara te é. Poderias mesmo, sem dizer coisa alguma, fazer-lhe uma pequena doação, que permittisse ao meu filho continuar a exploração do Seuillon, pois é preciso que a herdade não passe de modo algum para mãos estranhas.

O semblante de Mellier estava contrahido em uma expressão de viva contrariedade.

—Quando fôr ocasião propria, verei o que deverei fazer em favor de Branca, disse elle com voz surda. O que me parece é que pensas um pouco demais na minha herança, Parisel.

—Ah! não julgues que desejo a tua morte, replicou elle vivamente.

—A minha morte de nada te serviria, Parisel.

O camponez olhou para o velho Jacques Mellier com estupefacção.

—Mas então!... fizeste testamento? murmurou elle.

—Não, não fiz, já disse; esqueces, porém, que tenho uma filha?

—Lucila?

—Lucila Mellier, sim.

—Mas Lucila morreu!

O velho readquiriu subitamente a sua força e energia de outro tempo.

Pôz-se em pé com o corpo agitado por um violento tremor nervoso, e com o olhar relampagueante, ao mesmo tempo que exclamava:

—Que certeza tens tu d'isso?

Em seguida soltando um gemido surdo, cahiu de novo assentado, e balbucionou como fallando comsigo proprio:

—Lucila... mortal! Não, não, nenhuma prova ha d'isso... Espero-a... espero-a ainda... Quero viver... para tornar a vê-la!

Os labios de Parisel contrahiram-se em um sorriso de expressão singular.

—Decididamente o velho está cahindo na segunda infancia! pensou elle.

E, erguendo a voz, continuou:

—Meu caro primo: estou arrependido de haver pronunciado esse nome, que recorda os dias felizes do passado. Sabes muito bem que sempre tomei parte no teu desgosto. Agora, porém, depois de dezenove annos decorridos, não creio já que ella volte...

Devemos dizer que aquelle camponez ávido, que ambicionava para si a herança de Jacques Mellier, não sabia como, nem porque razão, Lucila havia deixado a casa paterna.

Depois de um momento de silencio, Mellier ergueu lentamente a cabeça.

—Não fallemos mais n'isso, disse elle. Os meus desgostos a ninguem pertencem senão a mim, e eu não quero entristecer os outros. Mas tu fizeste-me um pedido, Parisel, e eu devote uma resposta. Faz-me o favor de chamar Rouvenat.

Parisel hesitou. Ao cabo, porém, de um momento de reflexão, resolveu-se a fazer o que Mellier lhe pedia. No entanto, desde o momento em que Mellier pretendia permanecer neutral, tinha de antemão a certeza de perder a partida, visto que Rouvenat—de mais o sabia elle—era o unico obstaculo a prejudicar os seus projectos ambiciosos. E era por isto

que votara ao velho servidor do Senillon um odio verdadeiramente implacavel, assim como conhecia que Rouvenat lhe pagava na mesma moeda.

Isto, porém, não obstava a que elle proseguisse nos seus tenebrosos intuitos.

Rouvenat entrou no quarto de Mellier, passados apenas alguns momentos.

—Pedro, lhe disse este ultimo: a julgar pelo que acaba de dizer-me o meu parente Parisel, seu filho Francisco está apaixonado por Branca, e pede-a em casamento. Responde tu.

No semblante de Rouvenat transpareceu uma expressão profundamente desdenhosa. Respondeu, porém, com a mais perfeita tranquillidade:

—A unica coisa que tenho a responder é que o sr. Parisel assim como o seu filho perderam o seu tempo e as suas palavras.

O pae do garboso Francisco fez se livido de colera.

—Pareça-me, porém, que o meu filho... começou elle.

—O seu filho, sr. Parisel, interrompeu Rouvenat em tom quasi escarnecedor, o seu filho, cujas qualidades raras não quero discutir, pôde ir procurar mulher em outra parte. Em quanto eu fôr vivo, não ha de ser nunca marido de Branca... nunca, entenda bem!

—Veja bem o que diz, sr. Pedro Rouvenat! exclamou Parisel com furor, e sabindo da sua prudencia habitual.

Nos olhos do velho servidor brilhou um relampago de colera.

Cruzando os braços, replicou altivamente:

—Sei muito bem o que digo, sr. José Parisel! E sei tambem que nunca me mettemo medo uma qualquer ameaça!

O velho Parisel fez um movimento, como querendo lan-

çar-se sobre Rouvenat; readquirindo, porém, subitamente o seu ar hypocrita, conseguiu impôr silencio á raiva que o agitava. Jacques Mellier assistia impassivel áquella scena.

—A menina Branca está em idade de casar, tornou Parisel, e, se o sr. Rouvenat não tem uma razão qualquer que o induza a querer que ella se faça freira, parece-me que o nosso pedido não deverá ser repellido, sem que a resposta seja bem pensada.

Rouvenat encolheu os hombros, e não se dignou responder.

—Em todo o caso, continuou Parisel, Branca tem pelo menos direito a ser consultada.

—Ah! é a resposta d'ella que deseja ter? replicou Rouvenat. Pois muito bem, vou satisfazêl o immediatamente.

E, precipitando-se para a porta do quarto, chamou:

—Branca! Branca! vem cá!

A donzella sahio precipitadamente do seu quarto, e correu ao chamamento.

Chegando á porta, e vendo os tres homens reunidos, parou surprehendida.

—Entra, filha, lhe disse Rouvenat; trata-se de um pedido em casamento. O sr. José Parisel, aqui presente, vem pedir a tua mão para seu filho Francisco.

A donzella empallideceu, e exclamou com expressão angustiada:

—Mas eu não quero... não quero casar-me!

E, com os olhos cheios de lagrimas, correu para Rouvenat, como para se acolher á sua protecção.

—Eis a resposta de Branca, sr. Parisel, disse Rouvenat friamente.

E em seguida, acompanhando a donzella até ao limiar da

porta, que ficara entreaberta, disse-lhe com expressão carinhosa:

—Volta para o teu quarto, querida, nada mais queremos de ti.

E ao ouvido murmurou-lhe:

—Não te inquietes. Estou eu ao leme.

Branca retirou-se. Em seguida Rouvenat voltou-se para Parisel, e disse-lhe:

—Decerto tem muitas coisas a dizer ao seu parente, e eu não quero incomodal o. Retiro-me pois, e... até á vista, sr. Parisel!

E sahio do quarto.

O pae do garboso Francisco sentiu-se ferido pela ironia que distillava das ultimas palavras do velho Rouvenat; mas disse de si para si, que devia conter a sua raiva, até um dia em pudesse tirar a desforra...





XVII

Conspiração

Passados uns vinte minutos, José Parisel ia encontrar-se com o filho nas proximidades da herdade.

—Pela expressão da sua phisionomia vejo que nada conseguio, lhe disse Francisco.

—Nem tu calculas quanta raiva sinto em mim! respondeu o velho com os dentes cerrados. Se apanhasse o velho Rouvenat em um canto, não sei o que aconteceria!

—Eu odeio-o tanto ou talvez mais ainda do que o pae! replicou o filho com voz surda.

—Em quanto aquelle homem existir na herdade, nada poderemos conseguir. É elle o verdadeiro e unico senhor no Senillon; a sua vontade domina tudo e todos. Jacques Mellier

não é mais do que um corpo sem alma, um automato! Oh! esse maldito Rouvenat!... Tem de certo uma ideia reservada, que occulta a todo o mundo. Que quererá elle? Desherdar-nos em proveito de Branca?... Felizmente Mellier declarou-me peremptoriamente, que não quer de modo algum fazer testamento. Mas, com a filha de João Renaud não podemos contar, porque não te ama.

—Mas eu amo a, amo-a!

—Desde o momento em que ella deixa de ser um meio para nós, debes cessar de pensar n'ella. Quando fórmos senhores do Senillon, veremos, veremos... No fim de contas ella é uma rapariguita, e tu és um homem... Se não quizer ser tua esposa, poderás fazer d'ella uma outra coisa... Comprehendes?

—Sim, respondeu Francisco estremecendo.

O pae e o filho caminhavam fóra dos jardins, ao longo do muro de vedação, e achavam-se agora proximos de um pequeno bosque, que, sem que fôsse fechado, parecia um pequeno parque, dependente dos jardins.

Os dois homens dirigiram-se para ali, e depréssa se encontraram no meio das arvores.

—Estamos aqui bem para conversar, disse o velho Parisel parando. Aqui ninguem poderá ver-nos nem ouvir-nos.

O filho olhou para o pae com expressão interrogadora.

—Pedro Rouvenat é um obstaculo aos nossos projectos, disse por fim o velho. É preciso que desapareça!

Francisco Parisel estremeceu.

—Já ha muito tempo que penso n'isso, replicou elle. Mas... de que modo?

—Para quem quer desembaraçar-se de um inimigo todos os meios são bons. O que é preciso é esperar a occasião propicia...



... apareceu subitamente uma mulher desgrenhada... (Pag. 344)

—Mas... e se essa occasião não se apresenta?

—Dispõem-se as coisas para que appareça! respondeu Parisel com voz sinistra.

—É difficil, se não impossivel!

—As difficuldades só existem para os poltrões, para os pusilanimos. Procuraremos. Rouvenat é nosso inimigo, é um obstaculo constantemente erguido diante de nós; precisamos derrubal-o. Seremos depois nós os unicos senhores, e tu, já que assim o desejas, e quer ella queira quer não, disporás como te approuver da filha de João Renaud. Pois nós temos quasi nas mãos a fortuna de Mellier, e havemos de deixar escapal-a? Oh! seria proprio de idiotas! Repito: Rouvenat é o unico obstaculo á realisação das nossas aspirações, e portanto é preciso, é forçoso que morra!

—Tem a cabeça solida e a vida resistente, regougou Francisco Parisel.

—Diz-me lá: não haverá junto da ribeira um qualquer buraco profundo, em que possa cahir? Não póde elle ser atropelado na estrada? Não póde quebrar-se o ramo, a que elle trepe para ir colher as primeiras cerejas para offerecer á sua afilhada? Quando elle estiver fumando, encostado a uma parede, não póde desprender se de cima uma grande pedra, e cahir-lhe sobre a cabeça? Bem vêes que os meios não faltam; o que é preciso é esperar a occasião, e preparar as coisas. O que é preciso é sangue frio, habilidade e audacia!

—Pois bem: veremos, veremos... respondeu Francisco com voz rouca.

—Sabirei da herdade hoje mesmo, mas não irei para muito longe, tornou o pae. Como ninguem me conhece n'estes sitios, posso parar e demorar-me onde quizer, em Artemont, ou em qualquer outro ponto. Tenho na algibeira mil francos,

que Mellier me emprestou—já por conta da herança—e portanto estou habilitado a esperar os acontecimentos. Não devemos porém ver-nos, nem escrever um ao outro, tanto mais que hei de usar um outro nome. A prudencia é a mãe da segurança. Só os imbecis se compromettem. No entretanto, se precisares de mim... Hoje á noite, antes de me afastar da herdade, combinaremos um modo de estabelecer uma correspondencia, ou por meio de pedras collocadas em um lugar determinado, ou por meio de um qualquer signal, aberto á faca na casca de uma qualquer arvore...

Em seguida os dois homens afastaram-se do ponto em que haviam estado a conversar durante alguns minutos.

A uns quinze passos do logar, em que os dois homens haviam parado, appareceu subitamente uma mulher desgrenhada, pallida e horrorosamente magra, que estava occulta por detraz de um tronco de arvore.

O seu olhar tinha um estranho fulgor. Levantou as mãos ao céu, e balbuciou com voz lugubre:

—Que miseraveis, que monstros existem n'este mundo!

Os dois Parisel, tão dignos um do outro, approximaram-se das edificações, e chegaram junto da casinhola do pastor, o qual ultimamente não ficava ali, porque estava com os gados em propriedades distantes, passando de ordinario as noites no parque, acompanhado pelos cães, e prompto a defender as ovelhas contra os ataques dos lobos.

—Veja... ali... disse Francisco parando.

—O que é? perguntou o velho.

—Um poço velho, que está ha muito tempo abandonado. Mas é muito profundo, e tem uns tres ou quatro metros d'agua. Rouvenat tem já dito muitas vezes que ha de mandal o atulhar para prevenir um accidente. O entulhamento ha

de fazer-se mais tarde ou mais cedo; mas no entretanto pôde produzir-se o accidente. Veja... está quebrada a roldana... as pedras do bocal estão deslocadas e prestes a cabir para dentro. Esta, por exemplo... com um pequeno impulse, rola para o fundo do poço.

O velho Parisel desatou a rir.

—Continúa, murmurou elle em voz baixa; começo a comprehender.

—Muitas vezes Rouvenat, depois de passar revista aos estabulos, vem para aqui antes de se deitar, assenta-se em uma d'estas pedras, e demora-se aqui um quarto de hora ou vinte minutos, entretido a fumar a sua cachimbada tranquillamente.

—De sorte que, se um dia apparecer afogado no fundo do poço, pôde a sua morte ser attribuida a um desastre, não é ássim?

—Naturalmente.

—Oh! oh! não te julgava tão espertalhão, Francisco!

—Odeio... e amo! replicou o garboso Francisco com voz sombria.

—Eu odeio... e quero ser rico! murmurou o pae.

Pedro Rouvenat estava condemnado.

Os dois miseraveis trocaram um olhar sinistro, e separaram-se em seguida.





XVIII

Amor!

No dia seguinte, ás dez horas, depois de se despedir de Jacques Mellier e de Rouvenat, a formosa Branca sabiu da herdade com um pequeno cabaz de verga pendente do braço. Ia a Frémicourt.

Em vez de tomar o caminho publico, que aliás era o mais directo, escolheu uma vereda estreita e tortuosa, que seguia ao longo da ribeira por entre os salgueiros e os alamos da margem. Como por instincto, a donzella procurava a solidão.

Branca caminhava lentamente, com a cabeça inclinada, de

certo para não se distrahir, e para melhor poder absorver-se nos seus pensamentos intimos.

De subito um mancebo, que seguia egualmente a margem do rio, mas em sentido opposto, achou-se face a face com ella.

Era Edmundo.

Branca deixou fugir dos labios um grito de surpresa, em que havia talvez uma tal ou qual alegria. O mancebo avançou para ella de chapéu na mão, mostrando tambem no semblante uma expressão manifesta de jubilosa surpresa.

—Vejo que ficou surprehendida por me encontrar aqui, disse Edmundo com a voz vibrante de commoção; mas mais admirada vae ficar ainda, quando lhe disser que esperava encontral-a hoje! Hontem fallei-lhe da minha boa estrella... e é ella que me alumia os passos, que me encaminha, e eu, como em outros tempos fizeram os magos, sigo-a!

—Não esperava encontral-o aqui, não, respondeu ella, tremula de commoção; mas... pensava em si...

—Que inesperada felicidade a minha! Digna-se tomar interesse por mim, e, não obstante ser para si um desconhecido, occupo o seu pensamento!

—Sei que soffre, que não é feliz, e é de certo esse o motivo por que penso em si.

—Oh! que bondade a sua! e como merece ser amada!

E envolveu-a com o seu olhar ardente e carinhoso. A donzella experimentou uma sensação indefinivel.

—Sim, sim, proseguiu elle, merece bem o affecto que todos lhe consagram aqui! E quem póde vê-la, sem a amar? Basta vê-la para ler na sua alma e no seu coração, onde estão encerrados os mais preciosos thesouros! Ah! e não é só a mais formosa, a mais perfeita creatura do bom Deus; tem

tambem o poder de embellezar, de illuminar tudo o que a rodeia! tem o sorriso, que encanta, o olhar que illumina, e a voz que consola! Ah! ninguem melhor do que eu o sabe... Desgraçado, cheio de desconforto, perdido e sem coragem no meio das tristezas da vida, vi-a surgir subitamente diante de mim como a estrella da esperanza, ouvi a sua voz que me chegou aos ouvidos como um echo do céu! E desde esse momento senti-me mais forte, deixei de viver em isolamento... Tranquillisado, atrevi-me a interrogar o futuro, e elle respondeu-me que podia ter tambem a minha parte nas alegrias e na felicidade d'este mundo...

A donzella, immovel e com os olhos baixos, escutava com uma especie de embriaguez intima aquella linguagem tão nova para ella.

—Agora vivo animado pela esperanza! agora sinto-me corajoso! proseguiu Edmundo com exaltação. Como me disse na primeira vez em que tive a ventura de a ver, creio que Deus me não abandonará. Creio no futuro, na vida, no bem, na realisação dos meus sonhos, na felicidade!...

Branca levantou para o mancebo os olhos humidos, e perguntou-lhe:

—Tenciona demorar se n'estes sitios durante muito tempo?

—Não mais quero deixal-os... É para Frémicourt que se dirige?

—Sim...

—Permitte-me que a acompanhe, pelo menos até o fim da vereda?

A donzella não se atreveu a responder, o que significava assentimento á solicitação de Edmundo.

Caminharam durante um momento silenciosos ao lado um do outro.

—Tem alguns parentes em Frémicourt? perguntou a donzella.

—Não conheço lá ninguém, respondeu o mancebo. Foi o acaso, ou antes; como já disse, a minha boa estrella que me conduziu a Saint-Irun, e em seguida a Frémicourt, onde tive a inesperada felicidade de tornar a vê-la. Hontem ainda, este paiz, que foi fatal á minha infancia, e que tanta razão tinha para detestar, era-me indifferente, e parecia-me frio e enfadonho, como os outros. Hoje porém mudou completamente de aspecto, e tem para mim o encanto, que deve ter o oasis, que procura a caravana, desnorteada, perdida no meio dos ardores do deserto! Foi aqui que encontrei a esperança... é aqui que desejaria passar o resto dos meus dias.

Os labios de Branca descerraram-se em um suave sorriso, ao mesmo tempo que murmurava:

—Para quem chega de Paris, as nossas terras, com as suas arvores e com a sua verdura, depressa se tornam monotonas... O enfado chega em breve...

—Oh! não póde sentir enfado quem tem a esperanza de vê-la, quem respira o mesmo ar...

—É em Saint-Irun que reside? interrompeu Branca.

—É, sim.

—Hontem, em Frémicourt, fallou-lhe alguém de mim?

—Sim, um velho... aquelle mesmo, que lhe offereceu um ramalhete á porta da egreja.

—Mardoche... fallei-lhe hontem de tarde, e elle disse-m'o.

—O velho Mardoche é um dos seus pobres?

—E também meu amigo.

—Oh! de certo!... Fallou-me a seu respeito com grande entusiasmo. Foi por elle que eu soube, que a menina Branca é a Providencia dos desgraçados... que dá pão aos que teem fome, e a consolação dos seus sorrisos e das suas dôces palavras aos que soffrem, aos desesperados da vida... Soube também por Mardoche, que seu pae possui uma grande fortuna... Oh! vejo bem quão grande é a distancia que nos separa... vejo que está collocada em uma altura, que eu nunca poderei attingir... Embora a encontrasse, embora a admire e a ame profundamente, não posso ter a audaciosa pretensão de aspirar á sua mão... Queria consagrar-lhe a minha vida inteira... Ah! pôde acreditar-me; queria dar-lhe o coração, a minha alma, a minha dedicação inteira e completa! Mas... mas... a sua riqueza estabelece uma barreira entre nós...

N'aquelle momento era completo o contraste entre as expressões dos semblantes dos dois namorados; elle estava triste, ella radiante de jubilo...

—Sim, diz-se com effeito que hei de vir um dia a ser rica, respondeu Branca; mas a fortuna de meu pae não pôde ter para mim outro effeito, que não seja o de me tornar mais facil a escolha de marido.

—Sim, mas é preciso que a sua escolha seja bem recebida por seu pae, que, rico como é, ha de também exigir que possua fortuna o marido que a filha escolher...

—Sim, eu sei que se fazem em geral esses calculos nas familias; mas meu pae e meu padrinho, felizmente, não veem as coisas d'esse modo. Hão de consultar menos a posição social e a fortuna do marido, que me dêrem, do que as qualidades do seu coração. Teem por mim um grandis-

simo affecto, e o que elles querem, primeiro do que tudo, é a minha felicidade.

—Se é verdade o que me disse o velho Mardoche, a sua mão tem já sido pedida muitas vezes...

—É verdade.

—E todas essas solicitações teem sido repellidas...

—Todas, sim.

—Sabe a razão d'esse facto? Seu pae e seu padrinho teem-n'a consultado?

—Não, nunca, e isso era inutil, respondeu Branca com os labios entreabertos em um adoravel sorriso. Sabiam bem que eu... não amava nenhum dos pretendentes...

O semblante de Edmundo illuminou-se.

—Oh! obrigado, Branca! Deus lhe pague o bem que me fazem as suas palavras! exclamou elle. Constituem ellas para mim uma nova esperanza!

Branca respondeu com um sorriso.

—A verdade, porém, é que preciso, pelo menos, de tres annos de trabalho para conquistar uma posição, para me tornar digno de merecer uma tão grande ventura... balbuciou Edmundo depois de uma breve pausa. Tres annos... é tanto tempo...

—Esperarei... murmurou Branca.

—Ah! exclamou elle com intimo enthusiasmo. Como me sinto venturoso... agora não pôde já haver dôr que me desalentel! D'aqui a oito dias estarei em Paris, e proseguirei nos meus estudos interrompidos.

—Fallarei hoje a seu respeito com meu pae e com meu padrinho, e tenho esperanza de que poderei amanhã apresental-o no Seuillon.

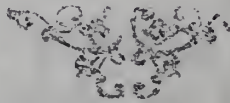
—Como poderei saber...?

—Encontrará Mardoche amanhã ao meio dia em Frémicourt, no mesmo sitio em que hontem lhe fallou.

—Muito bem; esperarei com impaciencia esse mensageiro de felicidade.

N'aquelle momento chegavam á extremidade da vereda, que não continuava além da ponte da Sableuse. As mãos dos dois namorados juntaram-se em um rapido e affectuoso aperto.

Em seguida separaram-se.





XIX

Esperança que foge

Branca continuou o seu caminho para Frémicourt, de que se achava agora muito perto. O mancebo seguiu-a com o olhar até o momento em que ella desapareceu ao longe, por detrás da primeira casa da povoação.

Edmundo ergueu para o céu o seu olhar fulgurante, em que transparecia uma gratidão infinda.

Em seguida, afastando-se d'ali como a seu pesar, atravessou a ponte, e dirigiu-se vagarosamente para a estrada de Saint-Irun.

Quando havia dado apenas uns quarenta passos, appare-

ceu na sua frente um homem, que acabava de surgir por detrás de um grupo de arbustos.

Aquelle novo personagem, que era nada mais nada menos do que Pedro Rouvenat, parou voltado para o moço Edmundo, com a intenção evidente de lhe embargar o passo.

O semblante do velho Rouvenat estava ainda mais grave, mais severo, mais triste do que era costume, e no seu olhar transparecia uma expressão mais de dôr, do que de colera.

—Quando o mancebo parou em frente d'elle, fez um movimento de surpresa.

—Reconheço-o, senhor, lhe disse elle. Estava em Gray na quinta-feira passada, não é verdade?

—É verdade, senhor, respondeu Edmundo.

—E a mim, reconhece-me?

—Se não me engano, tenho a honra de estar fallando com o padrinho da menina Branca Mellier.

—Sou com effeito padrinho d'essa menina, com quem o senhor conversava ha pouco, caminhando ao lado d'ella pela vereda que corre ao longo da ribeira. Avistei-os de longe, e poderia ter interrompido a conversa... talvez fizesse bem; mas preferi vir esperai-o aqui. Não quero de modo algum que Branca saiba que os vi juntos, assim como tambem deverá ignorar sempre o que vou ter a honra de dizer-lhe.

O mancebo sentiu que se lhe confrangia dolorosamente o coração. Compreendeu que ia feril-o uma desgraça inesperada, e olhou com expressão inquieta para Pedro Rouvenat.

—A sua phisionomia falla em seu favor, proseguiu o velho. Não tenho o habito da vida das cidades, e não sou mais do que um camponez; mas quando vejo diante de mim uma

phisionomia sympathica, e um olhar franco e leal como é o seu, nunca me engano. E, portanto, não lhe farei a injuria de suppôr, que vem a estes sitios com a intenção de seduzir uma innocente menina...

—Oh! obrigado, senhor! exclamou Emundo com effusão. Felizmente comprehendeu que, se tivesse tido esse mau pensamento, me faria com effeito uma injuria cruel!

—E agora quer responder-me com sinceridade?

—O padrinho de Branca Mellier tem o direito de me interrogar, e eu estou prompto a responder-lhe.

Seguiu-se um momento de silencio. Depois Rouvenat perguntou bruscamente:

—Que sentimento é o que tem por Branca?!

—Amo-a com todas as forças da minha alma! respondeu o mancebo sem hesitar.

—E ella...? e Branca...? tornou o velho com visivel anxiedade.

—A menina Mellier não me deu o direito de responder por ella, replicou Edmundo com voz tremula.

Estas palavras augmentaram mais ainda as perplexidades de Rouvenat, que ficou de novo silencioso durante alguns momentos. Os dois homens estavam igualmente commovidos e perturbados. Edmundo sentia-se invadido por um terror profundo, pois comprehendia instinctivamente, que Branca dependia absolutamente d'aquelle homem, que podia com uma simples palavra destruir a sua felicidade, e deitar por terra todos os seus castellos no ar.

—Escute-me, senhor, tornou por fim o velho. Diz-me que é amor o sentimento que tem por Branca; pois bem! eu tambem a amo... amo-a tanto ou mais do que se fôsse minha propria filha... Vi-a nascer... pequenina ainda, emballeia-

sobre os meus joelhos e nos meus braços. A mãe da innocente morreu duas horas depois da creança ter vindo ao mundo, e foi junto da cama em que a desgraçada mulher acabava de expirar, que jurei com as mãos sobre a morta que velleria sem cessar pela filha, que a protegeria, que a defenderia sempre! Ah! Deus, que é bom e misericordioso, não ha de permittir que Branca seja infeliz! Se eu pudesse dizer-lhe tudo, havia de comprehender-me bem; mas não posso, não posso...

«Creia-me senhor: uma lagrima, que cahisse dos olhos de Branca, seria para mim como uma punhalada... Para lhe poupar uma dôr, um desgosto, daria com intimo jubilo os dias que me restam de vida, e não seria muito, porque dar a minha vida por um dos dôces sorrisos, por um dos olhares cariciosos de Branca, não seria realmente um grande sacrificio. Mas repito: Deus é bom e misericordioso, e não ha de permittir, que a minha querida Branca soffra!

Edmundo escutava com febril agitação as palavras do velho.

—Se tivesse podido prever o que aconteceu, proseguiu Rouvenat com accento de profunda tristeza, não a teria levado comigo a Gray, a essa feira maldita, em que por primeira vez se encontraram. Mas o mal está feito, e agora é preciso reparal-o. E ha de sel-o, assim é necessario por ella, por nós todos... Na realidade não posso querer-lhe mal porque se deixou enamorar de Branca, porque julgou que podia amal-a... Não, não lhe quero mal por isso. Desgraçadamente nada pôde fazer-se contra o que é fatal. Mas ainda estamos a tempo, e, quando se conhece um perigo, evita-se mais facilmente. Remediamos as coisas. Eu, sósinho, talvez nada pudesse fazer; mas eu conto com o seu auxilio... Sim, o seu olhar diz-me que posso contar comsigo.

A inquietação do pobre Edmundo redobrou de intensidade.

—Peço-lhe: supplico-lhe que tenha compaixão da minha angustia, senhor, balbuciou elle. Diga-me depressa o que é que exige de mim.

—Diz-me que ama Branca, e eu acredito-o, tornou Rouvenat em tom grave. E nem mesmo me surprehende o facto de nascer tão de improviso, tão rapidamente esse amor. As suas intenções são dignas e honestas, e o seu character é leal e nobre; tambem assim o acredito. E todavia sou forçado a dizer-lhe: esqueça Branca... não pense mais n'ella... não pode, não deve amal-a.

—Oh! peça-me tudo, tudo, menos isso! exclamou o mancebo.

O velho Rouvenat abanou a cabeça.

—Assim é preciso, visto que não pode ser seu marido, disse elle.

Edmundo soltou um suspiro fundo, e deixou cahir a cabeça sobre o peito.

—Pobre rapaz! ama-a realmente! pensou o velho.

Mas os interesses, que julgava defender n'aquelle momento, premuniam o seu coração contra todas as fraquezas, contra os enternecimentos perigosos.

—Bem deve comprehender a situação, tornou elle com voz firme, pousando a mão sobre o hombro de Edmundo. Que tenciona fazer?

—Nem eu sei, senhor! exclamou o mancebo, erguendo bruscamente a cabeça.

Agora estava pallido como um cadaver.

—Não posso pensar, não posso reflectir, continuou elle com expressão de profundo desalento. Soffro cruelmente, e afigura-se-me que em redor de mim tudo se desmorona! Ah! ti-

nha razão o velho mendigo... Insensato, que me atrevi á esperança, como se a esperança fôsse permitida aos desherdados da sorte!... A menina Branca Mellier é filha unica, e seu pae é rico... e eu ousei acreditar que poderia tornar-me digno d'ella! Que audacia a minha! Vamos, senhor; pode acabar de esmagar-me; ninguem pode luctar contra o destino!

Rouvenat nunca suppuzera que as suas palavras pudessem produzir um semelhante desalento, e olhava com funda compaixão para o desgraçado mancebo

—Ah! tornou Edmundo com expressão de funda amargura. Não precisa dizer-me a razão por que me aconselha que esqueça a menina Branca Mellier, que não mais pense n'ella... Eu comprehendo, adivinbo...

—Supponha tudo quanto queira, que não poderá descobrir a verdade, replicou friamente Pedro Rouvenat.

—O sr. Mellier quer para a sua filha um brilhante casamento, e não concederá a sua mão senão a um homem rico, bem collocado na sociedade...

—Está absolutamente enganado. Escute: quero dizer-lhe a verdade—é uma prova de sympathia que lhe dou:—Branca não tinha ainda seis annos, quando foi promettida em casamento. Nada mais posso dizer-lhe.

—Como assim? E é por essa razão...?

—Unica e exclusivamente. E não ha poder algum n'este mundo, que possa alterar o que desde entãc ficou decidido.

—Todavia, senhor, permitta-me que lh'o diga: uma criança de seis annos não deve ser compromettida d'esse modo. O coração da menina Branca pode talvez estar em desacordo com esses projectos. E se ella amasse um outro homem, que não o que o pae e o padrinho querem impôr-lhe?

—Seria isso uma grandissima desgraça.

—E esse homem, que tivesse a felicidade de merecer o amor de Branca, seria repellido?

—Sim, como é o senhor, e como teem sido todos os que a teem pedido em casamento.

O mancebo olhava para o velho com estupefacção, com uma especie de terror.

—E diz que a amall exclamou elle.

Nos labios de Rouvenat adejou um estranho sorriso.

—Sei muito bem que não pode comprehender-me, respondeu elle: mas eu tambem não posso dar-lhe explicações mais amplas. O coração de Branca deve permanecer livre de toda e qualquer affeição. Suppondo mesmo que ella sinta já por si uma tal ou qual sympathia, a impressão produzida n'ella por esse sentimento não pode ser ainda muito profunda, e ha de facilmente desvanecer-se. Não quer que ella seja desgraçada, pois não?

—Oh! e faz-me essa pergunta a mim!... a mim que daria por ella a minha vida!...

—Pois bem: em nome da felicidade de Branca, que deseja tambem como eu, em nome da affeição que lhe consagra, em nome da sua honra e de tudo o que n'este mundo lhe é mais caro, peço-lhe que se affaste para longe, que não mais volte a apparecer nos dominios do Seuillon... É forçoso, é forçoso que Branca não torne a vê-lo; nem mesmo oiça mais fallar de si!

O mancebo soltou do peito um gemido surdo.

—Não sei o seu nome, nem lh'o pergunto... não quero sabê-lo, continuou o velho; mas, fôsse embora filho de um millionario, de um marquez, ou de um principe, as coisas haviam de passar-se do mesmo modo. É ao seu coração, á sua generosidade, a todos os seus sentimentos bons, que me dirijo; trata-se do repouso e do futuro de uma creança inno-

cente, que nada sabe ainda das coisas da vida. Ah! de certo não quer comprometter o futuro e a felicidade da pobre menina. Seria isso maldade, e o senhor não é mau... Está commovido, vejo lagrimas nos seus olhos, e eu... estou tambem enternecido... Affirmo-lhe—e pode acreditar-me—que, se fôsse coisa possível, e se Branca o amasse, seria eu o primeiro a aplanar as difficuldades, que por ventura surgissem para poder ella ser sua esposa... Mas não... não pode ser... Promette-me afastar-se d'aqui para longe? não procurar tornar a vê-la?

Edmundo soltou um novo gemido, e balbuciou :

—Partirei.

Pedro Rouvenat tomou entre as suas as mãos do mancebo, e disse-lhe:

—Ah! não me euganei, quando julguei nobre e generoso o seu coração!

—Adeus, senhor, adeus para sempre... murmurou o mancebo meio suffocado.

E, depois de lançar em redor de si um olhar desesperado, afastou-se rapidamente.

—Mais um desgraçado n'este mundo! murmurou Rouvenat tristemente.





XX

Visita a Mardoche

O pobre Edmundo acabava de ser ferido por um golpe tão terrível como inesperado. Agora estava de novo cahido nas trevas... Afigurava-se-lhe a cada momento que lhe faltava a terra debaixo dos pés, e que caminhava envolvido em um redemoinho vertiginoso.

Se se tivesse aberto subitamente diante dos seus pés um temeroso abysmo, não daria um passo á rectaguarda para o evitar.

Ao cabo de alguns minutos, deixou a estrada trilhada, e começou a caminhar atravez dos campos. Para onde se diri-

gia? elle proprio o não sabia. Os desesperados não teem norte... O que elle procurava era o isolamento; fugia de tudo e de todos, fugia da claridade do dia, e até mesmo quereria furtar-se aos raios do sol.

Com a morte na alma e o espirito em delirio, começou a correr como um insensato, saltando vallados, transpondo sebes... Dir-se-hia que era persegui'o por uma legião de demonios invisiveis. Na cabeça não tinha uma ideia unica, não podia reflectir; sentia só que se lhe confrangia o coração em uma dôr horrivel.

Chegou-lhe aos ouvidos o som de um sino, e logo em seguida o de um outro. Eram os campanarios de Frémicourt e de Civry annunciando o meio dia.

Achava-se n'aquelle momento quasi no cume da collina, que fica fronteira ao Seuillon. Parou ali, e durante um momento a sua vista percorreu todo o valle. Viu os salgueiros e os grandes choupos da margem da ribeira, e mais além, por detraz d'aquella especie de cortina de verdura, os tectos vermelhos das edificações da herdade.

Fugiu-lhe do peito um grito dilacerante, e os braços agitaram-se-lhe convulsivamente.

—Está tudo acabado, não mais tornarei a vel-a! gemeu elle. Branca, Branca, adeus!!...

E continuou a caminhar.

Na sua esquerda estendia-se o bosque de Sueure, e em frente d'elle erguiam-se imponentes, no seu selvagem aspecto, os vultos escuros de enormes rochedos amontoados. Aquellas rochas acinzentadas, monstruosos pedregulhos de formas estranhas, ponteagudas, dentadas, ameaçadoras, semelhavam as muralhas sombrias de uma fortaleza da idade media.

O olhar de Edmundo mediu a altura d'aquelle colosso de

pedra, que, erguido ali desde a criação do mundo, e certo da sua eternidade, parecia lançar um perpetuo sarcasmo á pequenez do homem.

Havia uma coisa qualquer que attrahia irresistivelmente o mancebo para aquelle lado, e dirigiu para ali os seus passos.

O que elle procurava era a solidão, e tudo o que era selvagem e sombrio devia agradar-lhe. Depressa se encontrou junto das rochas.

—Oh! bom dia, senhor! disse de subito uma voz na sua rectaguarda.

Edmundo estremeceu e voltou se vivamente. Reconhecera a voz do mendigo Mardoche.

O velho, assentado sobre uma pedra, e servindo-lhe de mesa uma outra pedra um pouco mais alta, collocada na sua frente, preparava-se para tomar a sua mais que modesta refeição.

—É consternado o seu aspecto, vê-se bem que não está contente, continuou o velho. Ficou contrariado por me encontrar aqui? É uma surpresa, com que decerto não contava, surpresa de que eu tambem compartilho, porque nenhuma ideia tinha de que o veria hoje.

«Não lhe agradeço que dirigisse para este lado o seu passeio, pois que foi evidentemente por acaso que veio fazer-me aqui uma visita.

—Que quer dizer?

—Pois não comprehende que é aqui que residio?

O mancebo lançou immediatamente em redor de si um raddido olhar.

—Mas... não vejo aqui habitação alguma! disse o moço Edmundo.

—Vê esta montanha de pedra? tornou o velho Mardoche,

sorrindo. É o meu castello. Abandonadas aos morcegos, aos lagartos, e ás cobras, apoderei-me eu d'estas rochas, e fiz d'ellas propriedade minha. Vê esta larga fenda? é a entrada da galeria que conduz aos meus aposentos particulares, que se compõem de tres salas não pequenas.

—Pois quê? é com effeito no meio d'estas pedras que reside?

—E vivo aqui ás mil maravilhas. Estou livre como as aves, que tambem escondem, tanto quanto podem, os seus ninhos. Aqui não temo o vento, nem a chuva, nem a tempestade. Dando alguns passos encontro-me aqui no meu terraço, que tem um magnifico horisonte. O sol, logo que surge por detraz dos montes, vem illuminar o meu terraço. E já aqui me encontra sempre, porque tenho quem me acorde cedo; é o rouxinol, que gorgoeja impaciente pela appareção do astro da luz, e que vem lançar os seus trinados á entrada da minha gruta. Elle sabe já os meus habitos: quando julga que dormi bastante, acorda-me.

«Além d'isto tenho um bosque ao pé da porta; é o meu parque de recreio. É o meu passeio favorito; eu gostei sempre muito do silencio, da frescura e da sombra, que se encontram no meio das arvores. A boa gente do Seullion—veja: avista-se a herdade além, no meio da verdura da planicie—offereceu-me um pequeno quarto na choupana do pastor. Tem ella três compartimentos, e o pastor, que é solteiro, só de um precisa. Para não contrariar a menina Branca, não regeitei o offerecimento; mas, não obstante ter lá uma boa cama, e a felicidade de entrar ali a qualquer hora do dia ou da noite, quasi nunca lá durmo. Encontro-me melhor aqui. Ha pessoas que dizem de mim: «é um velho louco», e talvez tenham razão...

«Fallemos agora de si, amigo. Confesso que me é sympathico, e isto comprehende-se bem: é novo, bonito rapaz, bem educado; e não tem, felizmente para si, o ar altivo, desdenhoso e impertinente de certos rapazes das cidades, que conheço ou tenho conhecido. Mas o que a mim proprio não sei explicar, é a razão porque, vendo-o hoje por segunda vez, sinto já por si uma especie de amisade!

«Vejam: reflectiu no que hontem lhe disse em Frémicourt? Eu sei um pouco o que se passa no Seuillon. Pode acreditar-me: pensar em Branca Mellier, com a esperança de casar com ella, seria da sua parte nada menos do que uma loucura.

—Ah! de mais o sei eu agora! murmurou Edmundo com accento doloroso.

Mardoche pôz se em pé de salto.

—Foi ao Seuillon? perguntou elle.

—Não, não cheguei lá.

—Mas então não voltou a fallar com a menina Branca Mellier?

—Voltei, sim; encontrei-a ainda ha pouco na margem da ribeira.

—Ah! depois do que eu lhe havia dito... Mal feito, muito mal feito...

—Não ralhe tambem comigo, Mardoche. Bem punido estou eu já por não ter seguido o seu conselho, bem castigada foi a minha audacia!

—Que lhe disse a menina do Seuillon?

—Que tivesse esperança.

O velho pareceu muito agitado.

—Mas então ella ama-o!? exclamou elle.

Edmundo abanou tristemente a cabeça.

—Não desejo que assim seja, murmurou elle com funda tristeza.

—Mas emfim que razão ha para esse seu ar desolado, para esse desespero? Que foi o que se passou? Diga me tudo; não me occulte coisa alguma; eu preciso saber tudo...

—A menina Branca Mellier dirigia-se para Frémicourt, e eu acabava de me separar d'ella com o coração cheio de jubilo e de esperança, quando appareceu bruscamente diante de mim um homem.

—Era Rouvenat?

—Sim, o padrinho de Branca Mellier, que, sem colera e sem ameaça, me repetiu pouco mais ou menos as palavras, que hontem me disséra... Não me prohibiu que amasse a sua afilhada, mas supplicou-me em nome do seu futuro e da sua felicidade, que não procurasse tornar a vel-a... Ah! uma punhalada em pleno peito não me teria feito um tão grande mal! Trata-se porém da felicidade de Branca Mellier, prometti ao seu padrinho que partiria, e que não mais se ouviria falar de mim aqui. Se ella fôr feliz pouco importa que eu vá arrastar aqui ou ali a minha miseravel existencia, fatalmente condemnada.

—Disse-lhe então Pedro Rouvenat, que devia renunciar á esperanza de casar com a sua afilhada?

—Sim...

—E, se ella o amasse...?

—Embora; ficaria a situação sendo a mesma. Foi isso o que elle me fez comprehender.

—Ah! Pedro Rouvenat, exclamou Mardoche como fallando comsigo proprio, Rouvenat tem uma ideia fixa, uma vontade inalteravel! Que intuito será o d'elle?

—É segredo seu.

—Sim, é segredo seu... Ah! e guarda-o preciosamente, pois que tem sido de balde que tenho tentado penetrar-o. Todavia, embora seja inexplicavel o procedimento de Pedro Rouvenat, é evidente que elle não quer senão a felicidade de Branca Mellier, que é tudo para elle... Conheço alguém que teria todo o direito de lhe exigir uma explicação, e de oppôr á d'elle a sua vontade; mas esse alguém quer e deve calar-se ainda... Mas enfim, a verdade é que o senhor não quiz seguir o conselho que hontem lhe dei, e que o proprio Pedro Rouvenat lhe confirmou hontem as minhas palavras. Diga-me as razões que elle lhe apresentou...

—Affirma que a mão da menina Branca foi dada quando ella tinha apenas seis annos, e que por isso...

—Que quer isso dizer? exclamou o velho Mardoche com surpresa.

E, levando as mãos á cabeça, fechou os olhos, e pareceu reflectir profundamente. Ao cabo, porém, de alguns momentos, murmurou:

—Não comprehendo.

Em seguida, dirigindo-se a Edmundo, disse-lhe:

—Prometteu então a Rouvenat que não mais procuraria ver a sua afilhada? que tenciona fazer agora?

—Partir.

—Não é então d'estes sitios?

—Não, nem conheço aqui pessoa alguma.

—Foi então o acaso, que o conduziu para aqui?

—Foi, sim.

—Pois bem; tem razão, deve partir. Para onde tenciona ir?

—Que sei eu? irei para onde a minha má sorte me con-

duzir. Quebrou-se em mim a mola real da vida, e sinto-me sem coragem e sem força de vontade. O futuro aterrorisa-me. Aquelle que me precipitasse do alto d'estes rochedos, no fundo dos quaes eu cahisse sem vida, prestar-me-hia um grande serviço!

Mardoche agarrou quasi com violencia em um dos braços d'aquelle mancebo, perguntando-lhe:

—Que idade tem?

—Exactamente, não sei: dezenove ou vinte annos.

—E atreve-se a fallar d'esse modo!! replicou o velho, com accento meio severo, meio affectuoso. Está louco, senhor!

—Não; estou desesperado!

—Antes de se queixar, antes de se lastimar, espere que o soffrimento o prostre!

—Mas que destino vae ser o meu? exclamou o pobre rapaz com voz dilacerante.

—Está novo; faça-se homem! respondeu Mardoche friamente.

Edmundo não pôde supportar a fixidez do seu olhar, e baixou os olhos.

—Tem fortuna? perguntou o velho.

—Não.

—Tem um emprego?

—Não.

—E n'essas circumstancias pensou em unir ao seu o destino de Branca?!

—Não me julgue sem me ouvir, respondeu vivamente o mancebo. Sei que, para ter direito a essa felicidade, precisava tornar-me digno de a possuir. E era essa a minha intenção. Faria em Paris estudos sérios, e ao cabo de tres

annos poderia ser advogado, medico ou engenheiro. Não tenho fortuna, mas trataria de obter uma boa posição, que offerceria á menina Mellier.

—Muito bem: comprehendo isso e está traçado o caminho que tem a seguir. Readquiera coragem, volte para Paris, e entregue-se de alma, vida e coração ao trabalho.

Edmundo abanou tristemente a cabeça, e contrahiu os labios em um sorriso de amargura.





XXI

Esperança que volta

Depois de um curto momento de silencio, o velho Mardoché proseguiu:

—A vida nem sempre é facil, amigo; para todos tem dôres e lagrimas; são mais os dias sombrios do que os dias de sol. A vida é uma lucta constante, e ás vezes a felicidade—se felicidade existe n'este mundo—compra-se muito cara. É forçoso soffrer, e soffrer muito para ter direito ao repouso. Caminhar por entre obstaculos, e luctar continuamente, eis a sorte de todos nós... E são os fortes, os corajosos, são os que teem fé os que chegam ao fim... São os que triumpham!... Novo, intelligente, instruido, e com um bom futuro, lastima-se e perde a esperança!... Dá prova de que não

é forte, nem corajoso, nem crente. E' preciso ter crenças, amigo...

—Crenças... em quê? suspirou Edmundo.

—Em Deus e na sua mocidade, respondeu Mardoche em tom solemne. Ah! Julga-se desgraçado, e todavia, se se der ao trabalho de lançar ao redor de si um olhar investigador, verá desgraças muito maiores do que a sua... Eu fiz-me philosopho, com quanto não saibá ler nem escrever; mas, á força de me encontrar sósinho com os meus pensamentos em contemplação perante a immensidade das creações; senti que a natureza, livro aberto para todos, contém em si todas as grandes verdades. Estudei esse livro maravilhoso, e a minha alma compenetrrou-se dos seus ensinamentos. Ferira-me uma desventura horrorosa, inaudita; mas, pensando em Deus e no dever, a chaga cicatrisou-se a pouco e pouco, e consegui afinal consolar-me.

—Tem tido então uma vida muito desgraçada, Mardoche?

—Mais do que nunca ha de ser decerto a sua! respondeu lentamente o velho mendigo. Mas é de si que se trata, e não de mim, cuja vida depressa chegará ao seu termo. Queria ver renascida a sua esperança, e, se fiz allusão ás minhas desgraças passadas, foi unicamente para lhe fazer comprehender que cada ser humano tem a sua cruz mais ou menos pesada, e que, para ter direito a uma felicidade relativa, é de ordinario preciso ter soffrido muito... Diga-me: Como se chama?

—Edmundo.

—Edmundo... Edmundo... repetiu Mardoche meditativo. Nunca esquecerá aquelle nome, que n'aquelle momento lhe trazia á memoria recordações terriveis.

—Edmundo é o seu primeiro nome, disse elle por fim;

mas o que eu queria saber era o seu appellido de familia.

—Familia... não tenho, respondeu o mancebo.

Mardoche estremeceu.

—O meu nascimento, continuou Edmundo, é um mysterio... Até mesmo ignoro onde nasci, e nunca conheci meu pae.

—E sua mãe?

—Tinha cinco annos quando a perdi...

—Pobre rapaz! murmurou Mardoche,

—Comprehende agora que tenho o direito de me queixar do meu destino?

—Sim; mas isso não justifica ainda assim esse desalento, por que o vejo dominado. Reside habitualmente em Paris?

—Resido, sim.

—Porque razão vem a estes sitios?

—Vou dizer-lh'o. Foi a algumas leguas de distancia d'aqui, na estrada de Gray, em uma tempestuosa noite de dezembro, que minha pobre mãe, levando-me nos braços, cahiu enregelada sobre a neve.

—Morta?...

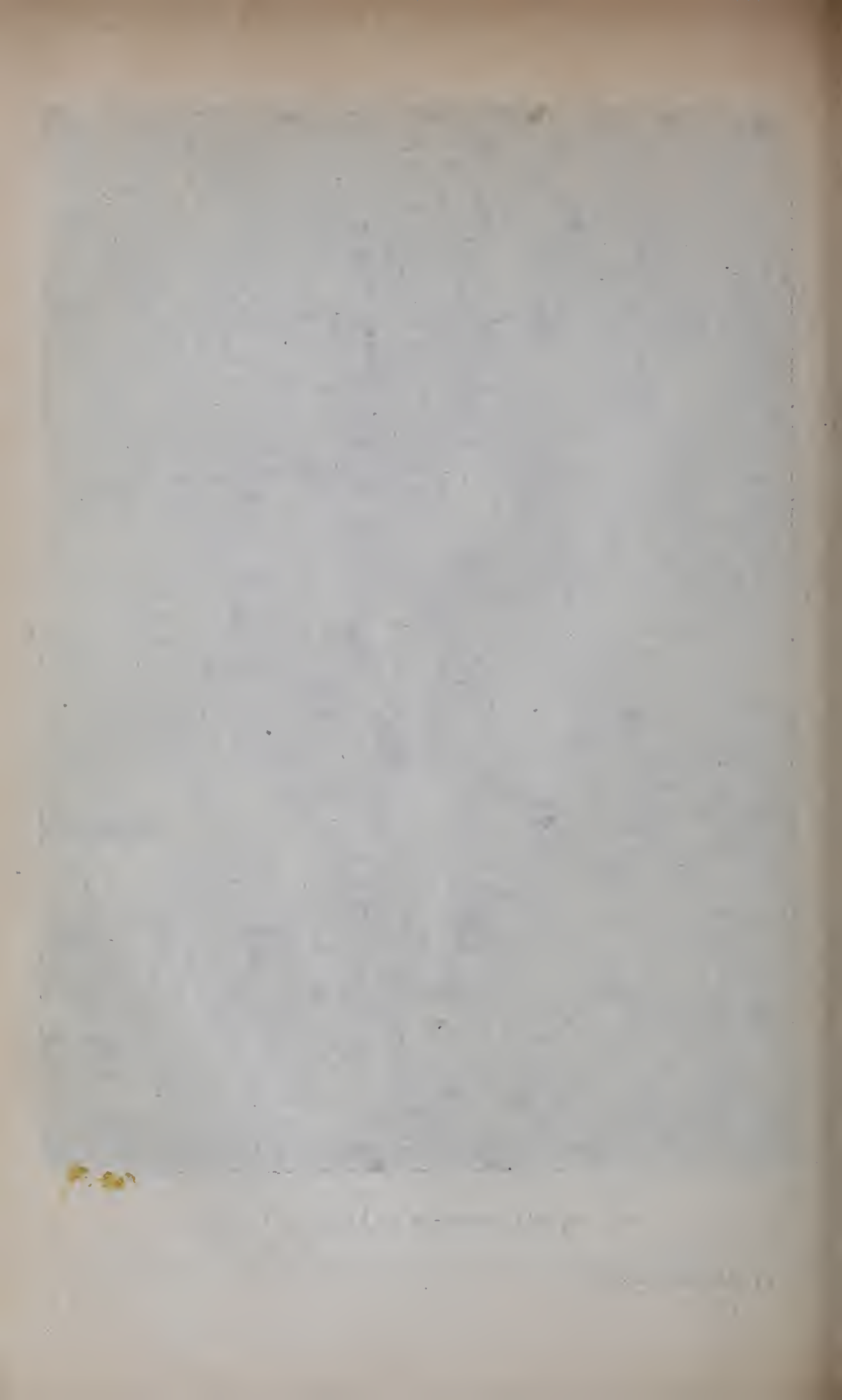
—Não, mas sem sentidos, moribunda... Passaram depois uns saltimbancos com as suas carretas, nas quaes nos receberam. Dirigiam-se para Gray, e ahí, logo que chegaram, transportaram minha mãe para o hospital.

—E morreu lá?

—Creio que sim; mas com certeza ainda ninguem pôde dizer-m'o... Depois um dos saltimbancos, o mais pobre, mais infimo — um palhaço — compadeceu-se de mim. Receiando que o director da *troupe* quizesse fazer de mim um acrobata, um miseravel, separou se n'esse mesmo dia dos seus companheiros, levando me consigo. Jeronymo Greluche — é assim



— Quem sou ? conhece-me tão bem . . . (Pág. 379)



que se chama—trabalha para mim ha já treze annos. Foi elle que me educou e que me fez instruir... O que sou e sei a elle o devo!

Mardoche limpou com as costas da mão uma lagrima furtiva.

—Em poucas palavras eis a minha historia, concluiu Edmundo.

—Mas como pôde esse homem, esse excellente e honrado homem, que era tão pobre, como pôde alimentar-o e dar-lhe uma educação?

—A Providencia tinha prevenido as coisas...

—Ah! acredita então na Providencia?

O mancebo còrou.

—Continue, continue, tornou Mardoche; a sua historia interessa-me vivamente.

—Minha mãe, quando foi encontrada sobre a neve, tinha pendente do braço um pequeno sacco de couro, de que Jeronymo Greluche se apoderou a occultas dos seus camaradas. Ora esse sacco continha uma somma de dôze mil francos.

—Dôze mil francos! exclamou o velho mendigo Mardoche.

—Sim, dôze mil francos em ouro. Greluche collocou dez mil francos em circumstancias vantajosas, e deixou-me em um collegio de Dijon. Depois comprou uma pequena carreta, uma mula, e um theatrinho de fantoches, com os quaes correu os campos, afim de ganhar a sua vida, e de occorrer ás despezas que era obrigado a fazer por minha causa. Não queria tocar no dinheiro, que considerava como deposito sagrado, de que teria um dia de me dar contas. E tão bem procedeu elle, que, durante os ultimos dez annos, o rendimento d'esse dinheiro tem-se ido accumulando, de maneira a estar quasi duplicada a minha pequena fortuna. Greluche conse-

guiu, com o seu trabalho, não só pagar todas as despesas da minha educação, como também economisar uns quinze mil francos, que, segundo elle diz, me pertencem também.

—Bravo! magnifico!

—Interrogando as minhas recordações, lembrei-me da noite fatal que me fez orphão, e desde então nunca mais deixei de ver diante dos olhos a minha pobre mãe estendida sobre a neve, pallida, fria e inanimada... Foi com a esperança de colher algumas informações a respeito d'ella, e de encontrar uma familia, que me resolvi a vir a estes sitios. No hospital de Gray, onde primeiramente fui procurar informações, nada pude descobrir...

—No sacco, juntamente com o ouro, não havia alguns papeis?

—Não, nenhum.

—Mas na realidade tudo isso é extraordinario, murmurou o velho. Depois partiu de Gray para Frémicourt, afim de tornar a ver a menina Branca?

—Não; até mesmo ignorava que Branca residia n'estes sitios, e não esperava tornar a vê-la.

—Foi então por acaso, que entrou na igreja da povoação?

—Por acaso, não; senti necessidade de orar, de levantar para Deus a minha alma.

—Não me disse ainda o motivo, que o trouxe a Frémicourt, tornou Mardoche.

—Vim a estes sitios em razão de uma indicação, que me fôra dada pelo estalajadeiro Bertaux, de Saint-Irun. Minha mãe, antes da terrivel catastrophe, tinha passado alguns dias em Saint-Irun, na hospedaria de Bertaux, precisamente no mesmo quarto, que eu próprio ali occupo actualmente...

Mardoche inclinou lentamente a cabeça sobre o peito.

—Tem apenas um nome, Edmundo, como o outro, dizia elle de si para si; está, como o outro, alojado na hospedaria de Bertaux... como o outro tambem ama a menina do Seuillon... Estranha, estranha coincidencial...

Edmundo, surprehendido com a attitude de Mardoche, tinha-se interrompido. Este ultimo, ao cabo de alguns momentos de meditação, ergueu a cabeça, e perguntou:

—Como soube, que sua mãe estivera em Saint-Irun?

—Por uma outra recordação, que me occorreu subitamente no momento de entrar na hospedaria. Aos lados da escada, que dá accesso para a porta da entrada, vêem-se dois enormes cães de pedra.

—Conheço-os.

—Pois bem: recordei-me subitamente de que já os tinha visto em outra epocha.

Mardoche levantou para o céu as mãos trémulas e enrugadas.

—Interroguei o estalajadeiro, continuou Edmundo, e elle recordou-se tambem de haver dado hospedagem a uma mulher com uma creança de cinco ou seis annos.

—Deu-lhe acaso alguns signaes d'essa mulher, de sua mãe?

—Sim, disse-me que era formosa, de estatura elevada, rosto pallido e triste, e olhar brilhante e severo.

—Não lhe fallou nos cabellos?

—Disse-me que tinha longos cabellos negros.

—Não lhe deu qualquer outra indicação?

—Disse-me que um homem das immedições de Sain-Irún tinha ido visitar minha mãe.

—Como se chamava esse homem?

—Bertaux, que residia n'estes sitios ha pouco tempo, não o conhecia.

—E não pôde dizer-lhe o que se passara entre esse homem e sua mãe?

—Não; mas n'esse ponto também fui soccorrido pela memória. Esse homem levantou-me nos braços, assentou-me sobre os seus joelhos, e beijou-me cariciosamente... Minha mãe soluçava... Ah! tenho a convicção de que foi esse homem quem entregou a minha mãe o ouro encontrado por Jeronymo Greluche no sacco de couro.

O velho Mardoche estava dominado por uma agitação extraordinaria. Produzia se no seu espirito um trabalho enorme. Com quanto houvesse, em tudo o que acabava de ouvir, muitos pontos obscuros e incompreensíveis para elle, começava a convencer-se de que a mãe d'aquelle rapaz devia ser a desgraçada Lucila Mellier.

Diligenciando occultar tanto quanto possível a sua commoção, replicou:

—Não me disse ainda qual foi a indicação, que lhe forneceu o estalajadeiro Bertaux, em virtude da qual se resolveu a vir a Frémicourt.

—Minha mãe sahio de Saint Irun em uma noite muito escura, e no meio de um frio glacial; e Bertaux asseverou-me que minha mãe, quando sahira da hospedaria, se encaminhara para Frémicourt, onde, segundo ella dissera, ia procurar alguém. Eis a razão por que me dirigi hontem para estes sitios, esperando encontrar alguma recordação. Foram, porém, baldados os meus passos, e, para completar a minha desgraça, tornei a ver Branca Mellier, da qual sou forçado a separar-me para sempre!

O velho Mardoche ergueu se com o olhar relampagueante. Parecia transfigurado. Não podendo conter-se por mais tempo, deixou que as lagrimas lhe saltassem dos olhos, e

abrindo os braços, estreitou o mancebo de encontro ao coração.

— Levante os olhos para o céu, amigo, disse elle, com voz vibrante; a estrella em que ha pouco me fallou, não brilha no firmamento n'este instante, porque a offusca a luz do sol, mas encontra-se no azul. Não se enganou quando affirmou, que fôra a sua boa estrella que para aqui o conduziu...

— Que quer dizer? interrogou o moço Edmundo estupefacto.

— Está desalentado, sem força, sem coragem, pois bem; expulse para longe de si esses pensamentos sombrios, e abra de novo á esperança o seu coração! Hontem fui eu que lhe disse: «deixe estes sitios, que hão de ser-lhe fataes!» Hoje digo-lhe: «fique!»

«Hontem affirmei-lhe que não poderia casar com Branca Mellier; hoje sou eu, eu, o velho mendigo Mardoche, que lhe digo: se Branca o ama, ha de ser sua mulher!

— Oh! essas palavras restituem-me a vida! exclamou Edmundo. Mas por Deus lhe peço: explique-me...

-- Mais tarde, quando fôr chegada a occasião propria. Nada posso dizer-lhe ainda.

— Mas eu prometti partir, e não quereria deixar de cumprir a minha palavra.

— É preciso que fique, preciso de si.

— Mas quem é o senhor então? exclamou o mancebo com exaltação. Que extraordinario poder é então o seu?

— Quem sou? conhece-me tão bem como toda a gente, sou o velho mendigo Mardoche! E, se isso lhe agrada, sou tambem seu amigo.

— Oh! sim, o meu melhor amigo, o meu protector! Deixe que o abrace!

E o mancebo lançou-se ao pescoço do mendigo.

—Agora vamos separar-nos, disse Mardoche, depois de passada aquella expansão.

—Quando tornarei a vel-o? perguntou Edmundo.

—Hoje, á noite.

—Aqui?

—Não, em Frémicourt. Esperar-me-ha ás nove horas junto da porta da egreja.

Logo que Edmundo se afastou, o velho Mardoche, com a fronte radiante de jubilo, voltou-se para o Seuillon, e exclamou:

—Ah! Rouvenat, que generoso coração o teu! Agora conheço o teu segredo!

E, depois de uma breve pausa, continuou, sorrindo:

—Pobre Rouvenat! n'este momento nem por sombras imagina, que repelliu hoje, que quasi expulsou o filho de Lucila Mellier, o herdeiro de Jacques, o noivo que mentalmente designou a Branca em um quarto da hospedaria de Saint-Irunt...





XXII

Revelação

Branca Mellier, depois de haver feito as suas compras em Frémicourt, recolheu ao Seuillon perto do meio dia. O velho Pedro Rouvenat nada lhe disse; mas a donzella notou que elle estava sombrio, preocupado, inquieto.

Mas, como nos ultimos tempos andava quasi sempre assim, não chegou a desconfiar de qual fôsse o verdadeiro motivo d'aquella tristeza.

Estava chegada a hora do jantar, e Branca assentou-se á mesa com os dois velhos. Jacques Mellier estava como sempre, absorto nas suas ideias sombrias, ao passo que Rouve-

nat observava Branca disfarçadamente, procurando convencer-se de que o mal, que tanto receava, não existia.

A donzella surprehendeu muitas vezes o olhar penetrante de Rouvenat, que parecia querer prescrutar os seus pensamentos mais intimos.

—Porque é que olha para mim d'esse modo, padrinho? lhe perguntou ella.

—Olho para ti como sempre, filha, respondeu elle tentando sorrir.

—Não, replicou Branca Mellier, sorrindo tambem; ha hoje no seu olhar uma coisa qualquer, que não posso definir.

—Achas que seja menos affectuoso?

—Oh! não; pelo contrario.

—A verdade é que, quando olho para ti, não podem os meus olhos exprimir senão um intimo jubilo. Hoje as tuas faces estão frescas e rosadas como as proprias rosas. N'este momento pareces-me ainda mais bonita do que nos outros dias.

O velho Mellier ergueu a cabeça, e olhou tambem para Branca.

—É verdade, disse elle. Vê-se bem que o passeio de hoje a Frémicourt, foi para Branca um grande prazer, que ainda está saboreando.

Rouvenat estremeceu.

A donzella, ruborisada, baixou os olhos.

Jacques Mellier, sem querer, acabava de se fazer echo dos seus pensamentos.

Quando se levantou da mesa, Branca disse baixinho a Rouvenat:

—Hoje á noite, depois da ceia, quando estivermos reuni-

dos no quarto de meu pae, tenho uma confidencia para fazer a ambos.

Rouvenat sentiu-se estremecer.

—Uma confidencia? balbuciou elle.

—Sim.

—É então um grande segredo?

—Fallaremos á noite... á noite...

O velho Rouvenat, dominado por subita perturbação, afastou-se rapidamente, agitado por as mais crueis apprehensões.

Tinha um negocio a tratar nas proximidades de Saint-Irun: atrelou elle proprio o cavallo ao carro da herdade, e partiu.

Branca Mellier lançou mão do seu trabalho de costura, e foi assentar-se no fundo do jardim. Pensava em Edmundo, e deixava-se absorver pelo encanto de uma dôce meditação.

De subito o garboso Francisco, que espreitava sem duvida o momento em que pudesse encontrar sósinha a donzella, appareceu a pequena distancia. A contrariedade de Branca foi visivel. Este facto porém não intimidou Parisel. Dirigiu-se para Branca Mellier, e assentou-se ousadamente ao lado d'ella. A donzella quiz levantar-se para se retirar. Elle, porém, agarrou-lhe em um braço quasi violentamente, e forçou-a a permanecer assentada, ao mesmo tempo que lhe dizia com voz sombria:

—Precisamos conversar.

—Mas eu nada tenho que dizer-lhe! exclamou ella, dominada por subito terror, por sentir pesar sobre ella o olhar falso e relampagueante do camponez.

—Se nada disser, fallarei eu só, replicou elle em tom irritado.

—Não, não quero ouvi-lo; nada pode ter a dizer-me...

E tentou de novo levantar-se, sem que o conseguisse, porque Parisel a segurou segunda vez.

—E' preciso, é forçoso que me oiça! tornou elle com mal contida colera.

Branca lançou para elle um olhar desdenhoso, e disse-lhe resolutamente:

—Pois bem, falle.

—Sabe que a amo?

—Não o prova a sua maneira de proceder... respondeu ella seccamente.

—Se a não amasse, não teria vindo hontem meu pae ao Seuillon, expressamente para pedir para mim a sua mão.

Branca encolheu significativamente os hombros.

—Sabe o que se passou, continuou elle, e que meu pae e eu recebemos aqui a mais mortal das injurias.

—E' esse um singular modo de interpretar a resposta dada ao sr. Parisel.

«Sem lhe tirar nenhum dos seus merecimentos e qualidades, parece-me que deve admittir que eu não me sinto disposta a unir ao seu o meu destino.

Francisco Parisel empallideceu, e contrahiu nervosamente os labios.

—De mais, accrescentou ella, a verdade é que não quero casar-me.

—No entretanto, replicou elle com ironia, entretem-se em entrevistas amaras nos caminhos escuros de Frémicourt, nas margens da ribeira.

A pobre Branca deu um pulo.

—Que quer dizer? exclamou ella.

— Ora! sabe muito bem o que quero dizer... Hoje de manhã estava menòs altiva, menos orgulhosa, quando conversava com aquelle peralvinho... Mas elle que tenha cuidado... A verdade é que a amo furiosamente, com paixão, com raiva... E sou ciumento como um tigre... Ah! se eu sei que ama um outro homem, não respondo por mim! Escute bem o que vou dizer-lhe: não posso forçal-a a amar-me; mas juro-lhe que, se não puder ser eu seu marido, não será mulher de outro homem!

— Mas enlouqueceu de certo! exclamou Branca, aterrorizada.

— Dê-se por prevenida, disse elle com voz surda, e olhando para ella com expressão ameaçadora.

— Oh! dir-se-hia que tem quaesquer direitos sobre mim! exclamou Branca, endireitando-se altivamente. As suas ameaças e insolencias, sr. Francisco Parisel, nem mesmo me quero baixar a responder!

— E' culpa sua se lhe fallo d'este modo, replicou elle brutalmente.

— Até hoje, tornou ella friamente, o sentimento que me inspirava, era uma especie de antypathia, que eu quasi não notava; agora porém, que o vejo desmascarado, conheço que não é só antypathia que me inspira, é aversão, é repugnancia.

E, levantando-se bruscamente, lançou-lhe um olhar de desprezo esmagador.

Parisel ergueu-se tambem, livido e com o olhar relampagueante.

— Acaba de pronunciar palavras imprudentes, disse elle com voz sibillante. Não sabe que de um dia para o outro, pode o mais violento amor transformar-se em odio implacavel?

N'aquelle momento estava repellente, sinistro. Branca tremia.

—Tenho medo... tenho medo! murmurou ella.

E quiz retirar-se. Francisco Parisel porém correu a embargar-lhe o passo. A pobre Branca Mellier recuou, como se visse caminhar para ella um repugnante reptil.

—Oh! exclamou ella com o mais supremo desdem. E é um tal homem que queria casar comigo! é um tal homem que se atreve a dizer que é amor o sentimento que tem por mim!

Não ha expressões que traduzam bem o desprezo com que estas palavras foram pronunciadas. O garboso Francisco Parisel recebeu-as em pleno rosto como se equivallessem a uma chicotada.

—Ordeno-lhe que me deixe passar, disse ella em tom imperioso.

O miseravel cruzou os braços, e ficou immovel em face da donzella.

Tinha nos labios um sorriso infernal, e os seus olhos ardentes, fixos n'ella, brilhavam como os de um tigre em noite escura.

A donzella estava semi-louca de colera e de impaciencia.

Uma tal audacia exasperava-a!

—Estou prompto a deixal-a passar, disse por fim o garboso Francisco, continuando a contrahir os labios no seu sorriso de demonio; mas com uma condição... Ha de dar-me um beijo!

A donzella olhou para elle com terror.

—Ah! faltava só insultar-me! exclamou ella com indignação. Não vê que devo julgal-o um miseravel?

—Mais tarde ou mais cedo havemos de chegar ao capitulo dos beijos, replicou elle cynicamente. E para que não fique muito surprehendida, quero prevenil-a de que, se não me beijar voluntariamente, beijal-a-hei á força.

Branca estava aterrada. Lançou em redor de si, atravez da folhagem, um olhar angustiado, esperando de certo que apparecesse alguém que pudesse soccorrel-a.

O garboso Francisco Parisel avançou para ella com os braços abertos, e tentou abraçal-a. Branca Mellier recuou vivamente.

—Sr. Francisco Parisel, exclamou ella com voz trémula: não merece compaixão o seu procedimento infame e odioso! Hei de queixar-me... dizer tudo a meu pae!

—A seu pae! ah! ah! ah! exclamou elle. Seu pae está longe d'aqui.

—Enlouqueceu, enlouqueceu, murmurou Branca, mais aterrada ainda.

—Se tem muito interesse em ir fazer uma visita ao seu *honrado* pae, continuou a voz sardonica do garboso Francisco Parisel, posso dizer-lhe onde elle está. Não está, decerto, muito perto d'aqui; mas uma boa e dedicada filha não hesitará em atravessar os mares, para ir abraçar seu pae, um tão *honrado e digno* homem!

—Mas que quer isso dizer? que quer dizer? exclamou Branca Mellier, olhando com sincera estupefacção para Francisco Parisel.

—Ah! o seu padrinho não lhe disse nada ainda? proseguiu elle. Tem lhe deixado acreditar que Jacques Mellier é seu pae? Capricho de velho. E acreditou essa impostura? Pois vou eu dizer-lhe a verdade... Jacques Mellier, viuvo ha mais de trinta annos, nunca teve senão uma filha, que se chamava

Lucila Mellier, e que morreu... Saiba pois que nem mesmo tem parentesco algum com Jacques Mellier. Se vive aqui no Seuillon é porque um dia, sem que se saiba bem a razão do facto, o velho Rouvenat se lembrou de a levar para lá... Como vê, não tem muito direito de se mostrar tão orgulhosa, e eu, pedindo-a em casamento, não lhe fazia uma grande injúria.

Branca, pallida como um cadaver, com os olhos desmesuradamente abertos, e o corpo agitado por um tremor convulsivo, estava agora immovel, como fulminada.

—E' verdade? é bem verdade o que acaba de dizer? exclamou ella de subito com a voz estrangulada na garganta.

—O honrado Rouvenat, o homem que nunca mente, respondeu Parisel com voz sardenica, de certo não ha de atrever-se a dizer-lhe que faltei á verdade.

—E meu pae... meu pae...? tornou Branca com expressão de desvairamento.

—Ah! isso agora é uma outra historia. Decerto tem ouvido contar muitas vezes, que um homem, ha uns dezenove annos, foi assassinado nas proximidades do Seuillon...

—Sim, sim, recordo-me de ouvir fallar n'isso.

—O assassino chamava-se João Renaud...

—João Renaud... repetiu a donzella Branca Mellier como um echo.

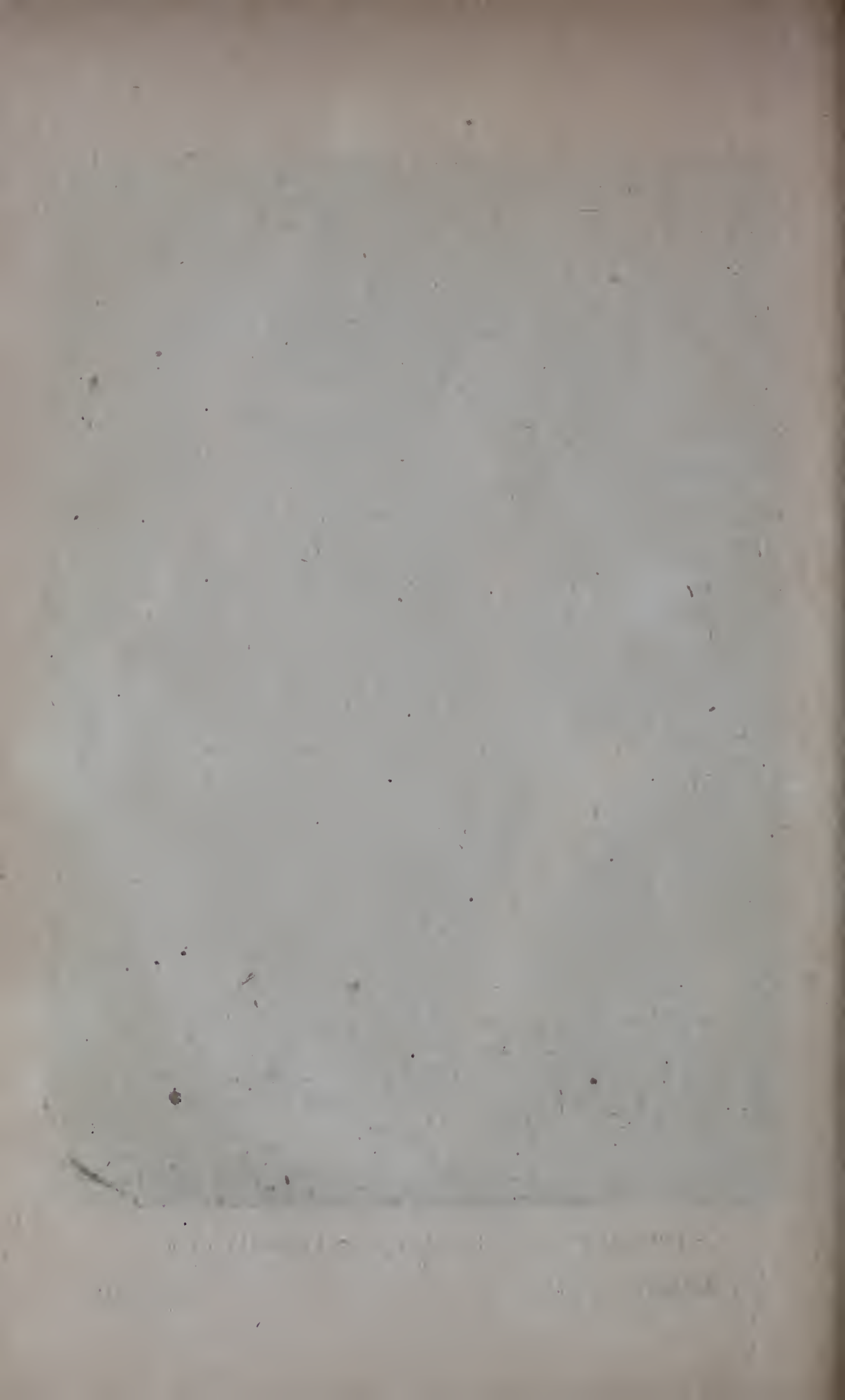
—Esse homem foi preso, condemnado, e mandado para o presidio por toda a vida. Se ainda vive, está entre os presidiarios em Cayenas.

A desgraçada rapariga entreviu a horrorosa verdade. Mas a fatalidade impellia-a a interrogar.

—E meu...? meu pae...? balbuciou ella.



— Pois bem! Dir-lhe-hei tudo, já que assim é preciso! (Pag. 391)



O miseravel demorou-se um momento em responder, para saborear bem a sua vingança. Por fim respondeu:

— Pois bem! dir-lhe-hei tudo, já que assim é preciso! O nome de seu pae é... João Renaud!!

A pobre Branca levou as mãos á cabeça, cerrou os olhos, cambaleou durante um momento, e cahiu redondamente no chão, fazendo ouvir um gemido surdo. O miseravel Pansel contemplou-a friamente, e sem que sentisse o mais pequeno remorso pela infamia que acabava de praticar.

— Não ha de morrer d'esta... disse elle erguendo brusca-mente a cabeça.

E, voltando costas, afastou-se rapidamente.



de
o
em sup /
-erogã. sili
-ivuo lúge 203 ma



XXIII

Dôr profunda

Readquirindo os sentidos, Branca, surprehendida por se ver estendida sobre a terra, lançou em redor de si um olhar desvairado. Mas logo depois recordou-se... soltou um agudo grito, e, ainda acorada sobre os joelhos, apertando a cabeça com as mãos trémulas, começou a soluçar. Era horroso o que estava sentindo. Via-se isolada, perdida, expulsa, e fugindo para longe d'aquella casa, onde tão querida fôra, e onde, cheia de confiança, e acreditando em tudo o que lhe fôra ditô, passara a sua infancia, tranquilla e feliz. Afigurava-se-lhe que ouvia vozes hostis, bradarem aos seus ouvidos:

— É a filha de João Renaud! é a filha do assassino, do presidiario!!

E fugia para não ouvir aquelles clamores, para se furtar aos olhares desesperadores de um mundo sem compaixão.

— É então certo! dizia ella de si para si. Não me pertence o nome que uso! Fui educada e tenho recebido até hoje o pão e o vestuario por caridade! Sem querer e sem saber engano todo o mundo! Sorrisos, homenagens, saudações, respeito, affecto, caricias, tudo é roubado por mim, que não sou filha de Jacques Mellier... Ah! que desgraça, que desgraça a minha!

Todavia, depois de haver chorado muito, sentiu-se mais tranquilla.

Levantou-se por fim, limpou as lagrimas, e voltou para casa.

Vendo-a, a creada não pôde conter uma exclamação de surpresa.

— Ai, como está pallida, menina! exclamou ella. Que foi o que lhe aconteceu?...

— Nada, respondeu ella tristemente, nada.

E, subindo a escada, parou em face da porta do quarto de Mellier.

Chegou a levar a mão ao fecho da porta; mas não se atreveu a entrar, e correu precipitadamente para o seu quarto.

Ali parou em face do formoso ramalhete, que o velho Mardoche lhe offerecera no dia anterior, e contemplou-o com uma expressão de intima angustia, ao mesmo tempo que murmurava com amargura:

— Todos!... todos, e até o pobre mendigo Mardoche... todos me julgam filha de Jacques Mellier!...

Depois o seu pensamento deixou o Seuillon, atravessou a

França é os mares, e, em um canto da terra da America do Sul, que muitas vezes vira na sua carta geographica, pensou no assassino, no condemnado, em seu pae! Pareceu-lhe vê o pallido, descarnado, com o olhar sem brilho, atormentado pelo remorso do seu crime, de cabeça curvada, e arrastando ainda e para sempre a corrente infamante do presidiario.

E cabiu de joelhos, erguen as mãos, e levantou os olhos para o céu...

A criança pura e innocente implorou para o desgraçado a clemencia do Deus da misericordia.

As sete horas regressou Rouvenat. As suas primeiras palavras foram para perguntar onde estava Branca.

— Esta no quarto, respondeu a creada.

No momento em que ia assentar-se a meza da ceia com Jacques Mellier, viu que nao se achava ainda ali a sua afilhada, e disse para a creada:

— Onde está a menina?

— Creio que esta no quarto; mas eu já fui chamal-a e não obtive resposta.

— Vou eu lá, disse Rouvenat.

E sabiu da sala da meza.

Durante todo o dia tinha andado agitado, cheio de intima perturbação, como se tivesse o presentimento de uma qual-quer desgraça.

Os creados da herdade, e no meio d'elles o garboso Francisco, estavam já reunidos na sala grande. Um dos creados curvou-se ao ouvido do seu visinho, e disse-lhe em voz baixa:

Vê a cara com que está o Parisel...

E verdade! está pallido como um cadaver!

Pedro Rouvenat abriu a porta do quarto de Branca, e entrou.

Viu que a donzella estava assentada junto da janella, com a cabeça inclinada sobre o peito.

— Branca! chamou elle dôcemente.

A donzella pareceu acordar de um sonho, e levantou se subitamente como impellida por mola occulta. Rouvenat viu as suas feições decompostas, os seus labios pallidos e sem sorriso, e os seus cabellos em desordem.

Ao longo das faces de Branca corriam em fio as lagrimas, grossas como punhos.

O bom velho sentiu que se lhe confrangia dolorosamente o coração.

Precipitou-se para ella e tomou-a nos braços. A donzella correspondeu áquelle abraço com uma especie de furia, e começou a soluçar.

— Grande Deus! balbuciou Rouvenat. Que quer isto dizer? que significa uma tão grande afflicção? Que tens tu, filha? que foi o que te fizeram?

A donzella endireitou-se, collocou as mãos sobre os hombros de Rouvenat, e olhando para elle fixamente, perguntou-lhe:

— E' verdade que sou sua afilhada?

— Porque me fazes essa estranha pergunta, Branca? replicou o velho com dolorosa surpresa.

— Ah! porque não sei o que devo acreditar, porque duvido de tudo, de tudo! Responda-me, responda-me: sou realmente sua afilhada?

— És, sim; fui eu que escolhi para ti o nome de Branca. Com a mão sobre a tua cabecinha innocente, e em presença de Deus e do padre que te baptizou, jurei amar-te e proteger te.

— Sim, acredito-o; tem cumprido bem o seu juramento. Diga-me agora o nome de meu pae!

Um raio que houvesse cabido aos pés de Rouvenat não teria produzido n'elle um tão terrivel effeito. O velho recuou, cambaleando como um embriagado.

— Ah! exclamou ella. Conhece-se bem que não se atreve a pronunciar esse nome, que o assusta...

— O que me assusta, Branca, replicou elle com voz trémula, é ver-te assim, é ouvir as tuas palavras estranhas!

— Mas não me responde? tornou ella tristemente.

— És filha do dono d'esta herdade, Branca; filha de Jacques Mellier.

A donzella abanou a cabeça.

— Ha poucas horas tambem eu assim o julgava; mas agora estou já desilludida.

— Valha-me Deus! Com quem fallaste tu, Branca?

— Que importa, se sei a verdade?

— Oh! não, não pode ser; ninguem podia dizer te...

— O que? que sou filha de um presidiario, de João Renaud, o assassino?

Pedro Rouvenat deixou-se cahir sobre uma cadeira. Estava aterrado. Branca lançou-se de joelhos diante d'elle. O velho agarrou-lhe nas mãos, e cobriu-lh'as de beijos.

— Não tenho ninguem n'este mundo senão o meu padrinho! murmurou ella chorando.

— Oh! creança ingrata! E Jacques Mellier!

— Não é meu pae...

— Elle e eu amamos-te, como se fôras nossa filha! Para elle, como para mim, és tu a unica esperanza, a consolação suprema!

A desgraçada menina balbuciu com voz soluçante:

— Quereria saber a historia do meu desgraçado pae... Ha de contar-m'a, sim, meu padrinho?

Rouvenat estremeceu.

Acabava de recordar se da promessa que fizera ao condenado na sua prisão.

— Sim, hei de dizer-te tudo, respondeu elle.

— Quando?

— No dia em que completares vinte annos.

A donzella deixou cahir a cabeça sobre os joelhos do velho, e recomeçou a soluçar.

— Oh! que miseravel! que infame!... murmurou Rouvenat surdamente.

Branca ergueu para elle os olhos e as mãos.

— Oh! diante de mim não falle d'esse modo, balbuciou ella; é meu pae!... Fôsse embora horrivel o crime, que está expiando, hei de supplicar por elle todos os dias nas minhas orações, e Deus, que é misericordioso, ha de perdoar-lhe.

O velho Rouvenat soluçou tambem. Tomou nas mãos a cabeça da donzella, beijou a carinhosamente, e exclamou:

— Branca! minha querida Branca! ouviste-me pronunciar as palavras: miseravel! infame! e julgaste que me referia ao desventurado João Renaud... ah! nem de longe deves imaginar isso, filha!... Referia me ao miseravel hypochrita, mau e odiento, que, illudido nos seus calculos repugnantes, quiz vingar-se infamemente fazendo-te soffrer... Ah! não careces de dizer-me o seu nome... eu conheço-o... mas descança; justiça será feita! O miseravel nao ha de envenenar por mais tempo com a sua presença o ar, que respiras. Ah! já ha muito tempo que eu desejava furtar te áquelle contacto impuro!

E, levantando-se com relampagos no olhar, encaminhou se para a porta.

Branca correu para elle.

— Tenho uma coisa a pedir-lhe, disse ella.

— Diz, filha.

— Chamava-se G noveva a minha pobre mãe, não é verdade?

— É verdade. Já não existe.

— Residia muito longe d'aqui?

— Residia em Civry.

— E é no cemiterio de Civry que foi sepultado o seu corpo?

— Sim... Porque me fazes essas perguntas?

— Pois não comprehende, que quero ir pedir a Deus por meu pae sobre a sepultura de minha mãe?

— Meu Deus! pensava Rouvenat. Se me atrevesse a dizer-lhe a verdade inteira e completa... Mas não... mais tarde.. quando ella tiver vinte annos, conforme prometti...

E sahido do quarto, desceu rapidamente a escada, e precipitou-se para a sala da meza, onde Jacques Mellier começava a sentir-se surprehendido por não o ver apparecer com Branca. No primeiro momento não notou que Rouvenat estava pallido, e que tremia violentamente.

— Branca nao vem? perguntou elle. Está acaso doente?

— A pobre Branca chora, esta desolada! respondeu o velho servidor surdamente.

— Que me dizes? exclamou Mellier assustado.

— Hoje um miseravel aproveitou a minha ausencia para lhe fazer saber o que sempre lhe naviamos occultado com tanto cuidado: que não é tua filha, e que seu pae é João Renaud!

O velho Mellier endireitou-se vivamente, e um dos terriveis relampagos de outro tempo prepassou pelo seu olhar.

— Quem foi que praticou essa infamia? perguntou elle com os dentes cerrados.

— Teu primo, Francisco Parisel.

— Ah! falso e covarde como seu pae!! murmurou Mellier com voz surda

— Espero as tuas ordens, Jacques...

— Não és tu senhor aqui?

— Francisco Parisel é teu parente...

— Não, não o conheço... Não tenho parentes... Não tenho senão um amigo, que és tu... não me resta senão uma filha, uma adoravel creança, que me consolou, que amo, e a quem quero restituir a felicidade que roubei aquelles que lhe dêram o ser... Francisco Parisel tocou na felicidade e da nossa filha, Pedro: é um miseravel, é um infame!... Nem mais um momento deve abrigar-se debaixo d'este tecto. Expulsa o, Pedro, expulsa o, e, se elle se não retirar immediatamente, agarra em um cacete, e bate sem dó nem piedade, bate com a furia com que em outro tempo bateste em um lobo, que não queria largar a pequenina ovelha, que levava entre os dentes!

E, passando á sala grande, disse em tom severo para Francisco Parisel, que acabava de chegar:

— Rouvenat precisa falar-lhe immediatamente.

Em seguida subiu ao primeiro andar, e entrou no quarto da donzella. Branca ergueu-se, deu dois passos para elle, e parou, como se não se atrevesse a avançar.

— Branca, minha adorata Branca, disse o velho abrindo os braços: vem chorar sobre o coração de Jacques Mellier, de teu pae, filha, de teu pae!!

Branca lançou-se nos braços do velho afogada em lagrimas.





XXIV

A expulsão

Pelo tom em que Mellier lhe fallara, Francisco Parisel comprehendeu que a revelação, feita á donzella, havia produzido todo o seu effeito. Adivinhava pois o que Rouvenat ia dizer-lhe, e preparou-se para o ouvir de cabeça erguida.

Foi pois em attitude altiva e com o olhar ousado que entrou na sala da meza. Pedro Rouvenat, em pé, e com os braços crusados, estava apparentemente tranquillo!

— Segundo parece, tem que dizer-me... disse o garboso Francisco em tom impertinente.

— Tenho, sim, sr. Paris l, tenho que dizer lhe. No mez passado recebeu ametade dos seus salarios de um anno; e portanto nada se lhe deve... pelo contrario!...

— Sei isso muito bem.

— De ora em diante não preciso dos seus serviços, sr. Parisel. A partir d'este momento deixa de ser empregado da herdade. Suba pois ao seu quarto, junte o que lhe pertence, e vá se embora.

— Oh! despede-me?

— Despeço, sim.

— Parece-me que ao menos tenho o direito de perguntar a razão do facto.

— A razão é que não quero mais vel-o no Seuillon, replicou Rouvenat. Despeço-o porque é essa a minha vontade, nem mais, nem menos.

— E se eu não quizer ir-me embora? retorquiu Parisel descaradamente.

— Está previsto esse caso, respondeu Rouvenat contrahindo as sobrancelhas. Pensei já no meio que havia de empregar para o forçar a saber da herdade.

Nos olhos do garboso Francisco brilhou um relampago de colera.

— Bem, disse elle surdamente; verei amanhã o que deverei fazer.

— Não é amanhã que ha de deixar a herdade; ha de ser já, immediatamente... Não quero que fique mais uma noite de-baixo d'estes tectos.

Francisco Parisel mordeu os labios com raiva.

— No fim de contas, tornou elle ironicamente, é uma grande condescendencia da minha parte estar eu a responder-lhe, e a discutir com um homem que não é aqui mais do que um creado. Não admitto que tenha ordens a dar-me, e não quero de forma alguma, reconhecer o direito, que arroga a si, de fallar e de proceder em nome de Jacques Mellier, de quem sou parente proximo,

A porta tinha ficado aberta, e o velho Jacques acabava de entrar na sala. A sua mão robusta cahiu sobre o hombro do garboso Francisco, que rodou sobre os calcanhares mais rapidamente do que queria. O velho havia sahido momentaneamente do seu lethargo. Endireitando-se face a face com o camponez, disse-lhe com voz dura:

— Jacques Mellier, que desgraçadamente tem parentes miseraveis e infames, dá toda a sua amizade e confiança, toda a sua auctoridade a Pedro Rouvenat, para que elle use d'essa confiança, e exerça essa authoridade sempre e em tudo, quaesquer que sejam as circumstancias. Tudo quanto elle diz e faz é feito e dito em nome de Jacques Mellier, que tudo approva. Hoje, porém, tenho uma censura a dirigir a Pedro Rouvenat, por não lhe ter já agarrado em um braço para o pôr fóra da porta, como se faz a um creado infiel.

Depois, erguendo a voz, continuou:

— Escuta, Francisco Parisel: tu não és só um mau parente, és um miseravel, és um covarde, és um infame! Possuidor de um segredo, que naturalmente te foi revelado por teu pae, quizeste ter a alegria de o lançar como um insulto á face de uma pobre creança, afim de satisfazeres uma vingança baixa e ignobil. Ferir o coração de uma mulher, insultal-a na sua desgraça afim de gosar a sua dôr, o seu desespero, ah! é digno de uma alma como a tua! E dizias que a amavas, miseravel impostor!... O teu coração não sabe o que é um sentimento bom; não contém senão fel e os mais vis instinctos...

«Não, não mereces senão desprezo... Pedro Rouvenat disse-te que te despedia, e tu tiveste a estranha ousadia de lhe responder insolentemente, que não recebias ordens d'elle... Eu entrava n'esse momento, e ouvi... Pois muito bem, já que assim é preciso, sou eu, eu, Jacques Mellier, o senhor

aqui, que te despeço, que te expulso... Entendes, expulso-te! E é preciso que dentro de uma hora, nota bem, dentro de uma hora has de estar fóra da herdade!

E, apontando-lhe a porta com um gesto imperioso, accrescentou em voz alta:

— Vae-te, miseravel, vae-te!

O garboso Francisco dirigiu-se para a porta, sem que perdesse nada da sua audacia de demonio revoltado. No limiar da porta voltou-se ainda, e lançou aos dois velhos um olhar cheio de ameaças.

Às nove horas Francisco Parisel afastava-se do Seuillon, levando aos hombros uma trouxa com o seu fato. Na margem da ribeira encontrou seu pae, que andava rondando pelos arredores da herdade, e ao qual contou a sua empreza do dia, empreza de que resultara a sua expulsão da herdade. José Parisel não procurou occultar o seu descontentamento.

— Mas eu tinha-te recommendado que fôsses prudente, que nada disseses a Branca, murmurou o velho.

— O que está feito está feito, e já não tem remedio, respondeu o filho com voz sombria.

— Sim, mas desgraçadamente pôde custar-vos cara essa loucura.

— Veremos, veremos.

José Parisel parou bruscamente, e disse para o filho em voz baixa:

— Viste?

— O que?

— Um vulto que passou por entre as arvores?

— Não vi; não creio em phantasmas.

— Tenho a certeza de que não me enganei.

— Ora! o que o pae viu, como eu vejo tambem agora, foi

a sombra movente d'aquelle choupo, cujos ramos o vento agita.

.....

Acabavam de bater nove horas no relógio da parochia de Frémicourt, quando o velho Mardoche chegava á praça em que era situada a egreja. Edmundo appareceu logo e avançou para elle.

— Ha já muito tempo que me espera? perguntou o velho mendigo.

— Não, respondeu Edmundo; mas estou impaciente por saber qual o fim para que me aprazou esta entrevista. Que vamos fazer? onde vamos?

— Amigo, respondeu Mardoche sorrindo; precisa habituar-se a dominar as suas impaciencias. Veja que esplendida noite! O sol é demasiadamente brilhante para mim; prefiro a lua, e o seu discreto clarão... Afigura-se-me que de noite não vejo tanto a minha miseria, e, se sinto desejos de chorar, choro sem ter receio de que me vejam...

E, fallando subitamente em tom mais grave, continuou:

— Peço-lhe, amigo, que pense em sua mãe, e interrogue as suas recordações; faça um esforço de memoria. Supponha que estamos em dezembro... Faz frio, o céu está coberto de nuvens, sombrio... estamos em uma terrivel noite de inverno... Sua mãe sahe de Saint Irun e toma o caminho de Frémicourt... O vento sibilla por entre as folhas das arvores, a neve cae... Sua mãe chega aqui, a esta praça, e pára em face da egreja... Depois continúa a caminhar, levando-o pela mão, ou mesmo nos braços... Sigamos o caminho que ella seguiu talvez...

E os dois homens caminharam durante alguns minutos, guardando o mais profundo silencio. Mardoche abriu uma

porta gradeada, e entrou com o seu companheiro em um terreno murado de todos os lados. Os raios da lua illuminavam umas pedras brancas e umas cruzes, que se achavam aqui e ali erguidas.

Edmundo estremecem.

—Um cemiterio! murmurou elle.

A sua respiração agora era offegante; mas, sem que comprehendesse ainda o fim d'aquelle lugubre passeio, Edmundo continuou a seguir o velho mendigo, que parou por fim no canto mais selvagem e mais desolado do campo dos mortos. A lua batia em cheio em uma grosseira pedra escura, que se achava ali collocada.

—Vê aquella pedra? perguntou Mardoche tocando no braço do mancebo. Está n'ella gravada uma inscripção... Curve-se e leia.

O mancebo obedeceu, e leu com voz tremula:

MORTO ASSASSINADO

24 de Junho de 1850





XXV

Sobre uma sepultura

Edmundo ergueu-se bruscamente, e os seus olhos, desmesuradamente abertos, interrogaram Mardoche, que respondeu nos seguintes termos áquella pergunta muda:

—Ha dezenove annos um pobre rapaz, desconhecido n'estes sitios, foi assassinado na estrada entre Frémicourt e Civry. Esse infeliz, cuja familia não foi possível descobrir, tinha alugado um quarto na hospedaria Bertaux, em Saint-Irue. Por que razão viera elle a Saint-Irue? Por que motivo se encontrou elle uma noite ás dez horas entre Civry e Frémicourt para receber uma bala em pleno peito? Não sei; era esse o seu destino... Ah! não tinha nascido com uma estrella muito feliz, não! Podia ter vinte annos; era um bonito rapaz, dis-

tinco e instruido... tinha um coração nobre e elevado, e chamava-se tambem Edmundo...

A mão do mancebo contrahiu-se sobre o braço do velho Mardoche.

—E esse homem...? esse homem...? balbuciou elle com a respiração offegante.

—Descubra-se, Edmundo, disse Mardoche solemnemente. Está em face da sepultura de seu pae!

O chapéu de Edmundo cahiu por terra. O mancebo inclinou a cabeça... Em seguida porém endireitou-se, e levou as mãos á testa.

—Recordo-me, recordo-me! disse elle com voz oppressa e entrecortada. Aqui... n'aquella terrivel noite de dezembro... ajoelhei aqui... sobre esta pedra... ao lado de minha mãe...

Os olhos de Mardoche relampaguearam.

—Espere... espere... continuou Edmundo; minha mãe ensinou-me uma oração...

E, cahindo de joelhos, ficou durante alguns momentos immovel, silencioso, concentrando o pensamento e fazendo um prodigioso esferço de memoria. De subito ergueu a voz, e murmurou:

—Senhor... Deus de infinita bondade... dae a meu pae o repouso do ceu... perdoae a quem me orphanou... consolae o desgraçado que expia a culpa do criminoso... compadecei-vos da mãe desventurada... protegei, senhor, o filho da desgraça!...

—Era esta prova suprema, que me faltava, disse Mardoche de si para si. A duvida agora não me é já permittida.

Edmundo permanecia de joelhos, absorto nos seus pensamentos, e com o rosto banhado em lagrimas. Mardoche tocou-lhe em um braço, e disse-lhe:

—Vamos.

O mancebo apanhou o chapéu, e levantou se.

Os dois homens afastaram-se silenciosamente, e sahiram do cemiterio, seguindo por um caminho que os conduziu fóra da povoação. Agora estavam em pleno campo, e podiam conversar. Como bem pode suppôr-se, Edmundo estava impaciente por poder interrogar o velho mendigo.

—Mardoche: conheceu meu pae? perguntou elle.

—Sim, respondeu o velho. Mas vi o apenas duas vezes: no momento em que ia exalar o derradeiro suspiro, e no dia seguinte quando o seu corpo não era mais do que um cadaver.

O mancebo escondeu o rosto com as mãos.

—No momento de morrer, tornou elle depois de um curto silencio, pronunciou algumas palavras?

—Sim... fallou-me.

—Ah! repita-me as suas palavras.

—Esqueci-as... vão passados dezenove annos depois d'isso.

—Não as esqueceu, não, Mardoche; mas não quer dizer-m'as.

—Talvez; e n'esse caso não me pergunte o que entendo dever occultar-lhe. Se lhe não digo immediatamente tudo quanto sei é porque tenho razões que me forçam a calar-me. Mas não se impaciente; chegará o momento em que deverá saber tudo...

—Por que meio, se se recusa a guiar-me, a esclarecer-me?

—Escute. Existem papeis que pertenceram a seu pae; o que elles contem não sei eu. Talvez esses papeis lhe revelem muitos segredos, alguns dos quaes eu quereria que não conhecessê nunca... Mas emfim, ao menos não lh'os terei revelado eu...

—Sabe onde estão esses papeis, Mardoche?

—Estão occultos nas ruinas de uma casa meio derrocada.

—Longe d'aqui?

—Na povoação de Civry. Iremos procural-os juntos.

—Vamos já, sem perda de tempo, Mardoche.

—Não. Iremos na proxima noite, para poder eu ter tempo de arranjar os instrumentos, com que havemos de mexer as pedras.

—Não me atrevo a fazer-lhe perguntas, Mardoche; todavia...

—Comprehendo a sua curiosidade. Pergunte pois; se poder, responderei.

—Conheceu minha mãe?

—Sim, conheci-a. Tinha então vinte annos... Era a melhor e a mais bella das mulheres... Só poderia comparar-se com Branca, com a menina do Seuillon.

—Minha mãe era das immediações de Saint-Irun? perguntou Edmundo.

—Não; mas tinha nascido na Franche-Comté.

—Decerto conheceu tambem a familia de minha mãe. Tenho parentes ainda na Franche-Comté?

—Tem, sim.

—Ah! foi Deus que o collocou no meu caminho, Mardoche!... Diga-me o nome de familia de minha mãe.

—Impossivel. E' esse o segredo em que não quero tocar. O mancebo baixou tristemente a cabeça, e ficou silencioso.

Depois de haver dado uns quinze ou vinte passos, disse:

—Penso na oração que minha mãe me ensinara, e que em parte recompuz na memoria... Penso n'ella, e apesar dos meus esforços, não consigo comprehender o sentido das suas palavras.—«Perdoae a quem me orphanou... consolae o dez-

graçado que expia a culpa do criminoso...» Que quer isto dizer? Não comprehendo.

—Ah! eu comprehendo! disse Mardoche de si para si.

E, em voz alta, acrescentou:

—É possível que não fôsem precisamente essas as palavras da oração.

—Sim, é possível, disse o mancebo abanando a cabeça em ar de duvida.

E caminhou de novo em silencio durante alguns momentos. Depois continuou:

—Mardoche: meu pae foi assassinado... Devo suppôr que elle tinha n'estes sitios um ou muitos inimigos?

—Não, não tinha inimigos. Não lhe disse já que ninguem o conhecia?

—Mas então qual foi a causa determinante d'esse crime horroroso?

—Sobre esse ponto não posso dizer-lhe senão o que ouvi contar. Affirmou-se n'essa epocha que o assassino commettera o crime afim de roubar a sua victima.

—E esse miseravel escapou á justiça?

—Não; esse miseravel, como lhe chama, foi preso no dia seguinte. Foi depois julgado e condemnado...

—A' morte?

—Não; a trabalhos forçados por toda a vida.

—Vive ainda?

—É possível. Não mais se ouviu fallar d'elle.

—Como se chamava?

—João Renaud. •

—João Renaud! repetiu Edmundo com voz surda. Eis um nome maldito, que nunca mais poderei esquecer!

O pobre Mardoche sorria tristemente.

—Esse monstro era de Frémicourt? tornou o mancebo.

—Não, respondeu Mardoche; era das immediações.

—Era casado?

—Sim; com uma boa e digna mulher.

—Existe ainda?

—Não. Morreu de desgosto, tres dias depois da condemnação de seu marido, de João Renaud, na occasião em que mandava a este mundo uma filhinha.

—E essa menina...?

—N'essa epocha afastei-me para longe d'estes sitios, e não sei que destino teve a filha de João Renaud.

—Queria fazer-lhe ainda uma pergunta antes de nos se pararmos, Mardoche...

—Diga.

—Contei-lhe que, segundo o que me dissera o estalajadeiro Bertaux, e segundo as minhas recordações, um homem fôra fazer uma visita a minha mãe, em Saint-Irun... E accrescencitei que os dôze mil francos, encontrados por Jeronymo Gre-luche no sacco de couro poderiam talvez ser entregues a minha mãe por esse homem. Tambem assim o suppõe?

—Tenho quasi a certeza d'isso.

—Mas então conhece tambem esse homem, que me teve sobre os joelhos, e que me beijou?

—Conheço-o, sim.

—Oh! diga-me onde elle mora, diga-me o seu nome, Mardoche... supplico lh'o!

O velho ficou silencioso.

—Não me responde? insistiu o mancebo.

—Respondi-lhe... conservando-me silencioso.

—É ainda o segredo?

—Tudo o que podia dizer-lhe disse-lhe já. Por agora não

exija mais de mim. A'manhã, ás nove horas, encontrar nos-
hemos de novo.

—Onde?

—Na ponte de Frémicourt.

—Bem; não faltarei. Esqueci-me, porém, de dizer-lhe que
amanhã deve levar-me a Frémicourt uma mensagem da parte
da menina Branca Mellier.

—Oh! exclamou Mardoche surprehendido.

E accrescentou vivamente:

—Fallarei amanhã de manhã com a menina Branca, e, se
ella me incumbir de lhe entregar uma carta, entregar lh'a hei
á noite.





XXVI

Alegrias e lagrimas

No dia seguinte de manhã Mardoche chegou muito cedo ao Seuillon.

Obedecendo ás ordens que recebera, a creada Seraphina apressou-se a servir-lhe o almoço.

O velho, decerto, comera muito pouco no dia anterior, porque comeu sem se fazer rogar muito, e com magnifico appetite. Logo que concluiu a refeição, perguntou:

—O sr. Rouvenat sahio?

—Sahiu, sim. Não está na herdade.

—Ausentou-se por muitos dias?

—Não. Deve voltar hoje mesmo.

—E o sr. Mellier?

—De ordinario não sabe do quarto antes do meio dia.

—Poderei fallar com a menina?

—Creio que sim. Até mesmo ella me incumbiu de lhe di-

zer, suppondo que viria aqui hoje, que não se retirasse sem lhe ter fallado.

—N'esse caso esperarei por ella.

—Hontem á noite sentiu-se incommodada...

—Gravemente? exclamou o velho Mardoche com inquietação.

—Não me parece. Creio que lhe fez mal estar trabalhando no jardim ao sol. São mais de oito horas, deve estar já levantada. Vou prevenil-a de que está aqui.

Seraphina subiu a escada, e appareceu momentos depois dizendo:

—A menina vem já.

Passado um minuto appareceu Branca. Nas faces pallidas e desbotadas mostrava ainda vestigios das lagrimas vertidas no dia e noite anteriores. Vendo-a tão mudada, o velho Mardoche estremeceu, e sentiu que se lhe confrangia dolorosamente o coração.

—Oh! passou-se hontem aqui uma coisa qualquer extraordinaria, pensou elle. Seria Rouvenat que a faria chorar, dizendo-lhe que não mais tornaria a ver Edmundo? Mas então Branca ama-o, ama-o!...

Esta ideia tranquillizou-o.

A donzella saudou-o com um movimento de cabeça, e em seguida, abrindo a porta da casa da mesa, disse-lhe:

—Venha cá, Mardoche; tenho que dizer-lhe.

O velho entrou, fechou a porta atraz de si, e approximou-se vivamente da donzella. No seu olhar inquieto transparecia uma tão grande solicitude, um affecto tão profundo, que Branca sentiu-se impressionada intimamente.

—É muito meu amigo, bem sei, meu bom Mardoche... disse ella com os labios entreabertos em um suave e triste sorriso.

—Oh! sim, respondeu elle. Amo-a tanto... ou mais talvez do que o seu padrinho!

E, apoderando se-lhe das mãos, cobriu-lh'as de beijos.

—Conheço que me é inteiramente dedicado... tornou Branca.

—Dedicado até o phrenesi, minha querida menina! Se, para a salvar de um perigo, me dissesse: «Mardoche: preciso da tua vida», dai-a-hia sem hesitar e com prazer. Velho e pobre como sou, ainda posso alguma coisa... Não sou nada n'este mundo, mas, se fôsse necessario, havia de saber protegê-la e defendê-la contra tudo e contra todos...

E, mudando de tom, accrescentou:

—Sei que esteve um pouco incommodada hontem á noite; mas não creio... Está triste, e tem pallidas as faces, e os olhos vermelhos... Conhece-se que chorou, e que não dormiu... Ora bem; para me provar que tem confiança em mim, diga-me a causa do seu desgosto.

A donzella não respondeu; mas ao longo das faces deslizaram-lhe duas lagrimas, grossas como punhos.

—Ora vamos, tornou Mardoche em voz baixa; diga-me tudo... Não se tratará por ventura d'aquelle rapaz que lhe fallou no domingo á sabida da igreja, e que encontrou hontem na vereda, que corre na margem da ribeira?

—Como sabe...?

—A coisa é simples; encontrei-o hontem de dia, e conversei com elle. Como é natural, interesse-me por elle por sua causa... Estou convencido de que a ama sinceramente.

Branca soltou um suspiro.

—Ama-o tambem, minha querida menina?

—Não sei, respondeu ella tristemente. De mais... que importa, se não devo pensar mais n'elle?

—Ah! não me enganei nas minhas supposições, exclamou Mardoche. Pedro Rouvenat disse-lhe que não pode ser esposa d'esse homem, e prohibiu-a de o amar?

A donzella abanou a cabeça.

—Não, disse ella; meu padrinho nada sabe ainda.

—Como azzim? não lhe disse...?

—Devia fallar-lhe hontem á noite sobre esse assumpto; mas comprehendi depois que seria inutil.

O velho Mardoche é que não comprehendia.

—Desejei fallar-lhe hoje, tornou Branca, porque quero pedir-lhe que vá a Frémicourt...

—Com uma commissão para elle, não é verdade?

—Sim. Desejo pedir-lhe que o procure, e lhe diga que não procure tornar a ver me, que não deve pensar mais em mim...

—Não sei a que sentimento obedece n'este momento, respondeu o velho com voz commovida; mas não suppõe que as suas palavras vão lançal-o em profundo desespero?

—Prometti que lhe daria hoje uma resposta, e é a unica que posso dar-lhe.

—Seja assim, replicou o velho contristado; mas é inutil que vá a Frémicourt. Por um motivo que não posso fazer-lhe saber, o sr. Edmundo não se encontrará ali á hora que lhe indicou.

—Sabe onde elle reside, Mardoche?

—Em Saint-Irun, na hospedaria Bertaux.

—Escrever-lhe-hei hoje, ou amanhã.

—Permitta ao velho Mardoche que lhe dê um conselho, menina Branca... Se a carta deve ser portadora de uma dôr para o pobre Edmundo, não se apresse muito a escrever-lhe... A vida d'elle é já bem triste, mesmo sem que receba esse novo e terrivel golpe, que o anniquilaria. Peço-lhe que

medite antes de dar um tal passo. Deixe passar ao menos alguns dias.

—Não, não! assim é preciso!

—Devo então acreditar que não o ama?

—Posso eu acaso... tenho por ventura o direito de amar?! exclamou ella com uma especie de desvairamento.

O velho Mardoche olhou para ella com dolorosa surpresa.

—Por que razão falla d'esse modo? exclamou elle com voz tremula e mal segura.

—Ah! sou bem desgraçada! gemeu ella por entre lagrimas e soluços.

—Desgraçada! pronunciou Mardoche, endireitando-se com relampagos no olhar. Quem foi que lhe fez mal? Oh! aconteça o que acontecer, hei de defendel-a, como lhe prometti, ainda mesmo que seja contra o proprio Rouvenat, contra o proprio Jacques Meillier!

—Não, não tenho que queixar-me d'elles, que fizeram tudo quanto podiam no intuito de me consolarem.

—Mas então que motivo teem as suas lagrimas, esse desespero?

—Mardoche: na noite passada agitou-me um terrivel sonho, que já ha dias me affligira... sonhei que o meu padrinho e eu nos viamos em um perigo horroroso. Correu um homem em nosso soccorro, e livrou-nos... a meu padrinho de um scelerado que ia cravar-lhe nas costas a lamina de um punhal, e a mim de umas serpentes medonhas, que se lançavam sobre mim para me devorarem.

«Esse homem, esse salvador, era o meu bom Mardoche. Creio, pois, que foi Deus que o mandou para estes sitios para nos proteger a todos. E é, decerto, por este motivo que lhe consagro um tão intimo affecto.

—Minha querida menina! murmurou o velho, dominado por extraordinaria commoção.

—Não quero occultar-lhe coisa alguma, meu bom Mardoche... Soube hontem que não sou filha de Jacques Mellier. Mardoche fez-se pallido como um cadaver.

—Quem foi que lhe disse isso? perguntou elle com a voz estrangulada na garganta.

—O primo de Jacques Mellier, Francisco Parisel.

—E Rouvenat não esmagou debaixo dos pés a cabeça d'esse miseravel! exclamou o velho, rangendo os dentes com furia.

—Já não está na herdade; foi expulso.

—E esse Francisco Parisel, que tantas coisas sabe, tornou Mardoche ancioso, disse-lhe tambem o nome de seu pae?

—Disse, sim. Vae ter uma dolorosa surpresa, Mardoche...

O desgraçado tremia violentamente.

—Meu pae chama-se João Renaud, continuou Branca com a voz entrecortada de soluços. Ha dezenove annos foi condemnado pelo crime de assassinato, e mandado para o presidio... Sou, pois, filha de um assassino, de um presidiario!!

Um grito, que mais parecia estertor de moribundo, fugiu do peito de Mardoche.

—Comprehende agora a razão porque Edmundo não deve pensar mais em mim, e porque eu não tenho o direito de amar?

O velho Mardoche sentia que se lhe despedaçava o coração.

—Mas Pedro Rouvenat não lhe disse... balbuciou elle.

—Que podia elle dizer-me?

—Não sei... Poderia por exemplo ter-lhe contado as circumstancias em que o crime foi commettido.

—Meu padrinho prometeu-me que me contaria a historia de meu pae e de minha mãe no dia em que eu completasse vinte annos.

Mardoche curvou a cabeça, e lembrou-se da promessa que Rouvenat lhe fizera. Ah! com que intimo jubilo elle bradaria:

—Branca: é verdade que teu pae foi condemnado; mas estava innocente! Não és filha de um assassino... não és já filha de um presidiario, porque João Renaud, teu pae, está diante de ti!...

Estas palavras subiam lhe em turbilhão do coração aos labios. Teve, porém, medo das consequencias que de pronuncial-as poderiam resultar... Se se dêsse a conhecer á filha, não lhe seria possivel continuar a representar o seu papel de mendigo. Além d'isto seria forçado a apresentar as provas da sua innocencia. E, depois de se haver durante tantos annos sacrificado por Jacques Mellier, podia agora fazer-se subitamente seu accusador? E Branca, desde que soubesse toda a verdade, querería sujeitar-se a aceitar por mais tempo os beneficios de Jacques?... Além d'isto entendia que não devia ser elle o primeiro a fallar. Visto que Mellier e Rouvenat se calavam, devia elle tambem guardar silencio. E finalmente o momento de se fazer conhecer não podia estar muito longe; a appareição do filho de Lucila Mellier devia mudar forçosamente a situação.

Estas reflexões passaram rapidamente pelo espirito do velho, que, em presença da grande dôr de sua filha, teve a força necessaria para desattender os impulsos do coração, e para resistir aos impetos da sua alma.

Branca chorava silenciosamente.

—Ah! comprehendo a sua desolação... disse Mardoche. O nome de João Renaud é para si, assim como para todos os que o conheceram, um nome maldito!

No semblante da donzella transpareceu de subito uma expressão indefinivel.

—João Renaud é meu pae, respondeu ella; a justiça dos homens condemnou-o; mas a mim, sua filha, não me pertence julgar-o tambem. O meu dever é supplicar a Deus que o proteja, que o console, e que lhe perdôe...

—Como assim? exclamou Mardoche com voz vibrante. Se João Renaud voltasse um dia, não o repelliria?

—Ah! pronunciou ella com exaltação. Lançar-me-hia nos seus braços, e choraria sobre o seu coração!

O velho mendigo levou vivamente as mãos ao peito onde sentia penetrar de subito uma alegria, um jubilo indizível. Não podendo continuar a conter-se, tomou a donzella nos braços, e abraçou-a com paixão, com uma especie de phrenesi.

—Ah! que nobilissima alma! que coração generoso!! exclamou elle com entusiasmo.

Branca não se surprehendeu com aquella expansão, que julgou preceder apenas de um exaggero de sympathia, e de uma grande admiração pelo seu character.





A donzella cahira de joelhos, e orava fervorosamente... (Pag. 429)



XXVII

Tem esperança!

No mesmo dia, de tarde, Branca dirigiu-se a pé para Civry, e entrou em casa de sua madrinha.

—Ahi que feliz surpresa! exclamou a velha camponeza, abraçando-a. Estão todos bons no Seuillon? O sr. Mellier, o bom Pedro?...

—Todos estão bem, graças a Deus.

—Assenta-te, meu querido thesouro. Havia já dois mezes que te não via, filha! Mas parece-me que não estás alegre como é costume. Que tens tu, minha querida Branca?

—Madrinha, respondeu Branca; sei que conheceu minha mãe, a pobre Genoveva, que era de Civry, e que repousa no cemiterio da povoação...

—Oh! filha! disseram-te isso? exclamou a velhita com surpresa.

—Disseram, sim.

—Foi teu padrinho?

—Sim. Não sei, porém, onde se encontra a sepultura de minha mãe, junto da qual quero ir hoje orar. A minha boa madrinha faz-me o favor de vir comigo ao cemiterio indicar-m'a?

—Confesso que estou cheia de surpresa; mas nada tenho a dizer, nem quero fazer-te perguntas indiscretas. Vou contigo, vou.

E depois de lançar um chale sobre os hombros, e cobrir a cabeça com uma touca branca, disse para Branca:

—Vamos, filha; estou prompta.

Passados apenas uns dez minutos davam entrada no cemiterio.

Branca estava vivamente commovida. Tremendo violentamente, appoiava-se no braço da velhita.

Esta ultima parou, fez o signal da cruz, e disse:

—É ali.

Achavam-se em face de uma sepultura simples; era uma pedra de granito, polida e luzidia como se fôra marmore.

Sobre a pedra viam-se flôres, umas já secas, e outras frescas ainda.

—Sem que eu o saiba, disse a velhita, Rouvenat manda de certo aqui alguém renovar e substituir as flôres sobre a sepultura da pobre Genoveva. Aquelle ramo não estava aqui no domingo...

A donzella cahira de joelhos, e orava fervorosamente com a cabeça inclinada e juntas as mãos. Supplicava a sua mãe que a protegesse, e ao Deus de misericordia, que se compa-

decesse do seu desgraçado pae; e lhe perdoasse o seu crime...

No entretanto a velha camponeza tinha afastado as flôres, que se achavam no meio da pedra, e occultavam a inscripção. Branca pôde ler:

JAZ AQUI GENOVEVA RENAUD

POBRE MULHER! POBRE MÃE!

ORAE POR ELLA!

Do peito de Branca soltou-se um soluço. Curvando o corpo, tocou com os labios no granito, e ficou durante um longo espaço prostrada, regando a pedra com as suas lagrimas.

—Vamos, filha, vamos, lhe disse por fim a velhita, ajudando-a carinhosamente a levantar-se. Agora que já sabes onde repousa a tua pobre mãe, viremos aqui mais vezes.

—Muitas vezes, sim, murmurou a donzella.

Sentia-se agora mais forte, mais corajosa. Não estava consolada; mas a oração fortifica a alma, e tranquillisa.

Apoiou-se de novo no braço da madrinha, e sahio com ella do cemiterio.

—Tenho ainda uma outra coisa a pedir-lhe, madrinha, disse Branca.

—Diz, filha, diz.

—Desejo ver a casa em que nasci, e onde morreu a minha pobre mãe.

—Essa casa não existe já, respondeu a velhita. Foi abandonada... os annos fenderam-n'a, e como ninguem pensou

nunca em a reparar, cahiram um dia os telhados, e mais tarde derrocaram-se tambem as paredes. A casa em que tu nasceste, e onde morreu a pobre Genoveva, não é hoje mais do que um monte de pedras.

Branca soltou um suspiro.

—Embora, disse ella; irei ver esse monte de pedras.

Tomaram em seguida por uma estreita vereda entre duas sebes, que contornava a povoação, e ao cabo de um quarto de hora de caminho acharam-se em face das ruinas.

Branca andou em volta do *monte de pedras*, como lhe chamara a velhita, e contemplou com tristeza o que restava das paredes e das janellas. Por um momento, esquecendo a realidade, imaginou ver a casinha, tal qual fôra em outro tempo, com as suas paredes caiadas, com as suas vidraças pintadas de verde, e com o sol a entrar alegremente pela porta e pelas janellas.

Afigurou-se-lhe tambem que ouvia vozes no interior, e que via a boa Genoveva, feliz e activa, tratando dos seus arranjos de dõna de casa.

Depois apagou-se subitamente a visão, e não viu mais do que as ruinas negras e informes, a pedra tumular sobre que repousava sua mãe, e Cayenna a colonia penitenciaria, onde João Renaud, seu pae, soffria a punição do seu crime.

Fugiu-lhe dos labios um gemido surdo, e a cabeça cahiu-lhe sobre o peito.

—Eis o passado! murmurou ella. Como será o futuro?

Uma voz respondeu-lhe:

—Tem esperança!

A donzella estremeceu, e olhou em redor de si com temor, como se do meio das ruinas fôsse surgir subitamente um phantasma. Mas não viu mais do que as pedras ennegreci-

das. No entretanto parecia-lhe evidente que as palavras «tem esperança» tinham sido pronunciadas. Podia ser effeito de uma allucinação, e ella assim o acreditou; mas ainda assim aquellas palavras animaram-n'a um pouco.

Lançou um ultimo olhar para as ruinas, e apressou-se a ir para junto da sua madrinha, que a esperava a distancia.

—Hei de pedir a meu padrinho que mande reedificar a casa de minha mãe, lhe disse ella.

E afastou-se rapidamente com a velhita.

Logo depois a cabeça de Mardoche surgiu na janella, junto da qual Branca estivera parada durante alguns momentos. Nos labios transparecia-lhe um sorriso de contentamento. De longe mandou um beijo á donzella, cuja cabeça avistava ainda por entre os ramos das arvores.

As duas mulheres caminharam silenciosas, e como absor-tas nos seus pensamentos e saudades, até chegarem a pequena distancia do Seuillon. Ali a velha camponeza beijou com effusão a afilhada, e em seguida separaram-se.

Graças a Rouvenat, a madrinha de Branca vivia em uma certa abastança, e seu filho mais velho, um rapaz sério e honrado, passara de simples creado na melhor hospedaria de Ciry a proprietario do estabelecimento.

Tinha a donzella recolhido a casa havia uma hora, quando Rouvenat voltou da sua digressão. Depois de conversar durante alguns momentos com Jacques Mellier, dirigiu-se pressurosamente para o quarto de Branca.

—Quando sahi de casa hoje de manhã, lhe disse elle, ainda tu dormias. Eis-me de volta; venho abraçar-te, filha.

Branca correu para elle e lançou-se-lhe ao pescoço.

—Vejo com intimo jubilo que estás menos desolada, filha, tornou elle. Tranquillisa-te, minha querida Branca; eu e Mel-

lier havemos de restituir-te a alegria. A nossa afeição ha de consolar-te, e fazer-te esquecer o que te afflige.

—Sim, talvez me consolem, respondeu ella; mas não me farão esquecer.

—Havemos de dar-te a felicidade que te pertence...

E, mudando de tom, perguntou:

—Sabiste hoje, filha?

—Sahi, sim, meu padrinho; fui a Civry. A minha madrinha levou-me ao cemiterio, e ahi orei sobre a sepultura de minha mãe. A oração consola; sinto-me agora menos infeliz, menos desalentada...

«Padrinho: a sepultura de minha mãe está juncada de flôres, que são constantemente substituidas. Esse piedoso cuidado, que reservo de ora em diante para mim, tem estado confiado a outras mãos. Foi o meu querido padrinho quem incumbiu alguém de ir lançar flôres sobre a sepultura de minha mãe?

—Não, filha, respondeu Rouvenat, córando; e se esse facto constitue um esquecimento da minha parte, perdôa-me. A pobre Genoveva tinha amigas em Civry, e não é para admirar que algumas se lembrem d'ella, e lhe levem flôres.

—Ah! saber isso é uma consolação para mim. Depois de sahir do cemiterio, pedi á minha madrinha que me acompanhasse a ver o que resta da casa onde minha mãe morreu...
Padrinho: tenho um pedido a fazer-lhe.

—Diz, filha, diz.

A donzella appoiou a cabeça sobre o hombro do velho Rouvenat, e murmurou:

—Queria que a casinha de minha mãe fôsse reconstruida...

—Dentro de oito dias começarão as obras.

—Desejaria também que não fôsse alterada a sua disposição... quereria tornar a vel-a tal qual foi em outro tempo...

—Será satisfeito o teu desejo, filha.

—Que bondade a sua, meu querido padrinho!

—Permitte-me agora que te interrogue, Branca. Aquella confiança que devias fazer-nos hontem...?

Branca empallideceu.

—Não, nada tenho já a dizer, interrompeu ella.

—Talvez eu adivinhasse o teu segredo... Não teria a tua confiança relação com um rapaz que encontraste em Gray?

A donzella olhou para Rouvenat com surpresa e ficou silenciosa.

—Devo pensar que o amas, filha? tornou o velho com perturbação.

—Padrinho, respondeu Branca tristemente: se eu fôsse Branca Mellier, talvez lhe respondesse «sim». Mas sendo Branca Renaud o meu nome, respondo: «Não devo amal-o».

Pedro Rouvenat não comprehendeu talvez quanta dôr, quanta amargura envolviam estas palavras... Apertou a donzella nos braços, e disse-lhe:

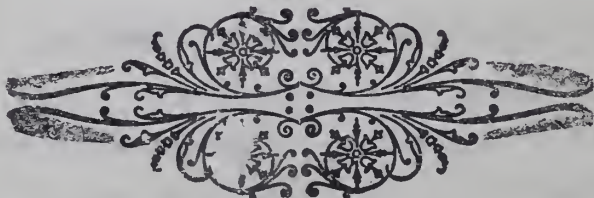
—Muito bem, filha, muito bem. Comprehendeste que não deves amal-o... Escuta, Branca: a digressão que fui hoje fazer tem relação comtigo. Fui a Vesoul fallar com os homens da lei; não é já a primeira vez; mas parece-me sempre que não fazem o que é util e preciso. Agora vão trabalhar finalmente, e fazer investigações em França, na Europa, em toda a parte. Tu não comprehendes o que quero dizer... Basta que saibas que é o teu marido que procuramos... E have-mos de encontral-o.

E com effeito Branca não podia comprehender.

—Não, não quero casar-me! exclamou ella.

—Não digas isso, filha. Ora vamos; Pedro Rouvenat quer que sejas feliz, e espera viver ainda o tempo necessario para te dar a felicidade.

A donzella curvou a cabeça, e soltou um fundo suspiro, pensando em Edmundo que não devia tornar mais a ver.





XXVIII

O pôço

A's nove horas da noite avançavam dois homens cautello-samente e sem ruido ao longo das edificações da herdade. O cuidado que mostravam em aproveitar os accidentes do terreno para se occultarem, revelavam bem que não eram boas as suas intenções. Os dois Parisel, pae e filho, tinham associado os seus odios, e, depois de haverem meditado longamente a sua vingança, calculando friamente a maneira de garantir a sua impunidade, espreitavam a presa, esperando o momento de se lançarem sobre ella. Apresentar-se-lhes-hia uma occasião propicia n'aquella noite?

Pedro Rouvenat, como os nossos leitores sabem já, era sempre o ultimo a deitar-se, e nunca recolhia ao seu quarto sem ter ido dar uma vista de olhos pelos estabulos, cavallariças, etc.

Depois de haver assistido ao fechar das portas, perguntou a um dos creados:

—Trataram dos animaes que estão na casa do pastor?

—Creio que sim, respondeu o creado; mas posso ir verificar...

—Vou eu tambem.

Depois de se certificar de que tudo estava em boa ordem, tanto na casa do pastor como nas outras dependencias da herdade, Rouvenat deu algumas ordens ao creado para o serviço do dia seguinte, e despediu-o.

—Não recolhe ainda a casa, sr. Rouvenat? lhe perguntou este ultimo.

—Não, respondeu o velho.

—Quer que lhe deixe a lanterna?

—Não, não preciso d'ella.

—Boa noite, sr. Rouvenat!

—Boa noite!

O creado afastou-se.

O velho Rouvenat tirou da algibeira uma bolsa com tabaco, e preparou o cachimbo, que accendeu em seguida. Achava-se n'aquelle momento muito perto do pôço abandonado.

Os dois Parisel tinham sahido surrateiramente de detraz de uma parede, e approximavam-se, arrastando-se no meio da escuridão como serpentes. Pedro Rouvenat, absorto nos seus pensamentos, e sem que estivesse dominado por um qualquer sentimento de desconfiança, não via nem ouvia coisa alguma. Estava bem loge de suppôr que podia ser victima de um ataque nocturno, achando-se a tão pequena distancia das edificações da herdade.

—Eis um pôço que já ha muito tempo devia estar entulhado, visto que para nada serve, dizia elle de si para si. Pro-

metti a Branca mandar reconstruir a casa de João Renaud; é uma excellente occasião para entulhar o pôço; mandarei lançar para dentro toda a calça e entulho que resultar das obras...

E assentou-se sobre uma enorme pedra, deslocada do bocal do pôço, como frequentes vezes fazia. D'ali avistava a janella do quarto de Branca, e, quando esta não estava ainda deitada, sentia prazer em seguir os movimentos do seu gracioso vulto, que se desenhava sobre as cortinas brancas da janella illuminada. N'aquella noite o quarto estava sem luz. A donzella, sentindo-se um pouco adoentada, tinha ido mais cedo para a cama. E não era para admirar que ella tivesse alguma febre, em razão das violentas impressões que acabava de sentir.

—Pobre Branca! já dormel murmurou Pedro Rouvenat.

E, pensando em Lucila e no seu filho, ficou mais uma vez absorto no seu sonho constante... O fumo do tabaco formava uma pequena nuvem em volta da sua cabeça.

De subito attrahiu a sua attenção um pequeno ruído que se produziu junto d'elle. Voltou-se vivamente, mas sem susto. Não teve tempo senão para ver um vulto negro, que se movia junto do bocal do pôço. Logo em seguida recebeu em pleno rosto e nos olhos um punhado de areia fina, lançado por mão tão dextra como brutal.

Rouvenat soltou uma exclamação de colera e de dôr, e pôz-se em pé de salto. Cego completamente, estendeu instinctivamente as mãos como para estar prompto a responder a um novo ataque mais directo. Apesar de se achar já em idade avançada, Rouvenat era ainda dotado de uma força pouco commum. Se um dos seus inimigos lhe cahisse nas mãos, de certo não sahiria d'ellas com muita vida.

Os miseráveis sabiam isto muito bem, e tinham por isso combinado o seu plano de maneira a poderem ferir a sua victima sem perigo.

—Infame! cobarde! dizia Rouvenat. Vem aqui ferir-me, se te atreves!

E deu um passo em frente. Sentiu então que se lhe apoiava com força sobre o peito a extremidade de uma comprida vara, á qual lançou as mãos; mas, impellido violentamente para a rectaguarda, recuou cambaleando, perdeu o equilibrio, e cahiu para traz, soltando um grito horrivel, cujo som agudo se extinguiu no fundo do abysmo.

As mãos de Rouvenat, contrahidas, não tinham largado a vara, que arrastou comsigo na sua horrorosa queda.

Os dois miseráveis Parisel curvaram-se para sobre o pôço, e applicaram o ouvido. O desgraçado barafustava e gemia no fundo do pôço.

—Custa-lhe a morrer! regengou José Parisel.

—Mas não poderá sahir d'ali, respondeu a voz sinistra do garboso Francisco.

—Em todo o caso será prudente lançarmos para dentro do pôço aquella pedra enorme...

—Para quê?

—Não comprehendes? A pedra acabará o trabalho principiado, e ficará de mais a mais explicada a causa da queda.

—Sim, tem razão.

E, reunindo os seus esforços, os dois homens arrastaram o enorme pedregulho, que, na sua queda, devia esmagar o desgraçado Rouvenat no fundo do pôço. E estava já á borda do abysmo; mais um esforço, e seria precipitada, quando de subito se ergueu um vulto negro em face dos dois homens, e lhes lançou em voz rouca a seguinte apostrophe:

—Assassinos!!

Os dois miseraveis ergueram-se aterrados. A lua, que acabava de surgir entre duas nuvens, fez-lhes ver uma mulher com longos cabellos desgrenhados, e com o rosto branco como se fôra de marmore. Os seus olhos relampagueantes semelhavam dois carvões accesos.

—Oh! o phantasma! balbuciou José Parisel com a voz estrangulada na garganta, e tremendo violentamente.

A mulher lançou segunda vez o seu grito lugubre:

—Assassinos!!

Dominados por invencivel terror, os dois miseraveis fugiram espavoridos, e desapareceram.

A voz de Rouvenat, sahindo do pôço, bradava:

—Accudam! accudam!

A mulher ouviu, e, rapida como uma flecha, lançou-se correndo em direcção á herdade, bradando tambem:

—Accudam! accudam!

Ao cabo de alguns passos, porém, encontrou na sua frente dois homens: Mardoche e Edmundo.

—Que tem, mulher? que foi o que aconteceu? lhe perguntou o velho Mardoche.

—Além... no pôço do pastor... Rouvenat... Salvem-n'o... respondeu ella com vez offegante.

Impressionado pelo som d'aquella voz, o velho levou vivamente a mão á testa, como quem faz um esforço de memoria, e ia dirigir á desconhecida uma nova pergunta. A mulher, porém, tinha continuado a sua carreira tão rapida, como se nem pousasse os pés no chão.

Os dois homens correram em direcção ao pôço, junto do qual chegaram em poucos segundos. No fundo do abysmo ouviam-se gemidos.

Mardoche readquiriu logo a sua presença de espirito, e disse com voz surda:

—É Rouvenat. Oh! precisamos salvá-lo a todo o transe!

A vara, de que os dois Parisel se haviam servido para impellirem o velho servidor do Seuillon, e que elle levava consigo para dentro do pôço, tinha felizmente encontrado uma brecha na alvenaria, e encravara-se ali solidamente, appoiando a outra extremidade no lado opposto da parede do pôço. O instrumento do crime, collocado assim como uma especie de trave, atravessada dentro do pôço um pouco acima do nivel da agua, tinha-se transformado momentaneamente em meio de salvação.

O velho Rouvenat, depois de chegar ao fundo do pôço, havia subido á superficie da agua. Erguendo desesperadamente as mãos acima da cabeça, encontrara aquelle ponto de apoio, e segurava-se ali com a energia que teem sempre, no momento de um perigo extremo, aquelles que não querem morrer. Suspenso assim, permanecia em equilibrio, com meio corpo fóra da agua.

Mas o desgraçado não se illudia. Sentindo o frio, que lhe entorpecia os membros, e conhecendo que se lhe esgotavam as forças, não podendo esperar que a sua voz fôsse ouvida, via já o espectro da morte estendendo o seu cadaver no fundo do pôço.

Pensou então em Lucila e nos dois orphãos: Branca e Edmundo. Ia morrer sem que levasse a cabo a reparação, a que jurara consagrar a sua vida e os seus esforços! Ia morrer, Mellier não tardaria a deixar tambem este mundo, e depois os herdeiros infames haviam de apoderar-se do que pertencia a Lucila, e poriam fóra da porta, sem dó nem compaixão, a filha de João Renaud.

Cego pela areia, não pudera ver o seu aggressor cobarde, e ignorava que tivessem sido dois contra elle, mas adivinhava que o seu assassino era Francisco Parisel. E não precisava fazer um grande esforço de imaginação para adivinhar a razão por que o miseravel não hesitara em commetter um crime para se desembaraçar d'elle. Comprehendia tambem que a sua morte facilmente seria attribuida a um desastre casual e o criminoso ficaria impune. Esta ideia enchia-lhe o coração de surda raiva.

—Depois de mim os miseraveis hão de ferir tambem Jacques! dizia elle de si para si com terror. Apoderar-se-hão de tudo e... que será feito de Branca? Que sorte horrivel lhe reservarão os miseraveis?... Não, não quero morrer!!

E estorcia-se com desespero sobre o pedaço de madeira que lhe servia de apoio, e que, estalando a cada momento, ameaçava quebrar-se sob o peso do seu corpo.

Reuniu todas as suas forças, e lançou ainda um brado desesperado.

—Meu Deus! gemeu elle. Residindo em vós toda a justiça, por que razão me fazeis morrer tão cedo?

N'aquelle momento Mardoche e Edmundo chegavam junto do pôço. Rouvenat julgou ouvir um ruido de vozes acima da cabeça; suppôz, porém, que se enganara, e soltou um surdo gemido, murmurando:

—Não, não devo, não posso ter esperança!





XXIX

Salvo!

Os nossos leitores sabem que Mardeche combinara encontrar-se com Edmundo na ponte de Frémicourt. Ambos haviam sido pontuaes.

—Vamos depressa, disse o mancebo; quereria estar já em Civry, para possuir os preciosos papeis que prometteu entregar-me.

—Fiz ha pouco uma visita ao lugar em que se acham occultos, disse Mardeche. O trabalho que vamos ter não ha de ser tão difficil como supuz no primeiro momento. Precisamos, porém, uma alavanca e uma lanterna, objectos que encontraremos na choupana do pastor do Seuillon. E portanto, em vez de nos dirigirmos para Civry pela estrada, tomaremos pela vereda da Sableuse, e passaremos por detraz das edificações da herdade.

—Tem também medo de Rouvenat?

—Não, mas tenho minhas razões para não querer que nos vejam juntos.

Tomaram pois pela vereda, e caminbaram rapidamente em direcção ao Seuillon, cujas edificações depressa lhes appareceram por entre as arvores. Chegavam junto dos estabulos quando o primeiro grito «accudant!» resouo subitamente no meio do silencio da noite.

Apressaram o passo, e encontraram a mulher desgrenhada, cuja voz tanto impressionara Mardoche, que todavia a não reconhecera.

Os dois homens, curvados sobre o pôço, ouviam os gemidos de Rouvenat.

Mas não podiam vel-o.

—Rouvenat, bradou o velho mendigo: sou eu, Mardoche...
Ouve-me?

Estas palavras chegaram distinctamente aos ouvidos do desgraçado, que se sentiu de novo cheio de esperanza.

—Sim, respondeu elle, vendo passar diante de si, como uma phantasmagoria, o sonho de Branca.

—Coragem, bradou de novo a voz de Mardoche. Vamos tentar salva-o!

—Uma corda, uma corda! respondeu Rouvenat com voz fraca e mal segura.

—Onde deveremos ir busca-la?

—Está uma no armario do pastor.

Os dois homens correram para ali. Mardoche abriu a porta enquanto Edmundo accendia um phosphoro.

—Preparei hoje de manhã a lanterna para a nossa empreza da noite, disse o velho. Está sobre a pia.

Edmundo encontrou-a logo, e accendeu-a.

O armario do pastor estava fechado. Mas Mardoche não perdeu tempo em procurar a chave: com um empuxão meteu dentro a porta, que aliás não era muito solida. No fundo do armario estava uma corda forte e comprida, na extremidade da qual se via ainda uma argola de ferro, facto que indicava ter ella servido em outro tempo a puxar de dentro do pôço os baldes cheios de agua.

A corrente da roldana estava tambem ali. Os dois homens pegaram em uma e outra coisa, e voltaram para junto do pôço.

Edmundo pousou a lanterna sobre o bocal e ajudou Mardoche a desenrolar a corda. Deram depois um laço corredio em uma das extremidades e lançaram-n'a dentro do pôço.

—Atenção, lá vae a corda! gritou Mardoche.

—Ouço, respondeu Rouvenat.

A corda chegou á flôr d'agua. Mardoche sentiu que Rouvenat a segurava.

—Na corda está dado um nó corredio, disse elle; veja se pode passal-o em roda do corpo, por debaixo dos braços.

Rouvenat tentou fazer o que o velho mendigo Mardoche lhe indicava; mas a posição em que se encontrava tirava-lhe quasi completamente a liberdade dos movimentos.

De mais só por um milagre de equilibrio se segurava sobre a vara, que podia facilmente quebrar-se se fizesse um movimento mais brusco.

—Não posso, não posso! bradou elle com desespero.

—Que fazer? disse Mardoche com anciedade.

—Vae ver, respondeu o mancebo.

E, lançando mão da corrente, tratou de a segurar solidamente em um dos braços de ferro da roldana, soldados nas pedras do bocal.

Feito isto, entregou a lanterna nas mãos de Mardoche, e disse-lhe:

—Alumie-me agora dentro do pôço tanto quanto possa.

E pôz-se em pé sobre o bocal do pôço.

—Grande Deus! que vae fazer? exclamou Mardoche com terror. Quer descer ao pôço?

—Quero sim. A corrente é solida, assim como tambem esta haste de ferro. Nada tema.

E, agarrando na corrente com as duas mãos, suspendeu-se sobre a abertura do abysmo.

—Mas depois não poderá subir! exclamou Mardoche cheio de afflicção.

O mancebo começava a descer.

—Não esqueci ainda as minhas lições de gymnastica, disse elle.

Ao cabo de alguns momentos bradou:

—Deixe cahir mais corda.

A lanterna illuminava frouxamente o interior do pôço. Vendo a impossibilidade de executar elle proprio o que o pobre Rouvenat não pudera fazer, em razão da posição perigosissima em que este se encontrava, enrolou a extremidade da corrente no seu proprio corpo, afim de poder depois servir-se das duas mãos. A agua dava-lhe pelo peito; mas não lhe tirava o movimento dos braços.

Rouvenat esperava, não se atrevendo a fazer um movimento unico.

O mancebo lançou mão da corda, desfez o laço corredio, e passou a corda duas vezes em redor do corpo de Rouvenat, apertando-a depois com um solido nó.

Haviam decorrido alguns minutos, terriveis e cheios de angustia para Mardoche.

Por fim fez-se ouvir a voz de Edmundo.

—Prompto, disse elle. Já não preciso luz. Agora prenda solidamente a corda. Vou subir.

Mardoche soltou um suspiro de allivio. Obedecendo á ordem que acabava de receber, segurou a corda na segunda haste de ferro.

Edmundo trepou ao longo da corrente, e reapareceu na boca do pôço, pallido, com os cabellos erriçados, escorrendo agua, mas tendo no olhar a luz do triumpho. Mardoche, logo que o viu, soltou uma exclamação de jubilo.

—Está següro, disse o mancebo; mas agora precisamos içal-o. Teremos força para isso?

—Oh! os meus braços são fortes ainda, respondeu Mardoche. Vae ver.

Os dois homens lançaram as mãos á corda, e em pé sobre o bocal, com o corpo curvado para a rectaguarda, para evitarem que o peso os levásse para diante, começaram a puxar.

Rouvenat agora não fazia movimento algum, nem soltava um qualquer gemido. Acabava de perder os sentidos. Era mais uma difficuldade para a empreza.

—Que peso! murmurou Mardoche offegante.

—Eu já não posso mais, disse Edmundo com angustia.

N'aquelle momento dois creados da herdade chegavam junto do pôço, guiados pela luz da lanterna. Já deitados, tinham ouvido os gritos pedindo soccorro, e haviam saltado logo fóra da cama. Depois de se vestirem muito á pressa, tinham corrido aos estabulos, onde nada tinham visto que justificasse os gritos que tinham ouvido. Sahiram, suppondo já que fóra brincadeira de alguem de Frémicourt que passava por ali, quando avistaram a luz da lanterna. Dirigiram-se logo para ali.

—Ah! é o ceu que aqui os manda! lhes disse Mardoche.

—Que aconteceu? perguntaram elles.

—O sr. Rouvenat cahiu no pôço. Venham depressa ajudar-nos!

Os dois criados não pediram mais explicações. Lançaram tambem as mãos á corda, e momentos depois o corpo de Rouvenat estava fóra do pôço.

—Mortol está mortol exclamou Edmundo.

Mardoche ajoelhou, e appoiou o ouvido sobre o peito de Rouvenat, ao mesmo tempo que lhe collocava a mão sobre o coração.

—Não, disse elle erguendo-se; o coração bate... Está apenas desmaiado.

Depois, dirigindo-se aos dois creados, disse-lhes com uma certa authoridade:

—É preciso que a menina Branca não saiba o que acaba de acontecer. Transportem o sr. Rouvenat para a casa do pastor, deitem-a'c, e fiquem junto d'elle até que recupere os sentidos, e possa recolher a casa sem o auxilio de ninguem.

Os dois homens não fizeram objecção alguma.

Dez minutos mais tarde, Rouvenat, despido, e ainda sem sentidos, achava-se deitado na cama do pastor.





XXX

Nas ruínas

Mardoche tinha procurado no armario do pastor, e encontrara ali um vestuario completo para Edmundo, que foi forçado a trocar o seu vestuario molhado pelo trajo domingueiro do alsaciano.

Não lhe ficava muito bem, mas devia contentar-se com o que lhe apparecera, e julgar-se ainda muito feliz.

Rouvenat começava a agitar-se.

—Tudo vae bem, disse Mardoche. D'aqui a um momento abrirá os olhos. Nada mais temos que fazer aqui.

E, dirigindo-se a Edmundo, disse-lhe em voz baixas:

—Vamos.

Lançou mão da alavanca e da lanterna, que apagou, e sahiu da choupana com o mancebo.

Passados uns dez minutos depois da partida do velho Mardoche e de Edmundo, Pedro Rouvenat abriu os olhos, e readquiriu completamente os sentidos. Assentou-se na cama, e lançou um olhar em redor de si. O quarto achava-se illuminado apenas por uma candeia, que espargia uma pequena luz tremula e fumosa.

Rouvenat viu dois vultos n'aquella meia escuridão, e não reconheceu n'elles os seus creados de lavoura.

—Mardoche, murmurou elle, Mardoche... Salvou-me, devo lhe a vida!

Os creados approximaram-se.

—Sômos nós que estamos aqui, sr. Rouvenat, disse um d'elles. O mendigo partiu já.

—Como estão os dois aqui? perguntou o velho com inquieta surpresa. Quem os chamou?

—Ouvimos bradar por soccorro, e...

—E Jacques Mellier? e Branca?

—Decerto estão dormindo.

—Não sabem então...?

—Não, e foi por isso que o velho Mardoche nos disse que o transportassemos para aqui, em vez de o levarmos para o seu quarto.

Rouvenat soltou um suspiro de allivio.

—Ah! fizeram muito bem, disse elle. É preciso que não digam nada a ninguem; não quero que se saiba...

—Comprehendemos isso, sr. Rouvenat; quer evitar que o sr. Mellier e a menina Branca tenham tambem uma impressão muito violenta...

—Exactamente, exactamente.

—Como se sente agora, sr. Rouvenat?

—Ainda um pouco fraco... mas isto não é nada, e d'aqui a pouco poderei já levantar-me... Foi um milagre, um verdadeiro milagre a minha salvação!... E foi Mardoche, o pobre homem... Porque razão se retirou elle tão depressa? Ah! comprehendo; para não ouvir os meus protestos de gratidão... Mas eu sei bem o que hei de fazer... Faltou-me subitamente a respiração, e julguei que ia morrer... A partir d'esse momento não me recordo de coisa alguma. Digam-me o que foi que se passou.

—Nada sabemos, respondeu um dos creados, senão que chegámos junto do pôço unicamente para lançar mão da corda a que estava preso o seu corpo, e para o puxar para cima. O rapaz que estava com o mendigo desceu, decerto, ao fundo do pôço, porque o seu vestuario, que deixou aqui, está completamente encharcado.

—Sim, lembro-me agora; que coragem, que coração o d'aquelle homem! Foi elle que me enrolou a corda em volta do corpo, arriscando para isso a sua vida... Como, não eu sei... foi um verdadeiro milagre!... Partiram juntos?

—Sim, sr. Rouvenat. O rapaz lançou sobre si um vestuario do pastor.

—Conheces esse rapaz?

—Não, sr. Rouvenat.

—Vi-o eu já uma outra vez, disse o outro creado. E elle conhece a menina Branca, porque no domingo ultimo fallou-lhe á sahida da egreja de Frémicourt.

Rouvenat sentiu-se subitamente agitado por uma commoção extraordinaria.

As palavras do creado acabavam de o esclarecer. Não podia duvidar; aquelle desconhecido, que amava Branca, e a

quem elle tirara toda a esperança, era um dos seus salvadores... Porque razão se achava elle em companhia de Mardoche?

—Se a pobre Lucila morreu, pensou elle depois, e se o seu filho não apparecer nunca... serei forçado a casar Branca... não tenho o direito de a prohibir de amar. Este rapaz ama-a decerto, e poderia fazel-a feliz...

Mas em seguida estremeceu, e expulsou este pensamento que ia destruir o seu sonho de treze annos.

—Não, murmurou elle; é impossivel! devo esperar... não de voltar um dia!

Como todos os velhos, Rouvenat era tenaz nas suas ideias.

Escravo do seu sonho dourado, vivia agarrado energicamente á sua ultima esperança como a uma illusão derradeira.

—Como foi que cahiu no pôço, sr. Rouvenat? perguntou um dos dois creados.

A esta pergunta o velho estremeceu; no olhar brilhou-lhe um subito relampago.

Não quiz, porém, dizer toda a verdade aos dois creados, e respondeu:

—Assentei-me no bocal do pôço, fumando uma cachimbada e olhando para as estrellas. De subito tive uma vertigem... Levantei-me, soltando um grande grito, mas não pude manter-me em pé, e perdi o equilibrio... Nada mais posso dizer...

«Felizmente passava perto o velho Mardoche que ouviu, decerto, o grito.

—Ah! o Seuillon deve-lhe um serviço de mão cheia, disse o outro creado.

—Oh! eu não sou ingrato! murmurou o velho.

*

*

*

Emquanto isto se passava na choupana do pastor, Mardoche e Edmundo dirigiam-se rapidamente para Civry, onde os habitantes dormiam a somno solto. Chegaram em face da casa arruinada. Mardoche parou e disse:

—É aqui.

O mancebo olhou em redor de si surprehendido.

—Venha comigo, tornou o velho.

Os dois homens contornaram as ruínas. Mardoche assentou-se sobre uma pedra, e accendeu a lanterna que levava comsigo.

—Vamos entrar por aquella janella, disse o velho, mostrando uma abertura ao seu companheiro.

E, juntando a acção á palavra, foi o primeiro a trepar á janella, collocando a lanterna em um sitio que de antemão preparara.

Em seguida disse:

—Debaixo d'estas pedras e d'esta calça existe um sobrado. Precisamos pô-lo a descoberto. Eis o trabalho que temos a fazer.

—Vamos a isso, respondeu Edmundo.

E começaram ambos a desobstruir aquelle ponto, lançando as pedras para sobre as outras em redor de si. Ao cabo de meia hora de trabalho, Mardoche disse:

—É bastante.

Estava desembaraçado, pouco mais ou menos, um metro quadrado de sôlho. Mardoche lançou mão da alavanca, e fel-acahir sobre uma das taboas do sobrado.

—É aqui que estão os papeis, disse elle.

Edmundo esperava, tremulo e impaciente.

—Antes de lhe entregar esses papeis, Edmundo, tornou Mardoche em tom grave, que, decerto, são para si de grandissima importancia, escute-me... Esses papeis foram-me confiados por seu pae á hora da sua morte, depois de me haver feito jurar que não os entregaria senão a sua mãe. Quando quiz cumprir a missão de que me incumbira, sua mãe tinha desaparecido, sem que se soubesse qual o caminho que levara. Eis a razão porque estes papeis estão escondidos aqui ha dezenove annos. Se eu tivesse a certeza de que a pobre creatura vive ainda, talvez nada lhe dissesse; mas não creio faltar ao meu juramento, entregando ao filho o que era destinado á mãe.

«A existencia d'estes papeis nunca foi conhecida senão por mim, e eu teria guardado o segredo por muito tempo ainda, para sempre talvez, se não o tivesse encontrado. D'aqui a alguns momentos estarão os papeis em seu poder, e irá lê-los no seu quarto, em Saint-Irun. Como já lhe disse, ignoro completamente o que elles conteem; mas podem revelar um segredo terrivel. Confesso que me sinto inquieto, e que hoje de manhã ainda hesitei em o trazer aqui. Mas entendi que não tinha o direito de conservar por mais tempo o precioso deposito que seu pae me confiou. Obedeci pois aos dictames da minha consciencia. Exijo, porém, que me faça uma promessa, antes de tomar posse d'esses papeis.

—Diga.

—Seja o que fôr o que estes papeis lhe façam saber, pro-

metta-me que nada dirá nem fará, sem ter primeiramente fallado comigo, sem ouvir a minha opinião. Em uma palavra, prometta-me que ha de seguir em tudo os meus conselhos.

—Prometto, juro! respondeu Edmundo.

—E, portanto, amanhã, depois de haver lido, virá encontrar-se comigo?

—Onde?

—Esperal-o-hei durante todo o dia no terraço do meu castello, respondeu o mendigo com o seu dôce sorriso.

—Bem; está combinado.

Como o sobrado estava tão arruinado como tudo o resto, Mardoche não teve muito trabalho em esmigalhar a prancha de madeira.

Em seguida abaixou-se, e tirou de dentro de uma pequena cavidade aberta no terreno, a caixa de folha coberta de ferrugem.

Com o corpo curvado e offegante a respiração, o mancebo seguia com olhar avido todos os movimentos de Mardoche.

Os papeis, preservados pela folha metallica, estavam intactos.

Quando os entregou a Edmundo, a mão de Mardoche tremia.

—Não esqueça a sua promessa, balbuciou elle.

—Ha de ser o meu guia, o meu conselheiro, meu querido Mardoche, respondeu o mancebo com commoção. Sem o seu auxilio, ainda hoje estaria a braços com o mysterio, e tudo o que sei do meu nascimento a si o devo. Nunca esquecerei o serviço que me presta. Ergueu uma ponta do veu espesso, que me esconde muitas coisas que devo saber. Ah! meu bom Mardoche! pode contar com a minha gratidão eterna!

Os dois homens em seguida sahiram das ruinas, e atraves-

saram a povoação em silencio. Mardoche, sempre prudente, tinha apagado a luz da lanterna. Chegados que foram a pequena distancia da herdade, viram que havia luz em uma das janellas.

—Ha luz no quarto de Rouvenat, disse Mardoche. É evidente que já recolheu a casa.

E, descerrando os labios em um sorriso, continuou:

—Rouvenat não ha de esquecer nunca o serviço que lhe prestou esta noite... Agora mais que nunca pode amar desafogadamente a sua afilhada...

Edmundo soltou um suspiro, e não respondeu.

Passados alguns momentos os dois homens separaram-se. Mardoche subiu para a sua fortaleza, e Edmundo continuou o seu caminho com passo rapido.

Eram duas horas da madrugada quando deu entrada no seu quarto na hospedaria de Saint-Irun. Tinha o corpo fatigado; mas, sobreexcitado pelas commoções da noite, e mais ainda pelo desejo de tomar conhecimento dos mysteriosos papeis, que apertava febrilmente nas mãos, não pensou em procurar o repouso de que tanto carecia.

Assentado junto da mesa e com os olhos fixos no *enveloppe* amarrellado que continha os preciosos papeis, sentia que lhe pulsava violentamente o coração. Que iria elle saber? Mardoche tinha-lhe fallado em um terrivel segredo, e, mau grado seu, sentia-se dominado por uma angustia indefinivel.

Por fim conseguiu vencer aquella commoção, e tirou os papeis de dentro do *enveloppe*, collocando-os sobre a mesa.



XX XI

Os papeis

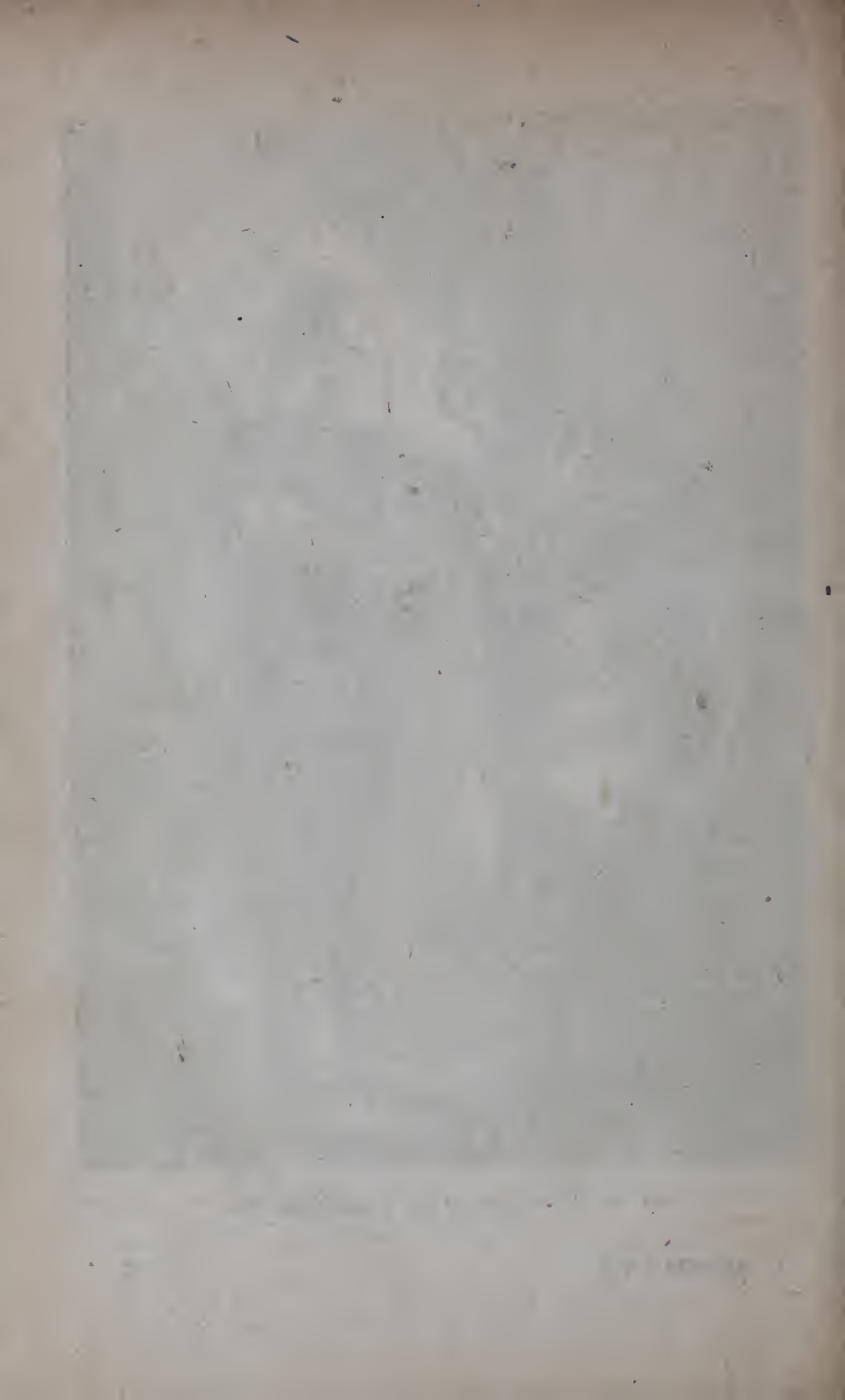
Aquelles papeis, que haviam permanecido escondidos durante perto de dezenove annos, eram unicamente: um manuscripto de umas trinta paginas; em forma de caderno, e duas cartas escriptas com letra differente, mas egualmente indecisa, tremula e estravagante, que se tornava ainda mais estranha pelos erros do orthographia, que ali se notavam em quasi todas as palavras.

Pelo contrario, o manuscripto estava traçado com mão segura e firme.

O mancebo começou pela leitura do manuscripto, e logo ás primeiras paginas se sentiu impressionado, sendo forçado a limpar mais de uma vez as lagrimas.



Quer incumbir-se de crear este menino (Pag. 458)



Estava lendo a historia de seu pae, escripta por elle proprio. Era uma especie de poema em prosa, em que um coração magoado e uma alma cheia de desespero se estorciam em uma sombria e lenta agonia.

Contava a sua infancia isolada, e lamentava-se com funda amargura por não ter tido mãe para amar, exalando o seu desgosto e a sua dôr com os mais dilacerantes accentos. Com o espirito em delirio, avido de aspirações, e desejando elevar-se, curvava-se ao peso esmagador do mais sombrio e terrivel desalento. Comparava a sua miseravel existencia sem futuro, sem esperança e sem amparo, á de tantos outros que, mais felizes do que elle, tinham mãe, tinham familia...

À medida que ia lendo, o mancebo encontrava ali todos os seus pensamentos: o mesmo desalento, o mesmo desgosto, a mesma dôr. Julgava estar lendo a sua propria historia, escripta antes do seu nascimento, tanta semelhança apresentava com a de seu pae a sua situação.

Mas, depois de haver vibrado todas as cordas do seu desespero, o auctor do manuscripto erguia subitamente para Deus um grito de suprema gratidão. Aparecera-lhe Lucila, e o coração abrira-se-lhe de novo á esperança. Conhecia finalmente os jubilos de um primeiro amor. Agora tinha já um norte na vida, tinha a quem dar a sua alma e a sua dedicação, sabia do seu isolamento, do seu desanimo, e saudava com entusiasmo a aurora radiante de uma nova existencia.

Edmundo devorou aquellas paginas ardentes, e ainda ali se reconheceu. Aquelle amor, tão vivamente expresso, era precisamente o que elle proprio sentia. Em vez do nome de Lucila, constantemente repetido, poderia pôr o de Branca, e não precisaria alterar uma palavra unica.

Depois de concluir a leitura do manuscrito, permaneceu durante um momento absorto em profunda meditação. Reflectia nos estranhos acasos da vida, que lhe proporcionavam um destino tão semelhante ao de seu pae.

Como, porem, esperava descobrir ali o segredo, de que Mardoche devia ser tambem o depositario, ficou vivamente contrariado. O manuscrito não lhe revelava senão o nome de Lucila, que evidentemente pertencia a sua mãe; mas aquelle simples nome não o adiantava muito.

Seu pae fôra abandonado pelos paes, que nunca conheceu; paciencia. Mas o que elle procurava era a familia de sua mãe. E n'este ponto a leitura do manuscrito em nada o adiantava.

—Não posso querer mal a Mardoche, disse elle de si para si. Não me enganou, visto que não sabia o que continham estes papeis. Naturalmente suppôz, que meu pae fôra menos reservado.

Notou, porem, que tinha ainda as duas cartas para ler, e lançou mão d'ellas, que eram concebidas nos seguintes termos:

«Chevrigny, 20 de junho de 1850.

«Sr. Edmundo,

«Acaba de acontecer uma grande desgraça, que me enche de tristeza e de desolação. A pobre Marianna Sudre, que o amava como se fôra filho seu, morreu hoje de manhã. Tenha Deus a sua alma em gloria. Não sei se a terra em que se encontra, fica longe de Chevrigny, mas escrevo-lhe sem perda de tempo, para o caso de poder vir assistir ao enterro, que

deve verificar-se ámanhã de manhã. A cerimonia de certo ha de ser muito concorrida de toda a gente d'estes sitios.

«Deve lembrar se de que, quando sahio de Chevrigny, já ella andava adoentada. Depois d'isso peiorou constantemente, expor fim a doença levou a d'este mundo. Conhecendo que a sua vida não poderia já prolongar-se muito, escreveu-lhe ha dias uma carta, e entregou-m'a com a recommendação expressa de lh'a remetter immediatamente, caso se dêsse o desfecho fatal, que ella previa. E portanto deve receber, juntamente com esta, a carta da infeliz Marianna.

«Nada notavel tenho mais para dizer-lhe, sr. Edmundo. As duas sobrinhas da pobre morta acabam de chegar, e estão amortalhando o corpo.

«Não sei se poderá ler o que escrevi, porque sei que escrevo muito mal. Tenha paciencia, sr. Edmundo.

«Sua creada,
«CLEMENTINA VIOLET».

—E com effeito, murmurou Edmundo, esta carta é difficil para ler, e não sei se a comprehenderia muito bem. Em todo o caso nada me revela, senão que meu pae foi talvez creado por uma boa mulher, que se chamava Marianna Sudre, e que residia em Chevrigny... Vejamos agora a carta de Marianna.

E, desdobrando a segunda carta, leu-a lentamente. Era assim concebida:

«Meu querido Edmundo,

«Sinto me bastante doente, e tenho o presentimento de que não me resta muito tempo para viver. Não quereria de xar

este mundo sem te dar as informações, que frequentes vezes me tens pedido, e com o auxilio das quaes poderás talvez chegar a descobrir o nome de teu pae. Estando tu longe, e não esperando que regresses muito brevemente, decido-me a escrever-te. Mas, como não quero inquietar-te, nem perturbar as distracções da tua digressão, arranjurei as coisas de maneira a não receberes esta carta, senão se a morte, de que tanto medo tenho só por tua causa, vier ferir-me antes do teu regresso a Chevrigny.

«O que sei não é muito realmente, mas mesmo esse pouco quero dizer-t'ó. Perdôa-me a insistencia com que sempre me recusei a responder ás tuas perguntas; a verdade é que promettera guardar segredo. Todavia, como sou forçada a fazer-te saber o nome do procurador, a quem deverás reclamar a tua pensão, entendo que melhor é dizer-te tudo o que sei.

«Um dia—faz vinte annos no dia 20 do proximo agosto—apresentou-se em minha casa, em Chevrigny, um homem chamado Germano, que eu conhecera em Paris, quando estivera ali servindo. E até mesmo elle assistira mais tarde ao meu casamento, porque era amigo do meu marido. Esse homem levava um embrulho nos braços. Eras tu, meu querido Edmundo, que, segundo parecia não contavas ainda mais de oito dias. Germano, logo que entrou, disse-me.

«—Marianna: seu marido morreu o anno passado, e deixou-a pobre e sem filhos. Trago-lhe eu este filho, e tambem a fortuna. Quer incumbir-se de crear este menino? Uma cabrinha com leite, e alguns cuidados, eis o que é preciso.

«Tomei-te nos braços, e, cobrindo-te de beijos, respondi affirmativamente.

«—Bem, disse Germano com expressão de contentamento; já vejo que fiz bem em contar comsigo.

«Eu dirigi-lhe muitas perguntas. Mas elle respondeu tristemente:

«— É inutil interrogar-me, porque nada posso dizer-lhe. O nascimento d'esta pobre creança constitue uma desgraça, visto que não deve nunca chegar a conhecer seus paes. Mande-o baptisar, e dê lhe o nome de Edmundo.

«— Os paes do menino são ricos? perguntei eu notando a finura das tuas ropinhas.

«— São, sim, muito ricos; mas repito, nada posso dizer-lhe; até mesmo é preciso que prometta que nunca dirá á creança como e por quem lhe foi entregue...

«Eu fiz a promessa, que me era exigida, e hoje arrependo-me de a ter feito.

«— Agora, continuou Germano, vou dizer-lhe de que modo estão, para seu interesse, arrançadas as coisas. Receberá todos os mezes uma somma de sessenta francos, devendo eu hoje mesmo, antes de deixar Chevigny, fazer-lhe entrega da pensão do primeiro mez. Note, porem, que, se a creança morrer, a sr.^a Marianna continuará a receber regularmente em quanto viver a sua pensão. Quando o menino tiver dez annos, como ha de ser necessario dar lhe instrucção, e tornando-se assim mais avultadas as suas despezas, passará a receber de tres em tres mezes uma somma de trezentos francos. Essa pensão será elevada a quatrocentos e cincoenta francos cada trimestre, logo que o pequeno Edmundo chegue á idade de quinze annos. É preciso que elle possa arranjar uma posição decente. A sua familia que é forçada a abandonal-o, não quer ainda assim que elle fique completamente desherdado, e deseja reparar, tanto quanto possivel, o mal que fatalmente o fere. O procurador, incumbido de pagar as pensões, é o sr. Lamblin, residente na rua dos Vieux-Augustins, em Paris. É

a elle que deverá escrever, se tiver alguma reclamação a fazer, ou se acontecer alguma cousa aõ pequenino.

«É pois ao sr. Lamblin que deves dirigir-te, meu querido Edmundo, quando eu tiver partido para o outro mundo. É possível que não me explique muito bem; mas interroguei a memoria, e contei-te o melhor que pude o que se passou entre mim e Germano. Devo, porem, dizer-te que este ultimo era n'essa epocha, como é ainda hoje, creado particular e homem de confiança do sr. conde de Bussiéres, um grande fidalgo que reside em Paris, em um grande palacio, na rua Bellechasse.

«Sempre tive apprehensões de que, de longe ou de perto, pertences a essa nobre familia de Bussiéres. Se fôres a Paris, Edmundo, não esqueças que Germano é uma excellente creatura. Para teu proprio interesse, parece-me conveniente que vás vel-o.»

A carta terminava com algumas palavras ternas e affectuosas, que pintavam bem a amisade, podé mesmo dizer-se o amor maternal, que a boa Marianna Sudre consagrava á creança que educara.





XXXII

Narração de Jeronymo Greluche

O mancebo estava agitado por uma surpresa, que bem pode comprehender-se. Leu segunda vez, e com maior attenção ainda, a carta de Marianna Sudre, e acabou por convencer-se de que seu pae fôra uma pobre creança, repellida e desherdada pela familia Bussiéres.

Os papéis, que acabava de ler, com o auxilio dos quaes esperava descobrir a familia de sua mãe, collocavam-n'o em presença de um outro mysterio, que lhe era igualmente importante penetrar. Tinha pois um outro caminho a seguir...

Mas que deveria fazer? ou antes, que poderia elle fazer em taes circumstancias?...

Pelas datas das duas cartas viu que seu pae, tendo sido

assassinado poucos dias depois, não pudera decerto fazer uma qualquer investigação. Mas, desde o dia em que seu pae, como elle sem nome e sem familia, havia sido entregue aos cuidados de Marianna Sudre, tinham já decorrido perto de quarenta annos. Ora, suppondo mesmo que encontrasse ainda vivos o procurador, o conde de Bussières, e mesmo o creado Germano, teriam estes o direito de o considerar como estranho, e de lhe responder, mesmo em presença da carta de Marianna Sudre:

«—Não sabemos o que quer dizer.»

Edmundo reconhecia o pequeno valor dos documentos, que lhe haviam sido entregues pelo velho Mardoche. Não via meio de se apresentar como representante de seu pae, afim de reivindicar certos direitos, que este podia ter talvez, mas que lhe não tinham sido transmittidos por um qualquer acto authenticico. O pobre rapaz debatia se rodeiado de difficuldades, sem que tivesse meio de vencer uma unica. Á medida que avançava, achava-se mais e mais envolvido em trevas e como encerrado no meio de um labyrintho inextricavel.

Se o não amparassem o seu amor por Branca e as promessas de Mardoche, teria cahido immediatamente no desalento e no desespero.

Depois de haver reflectido durante muito tempo, sem que mesmo pudesse encontrar a ideia de uma solução possivel, entendeu que devia tranquillisar-se, e esperar que o velho Mardoche lhe dêsse os seus conselhos.

O dia começava a surgir. Edmundo beijou piedosamente o manuscripto de seu pae, apagou a véla, e lançou-se vestido sobre a cama. Passados dez minutos, dormia profundamente.

Às nove horas acordou em sobresalto por ouvir que alguém batia na porta do seu quarto.

—Quem está ahí? perguntou elle.

Respondeu a voz do estalajadeiro:

—Acaba de chegar um sujeito que deseja fallar-lhe sem demora.

Edmundo saltou da cama, e correu a abrir a porta. No limiar appareceu Jeronymo Greluche, que se lhe lançou nos braços.

O mancebo soltou uma exclamação de surpresa e de jubilo.

—Comprehendo que não me esperavas tão depréssa, disse Jeronymo. Mas que queres tu, se já não posso viver longe de ti?... Hontem á noite não pude resistir ao desejo de vir verte, e eis-me aqui.

—E o teu theatro, meu bom Jeronymo? perguntou o mancebo rindo.

—Ah! não me falles n'isso! Nas terras pequenas não ha recursos para nada. Gastei tres dias só em explicações para fazer comprehender bem a minha ideia, e nada consegui. Tantas perguntas me fez o marceneiro, tantas duvidas me apresentou, que tomei o partido de fugir...

—Fizeste bem, meu caro Jeronymo Greluche; debes pôr por agora de parte a tua ideia de mandar construir um novo theatro.

Jeronyme Greluche abriu grandes olhos.

—E os nosos projectos? perguntou elle.

—Está tudo modificado. Talvez nos demoremos algum tempo em Saint Irun, talvez regressemos depréssa a Paris... não sei ainda.

—Mas... não comprehendo.

—Escuta, e comprehenderás.

Tão brevemente quanto era possivel, Edmundo contou a

Jeronymo Greluche de que modo reconhecera os dois cães de pedra, e como encontrara de novo em Frémicourt a formosa rapariga, que vira em Gray, e o que entre os dois se passara. Fallou-lhe depois do velho Mardoche, que a Providencia parecia ter collocado no seu caminho, e fez-lhe saber tudo o que o mendigo lhe confiara.

A narração foi frequentes vezes interrompida por Greluche com exclamações, de surpresa, admiração, jubilo, colera ou terror.

— Sim, disse elle por fim; o que deves fazer é regressar a Paris, e esperar ahí que esse bom velho Mardoche se resolva a dizer-te o que entende dever occultar-te ainda. Entregar-te has de novo ao estudo e ao trabalho, e d'aqui a dois annos, quer tenhas familia quer não, poderás vir depois offerecer a tua posição á afilhada d'esse sr. Rouvenat.

— Em todo o caso, tornou Edmundo, prometti ao velho Mardoche que nada faria, que não tomaria uma qualquer resolução sem o ter consultado. E portanto, segundo o que elle me disser logo, poderemos adoptar uma linha de conducta... Mardoche sabe muitas coisas, e eu julgo-o muito mais poderoso, do que quer parecer. Já muitas vezes tenho perguntado a mim proprio, se aquelle vestuario de mendigo, que usa, não será um disfarce... Seja como fôr, elle tem uma ideia qualquer, um projecto. Mas é inabalavel, e fica mudo quando julga não dever fallar. Actualmente tem elle nas suas mãos a minha vida... «—Hade casar com Branca Mellier», me disse elle, e com estas palavras submetten-me completamente á sua vontade. Hoje mesmo saberás o que hei de fazer, meu bom Greluche.

— Não me disseste ainda o que continham os papeis que Mardoche te entregou...

—É verdade; mas ha n'elles um unico documento, que tem importancia debaixo do ponto de vista do duplo mysterio, que envolve o meu nascimento, assim como o de meu pae: é uma carta. Lê-a tu mesmo.

E passou para as mãos do palhaço a carta, escripta por Marianna Sudre. O homem dos fantoches leu-a com toda a attenção, e sem fazer observação alguma; mas, logo que chegou ao paragrapho em que se fallava no conde de Bussiéres, soltou uma exclamação de surpresa.

Edmundo olhou para elle, e viu que lhe tremia a carta entre os dedos. Greluche concluiu a leitura, e ergueu a cabeça. Nos olhos brilhava lhe um fulgor singular. O mancebo, ancioso, interrogava o com o olhar.

—Edmundo, disse o palhaço com voz vibrante: teu pae era effectivamente filho do conde e da condessa de Bussiéres!

—Como sabes tu isso? exclamou o mancebo, dominado por intima commoção.

—Porque conheço muito bem a sr.^a condessa de Bussiéres.

—Tu?... tu?!...

—Eu, sim.

—Pois bem, seja assim; mas como admittir, que a creança abandonada, entregue sem nome a Marianna Sudre, e mais tarde morta tão tragicamente, que meu pae, emfim, fôsse filho dos condes de Bussiéres?

—Já te disse que conheço a condessa de Bussiéres. Sem me lisongear com a sua amisade, posso dizer que fui sempre recebido por ella com a benevolencia e bondade excepcionaes, que caracterisam a excellente e respeitavel senhora.

Ha uns quarenta annos reside ella em um grande e magnifico castello, situado a pequena distancia de Clamecy, no departamento do Nêvre. A condessa de Bussiéres possui uma grande fortuna. Segundo se affirmo, os rendimentos da sua propriedade de Arfeuille seriam sufficientes para dar meios de vida aos habitantes de muitas communas.

«Dizer-te todo o bem que a condessa faz em volta de si é impossivel! Parece ter consagrado toda a sua vida a procurar os meios de proporcionar felicidade a todos os que d'ella se approximam, a todos os que a rodeiam. Não ha soffrimento para que ella não tenha consolações, miseria que ella não faça desaparecer.

«A sua bolsa está sempre aberta para os pobres. Em uma palavra, a condessa de Bussiéres é a verdadeira encarnação da caridade! Tem mandado edificar escolas em muitas communas e ahi são os filhos dos pobres instruidos gratuitamente.

«No seu proprio castello sustenta escolas, recolhe orphãos... é emfim uma verdadeira Providencia! Calcula pois se a condessa será adorada! Não se dá um passo em toda a provincia, sem que se oiça pronunciar com veneração, com o mais respeitoso affecto, o seu nome!

«Corria eu a provincia com os meus bonecos havia já tres annos, quando fui chamado ao castello por primeira vez, para dar uma representação diante de um interessantissimo publico de creanças desde quatro a quatorze annos.

«A condessa, que queria avaliar o grau de confiança que podiam offerecer-lhe as minhas representações, debaixo do ponto de vista da moralidade, assistiu á representação, assentada como a deusa da maternidade no meio das crean-

ças. Diante de ti creio que não preciso fazer alarde de modestia: estou porem persuadido de que n'essa noite estive verdadeiramente feliz.

«Calcula pois como eu ficaria entusiasmado, quando, no fim da representação, a condessa me mandou chamar á sua sala para me felicitar. Convidou me para demorar-me ali durante toda a semana, e por tanto exgotei todo o meu repertorio.

«No ultimo dia a nobre senhora, que me tratara sempre com affecto, fez-me a honra de me convidar para a sua mesa. Compreendi que quer a talvez interrogar-me, de certo na esperança de achar mais uma occasião de exercer os seus sentimentos caridosos.

«A sua primeira pergunta foi para saber se eu tinha mulher e filhos. Eu, que nenhuma razão tinha para lhe occultar a verdade, contei lhe detalhadamente toda a minha historia, na qual durante os ultimos tres annos, representavas tu um papel importante.

«A condessa ouviu-me agitada por intima commoção. Até mesmo notei que todas as vezes que pronunciava o teu nome, ella se impressionava mais profundamente; no seu pallido e formoso semblante reflectia-se uma sensação dolorosa. Quando concluiu, soltaram-se-lhe immediatamente dos olhos as lagrimas, que não podia já conter, e começou a soluçar.

«Confesso que me sentia muito perturbado, e que não sabia o que devia fazer ou dizer. Por fim, ao cabo de alguns momentos, a condessa pareceu tranquillisar-se um pouco, e disse-me, tentando sorrir:

«—Desculpe, senhor; não pude conter-me... E todavia estou bem habituada a soffrer...

«Eu manifestei-lhe o meu pesar por ter involuntariamente concorrido para aquellas lagrimas.

«—A culpa não foi sua, me disse ella vivamente. Esse nome de Edmundo recordou-me um dos maiores desgostos da minha vida... Tive um filho... cujo nome devia ser Edmundo... e que deveria contar hoje perto de trinta annos...

«—Morreu? perguntei eu.

«Logo que pronunciei esta palavra, brilhou um subito relampago nos olhos da condessa de Bussiéres.

«—Morto?! exclamou ella em tom lugubre. Disseram-me isso, mas... não sei!

«Em seguida a condessa levantou se, e começou a passear pela sala febrilmente. Ouvi que ella, fallando comsigo propria, murmurava:

«—Não mais saberei coisa alguma! Pobre creança! que fariam elles d'ella? Ah! abandonaram-u'a, a fim de a despoja-rem em proveito do outro... que é um indigno...

«Mal suppunha eu então, que estas palavras continham em si uma revelação da mais alta importancia para ti... Desde então, até á epocha em que me fixei definitivamente em Paris, para não mais me separar de ti, passei em cada anno uma semana no castello, em que residia a condessa de Bussiéres.

A bondosissima senhora nunca deixava de me pedir noticias tuas. Creio mesmo que foi ella quem me induziu a fazer-te entrar no collegio de Sainte-Barbe. Sem que te conhecesse senão por o que eu lhe dizia de ti, é certo, que tomava um grande interesse por tudo o que te dizia respeito.

«Chegou mesmo muitas vezes a mostrar-me desejos de verte, e eu prometti-lhe que te levaria um dia a Arfeuille. Não

me recordo já das circumstancias, que obstaram a que eu cumprisse a minha promessa.

«Mas estou intimamente convencido, de que a sr.^a condessa de Bussiéres não se esqueceu ainda de Jeronymo Greluche. Se quizeres, Edmundo, partiremos ámanhã para o castello de Arfeuille.

O mancebo, que estava de cabeça baixa, como quem reflectia profundamente, endireitou-se bruscamente, e disse com voz lenta e grave:

—Apresentar-me-hei perante a sr.^a condessa de Bussiéres; é a ella que devo fazer entrega dos papeis que pertenceram ao seu filho!!





XXXIII

A carta de Branca

O velho Mardoche passara uma terrível noite, perguntando a si proprio o que aconteceria, pois acreditava piamente que os papeis, entregues por elle a Edmundo, deviam conter provas compromettedoras para Lucila Mellier.

E o peor era que a descoberta d'aquelle segredo constituia uma especie de fio conductor, que conduziria o mancebo a conhecer tambem o terrível drama da noite de 24 de junho.

A' medida que via approximar-se aquelle desfecho, o bom velho via surgir deante de si difficuldades, que não previra, e sentia-se dominado por grandíssimas apprehensões. E era debalde que procurava tranquillisar-se, dizendo que não fôra elle quem denunciara o segredo de Jacques Mellier; era for-

çado a concordar em que auxiliara poderosamente Edmundo para a sua descoberta.

O primeiro raio de sol encontrou-o assentado sobre uma pedra, na especie de plataforma a que chamava o seu terraço, com o rosto voltado para o valle, e os olhos fixos nos tectos da herdade, em muda contemplação.

Depois de um almoço mais que frugal, deitou-se sobre a herva, e, fatigado como estava, adormeceu profundamente.

A' uma hora acordou. Edmundo acabava de chegar junto d'elle.

—Pesa-me ter perturbado o seu somno, disse o mancebo sorrindo.

—Acontece-me raras vezes dormir, quando os passaros estão acordados, disse o velho; mas não dormi de noite, e estava cheio de fadiga...

Os dois homens fôram assentar-se á entrada da gruta. Depois de alguns momentos de silencio, Mardoche perguntou quasi a medo:

—Leu os papeis?

—Li, sim, respondeu Edmundo, mas nada me adiantaram pelo menos no que diz respeito á familia de minha mãe. Não descobri o segredo que, segundo a sua opinião, deveriam conter esses papeis.

O velho Mardoche julgou não ter comprehendido bem.

—Como assim? exclamou elle. Os papeis, que lhe entreguei, não lhe fizeram conhecer o appellido da familia de sua mãe?

—Não. Vi por elles unicamente que o nome de minha mãe era Lucila.

—Mas... esses papeis não são... cartas?

—Cartas ha apenas duas, ambas datadas de Chevrigny,

povoação onde meu pae foi creado... O meu bom Mardoche ignora talvez, que meu pae, assim como eu tambem, não conheceu nunca a sua familia.

—E' singular! Nada descobriu então?

—Nada, com respeito a minha mãe. A minha derradeira esperança está em si, meu bom Mardoche, e venho pedir-lhe que me revele esse segredo; que conhece, e que tão importante é para mim.

—Não... nada posso dizer-lhe ainda...

O mancebo curvou tristemente a cabeça.

—Desde que o conheço, proseguiu o velho Mardoche, e desde que sei quem é, já vinte vezes me tem vindo aos labios esse segredo fatal, e outras tantas o escondi de novo com terror no fundo do coração... Não me arrependo; cumpri o meu dever. Não, não me pertence fallar... devem outros desvendar-lhe esse segredo...

—E se esses outros nada me disserem?

—Se elles se calarem durante muito tempo... veremos... veremos então...

—E dir-me ha então tudo, não é verdade?

—Oh! tudo... não sei; mas dir-lhe-hei apenas alguma coisa.

—Quando? quando, Mardoche?

—Não posso calcular... d'aqui a três... d'aqui a dois mezes... talvez mais cedo ainda.

—Bem; esperarei.

—Mas no entretanto não deve permanecer em Saint-Iru.

—Irei para longe. Mas Branca... Branca...

—Tranquillise-se; fallar-lhe-hei de si. Volte para Paris, e trate de trabalhar.

—Prometto-lh'o.

—Deixe-me a sua morada, afim de poder eu escrever-lhe, se fôr necessario.

O mancebo escreveu a lapis a morada em uma folha da sua carteira, e deu o pequeno quadrilongo de papel a Mardoche, que o dobrou, e o guardou na algibeira.

—Longe ou perto, tornou o velho, trabalharei para a sua felicidade, Edmundo.

—Para a minha felicidade, e para a felicidade de Branca, Mardoche! exclamou o mancebo.

—Sim... Suppoz sempre que as coisas caminhassem mais depressa; mas enganei me; os papeis nada lhe revelaram, e isso não é culpa minha. E agora não devo occultar-lh'o: estimo em extremo que nada encontrasse nos papeis... De certo se surprehende por me ouvir fallar d'este modo, mas a verdade é que reflecti muito desde hontem, e que me sentia dominado pelo receio do que poderia acontecer...

—E' então bem terrivel esse segredo?

—Não para si. E tranquillise-se; nem a sua felicidade, nem a de Branca estão em perigo. Amam-se, e devem ser felizes... Quando tenciona partir?

—Amanhã.

—Tenciona ir a Gray encontrar-se com Jeronymo Greluche?

—O meu velho amigo chegou hoje de manhã a Saint-Irun.

—Ah! como ficaria contente por tornar a vê-lo.

—E' certo que tem por mim um affecto verdadeiramente paternal.

—Fallou-lhe em Branca, em mim, em tudo o que lhe disse ácerca de sua mãe e de seu pae?

—Jeronymo Greluche é o meu melhor amigo; nada devia occultar-lhe.

O velho Mardoche reflectiu durante um momento, e disse:
—Fez bem.

—Vamos separar-nos, amigo Mardoche, tornou Edmundo. Tem alguma coisa a dizer-me, algum conselho a dar-me?

—Pense em Branca.

—Oh! não precisa fazer-me essa recommendação, Mardoche! exclamou o mancebo com exaltação. A imagem querida de Branca está gravada para sempre na minha alma!

Depois os dois homens abraçaram-se, e separaram-se.

Edmundo encaminhou-se para Saint-Irun. O velho Mardoche cahira assentado sobre a rocha, com o rosto escondido nas mãos.

Chorava...

Edmundo, depois de sérias reflexões, tinha combinado com Jeronymo Greluche não fallar a Mardoche na carta de Marianna Sudre, nem na revelação que ella continha, e que fôra completada com as recordações do homem dos titeres.

Jeronymo Greluche, vendo entrar o seu filho adoptivo, perguntou-lhe:

—Quando partimos?

—Amanhã, respondeu Edmundo.

—Bravo! depois de amanhã estaremos em Arfeuille.

—E em seguida partiremos para Paris.

—Ah! esquecia-me dizer-te: chegou ha pouco uma carta para ti.

—Uma carta! repetiu Edmundo com surpresa. Mas eu a ninguem escrevi... A' excepção do velho Mardoche, ninguem sabe que estou aqui... Quem será pois que me escreva?

E, abrindo a carta com mão impaciente, correu logo á assignatura.

—Branca!! exclamou elle.

E, louco de jubilo, com o olhar radiante, sentiu que o coração lhe pulsava tão violentamente, como se quizesse saltar-lhe fora do peito. Suffocava-o a ventura.

A carta de Branca era concebida nos seguintes termos:

«Prometti-lhe uma resposta, e não quero deixar de dar-lh'a, em reconhecimento dos sentimentos, que me exprimiu.

«Se eu fôsse feliz e rica, se tivesse o direito de o amar, certa da sua bondade de coração e da sua lealdade, associaria a sua a minha existencia muito confiadamente, mas não sou feliz, nem rica, nem tenho o direito de o amar.

«Não quero occultar-lhe a razão, que me obriga a fallar-lhe assim. Não sou filha do sr. Jacques Mellier... Meu pae chama-se João Renaud, e este nome, que conhece talvez, separa-nos para sempre.

«Adeus, senhor; procure esquecer-me.

«BRANCA.»

O pobre Edmundo deixou cabir das mãos a carta. Livida pallidez lhe cobriu subitamente o rosto, e as feições contrahi-ram-se-lhe horrorosamente. Soltou do peito um grito rouco, e cahiu redondamente, como massa inerte.

Jeronymo Greluche correu para elle, ergueu-o nos braços, e deitou-o sobre uma poltrona, tão carinhosamente como uma boa mãe faria a um filho querido. Edmundo não perdera os sentidos; mas o seu olhar estava fixo e immovel. Dir se-hia que lhe parara o sangue subitamente nas veias. Ao cabo de um momento começou a soluçar.

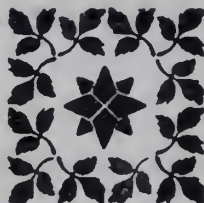
—Branca! Branca! exclamou por fim com voz entrecortada. Branca, filha de João Renaud! Oh! oh!... ella... ella, filha

do assassino de meu pae!... Desgraça! fatalidade!... Branca... perdida, perdida para mim!!...

E lançou-se nos braços de Jeronymo Greluche, chorando como uma creança.

O homem dos fantoches, chorando tambem, estreitou-o de encontro ao coração, dizendo-lhe:

—Tranquillisa-te, meu pobre Edmundo. Eu amo-te, e hei de consolar-te!





TERCEIRA PARTE

A condessa de Bussieres

I

No collegio

Mocidade, formosura, intelligencia, fortuna, distincção, tudo tinha em seu favor a condessa de Bussiéres. A natureza tinha-se mostrado para ella prodiga de dons preciosos.

Valentina Angelica de Arfeuille ficara orphã de pae e mãe na idade de dez annos. Era ella a ultima descendente da illustre familia de Arfeuille, cujo chefe recebera cartas de nobreza no anno de 1216, no dia seguinte áquelle em que se ferira a batalha de Bouvines. Desde essa epocha a historia apresenta-nos os marquezes de Arfeuille sempre fieis ao seu principe, representando importantes papeis na causa da realeza.

O ultimo marquez de Arfeuille deixava á sua filha unica uma fortuna em propriedades, avaliada em quatro milhões de francos. A mais importante d'essas propriedades era o magnifico dominio de Arfeuille, presente real dado a um dos an-

tepassados de Valentina, em recompensa de serviços prestados.

O barão de Bierle, tio materno de Valentina, passara a ser seu tutor. O barão, porém, não possuía senão uma fortuna muito modesta, e, portanto, com a sobrinha, entrara-lhe em casa também a opulencia.

O tutor de Valentina não tinha filho algum, mas, annos antes, havia casado com uma formosa viuva, que tinha uma filha por nome Laura, que contava mais seis annos do que a pupila do barão.

Valentina havia sido recebida em casa do seu tutor com demonstrações de vivissima alegria. Durante os primeiros dias fôra devorada de beijos e de caricias. Mas aquelle fogo depressa se extinguiu, deixando em seu logar uma frieza muito accentuada. O coração affectuoso da creança achou um refugio na affeição do barão que, sem fazer alarde dos seus sentimentos, amava sua sobrinha sinceramente.

Em quanto a baroneza de Bierle e sua filha Laura, não menos frivola e pretenciosa de que sua mãe, viviam rodeadas de prazeres, pagos com o rendimento da fortuna de Valentina, esta ultima passava vida de isolamento e de tristeza, sem affeições, ao lado de um velho ás vezes mal humorado, que lançava como um sôpro glacial sobre a sua mocidade florescente.

O barão tinha commettido a loucura de casar com uma pretenciosa, que contava menos trinta annos do que elle, e a essa loucura accrescentara ainda a de amar extremosamente sua mulher, no que não haveria realmente um grande mal, se esta, explorando habilmente a sua fraqueza, não tivesse feito d'elle um escravo docil á sua vontade e aos seus caprichos.

Valentina, que nos primeiros tempos da sua educação tivera professores em casa, fôra mandada para um collegio

porque a baroneza de Bierle assim o quizera. Valentina, porém, não se queixou, visto que no collegio tinha o que em casa lhe faltava: ar, movimento, e affeições. A vida do collegio é excellente para os abandonados, que depréssa constituem ali uma especie de familia. A nova collegial encontrou no collegio uma d'essas amidades ingenuas e espontaneas, cuja recordação se não apaga nunca, e que conservam sempre no coração como um perfume da mocidade.

Julia de Luranne, a amiga de Valentina, era filha de um magistrado, e tinha um irmão, que se destinava tambem á magistratura, da qual seu pae era um dos membros mais considerados e distinctos. Julia de Luranne adorava seu irmão, o que aliás era naturalissimo, e fallava constantemente d'elle com uma paixão, com um enthusiasmo, que acharam echo facilmente no coração de Valentina.

Um dia, Julia mostrou á sua amiga uma esplendida miniatura, e perguntou-lhe:

—Que te parece o rapaz, que este retratinho representa?

—Parece-me muito bem, respondeu Valentina.

—É meu irmão. Não te parece que o meu querido Luciano é um bonito rapaz?

—De certo; parece-se contigo.

Valentina estava então perto dos quinze annos. Mas a partir d'aquelle dia, todas as vezes que se fallava de Luciano, Valentina experimentava uma sensação de prazer, cujo motivo lhe passava ainda desapercibido. O desabrochar do primeiro amor faz se sempre mysteriosamente. . .

A primeira vez que viu Luciano foi no campo, em casa do sr. de Luranne, durante as férias. Tinha ella então dezeseis annos. Luciano contava vinte e três, e acabava de obter o grau de doutor em direito.

As conversas intimas, e os passeios pelos campos nas veredas floridas, acabaram a obra esboçada involuntariamente por Julia. Valentina e Luciano amaram se, sem que o juiz Luranue desconfiasse de coisa alguma, pois que, sabendo que a donzella possuia uma fortuna muito avultada, ter se bia julgado por esse facto obrigado a intervir immediatamente na questão, e a oppôr-se a uma intriga amorosa, que consideraria uma especie de abuso de confiança.

Os dois namorados encontraram-se frequentes vezes em casa do pae de Julia de Luranne, em casa do barão de Bierle, e mestre no collegio, onde Luciano ia frequentes vezes com o pretexto de visitar sua irmã. Por fim houve troca de cartas, e mais grave se tornou ainda a questão.

Decorreram assim dois annos.

Em quanto não chegava o dia em que pudesse fallar a seu pae do seu amor por Valentina d'Arfeuille, Luciano tinha-se feito inscrever como advogado do fôro de Paris.

Valentina, que contava já dezoito annos, deixou por fim o collegio para ir installar se em casa do seu tutor.

Entre os intimos da baroneza de Bierle, contra-se o moço conde de Bussiéres, que tinha aos olhos da mãe de Laura, entre outras muitas vantagens, a de ser immensamente rico. De si para si escolhera-o para noivo da sua filha, que contava então vinte e quatro annos, e que, pelo facto de não possuir fortuna, não poderia casar muito facilmente. Laura era realmente uma bonita rapariga, mas infelizmente tinha o defeito de se assemelhar em extremo á senhora sua mãe, cujas qualidades de coração não valiam muito. Não menos intelligente do que a baroneza, Laura comprehendeu que o conde de Bussiéres era o marido que lhe convinha, e representou n'este sentido o seu papel.

O mancebo, acariciado pela baroneza, e fascinado pelos ternos olhares da interessante Laura, deixava-se envolver descuidosamente nas apertadas malhas de uma seducção bem dirigida, e estava realmente em grande risco de cahir na rede. Na ocasião em que a baroneza dispunha as coisas no intuito de provocar um pedido em casamento por parte do mancebo, Valentina de Arfeuille voltou a tomar em casa do seu tutor o lugar que lhe pertencia.

A situação mudou immediatamente.

O conde de Bussières, que resistia, havia perto de um anno, aos sábios ataques dirigidos contra elle pela baroneza e por Laura, ficou vencido desde logo. O que não tinham podido fazer os grandes olhos negros, cheios de provocações, da formosa Laura, fizera-o triumphantemente um olhar timido e meio velado dos suaves olhos azues de Valentina.

Logo no primeiro dia, Laura havia sentido penetrar-lhe no coração o demonio do ciume.

Tentou lutar no intuito de supplantar a sua rival inconsciente, mas depressa comprehendeu que nada tinha a esperar. Desde então dedicou á pobre Valentina um odio surdo, occulto, implacavel.

Passado algum tempo o conde de Bussières pediu a mão de Valentina ao seu tutor. Laura teve a força necessaria para comprimir no coração a raiva, porque se achava dominada. Todavia, sendo certo que Valentina havia respondido ao seu tutor que não queria casar-se, Laura apegou-se ainda áquella esperança. Era porém muito profundo, muito ardente o amor que Valentina havia inspirado ao conde de Bussières, e Laura depressa comprehendeu que devia pôr de parte os seus sonhos ambiciosos, e que o conde estava irremediavelmente perdido para ella.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

O crime de outrem

	Pag.
I Entrevista e cilada.....	5
II Alta noite	15
III Informações.....	24
IV A carta	35
V O matador de lobos.....	44
VI Depois do crime.....	55
VII Na estrada	65
VIII O pae e a filha.....	74
IX Uma visita matinal	84
X O esconderijo	92
XI A devassa	100
XII O juiz de instrucção	109
XIII A captura	118
XIV Interrogatorio.....	128
XV Reflexões de Rouvenat.....	139
XVI Pedro Rouvenat e Jacques Mellier	145
XVII O condemnado	153

	Pag.
XVIII A orphã.....	163
XIX Reapparece Lucila Mellier.....	172
XX As economias de Rouvenat.....	182
XXI Uma noite de dezembro.....	191
XXII O palhaço.....	200

SEGUNDA PARTE

O velho Mardoche

	Pag.
I O remorso.....	209
II O garboso Francisco.....	217
III O velho mendigo.....	224
IV As ruínas.....	232
V O velho Mardoche descobre muitas coisas que ignorava.....	240
VI O ramalhete.....	248
VII Dois amigos antigos.....	255
VIII Novas investigações.....	268
IX O theatro de Rigolo.....	279
X O homem dos titeres.....	282
XI Na feira.....	291
XII Um encontro casual.....	298
XIII Os cães de Bertaux.....	310
XIV A boa estrella.....	318
XV Rouvenat descontente.....	325
XVI José Parisel.....	330
XVII Conspiração.....	339
XVIII Amor!.....	346
XIX Esperança que foge.....	353

	Pag.
XX Visita a Mardoche.....	361
XXI Esperança que volta	370
XXII Revelação	381
XXIII Dôr profunda	392
XXIV A expulsão.....	400
XXV Sobre uma sepultura	406
XXVI Alegria e lagrimas.....	413
XXVII Tem esperança!.....	423
XXVIII O poço.....	431
XXIX Salvo!.....	438
XXX Nas ruinas	444
XXXI Os papeis.....	452
XXXII Narração de Jeronymo Greluche.....	461
XXXIII A carta de Branca	470

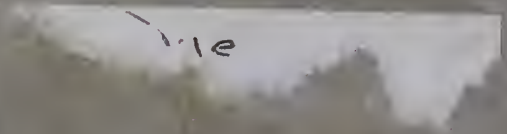
TERCEIRA PARTE

A condessa de Bussiéres

	Pag.
I No collegio.....	477

13

...



the



.

.

BOSTON PUBLIC LIBRARY



3 9999 08844 079 5

Por.
VI

